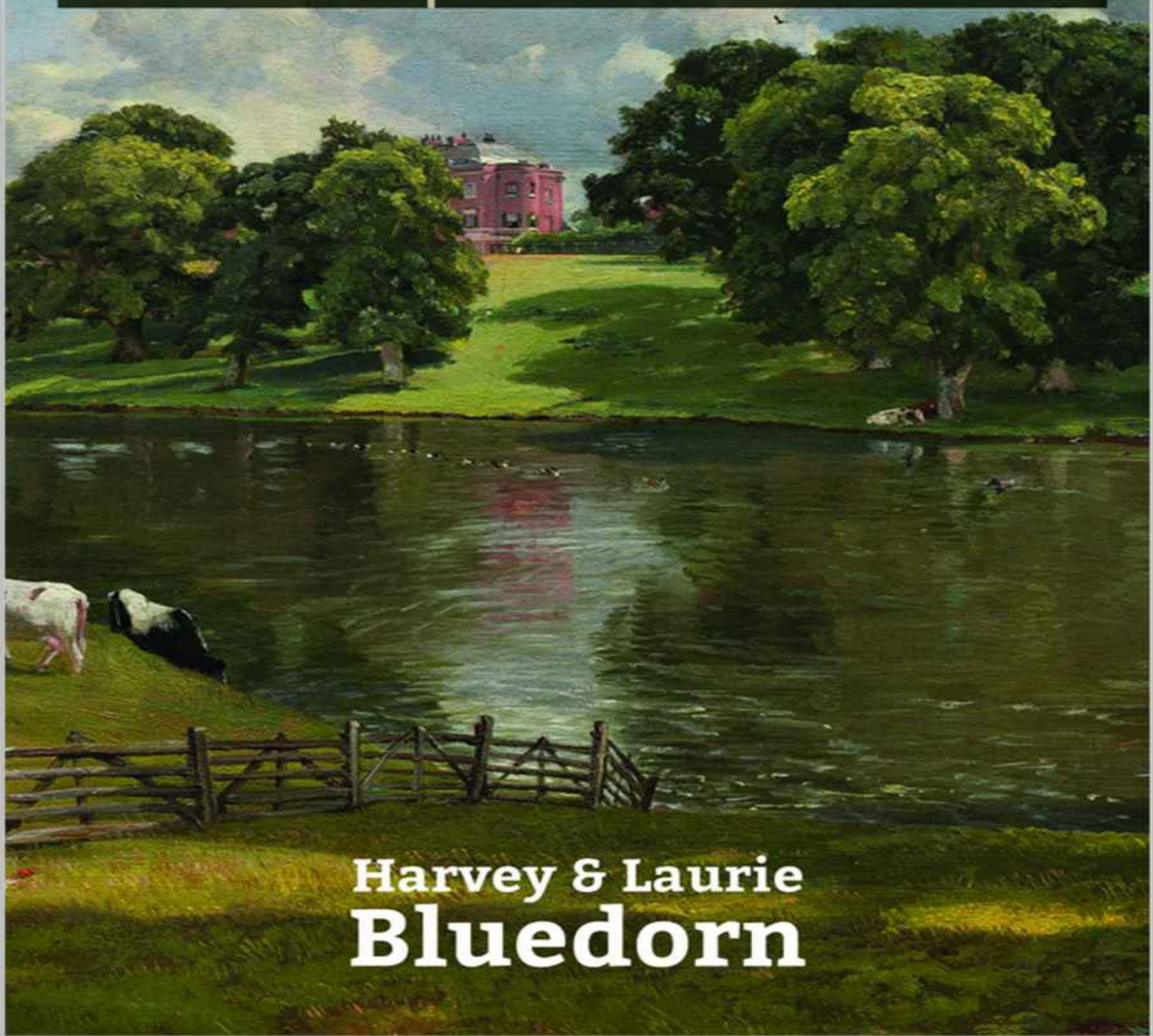
Ensinando o trivium

ESTILO CLÁSSICO DE MINISTRAR A EDUCAÇÃO CRISTÃ EM CASA

VOLUME 2 | O TRIVIUM PRÁTICO

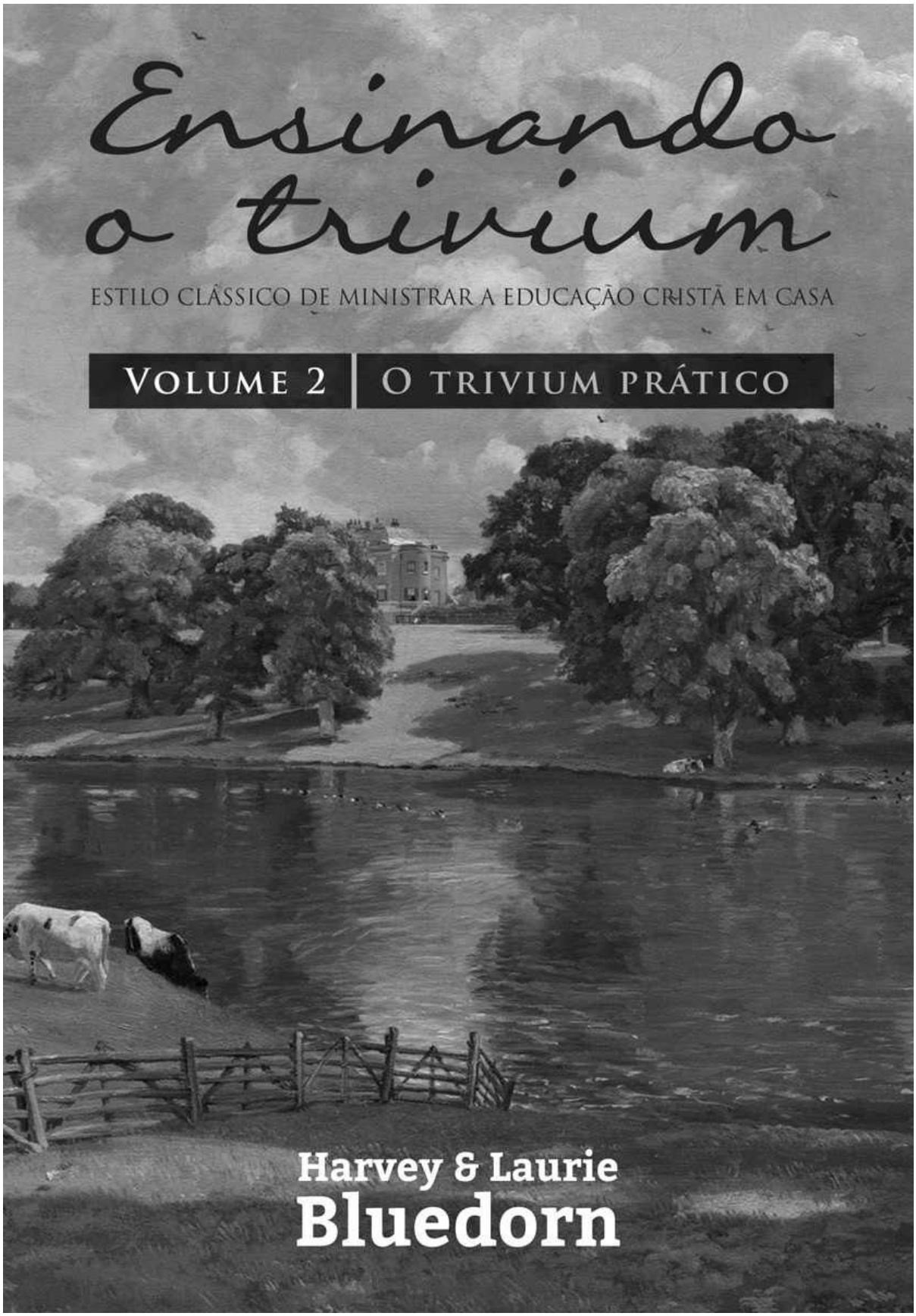


Harvey & Laurie
Bluedorn

Ensinando o trivium

ESTILO CLÁSSICO DE MINISTRAR A EDUCAÇÃO CRISTÃ EM CASA

VOLUME 2 | O TRIVIUM PRÁTICO



Harvey & Laurie
Bluedorn


SOLA SCRIPTURA • SOLA GRATIA • SOLA FIDE • SOLUS CHRISTUS • SOLI DEO GLORIA •

Ensinando o trivium

ESTILO CLÁSSICO DE MINISTRAR A EDUCAÇÃO CRISTÃ EM CASA

VOLUME 2 | O TRIVIUM PRÁTICO

Harvey & Laurie
Bluedorn

EDITORA
MONERGISMO

Brasília, DF

Copyright © 2001, de Harvey and Laurie Bluedorn
Publicado originalmente em inglês sob o título
Teaching the Trivium
pela Crossway Books – um ministério de publicações Good News Publishers
Wheaton, Illinois, 60187, EUA

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
EDITORA MONERGISMO
SCRN 712/713, Bloco B, Loja 28 — Ed. Francisco Morato
Brasília, DF, Brasil — CEP 70.760-620
www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2018

Tradução: *Rogério Portella* e *William Bottazzini*
Revisão: *Rogério Portella, Leonardo Galdino* e *Felipe Sabino de Araújo Neto*
Capa: *Márcio Santana Sobrinho*
Projeto gráfico: *Marcos R. N. Jundurian*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA),
salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bluedorn, Harvey; Bluedorn Laurie
Ensinando o trivium; Estilo clássico de ministrar a educação cristã em casa / Harvey Bluedorn e Laurie Bluedorn, tradução Rogério Portella e William Bottazzini – Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.
Recurso eletrônico (ePub)

Título original: *Teaching the Trivium; Christian Homeschooling in a Classical Style*

ISBN 978-85-69980-81-0

1. Educação clássica. 2. Educação – cristianismo. 3. Educação em casa – aspectos religiosos – cristianismo. I. Título.

CDD: 248

Sumário

11. O primeiro nível do conhecimento: dez coisas para fazer antes dos 10 anos
Notas introdutórias
Uma sugestão de programa de estudos
1. Leitura e escrita
Fonemas
Dislexia induzida artificialmente
Caderno da língua pátria
Copiar
Quanto de escrita é o suficiente
2. Narrativa oral
Como desenvolver a narrativa
3. Memorização
4. Escutar e ouvir
Três nãos
Linha do tempo
Caderno de história
Livros resumidos versus livros integrais
Livros não cristãos
Não consigo acompanhar o ritmo de leitura do meu filho
Silêncio enquanto lê em voz alta
Audiolivros
5. Adoração em família
6. Artes e artesanatos
7. Excursões de campo
Proteja a criança na biblioteca
8. Trabalhar e servir
9. Disciplina
Socialização e menininhas
Não quer trabalhar
Paz no lar
Obediência irritadiça
Esperar até o papai chegar em casa

Filho desmotivado
10. Brincar e explorar
Mamãe para todas as horas
Uma sugestão de cronograma diário para famílias em que todos os filhos contam menos de 10 anos
12. O segundo nível do conhecimento: dez coisas para fazer com crianças entre os 10 e os 12 anos
Palavras iniciais
Uma sugestão de programa de estudos
1. Culto em família
2. Literatura e leitura em voz alta
Leitura para memorização e interpretação
3. História
O estudo cronológico da história
Princípios para a escolha e utilização de um livro didático de história
O estudo de história segundo as preferências pessoais
O caderno de história
Disputas e competições de história
Aprendendo a usar a biblioteca
4. Redação
Copiar textos escritos e ditados
Diários e cartas
A simples capacidade de esboçar um texto
O uso do currículo de redação
Odeia pegar no lápis
Matemática e lápis
Ditado
5. Ortografia e gramática
Dois métodos para estudar gramática e soletração
O uso de livros antigos de soletração
Caderno de língua inglesa
Uso do livro de soletração de Webster
Por que diagramar a sentença?
6. Latim e grego
Latim e grego para crianças
Sugestões para o estudo do grego
Início do estudo formal de grego e latim

Criar e manter um caderno de grego ou latim
7. Lógica inicial
8. Aritmética
Início do estudo de aritmética (matemática) aos 10 anos
Nossa pesquisa sobre matemática informal e inicial
O que recomendamos para a matemática (e gramática também)
A analogia da pasta de arquivos
A analogia do computador
Uso melhor do tempo
O conceito do século xviii a respeito da matemática
Matemática antes dos 10 anos
Matemática para os 10 anos
Matemática aos 11 e 12 anos
Livro didático de matemática
John Quincy Adams e a matemática
Matemática subdesenvolvida?
Matemática e as provas
Trabalho duro versus exaustão
Preciso de ajuda com matemática
9. Ciência
10. Arte e música
Mais algumas ideias
Caubóis clássicos
O que faço com esse menino
Quanto tempo deve ser gasto com estudos acadêmicos
Sugestão de rotina diária
13. A etapa do discernimento: dez coisas para fazer com crianças dos 13 aos 15 anos
Notas introdutórias
Uma sugestão de curso de estudos
1. Adoração em família
2. Leitura em voz alta
3. História e literatura
1. Formato cronológico versus o direcionado pelo interesse
2. Sugestões para combinar história e literatura
3. Um exemplo de uma aula de história e literatura
4. Redação

1. Narrativa escrita
2. Resumos escritos
3. Dissertações, escrita criativa e outros
5. Discurso e debate
Os benefícios do debate
Recursos para debater e discursar
6. Línguas
7. Lógica
8. Matemática
9. Ciência
Feiras de ciência e concursos
A ciência da criação
10. Arte e música
O papel do pai
Sugestão de rotina diária (para famílias com pelo menos uma criança na etapa do discernimento)
14. O nível da sabedoria: Dez coisas para fazer com os filhos com idades entre 16 e 18 anos
Palavras iniciais
Uma sugestão de curso de estudo
1. Culto familiar
2. Leitura em voz alta
3. História e literatura
Um exemplo de lição de história e literatura
4. Retórica (incluindo composição, discurso e debate)
Como escrever um artigo de pesquisa
5. Governo, economia e direito
O estudo do governo aos 16 anos
O estudo da economia aos 17 anos
O estudo do direito aos 18 anos
6. Idiomas
7. Lógica
O estudo da lógica aos 16 anos
O estudo da lógica aos 17 anos
O estudo da lógica aos 18 anos ou mais
Sobre usar livros de lógica
Como usar os vídeos da série Introductory Logic, de Wilson e Nance

8. Matemática
9. Ciência
Outras ideias para o estudo da ciência
10. Arte e música
Além dos estudos acadêmicos
Preparação para o casamento
Arranjar uma ocupação e gerenciar uma casa
Uma sugestão de rotina diária para famílias com ao menos um filho no nível da sabedoria
15. O último nível: dos 19 anos em diante
Sinto muito, mas o aprendizado nunca termina
O nível do conhecimento: como chegamos onde estamos
O nível da compreensão: princípios para se fazer decisões e estabelecer metas
E quanto à faculdade?
Dez razões para frequentar a faculdade:
Sete razões para não frequentar a faculdade
Coisas para se lembrar quando estiver se preparando para a faculdade
Faculdade e educação clássica em artes liberais
O nível da sabedoria: o ensino doméstico é para a vida
O próximo passo no ensino doméstico
O terceiro passo no ensino doméstico
Conclusão
Para estudar mais
16. Conclusão: os objetivos da vida começam em casa
Uma definição de educação
Nossos erros
Algumas perguntas
Muito ou pouco?
É tarde demais para começar o trivium?
Oração final
Cântico dos louvores do ensino doméstico
Salmo 127
Apêndice 1: Artigos sobre educação
Artigo 1
As ferramentas perdidas do aprendizado
Especialização excessiva não é algo bom
Os resultados dos métodos educacionais modernos

O programa do trivium
O uso próprio e o impróprio das matérias
Retrocesso progressivo
As três etapas do aprendizado
A etapa da gramática
A etapa da lógica
A etapa retórica
As idades das etapas
O trivium é suficiente
O capital educacional gasto atualmente
O verdadeiro objetivo da educação
Artigo 2: O trivium na Escritura
O trivium das faculdades
O vocabulário básico
Vocabulário hebraico
Conhecimento
Entendimento
Sabedoria
Vocabulário grego
Conhecimento
Entendimento
Sabedoria
Passagens em que os vocábulos básicos do trivium aparecem juntos
Passagens em que surge o conceito do trivium
Breves observações
Artigo 3: Educação antiga: hebraica, grega e romana
1. Educação hebraica: treinar para servir a Deus
2. Educação grega: treinar para servir à cultura
3. Educação romana: treinar para servir ao Estado
Artigo 4: A educação medieval: as sete artes liberais
1. O trivium
2. O quadrivium
Artigo 5: Educação do clero
Artigo 6: O metalogicon de João de Salisbury: uma defesa do trivium no século XII
Artigo 7: Um currículo escolar do século XVI
Artigo 8: Comparação de alfabetos antigos

Observações gerais
Os quatro alfabetos comparados letra por letra
Comentários adicionais sobre o alfabeto
Letras e sons de vogais clássicas
As cinco vogais clássicas
Livros sobre a pronúncia clássica
Artigo 9: A doutrina cristã Agostinho
A dialética
Risco das falsas conclusões
Os homens apenas constatam, não criam as verdades
Artigo 10: O uso cristão da lógica
Leis fundamentais da lógica
Artigo 11: História e pesquisa do ensino de matemática
Aritmética formal aos 10 anos, um processo adiantado ou atrasado?
A perspectiva histórica
O que diziam os antigos
O que fizeram as pessoas da Idade Média e do período posterior
Quando a situação mudou
Resumo da evidência histórica
A perspectiva da pesquisa
Ineficiente, ponto
As crianças não se saem melhor na matemática, mas aprendem a odiar a escola
Reserva fracionária
Conduza-os à abstração
A postergação das aulas de matemática
Dois anos antes da matemática
A guerra da coreia1
Moore diz menos
O cérebro é plano, destende-se se for pressionado
O que faremos então?
Nossas sugestões:
Artigo 12: Educação baseada no resultado versus educação baseada no trivium
Antiga perseguição ao trivium
Julianus Redivivus
Um contraste de opostos

Princípios
Valores
Objetivos
Conclusão
Artigo 13: Competições no seu currículo
As competições são grandes fontes de motivação
Participar de competições desenvolve a capacidade de pesquisa
As competições podem uni-los
As competições desenvolvem qualidades de caráter
Vantagens de tempo
A escolha da competição
Alguns avisos
Artigo 14: Estudo bíblico familiar pelo trivium
Escolha de uma tradução bíblica
Leitura bíblica
Aplicação do trivium
Bíblias de estudo
Depois do estudo
Artigo 15: Iniciar um clube de discursos e debates para alunos do ensino em casa
Objetivos
Sugestões para líderes
Sugestão de programa para as reuniões
Artigo 16: Marcadores para falar em público
Tome cuidado com cinco pontos quando apresentar uma leitura interpretativa ou um discurso
Respiração e relaxamento apropriados ao falar e debater
Enunciação e dicção
Inflexões
Exemplos:
Exercícios:
Regras das inflexões
Apêndice 2: Lista de recursos
Lista de recursos
Introdução
Um aviso claro
Como usar o guia

Índice geral
1. Educação clássica
(Capítulo 4)
2. Ensino doméstico, de forma geral
2A. Preparação geral (Capítulos 2, 11)
2B. Disciplina (Capítulo 11)
2C. Estudos unitários (Capítulo 10)
2D. Abordagem por princípios (Capítulo 10)
3. Artes da linguagem e do inglês
3A. Fonética (Capítulo 11)
3B. Readers (Capítulos 11, 12)
3C. Exercícios de copiar (Capítulo 11)
3E. Gramática inglesa (Capítulo 12)
3F. Diagramação de sentenças (Capítulo 12)
3G. Esboço (Capítulos 12, 13, 14)
3H. Composição (Capítulos 12, 13, 14)
3I. Pesquisa (Capítulos 13, 14)
3J. Narração oral (Capítulos 11, 12, 13)
4. Retórica
4A. Livros didáticos (Capítulos 7, 14)
4B. Composição (Capítulo 14)
4C. Manuais de inglês e manuais de estilo (Capítulo 14)
4D. Intepretação oral (Capítulos 7, 11, 12, 13, 14)
4E. Discurso (Capítulos 7, 12, 13, 14)
4F. Debate (Capítulos 7, 13, 14)
5. Literatura
5A. Leitura em voz alta (Capítulos 11, 12, 13, 14)
5B. Lista de livros (Capítulos 11, 12, 13, 14)
5C. Clássicos (Capítulos 8, 9, 13, 14)
CLÁSSICOS EM GREGO E LATIM MENCIONADOS NOS CAPÍTULOS 8 E 9
5D. Livros gravados em áudio (Capítulo 11)
6. História
6A. Livros didáticos de História (Capítulos 11, 12, 13, 14)
6C. Catálogos(Capítulos 11, 12, 13, 14)
6D. Fontes primárias (Capítulos 12, 13, 14)
6E. Materiais para a linha do tempo (Capítulos 9, 11, 12, 14)

6F. Geografia (Capítulos 11, 12, 13, 14)
6G. Assuntos diversos
7. Governo, direito e economia
(Capítulo 14)
8. Idiomas
8A. Currículos para estudar vocabulário (Capítulo 5)
8B. Bibliografia selecionada de latim (Capítulos 5, 11, 12, 13, 14)
8C. Bibliografia selecionada de grego (Capítulos 5, 11, 12, 13, 14)
8D. Bibliografia selecionada de hebraico
8E. Outros recursos
8F. Textos interlineares, interpáginas e intercolunares (Capítulo 5)
8G. Textos selecionados em latim
BÍBLIAS EM LATIM:
VERSÕES EM LATIM DAS CONFISSÕES PROTESTANTES:
Luteranas
Reformadas
8H. Textos selecionados em grego
9. Matemática (Capítulos 12, 13, 14)
10. Lógica
10A. Currículo de pré-lógica — Nível do conhecimento (Capítulo 12)
10C. Outros recursos (Capítulo 6)
11. Bíblia e teologia
11A. Ajuda para estudos bíblicos (Capítulo 14)
11B. Culto familiar (Capítulos 11, 12, 13, 14)
11C. Teologia (Capítulo 14)
11D. Devocional (Capítulo 14)
11F. Catálogos
11G. Versões da Bíblia
12. Filosofia
13. Ciência
13A. Livros didáticos (Capítulos 13,14)
13B. Microscópios e outros equipamentos de ciência
13C. Estudo da Natureza (Capítulos 11,12,13)
13D. Ciência criacionista (Capítulos 11, 12, 13, 14)
CURRÍCULO DE ARTE
14B. Apreciação de arte (Capítulos 11, 12, 13, 14)
14C. Currículo de arte (Capítulos 11, 12, 13, 14)

14D. Apreciação musical (Capítulos 11, 12, 13, 14)
14E. Teoria musical (Capítulos 13, 14)
15. Recursos variados
(Capítulo 15)

Prefácio à edição brasileira

> Que ninguém deixe de perceber o seguinte: o sistema escolar que ignora a Deus ensina seus alunos a ignorar a Deus, e isso não é neutralidade, mas a pior forma de antagonismo, pois julga Deus como sem importância e irrelevante nas questões humanas.
>
> — Gordon H. Clark[1]

Finalmente esta importante obra está disponível aos lusófonos, em especial ao público brasileiro. *Ensinando o trivium*, cujo primeiro volume, *o trivium teórico*, foi lançado em 2016, provar-se-á, assim esperamos e rogamos a Deus, uma importante ferramenta para pais cristãos. Este segundo e último volume, *o trivium prático*, foi aguardado com muita expectativa por aqueles que buscam orientação no resgate da educação clássica e na prática e implantação do ensino doméstico, crescente em nosso país à medida que pais percebem a decadência acadêmica e moral do nosso sistema de educação. Não bastasse o assalto à língua portuguesa e ao verdadeiro ensino, facilmente constatado por alunos que adentram a faculdade sem saber se expressar minimamente em vernáculo e incapazes até mesmo de mencionar as décadas em que ocorreram as duas grandes guerras mundiais, também a doutrinação marxista, a ideologia de gênero e o anticristianismo têm obrigado muitos pais a adotarem o chamado *homeschooling*. Embora a maioria da nossa população pareça ignorar isso, a educação pode tornar-se facilmente uma educação para a decadência. Como argumenta Rushdoony:

> A crença de que a educação *per se* é boa é errada; a educação nazista e a educação soviética são exemplos óbvios da educação falsa e mortal às crianças. Uma educação pode ser para o bem ou para o mal; pode fortalecer uma sociedade ou destruí-la.[2]

É claro que muitos buscam refúgio no ensino domiciliar pelos motivos errados, como acontece com quase qualquer coisa boa neste mundo caído.

Até mesmo o desejo por filhos pode ter motivações errôneas ou anticristãs.

Contudo, não é necessário ser um "isolacionista" para se afastar da educação moderna. E, conforme apontado, o problema não se restringe à esfera moral. Para a maioria dos professores, incluindo os de escolas particulares (e algumas ditas cristãs), é mais relevante fazer proselitismo político do que ensinar história; é mais importante educar as crianças sexualmente do que instruí-las no uso correto da gramática. Por exemplo, sendo o "conhecimento sobre os fenômenos sexuais" algo totalmente diferente do "conjunto de sentimentos e de hábitos que orientam o uso do sexo", deveria ser óbvio que "os juízos de valor sobre o uso do sexo não são matéria para a sala de aula". Matéria que deve ser ensinada e sabida é "anatomia do corpo humano e fisiologia da reprodução humana", visto que se trata de "conhecimento científico necessário". "Os hábitos sexuais e os sentimentos para com o sexo", por outro lado, "devem ser formados e orientados pelos pais". Assim, salvo em escolas confessionais, e obviamente sob a concordância dos pais com aquele ponto de vista, "virgindade, castidade, anticoncepcionais, aborto, orgasmo, frigidez, namoro, prostituição, homossexualismo e outros temas desta natureza — não são assuntos para professor versar em sala de aula".[3] Tristemente, vemos o exato oposto disso prevalecer.

Algo presente em quase todos os livros sobre ensino domiciliar, incluindo-se este do casal Bluedorn, é a necessidade de que os próprios pais aprendam para que então possam ensinar. Algo óbvio, por certo, mas é necessário ser reafirmado em nossos dias, quando, mesmo em escolas e igrejas, temos aos borbotões aqueles que falam sobre o que não entendem. Assim, visto não termos adaptado tudo ao público brasileiro, esperamos que os pais possam eles mesmos fazer as "traduções" e "contextualizações" necessárias ao ler e estudar este material. Por exemplo, quando os autores sugerem a leitura da versão bíblica *King James*, conhecida por seu belo e rebuscado inglês, para que as crianças aprimorem o seu vocabulário, confiamos que os leitores

possam pensar naquelas existentes em português que cumpram esse propósito para o nosso vernáculo. Por outro lado, a *King James*, bem como outros clássicos da língua inglesa,[4] pode muito bem ser utilizada para que um problema há muito apontado pelo Professor Olavo de Carvalho seja evitado:

> Invariavelmente, os homens cultos que chegam a dominar uma língua estrangeira aprendem-na primeiramente pela leitura de textos importantes, clássicos, onde transparece a unidade normativa da língua, só depois descendo ao aprendizado das variações coloquiais, em número ilimitado, que diluem essa unidade. Em contrapartida, turistas e executivos que começam por frequentar "cursos de conversação" não apenas nunca chegam a aprender o verdadeiro poder do idioma, mas permanecem deficientes na própria esfera da conversação. O motivo disto é simples: não é difícil compreender as diluições a partir do conhecimento da norma, mas é impossível reconstruir a norma indutivamente a partir de variações inúmeras.[5]

Outro desafio, não somente no ensino domiciliar, mas na criação de filhos em geral, é ensinar nossos filhos desde pequenos a remirem o tempo, como nos diz o apóstolo Paulo (Efésios 5.16). Essa é outra coisa que precisamos aprender antes de ensinar aos nossos filhos. Para muitos pais, isso pode significar dedicar tempo à educação domiciliar em si, e não aos debates sobre o assunto, em especial àqueles nas mídias sociais, que são os do pior tipo.

Algumas características tornam este livro muito especial. Em primeiro lugar, destacamos a sinceridade de seu testemunho. Os Bluedorn não se envergonham de dizer que cometeram erros na educação de seus filhos. Afirmam explicitamente que incluíram no livro o que fizeram e o que fariam de modo diferente se tivessem uma nova chance. Isso não é pouca coisa: numa época em que engenheiros sociais fazem de suas propostas verdadeiras panaceias, bastando para a solução de todos os problemas, é claro, "mais investimentos em educação", é uma louvável lição de humildade. Ao fazer isso, o casal diminui a pretensão e aumenta a responsabilidade pelo processo.

Ainda por causa dessa humildade, o que se apresenta aqui tem caráter norteador, mas não normativo. Ou seja: seria de todo equivocado tratar as

propostas ora apresentadas como um “método de ensino”. Considerando-se que uma das grandes virtudes do ensino domiciliar é justamente o fato de respeitar a singularidade de cada criança, seria um contrassenso propor um método rígido, aplicável uniforme e rigorosamente a todas as crianças. Longe disso! O que se encontra aqui são propostas, muito úteis, muito esclarecedoras, muito plausíveis, mas, ainda assim, carentes de adaptações a cada situação concreta — e, no caso do público brasileiro, a uma situação concreta bem diferente da americana.

Outra característica que salta aos olhos durante a leitura é a constante exortação à dedicação dos pais e à responsabilidade pessoal pela educação dos filhos. Essa exortação tem relevância redobrada porque sabemos que, no Brasil, muitos pais têm a expectativa de não repetir na formação de seus filhos os erros cometidos em sua própria formação. Deste modo, as palavras do casal Bluedorn acabam por ser também um incentivo para que os pais se tornem estudiosos a fim de poderem educar adequadamente seus filhos.

Quem leu o volume 1 já viu as seções de perguntas e respostas em que os autores respondem perguntas ou objeções ao *homeschooling* ou ao estilo “clássico” de educação. No volume 2, essas seções voltam a aparecer e mostram que, se, de um lado, cada criança e cada família é um universo singular, de outro, há, sim, perguntas que são comuns e cuja resposta pode contribuir em muito para esclarecer a outros que passam por situações semelhantes. Não se surpreenda se, no curso da leitura, ao pensar em sua situação particular, surgir uma inquietação séria, daquelas capazes de a pôr tudo a perder, e, páginas adiante, você encontrar uma resposta satisfatória que faça voltar o entusiasmo.

Como ficará evidente, é a consciência dos fins da educação que determina a seleção dos meios pelos quais este processo se dará. Deste modo, não é de espantar que os autores proponham versículos bíblicos como matéria de memorização ou que falem do valor pedagógico do culto doméstico. Lembrem-se dos pressupostos apresentados no primeiro volume: 1. Toda

educação verdadeira deve começar com a revelação divina; 2. Somente à família, no lar, é dada a jurisdição sobre a educação dos filhos; 3. A educação deve preparar integralmente as crianças para a vida adulta; 4. O objetivo final da educação é a santidade — a separação para Deus, para seu serviço.[6] Sem lembrar destes pressupostos, pode ser que algumas coisas soem estranhas a ouvidos saturados de pedagogia moderna.

Leitores atentos certamente perceberão que a teoria da aprendizagem apresentada no volume 1 está de certa maneira subjacente à organização do próprio livro. Os autores, partindo da abordagem de Dorothy Sayers, em "As ferramentas perdidas da aprendizagem", identificam três estágios da educação, a que denominam *conhecimento*, *entendimento* e *sabedoria*. Chamam de *conhecimento* a aquisição de informações; de *entendimento*, a capacidade de relacioná-las; e de *sabedoria* a capacidade de aplicá-las a uma realidade concreta. Percebam que, nos capítulos 1 a 4 do volume 1, tomamos contato com um volume grande de informação: apresentam-se o conceito e a controvérsia em torno do que se entende por educação clássica; em seguida, aborda-se a perspectiva bíblica da responsabilidade dos pais na educação dos filhos; depois disso, fala-se dos problemas da educação na escola regular e, por fim, apresenta-se o *trivium* (gramática, lógica e retórica) e explica-se em que sentido o termo será empregado no restante do livro. *Isto é conhecimento*. Avançando um pouco mais, nos capítulos 5 a 10, tomando como base o conhecimento adquirido, os autores passam então a relacionar aquela perspectiva teórica inicial às diferentes disciplinas. *Isto é entendimento*. Mas este não é o fim. De posse deste conhecimento e entendimento, o leitor pode se perguntar: e agora? Pois bem, a esta pergunta acerca do que fazer diante de tudo isso, os Bluedorn procuram responder com sua proposta de atividades práticas. *Isto é sabedoria*.

Esses passos – conhecimento, entendimento, sabedoria — subjazem à elaboração do livro, mas estão presentes também nas operações mentais feitas pelo leitor. Tudo funciona como uma espiral. Durante a leitura, estamos no

estágio do conhecimento, isto é, tomamos contato com as informações que nos são transmitidas. Depois disso, é necessário relacionar aquelas informações à nossa própria realidade, discernindo o que se aplica e o que não se aplica ao cenário em que nos encontramos. Por fim, claro, será necessário vencer a inércia e começar a exercitar o que foi aprendido. E o processo não acaba aqui. Pais e educadores têm de ser observadores atentos. É necessário ver como a criança reagiu — isto é conhecimento. É necessário sondar as causas do sucesso ou do insucesso — isto é entendimento. É necessário fazer os ajustes a cada passo — isto é sabedoria. Conhecimento, entendimento, sabedoria — numa espiral sem fim.

Numa analogia entre educação e saúde, e pensando particularmente no cenário brasileiro, podemos dizer o seguinte: a descrição rigorosa dos sintomas, a compreensão profunda das causas da doença, o alerta acerca das consequências de uma possível progressão, o elogio da vida saudável — tudo isso tem sua importância, mas não resolve o problema do doente. Este precisa de todas essas coisas, sim; mas precisa mesmo é do tratamento. Nossa expectativa é que este segundo volume seja uma espécie de remédio a quem há tempos se pergunta o que fazer diante dos sintomas que tem diante dos olhos.

Agradeço aos inúmeros colaboradores que confiaram neste projeto e aguardaram com muita paciência e expectativa, entendendo que inúmeros reveses impediram que ele fosse terminado no tempo previsto. Um agradecimento especial é devido a Guilherme Reggiani, Thiago McHertt e Saulo Rodrigo Amaral. 1 Coríntios 15.58!

Que Deus se agrade de usar esse material para que pais e mães eduquem de forma adequada e cristã aos seus filhos, confiados a nós pelo próprio Deus.

— Felipe Sabino de Araújo Neto
e William Campos da Cruz
Brasília, 10 de dezembro de 2018

1 Gordon H. Clark, *A Christian Philosophy of Education* (Jefferson: Trinity Foundation, 1987), p. 207.

2 R. J. Rushdoony, *An Informed Faith: The Position Papers of R.J. Rushdoony*, Volume 1 (Vallecito, CA: Chalcedon, 2017), p. 308. Ele continua: "Crer que a educação pode negligenciar a fonte de toda sabedoria, o Deus triúno, é crer que a tolice e o suicídio são melhores que a sabedoria e a vida".

3 Armindo Moreira, *Professor não é educador*, 4ª edição (Cascavel, 2012), p. 27. Como comentou um amigo, o que na verdade acontece nas escolas seria mais bem descrito como *deseducação sexual*.

4 Os pais que optarem por ensinar o francês podem utilizar a excelente *Louis Segond*, versão que carrega o nome do teólogo suíço que traduziu a Bíblia para o francês a partir dos textos originais em hebraico e grego. Já o ensino do espanhol pode ser acompanhado com a utilização da versão *Reina Valera*.

5 Eugen Rosenstock-Huessy, *A origem da linguagem* (Rio de Janeiro: Record, 2002), p. 217, nota de rodapé 2.

6 Harvey e Laurie Bluedorn, *Ensinando o trivium* (Brasília: Monergismo, 2016), p. 28-30.

Capítulo Onze



O primeiro nível do conhecimento: dez coisas para fazer antes dos 10 anos

Ensina a criança no caminho em que deve andar, e,
ainda quando for velho, não se desviará dele.
— Provérbios 22.6

NOTAS INTRODUTÓRIAS

O objetivo de ensinar pelo *trivium* é dar aos alunos as ferramentas com as quais eles aprendem por conta própria; libertá-los do trabalho árduo da realização de tarefas e torná-los estudiosos com independências. No volume anterior,[1] nós:

1. Explicamos como o *trivium* pode ser útil como método para o aprendizado de qualquer matéria e como modelo de desenvolvimento do aprendizado da criança (Capítulo 4).
2. Discutimos a importância das três disciplinas formais do *trivium* e as apresentamos (Capítulos 5, 6 e 7).
3. Tratamos da importância da literatura e da história, fornecemos alguns princípios para estudá-las e apresentamos um exemplo para o estudo da literatura de um período histórico antigo (Capítulos 9 e 10).
4. Oferecemos a visão geral das diferentes abordagens do ensino doméstico, mostrando em que ponto todas elas se encaixam no modelo de desenvolvimento do *trivium* (Capítulo 10).

Há mais de um modo legítimo de lidar com o ensino pelo *trivium*. Neste capítulo, explicamos como nós, uma família adepta do ensino doméstico, colocamos em prática os princípios do *trivium*. Outros educadores da linha clássica podem aplicar o *trivium* de modo diferente, ao enfatizar diferentes modos e princípios. A maior parte das coisas que recomendamos nasce de nossas experiências. Isso não significa que seguimos cada uma de nossas recomendações em todos os anos em que ensinamos nossos filhos. Foram necessárias quase três décadas para o desenvolvimento pleno de nossa filosofia educacional — e ela ainda não está finalizada. Cometemos a maior parte dos erros com nossos primeiros filhos — as cobaias. Algumas das coisas que recomendamos são o que faríamos se pudéssemos começar de novo. Neste capítulo, você lerá o ponto mais alto de nossa longa jornada.

A educação não ocorre na linha de produção de uma fábrica. Discordamos da fórmula da abordagem do “tamanho único”, que parece colocar todas as crianças no mesmo molde. Cada criança é única e cresce na única família em que Deus a colocou. Você, pai ou mãe, deve determinar por si mesmo, sob a direção e a orientação do Senhor, a melhor forma de aplicá-la para sua família e para cada um dos seus filhos. Sugerimos que não se limite às nossas recomendações. Com certeza nós não sabemos tudo e pode ser que conheçamos muito pouco do que pode ser útil em suas circunstâncias particulares.

Alguns educadores da linha clássica têm pouca ou nenhuma experiência com o ensino doméstico. As escolas particulares da linha clássica aplicam os princípios da educação clássica ao ambiente da sala de aula. Isso influencia os métodos de modo significativo, como haveria de ser. Não esperamos que elas necessariamente considerem nossa experiência com o ensino doméstico algo aplicável à sala de aula. As duas experiências são bastante diferentes. Quando comparado com escolas regulares, o ensino doméstico funciona sob um conjunto muito diverso de circunstâncias e por meio de uma filosofia da educação muito diversa. Os professores e diretores das escolas regulares usam métodos de ensino que diferem muito dos métodos face a face empregados pela mãe no ensino dos próprios filhos. A disciplina varia muito entre as duas situações diferentes. Os educadores de escolas regulares da linha clássica tendem a focar mais em realizações acadêmicas competitivas nas disciplinas clássicas (latim, lógica, grego, retórica etc.). Pelo fato de se alcançar menos no ambiente da sala de aula em determinado período do que se pode alcançar no ensino face a face em casa, os educadores de escolas regulares são levados a buscar objetivos acadêmicos logo nos primeiros anos. O ensino doméstico tende a liberar os pais dessas restrições, de modo que possam focar mais no método clássico do *trivium*. A liberdade permite prestar mais atenção aos princípios do desenvolvimento infantil. Em outras

palavras, ensinar pelo *trivium* no ambiente de ensino doméstico se torna mais que mera disciplina acadêmica. Torna-se um estilo de vida.

Há uma ampla variedade de modos de aplicar o modelo do *trivium* e seu método de ensino no ensino doméstico. Neste *Programa de estudos*, estabelecemos *planos e princípios gerais*, não instruções detalhadas e minuciosas. Quem, melhor que você, sabe pôr em ordem seu ensino doméstico e sua família? Se tentássemos reunir todas as possibilidades, este capítulo se pareceria com uma lista telefônica. Se expuséssemos cada uma das possibilidades nos mínimos detalhes — em que dia da semana se deve ensinar verbos latinos — este capítulo se tornaria um plano viável para quase ninguém. Os produtores de currículos individuais muitas vezes estabelecem esses detalhes. Mas ainda que você siga um currículo planejado de antemão, uma lista de leituras recomendadas ou sua própria coleção de materiais, ainda assim será preciso fazer adaptações de acordo com as circunstâncias, o que você aprenderia a fazer com muita facilidade. Mapeamos a estrada à sua frente. Deixamos com você a criação do roteiro de viagem e a exploração de algumas vias secundárias. Descubra por conta própria como e quando tomar o café da manhã no estilo da educação verdadeiramente clássica — como se isso importasse de fato. Embora o ensino pelo *trivium* possa parecer intimidador no primeiro momento, ele não é necessariamente mais difícil que outras abordagens educacionais, e em certos momentos é, na verdade, mais fácil que a maioria delas. Assim, não se sinta esmagado. Pais normais com filhos normais — como nós e nossos filhos — podem, sem dúvida, ter sucesso e prosperar quando ensinarem pelo *trivium*. Nós o achamos recompensador e prazeroso.

Pelo fato de nossas ideias serem construídas umas sobre as outras, sugerimos que você leia este capítulo e os próximos do começo ao fim em vez de pular para as partes que focam nas necessidades e nas idades específicas de seus filhos.

UMA SUGESTÃO DE PROGRAMA DE ESTUDOS

Antes dos 10 anos, a criança se encontra na primeira fase do conhecimento, sendo quase dependente por completo das experiências sensoriais concretas para o aprendizado. Como se diz no jargão da informática, ela ainda está *inicializando*. Por volta dos 10 anos, a criança entra no estágio mais intenso da fase do conhecimento, quando o cérebro se torna fisicamente capaz de fazer conexões mais complexas que, entre outras coisas, tornam a criança mais apta a lidar com conceitos abstratos e a ajudam a ter autonomia e autocontrole.

Forçar a introdução de estudos formais antes dos 10 anos não significa usar o tempo dela com eficiência. Isso não fará todo o bem que você deseja e pode até, na verdade, trazer algum dano. É certo que a idade exata varia de criança para criança, mas por volta dos 10 anos a criança se torna madura o suficiente, do ponto de vista do desenvolvimento, para continuar os estudos mais formais. *Antes dos 10 anos*, o foco deve ser mantido na construção da base sólida para os estudos posteriores. Sugerimos que os estudos formais sejam o foco *depois* dos 10 anos. Se exercitarmos as partes da mente de nosso filho em desenvolvimento, fortaleceremos e ampliaremos suas capacidades. Nos primeiros anos, queremos lançar as seguintes sementes:

Honrar a Deus e aos pais.
Desenvolver a capacidade linguística.
Desenvolver o desejo do aprendizado.
Enriquecer a memória.
Estimular a criatividade.
Instilar o bom trabalho e a atuação ética.

Esses são os tipos de coisas que estabelecerão a boa base para estudos formais mais tarde. Os aspectos mais importantes devem vir em primeiro lugar. Os estudos formais devem ser estabelecidos sobre uma boa base moral.

Aos 10 anos, com a mente bem preparada, você pode escolher o currículo que melhor se adaptar a seu filho e às circunstâncias dele. Se estabelecer uma base sólida, você poderá construir sobre ela um edifício imponente. Mas se começar muito rápido pelo edifício e economizar na base, o edifício poderá vergar e inclinar, e as partes poderão cair, pois a base afunda ou desmorona sob o peso dele.

O que se segue é uma lista geral de dez itens que cremos ser importantes ensinar a seu filho antes dos 10 anos. Depois disso, delinearemos uma sugestão de rotina diária. As perguntas inseridas no texto são reais, e foram recebidas por nós.

1. Leitura e escrita

Fonemas

Antes de seu filho completar os 10 anos, você deve ensiná-lo a ler usando um bom método fônico intensivo.

A primeira pergunta é: “Em que idade devo começar?”. Poucas crianças aprenderão a ler aos 4 anos, ao passo que poucas completarão 10 anos antes de poder ler com confiança um livro básico. A maior parte das crianças, no entanto, aprenderá a ler em alguma época entre os 5 e 8 anos. A idade em que a criança aprende a ler não é indicador de inteligência nem prognóstico de sucesso acadêmico. Nossos filhos aprenderam a ler entre os 5 e 9 anos. Sugerimos que você comece a ensinar os fonemas aos 5 anos. Se, depois de um período razoável, achar que seu filho não retém nada do que é ensinado, mesmo que ele se esforce, você poderá decidir se deixa o currículo de lado e espera alguns meses antes de tentar trabalhar com ele de novo, procedendo assim até que comece a haver alguma fixação.

A segunda pergunta é: “Que materiais devo usar?”. Há muitos bons programas intensivos que ensinam a ler com base nos fonemas. Algumas famílias usarão um, terão a impressão de que não funciona, aí usarão outro,

terão a mesma impressão que tiveram com o anterior; usarão o terceiro, até que, por fim, algum dará certo. Assim, na cabeça dos pais, o último programa é sempre o melhor, mas, na verdade, ocorreu que a criança estava na idade certa e com o desenvolvimento suficiente para começar a ler. A criança não pode apenas misturar letras e sons em palavras sem estar fisicamente desenvolvida até certo ponto.

Vejamos como eu (Laurie) comecei a ensinar nosso filho mais velho, Nathaniel, a ler. Não se trata, de modo algum, de uma recomendação, apenas da história de uma pequena parte de nossa jornada pela escola das dificuldades da vida. Quando Nathaniel era um bebê, li o livro *How to Teach Your Baby to Read* [Como ensinar seu bebê a ler], de Glenn Doman. O livro ensina uma forma pura do método "look-say" ["olhe e diga"] ou "whole language" ["linguagem total"] para ensinar a ler. Na década de 1950, aprendi a ler com as histórias ilustradas, do tipo "look-say" ["olhe e diga"], das personagens Dick e Jane. Portanto, eu reconheci no método de Doman o modo pelo qual fui ensinada a ler. Por desconhecer algo melhor, agarrei-me a esse método de ensino de leitura. Seguindo as instruções do livro, quando Nathaniel completou 2 anos, comecei a ensiná-lo a ler. De acordo com as orientações do livro, fiz grandes cartões com palavras: mamãe, papai, casa, escola etc. Várias vezes por dia, eu fazia exercícios com Nathaniel. Sim, ele aprendeu a "ler" aquelas palavras nos cartões, mas eu descobri que se eu pulasse um dia de instrução, ele se esquecia de todas as palavras, e era preciso começar tudo de novo. Minha irmã sugeriu que ensinasse a ele primeiro o alfabeto. Tudo o que fiz foi repetir como papagaio as instruções do senhor Doman: "Oh não, ensinar o alfabeto iria só confundi-lo".

Creio que tenha ficado uns três meses com esse método. Foi um exercício de futilidade, não muito diferente de despejar água em um balde repleto de furos. À medida que eu desperdiçava quantidades preciosas de tempo todos os dias exercitando-o com os cartões, ele continuava a "lê-los" para mim. Mas se eu falhasse em encher seu balde com o exercício dos cartões, seu

nível de capacidade de leitura caía na medida exata em que seu vocabulário escoava pelos furos. Por volta desta época, eu escutava um programa de rádio sobre o ensino de leitura pelo método designado “fônico intensivo”. A convidada do dia era Benita Rubicam, presidente da Reading Reform Foundation [Fundação para a Reforma da Leitura]. Suas palavras faziam sentido e me converteram de imediato. Li tudo o que a organização tinha a oferecer e comecei a pesquisar os melhores programas fônicos intensivos para usar com meus filhos. Tudo isso aconteceu em 1978. Por fim, decidi usar *The Writing Road to Reading* [A vida da escrita para a leitura], de Romalda Spalding. Na época, era considerado o melhor currículo do método fônico intensivo. Naqueles anos não havia os numerosos auxiliares e manuais do professor como hoje. Quando li o currículo pela primeira vez, senti-me esmagada. Pensei: “Como vou fazer para aprender *todas essas regras*?”. Aquilo não era nem de perto tão difícil quanto parecia. A mãe precisava aprender o sistema fônico por conta própria — e ela o fez, pois ensinou os dois primeiros filhos a ler. Depois disso, ficou fácil. Lembre-se: a mãe jamais aprendera o sistema fônico! Depois de aprender corretamente o sistema fônico, era capaz de ensinar a ler com quase qualquer currículo — ou mesmo sem currículo algum, usando o que estivesse à mão.

Famílias praticantes do ensino doméstico podem escolher entre muitos programas fônicos bons e intensivos. Você deve encontrar o currículo fônico intensivo que se adapte melhor às necessidades de sua família. Eis alguns critérios para escolher um currículo de método fônico.

1. *Custo*. O ensino da leitura não precisa ser caro. Como muitos de nós, pais, não aprenderam o método fônico, precisamos de um currículo completo para ensinar primeiro a nós mesmos! Aprendido o sistema, podemos ensinar nossos filhos com facilidade: uma pequena lousa, giz e alguns livros de leitura fácil.

2. *Método*. Embora algumas pessoas desejem que pensemos o contrário, o inglês é uma língua fonética. O problema é seu vastíssimo vocabulário, muitas vezes mais amplo que qualquer língua já existente. Como consequência, o inglês incorporou a grafia de muitas línguas diferentes. Portanto, a grafia do som de uma palavra pode revelar algo de sua história. Eis o grande tesouro cultural da língua inglesa — um tesouro que se perde com rapidez por conta do encolhimento veloz do nosso vocabulário com a leitura visual ou o "olhe e diga" — um método de ensinar a ler inventado para deficientes auditivos. Não se pode construir um amplo vocabulário com base na leitura visual. O método fônico intensivo ensina os sons de cada letra ou da combinação de letras, e desenvolve um sistema completo de pronúncia. (Sim, há algumas exceções exóticas e elas também são ensinadas.) O método fônico intensivo é o único método que se adapta ao inglês. Não se deixe enganar com programas falsamente baseados em fonemas fundamentados na leitura visual do tipo "olhe e diga", mas que tocam de leve nos fonemas como "pistas auditivas". A maior parte dos currículos de leitura usados nas escolas estatais socialistas é desse tipo.
3. *Usabilidade*. Se você não está acostumado com o sistema fonético inglês, certifique-se de o currículo escolhido ser rico em materiais de apoio ao professor. Nas décadas de 1970 e 1980, quando usávamos o *The Writing Road to Reading*, esperava-se que os pais seguissem um curso universitário para poder aprender a usá-lo. Hoje, acrescentam-se numerosos materiais de apoio. Recomendamos o uso de métodos fônicos fáceis de entender e usar, como TATRAS ou *Alphaphonics*.

Aqui vão algumas sugestões para reforçar o currículo de método fônico que você escolher: quando seu filho estuda um som específico, faça com que ele o compreenda de diversos modos. Por exemplo: escreva a letra "B" no quadro — ou em um papel — e pendure-o na sala. Converse com a criança

sobre as palavras que começam com “B”. Quando as crianças e eu brincávamos no balanço, eu cantava para elas a música do alfabeto e elas cantavam comigo. Quando brincávamos com argila, eu deixava a argila na forma das letras e as estimulava a fazer o mesmo. Com frequência fazíamos cartões para enviá-los aos familiares, e eu encorajava os pequenos a escrever letrinhas neles. Entregava às crianças um punhado de macarrão, arroz ou feijão, e colávamos esses itens no papel na forma das letras. Empilhávamos os brinquedos no chão na forma das letras. O tempo de oração em nossa família dobrou na época do ensino do método fônico. Aos pequenos que aprendiam a ler, pedia-se que encontrassem nas suas bíblias uma letra que podiam reconhecer — como a primeira letra do nome. Mais tarde, eles pronunciavam as palavras. Conforme as crianças se tornam proficientes na leitura, elas devem ler algumas palavras em voz alta todos os dias, talvez nos materiais de leitura de antigamente. Em cerca de um ano, nosso filho mais novo progrediu das primeiras letras para a leitura fluente da *King James Version*.

Dislexia induzida artificialmente

Pergunta: Muitos de nossos filhos parecem não pensar com profundidade, apesar do fato de terem sido educados em casa. Pouco tempo atrás, chegamos a uma situação crítica com meu filho de 13 anos e por fim o matriculamos em uma escola em período integral. Achei que eu não era capaz de fazer esse trabalho sozinha. Precisava da ajuda do meu marido para realizá-lo. Contudo, meu marido tem “dislexia”, como toda a família dele. Ele não pensa em palavras, mas em imagens, e isso faz com que nossa comunicação seja difícil às vezes. Meu marido foi afetado de forma tão negativa pelos métodos de ensino do sistema escolar secular que ele não é um leitor — e isso não é escolha dele. Ele tem a intenção de ler várias horas por semana para dar o exemplo. Mas pelo fato de já ter passado muito tempo da idade normal de aprender, por onde ele deve começar?

Resposta: Esse parece um caso clássico de dislexia induzida artificialmente. Sugiro que você escolha um programa intensivo de método fônico e ensine a ele ler de acordo com a fonética e não pelas imagens. Seu maior problema será mudar o hábito dele de olhar para as palavras de modo fotográfico. Estimule-o a exercitar a pronúncia das palavras em voz alta (ou a mover os lábios em silêncio). Encontre livros fáceis para ele ler e que o interessem.

Quanto ao problema de não pensar: pessoas que não leem, e que passam o tempo livre assistindo à televisão e a filmes, jogando videogames ou jogos de computador, ou que passam o tempo em busca de diversão, não serão capazes de pensar de maneira crítica. Documentação para isso é dada nos dois livros de Jane Healy: *Endangered Minds: Why Children Don't Think and What We Can Do About It* [Mentes em perigo: porque as crianças não pensam e o que podemos fazer a respeito] e *Failure to Connect: How Computers Affect Our Children's Minds for Better and Worse* [Incapaz de se conectar: como os computadores afetam a mente de nossos filhos para o bem e para o mal].

Caderno da língua pátria

Recomendamos que cada aluno mantenha um caderno de sua língua pátria (sobre o qual discutiremos com mais detalhes adiante). O caderno pode ter início pelo estudo dos fonemas. Como as páginas podem ser arrancadas com facilidade e substituídas, os fichários normalmente funcionam melhor que cadernos de espiral. Preencha-o com papel pautado, com papel sulfite (branco ou colorido) e com divisórias. Cada criança deve ter um caderno próprio. Se o método fônico for novo para a mãe, ela também vai precisar de um caderno. O aluno acrescentará novos materiais ao caderno a cada semana.

Na mesma época em que você estiver ensinando seu filho a ler, ensine-o também a escrever as letras. A maior parte dos currículos de método fônico incluem instruções para ensinar a escrever. Comece pela impressão de cada letra do alfabeto. A criança deverá encher uma ou duas páginas com cada

letra do alfabeto. Decore as páginas com os desenhos da criança ou com recortes de revistas: ameixas na página do “A”, botões na página do “B” etc. Faça seu filho acrescentar ao caderno os exercícios de escrita das letras. Ele vai *complementar* o currículo do método fônico, mas não vai *substitui-lo*.

Copiar

Quando seu filho se torna razoavelmente proficiente em grafar as letras, e já está a caminho de aprender a ler, você pode iniciá-lo na produção de cópias. A prática de copiar data da Antiguidade e é, com a narração oral, o primeiro passo para ensinar a criança a escrever.

> Cristo sofreu por vós, a vós deixando um modelo [ὑπογραμμόν: hypogrammon] para que sigais nas pegadas dele. (1Pe 2.21 — trad. literal)

Copiar é uma boa maneira de praticar as habilidades de escrita, reforçar a instrução dos fonemas, introduzir a gramática e a ordem correta das palavras na frase, e estabelecer a base para a escrita criativa. Ao copiar, a criança reescreve no papel, palavra por palavra, de uma frase a um parágrafo, o que outra pessoa escreveu. De onde seu filho deve copiar as frases e os parágrafos? Use a literatura mais refinada. Comece pela Bíblia. Se quiser mais conselhos sobre o que escolher, considere o seguinte:

> Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento. O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco. (Fp 4.8,9)

Seu filho deve exercitar a cópia durante algum tempo todos os dias. Ruth Beechick (*A Strong Start in Language* [Um início forte na língua]) e Cindy Rushton (*Language Arts...The Easy Way* [Artes linguísticas... A maneira fácil]) apresentam as linhas gerais de como incorporar o exercício da cópia no currículo. A atividade pode ser mantida no caderno de língua pátria, ou pode

merecer um caderno próprio. Seu filho pode copiar trechos da Bíblia em um dia, poesia e literatura no dia seguinte, discursos e ditos famosos de homens importantes em outro. Ele pode manter todas as cópias em um caderno ou manter diferentes cadernos para diferentes tipos de literatura.

Quanto tempo deve levar a atividade de copiar? Como sempre, depende de seu filho. Algumas menininhas, que nasceram com lápis nas mãos, escreverão o dia inteiro e você deverá impor um limite máximo. Alguns garotinhos, aos quais até o ato de segurar o lápis se torna uma verdadeira luta — e isso às vezes até os 9 anos de idade! — vão precisar de um tempo mínimo, algo como: "Você só poderá sair daí quando tiver acabado". Escrever um só versículo das Escrituras pode atingir o limite máximo da habilidade da criança. Você quer ensinar aos pequenos diligência e perseverança, e também desafiá-los, mas sem desencorajá-los. Como determinar o que exigir de seu filho? Eis o princípio: uma vez encontrado o nível em que a criança pode trabalhar, desafie-a sempre a fazer um pouquinho mais, um pouquinho melhor, seguir um pouquinho mais longe, mas sem forçá-la além do nível de habilidade. Porém, se você exigir pouco, acabará por mimá-la. Há uma faixa no meio e o seu trabalho é encontrá-la. Algumas crianças atingem um patamar por certo tempo, até algumas coisas começarem a fazer sentido, depois já não estão mais nele. Tente encontrar o meio na sala de trinta alunos e você entenderá por que o ensino individual é muito superior. Normalmente, a criança de 5 anos pode passar 5 minutos por dia copiando, já uma de 9, meia-hora.

Quanto de escrita é o suficiente

Pergunta: Estamos usando o currículo X como base de nossa leitura e história. O programa de artes da linguagem, em especial quanto à escrita criativa, parece muito pesado. Há tarefas semanais, poemas, diálogos, rascunhos, escrita imaginativa etc. É um tanto desencorajador para meus filhos de 8 e 7 anos. Em vez do ditado, fazemos cópias duas ou quatro vezes

por semana, usando diversas fontes: poesia, Salmos, Provérbios e passagens dos livros que lemos. Meus filhos, às vezes, sem nenhum tipo de estímulo exterior, acrescentam diálogos às imagens desenhadas, contam histórias bobinhas, criam peças de teatro com fantoches etc. Assim eu sei que não estão carentes de habilidades criativas por completo. Como meu marido tem o hábito de manter um diário, planejamos dar a eles belos diários no final do ano e tornar a escrita do diário uma prática de família. Estamos no "caminho certo" com a atividade de copiar, a escrita do diário, a narrativa oral e os impulsos ocasionais de escrita criativa das crianças? Meu instinto é encorajar outros objetivos criativos delas e não exigir nenhum tipo de escrita criativa neste ponto — exceto as que empreendem por conta própria. A preocupação de meu marido é que, se não exigirmos as tarefas de escrita criativa neste momento, as crianças acabarão por perder algo.

Resposta: A atividade de copiar, a narrativa oral (de que trataremos mais tarde) e os ocasionais escritos criativos espontâneos, isso tudo parece muito para crianças na etapa do primeiro conhecimento (abaixo dos 10 anos). O dia só tem 24 horas. Nós estimulávamos nossos filhos a combinar arte com a atividade de copiar. Eles faziam livretos com as cópias dos alfabetos grego e hebraico, de historietas que haviam escrito e ilustrado com imagens, de projetos de ciências ou de história. As crianças podem cobrir os livretos com retalhos de tecido ou papel tirados de mostruários de papel de parede.

2. Narrativa oral

Na Grã-Bretanha, no final do século XIX, Charlotte Mason desenvolveu o conceito de narrativa como método de ensino. No livro *For the Children's Sake* [Por causa das crianças], Susan Schaeffer Macaulay reintroduziu a narrativa nas famílias que praticam o ensino doméstico. Karen Andreola a seguiu com *A Charlotte Mason Companion* [Um complemento para Charlotte Mason]. Na narrativa oral, os pais leem para a criança, ou a criança lê para si mesma; em seguida, a criança "reconta" para os pais, com as próprias

palavras, o que acabou de ler. É melhor começar a narrativa bem cedo, quando a criança está com 4 ou 5 anos, praticá-la todos os dias e continuar com a prática até o final da adolescência.

A narrativa é um exercício que cria energia mental. De acordo com Karen Andreola: “... a narrativa substitui os questionários e os testes de múltipla escolha, faz a criança expor todas as habilidades da mente. A criança aprende a evocar o vocabulário e o poder descritivo dos bons escritores, conforme conta sua própria versão da história”.

A narrativa é muito difícil de fazer. Será que você conseguiria, sem notas, narrar o sermão que ouviu no último domingo? A maioria de nós — incluindo o pastor que pregou o sermão — sentiria dificuldades em se lembrar até do texto do sermão. A mente adulta não foi treinada para ouvir algo, lembrar-se disso e, em seguida, recontá-lo. Nunca fomos treinados na habilidade da narrativa.

É melhor começar com coisas pequenas. Leia para seu filho um parágrafo curto de uma história simples. Depois, peça que ele reconte a história com as próprias palavras. No início, talvez você prefira auxiliar seu filho com perguntas sobre o trecho lido. Conforme a criança se torna mais experiente na habilidade da narrativa, ela será capaz de narrar trechos mais longos e detalhados.

A narrativa pode servir a três funções.

1. Testar periodicamente quão bem a criança compreende o material lido ou ouvido. Quanto mais uma criança disser na narração, com mais profundidade ela entendeu o material. Se não se lembrar muito do material, é provável não ter ouvido ou lido com a devida atenção.
2. Desenvolver e aguçar as capacidades mentais. Como a caminhada física exercita o corpo, o caminhar nos canais da memória exercita a mente. Usar a informação ao recontá-la fortalece o domínio da criança sobre o assunto.

3. A atividade de copiar, quando combinada com a narrativa oral, constitui o primeiro passo para ensinar a criança a escrever. O processo de escrita criativa envolve duas habilidades: o trabalho físico real de pegar o lápis e colocar as palavras no papel, que seu filho aprende pela cópia; e o trabalho de criar na mente as ideias sobre as quais escrever, que se desenvolve na mente de seu filho por meio da narrativa oral. Se você desenvolver as duas habilidades em seu filho antes dos 10 anos, quando ele for mais maduro, terá à disposição essas duas "ferramentas" com as quais poderá trabalhar de modo criativo quando escrever.

Não permita que seu filho seja um observador passivo. Se você ler para ele, faça-lhe perguntas sobre o que ouviu. Peça-lhe para recontar o material ouvido com as próprias palavras. Faça-o lidar com todas as questões de valor moral que surgirem. Desenvolva-lhe a mente, não só no sentido da capacidade de absorver, mas também no sentido da capacidade de responder. A mente capaz de responder deve também absorver, em certa medida, mas a mente que apenas absorve — como na frente da tela de uma televisão ou de um computador — é passiva demais no processo de aprendizagem, aprende a tomar sem dar, e se pode questionar o quanto absorve de fato. Os computadores não oferecem experiências de aprendizagem que exigem a capacidade real da resposta humana. O ensino programado tem sua utilidade, e pode ser muito eficiente em idades mais avançadas, mas nessa idade, seu filho precisa de interação com um adulto (e não com grupos de crianças da própria idade).

Como desenvolver a narrativa

Pergunta. Todos os meus filhos leem bem e conseguimos ler em voz alta juntos. Meu filho de 11 anos vai muito bem com a narrativa, mas meus gêmeos de 9 anos sentem uma dificuldade enorme com ela. Acho que estão ouvindo, mas não conseguem colocar os pensamentos em palavras. Qual a melhor forma de desenvolver essa habilidade?

Resposta. Se seus filhos sentem muita dificuldade com a narrativa oral, sugiro que você pegue trechos menores para eles narrarem. Uma frase, depois duas, depois três.

Às vezes a dificuldade maior está em obedecer, e não em narrar. A criança não quer fazer o esforço por você. A narrativa oral demanda o trabalho do cérebro. Exige-se forçar a mente a escutar com atenção, pois sabe que lhe pedirão para recontar o que ouviu. Todos nós não odiamos ter que fazer um grande esforço? Não é necessária uma forte motivação para superar a relutância em enfrentar a dificuldade? Você, sendo adulto, vê importância na narrativa, mas a criança percebe apenas chateação, e se não estiver acostumada a obedecer, poderá ser muito difícil motivá-la a fazer o esforço. Isso seria um exemplo de como a obediência é a base de toda a educação. Entretanto, sendo seu filho uma criança obediente, o problema talvez possa ser superado pela redução das dificuldades, o que pode ser feito com a diminuição da narrativa e do auxílio que você pode, no primeiro momento, oferecer com algumas perguntas. Se a criança se lembrar das perguntas, elas a ajudarão a narrar de maneira independente.

Sem dúvida, há pessoas que acharão a narrativa oral fácil e divertida, e farão progressos nela. Mesmo essas pessoas precisam ainda treinar para aperfeiçoar a narrativa. Elas poderão aprender a resumir a narrativa ao que é importante. Independentemente do quão fácil ou difícil seja, todas as crianças devem ser convocadas a narrar. Isso deve ser feito de modo alegre e espontâneo como todas as tarefas — como escovar os dentes e arrumar a cama — e tudo o mais que papai e mamãe pedirem para fazer.

Se a narrativa oral é uma tarefa real, você poderá informar as crianças de antemão quando exigirá a narrativa delas — estar sempre “de plantão” para a narrativa, perguntando-se quando a mamãe vai chamar para realizá-la, pode acabar com a diversão de ouvir você ler.

3. Memorização

A memorização deve ser iniciada quando o filho é bem pequeno — mesmo com 2 ou 3 anos — e continuada por toda a vida. (Também é boa para nós, mais velhinhos.) Deve-se tirar um tempo todos os dias para o exercício de recitar de memória. Estimule seu filho a memorizar coisas como os alfabetos gregos e hebraico, passagens da Bíblia, poesia, catecismo, excertos de literatura. Seu filho poderia memorizar passagens bíblicas em grego ou latim, e as mesmas passagens em nossa língua, a fim de manterem a percepção dessas línguas. Memorizar trechos literários preparará seu filho para o estudo da gramática formal aos 10 anos. Isso dá a ele a percepção de como as frases são construídas e o ajudará a formar o próprio vocabulário. Memorizar também prepara o filho para ser um bom escritor. O que entrar na cabeça da criança, emergirá mais tarde quando ela começar a escrever.

Talvez seu filho possa fazer o exercício de recitar de memória diante da família ou de um grupo maior. Isso pode prepará-lo para competições de interpretação oral, oratória e debates quando for mais velho. Juntas, as práticas de narrativa oral e memorização aguçam e fortalecem a mente, e isso o prepara para estudos mais rigorosos depois. É exatamente isso que queremos fazer nos primeiros anos de vida da criança. Já a televisão, os vídeos e até mesmo muito dos programas educacionais de computador, na verdade vão na direção oposta.

Há certo debate sobre *o que* dar para a criança memorizar. Alguns dizem que o tempo deveria ser usado para memorizar fatos: datas, terminações verbais latins, diversos dados científicos e geográficos etc. Talvez isso esteja certo, mas o dia só tem 24 horas. Assim, nós, como pais, precisamos determinar a melhor forma do uso do tempo. Se é importante para você que a criança guarde na memória todos os estados e capitais por volta dos 10 anos, não hesite em fazê-lo. Os pais devem se sentar e fazer uma lista do que consideram importantes para a memorização dos filhos e fazer ajustes na lista à medida do surgimento de prioridades diferentes. Fatos isolados, separados do contexto, podem tornar-se um trabalho enfadonho. É melhor plantar as

sementes dos fatos no contexto fértil da história. Cristóvão Colombo, descobridor da América em 12 de outubro, no ano de 1492 — esses fatos são muito mais bem memorizados quando conectados com a história de Colombo. O paradigma grego para “eu creio”: πιστεύω, πιστεύεις, πιστεύει, πιστεύομεν, πιστεύετε, πιστεύουσι — é memorizado com mais facilidade quando conectado com o uso real das palavras:

> πιστεύω, eu creio.
>
> E imediatamente o pai do menino exclamou [com lágrimas]:
>
> Πιστεύω, κύριε. Eu creio, Senhor! Βοήθει μου τῇ *ἀπιστίᾳ. Ajuda-me na minha falta de fé!* (Mc 9.24)
>
> πιστεύεις, tu crês.
>
> *[Filipe respondeu: Εἰ* πιστεύεις *ἐξ ὅλης τῆς καρδίας ἔξεστιν. É lícito, se* crês de todo o coração. E, respondendo ele (o etíope), disse: “Πιστεύω *τὸν υἱὸν τοῦ θεοῦ εἶναι τὸν Ἰησοῦν Χριστόν.* Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.] (At 8.37)
>
> Etc.

Devido à estruturação do cérebro antes dos 10 anos, acreditamos que memorizar passagens da literatura em latim ou em grego, e a tradução, seria algo muito mais proveitoso que memorizar paradigmas dedutivos no idioma (a gramática formal no latim e no grego). Em vez disso, o ideal é ser uma família poliglota em que as crianças aprendem a falar e a ler em todas essas línguas muitos anos antes de qualquer estudo de gramática — como aprendem o próprio idioma antes de qualquer estudo de gramática! O tempo para gramática formal — paradigmas e coisas do tipo — é a idade dos 10 anos ou mesmo depois. Se elas treinaram a mente para memorizar e se familiarizaram com o idioma, serão capazes de memorizar os paradigmas aos 10 anos com relativa facilidade.

Passe mais o tempo — talvez cinco ou dez minutos por criança, uma ou duas vezes por dia — ouvindo cada criança recitar seu exercício de memorização. O exercício diário da memória, como exercício diário do corpo, ajuda a manter a força. Com certeza a criança não deverá revisar todos

os dias o que já memorizou. Depois de ter dominado um assunto, apresente algo novo, e revise os pontos já dominados mais ou menos uma vez por semana. Depois de certa quantidade de velhos assuntos dominados, revise o mais antigo mais ou menos uma vez por ano. Ao longo dos anos, muitas coisas podem se dissipar, embora a impressão causada permaneça sempre lá; no entanto, algumas coisas nunca mais serão esquecidas.

4. Escutar e ouvir

Quando você lê em voz alta para seu filho, ele aprende o som das palavras, aumenta o vocabulário, amplia as concepções de mundo e desenvolve a imaginação. Sugerimos que você leia para seu filho ao menos duas horas por dia (não necessariamente consecutivas). Leia uma ampla variedade de boa literatura, biografias e ficção histórica. Inclua livros de ciências, geografia, artes, música e história. Alguns pais combinam os horários de narrativa com o de leitura em voz alta.

Três nãos

1. Não tenha receio de ler para crianças livros com capítulos longos. A criança de 5 anos é capaz de prestar atenção em livros como *A ilha do tesouro* e *Viagem ao centro da terra* e de compreender muito de seu conteúdo.
2. Não perca seu tempo lendo livros do tipo "*fast-food*" (p. ex., livros *Babysitter Club* ou mistérios de Nancy Drew).
3. Não exija que seus filhos se sentem a seu lado no sofá e fiquem parados enquanto você lê. Desde que ficassem na sala e não causassem distrações ou interrupções, permitíamos que nossos filhos brincassem em silêncio com seus brinquedos, ou bordassem, ou desenhassem, ou algum projeto semelhante, enquanto líamos em voz alta. Muitas crianças escutam muito melhor quando fazem algo com as mãos — com efeito,

parece que alguns menininhos não conseguem se sentar em silêncio por longo tempo para escutar a menos que segurem algo.

Normalmente, nós não lemos em voz alta em uma sessão ininterrupta de duas horas. Lemos algo de manhã, à tarde e algo de noite. Há exceções notáveis. Lembro-me de que um dia, quando líamos *The Long Winter* [O longo inverno] de Laura Wilder em uma sessão longa, ignorando tudo que pudesse interromper a leitura ao longo dia.

A leitura em voz alta é minha (Laurie) parte favorita do ensino doméstico. Muitos outros tiveram esta experiência: Estou sentada no sofá (uma cadeira nunca serviria) lendo um bom livro, como *Men of Iron* [Homens de ferro] de Howard Pyle. Uma das crianças se senta à minha direita, outra à minha esquerda, outra nas costas do sofá atrás do meu pescoço, e outra no meu colo. A quinta deve arranjar-se como pode. Todas *devem* estar posicionadas de modo que possam ver as imagens — que *devem* ser examinadas com detalhes antes de a página ser virada. Essa foi uma das formas com que Deus me ensinou a ter paciência. Deixe-as olhar para as imagens e fazer perguntas. Por fim descobriremos se Miles ganhará a disputa. Minha filha mais velha, Johannah, pintou-nos essa cena aconchegante, fazendo colagem de fotos de muitos anos atrás, colocando-nos todos em uma única e memorável imagem. Eu tinha uma trança e estava sentada no velho sofá marrom que muitos anos atrás foi parar no lixo depois de muito bom uso. Se eu pudesse ter só uma hora desse tempo de novo, neste momento, eu leria com alegria *Corduroy* quinze vezes seguidas e sem reclamar.

Quando leio um livro que inclui diálogos escritos em um dialeto, eu tento imitar o sotaque estrangeiro. Isso tende a invadir outras conversas — até quando atendemos o telefone. As crianças se sentem embaraçadas quando entramos no *drive through* do McDonald e eu peço hambúrgueres com sotaque escocês.

Linha do tempo

Você pode desenvolver a ideia de continuidade da história em seu filho marcando as coisas que vocês estudam ou leem em uma linha do tempo. Estenda uma folha de papel na parede da sala, trace uma linha no meio dela, divida a linha em cinquenta ou cem partes. Deixe o papel ali pelos próximos vinte anos. Vocês podem ter uma linha do tempo para toda a família, ou cada criança pode fazer a própria linha do tempo. Todas as vezes que você ler algo histórico, coloque-o na linha do tempo. Quando você ler sobre a vida de Bach, marque seu nascimento e morte na linha do tempo. Quando ler sobre a invenção da imprensa, marque o ponto na linha do tempo. As crianças podem ilustrar a linha do tempo. Algumas famílias colocam suas linhas do tempo em fichários. Isso as deixa mais portáteis e mais fáceis de serem revisadas. A linha do tempo mostra uma visão contínua da história, em especial quando colocada no lugar onde as crianças podem sempre olhar para ela. Se memorizar datas é importante para você, a linha do tempo deixará a tarefa ainda mais fácil. Contudo, o mais importante é dar à criança a noção melhor da relação do tempo entre os acontecimentos. Papai e mamãe não eram nem casados quando o primeiro homem pousou na lua! Papai viveu muito antes de existirem rodovias ou foguetes. Vovô viveu antes de existirem aviões a jato. *The Wall Chart of World History* [O quadro de parede da história mundial], de Edward Hull, é uma fonte preciosa de consulta. Ele se parece com uma capa de livro enorme, e se desdobra em uma tabela com mais de quatro metros e meio de comprimento, e inclui acontecimentos bíblicos e históricos. A tabela apresenta um resumo visual da história. Ela o ajudará a contextualizar a ficção histórica e as biografias que você ler em voz alta. Também ajudará você a compor sua própria linha do tempo.

Caderno de história

Sugerimos que cada criança mantenha o próprio caderno de história. Ela poderá começá-lo quando estiver na etapa do primeiro conhecimento, embora muitos prefiram esperar até estar mais velha para introduzi-lo. Um fichário com divisórias e papel (branco e colorido) permitirá o acréscimo e a remoção

de páginas. Trataremos do caderno de história com mais detalhes na etapa do conhecimento posterior (Capítulo 12).

Livros resumidos versus livros integrais

Pergunta: Por que é importante ler literatura clássica em versões integrais? O objetivo da versão resumida não é evitar que os leitores "travem" e "desistam"?

Resposta: Eis as quatro fases de um livro: 1) a versão original integral, 2) a versão resumida, 3) a versão em quadrinhos, e 4) a versão do cinema. Por que não pulamos as três primeiras fases e exigimos apenas que nossos filhos assistam à versão do cinema? Espero que a resposta seja óbvia. Se nossos filhos assistissem apenas aos filmes em vez de lerem os livros, não desenvolveriam a mentalidade literária. Não desenvolveriam vocabulário, construção gramatical, construção de parágrafo, desenvolvimento de raciocínio etc. Não desenvolveriam a imaginação — veriam só fotografias entrecortadas por diálogos.

E se exigíssemos que nossos filhos lessem a versão em quadrinhos de um livro? Eles pegariam algo da história, mas o vocabulário, a construção de frases e outras coisas estariam no nível da papinha. Esse tipo de coisa pode ser aceitável para crianças que estão começando a aprender a ler, mas crianças mais velhas devem ter o raciocínio desafiado.

Poderíamos nos deter nas versões resumidas. Em todo o caso, é onde a maior parte dos Estados Unidos se detém. Leia isto:

> A senhora Swift esperava-os na frente da casa, quando o carro guinchou com uma parada repentina.

Isso foi tirado de *Tom Swift and His Flying Lab* [Tom Swift e seu laboratório de voo] — um típico livro do gênero *fast-food*. Não é necessário nenhum raciocínio para ler a frase. As palavras e os significados são conhecidos. A mente absorve a frase com facilidade. Na verdade, ler em voz

alta esse tipo de frase é cansativo. Não demora muito para que a fadiga se instale e o livro seja deixado de lado. Isso entedia a mente. Agora, leia isto:

> Quando o barco voltou para o Hall's, seus braços estavam tão entorpecidos que mal era capaz de dizer se seu remo estava em suas mãos ou não; suas pernas estavam tesas e doloridas, e cada músculo de seu corpo dava a impressão de ter-se esticado uma ou duas polegadas.

Isso foi tirado de *Tom Brown at Oxford* [Tom Brown em Oxford]. Esse tipo de frase prende a atenção, envolve a mente. A estrutura da frase é desafiadora, sem ser pesada. Em geral, as versões resumidas rebaixam a língua a um nível muito básico. Há exceções, claro — mas é exatamente isto que são: exceções.

Como você desenvolve o apetite por um bom bife magro se tudo o que você come é carne de soja, ou seja, imitação? O apetite por *fast-food* é desenvolvido pela leitura de edições do tipo *fast-food*. Escrevem-se versões resumidas porque a maior parte das pessoas não consegue ler a boa literatura. Elas nunca aprenderam a ler de forma adequada, seu vocabulário está congelado na quinta série. Mas não podemos permitir que a cultura descrente nos arraste com suas versões adulteradas.

Livros não cristãos

Pergunta. Que bom propósito se cumpre com a leitura de livros escritos por não cristãos? Conhecemos adeptos do ensino doméstico que não leem nada que não seja de autores cristãos; mesmo quando o autor é cristão, rejeitam vários livros que lhes parecem conter muitos "conflitos ou males". Isso incluiria, mas não se limitaria a eles, livros como *O Hobbit* e *Silas Marner* ou autores como George MacDonals e Charles Dickens.

Resposta. A primeira vez que ouvi essa pergunta foi há muitos anos em Houston (Texas). Uma mulher examinava nosso livreto *Hand That Rocks the Cradle* [A mão que balança o berço] (nossa lista de livros de ficção lidos e

recomendados) e se perguntava por que recomendávamos um livro inteiro sobre guerra: *Johnny Tremain*.

Alguns dos livros que lemos e com os quais nos divertimos 15 anos atrás, não necessariamente o aprovaríamos hoje. Muitos anos atrás, líamos os livros da trilogia *Jeremy*, de Hugh Walepole, e me lembro de que eu os adorava. Recentemente reli um deles e não acreditei que algum dia pude gostar daquilo. Jeremy, a personagem principal, é alguém muito desrespeitoso com seus pais e, pior, o desrespeito é aprovado pelo autor. Em outras palavras, se o garoto agisse com falta de respeito, fosse punido por isso e o conflito fosse resolvido no livro, não haveria problema algum. Mas na história, o garoto agia de modo desrespeitoso e o autor consentia como parte da personalidade de Jeremy sem mostrar que isso estava errado. Quinze anos atrás, não percebi o problema. Hoje, eu o vejo com muita clareza. Tiramos esses livros de nossa lista.

Cada livro deve ser lido com senso crítico. Devem-se apontar os pontos positivos e seus problemas e defeitos. Ademais, deve-se analisar a filosofia do autor. Use cada livro como exemplo para mostrar às crianças o que se deve buscar. Embora você nunca tenha lido nada de modo acrítico, no entanto, você não quer passar todo o seu tempo fazendo críticas. Determine para sua família o equilíbrio ideal para cada livro. Eis uma questão de juízo pessoal e não queremos criticar as famílias que optam por não ler certa literatura. O rótulo “cristão” não garante que o material não seja ofensivo, tampouco que se trata de algo de boa qualidade. Muitos autores cristãos escrevem papinha.

Nós lemos teólogos com os quais discordamos. Lemos de forma bastante crítica, e eles acabam sendo muito mais proveitosos que os autores com os quais concordamos — pelo fato de nos fazerem pensar.

Os trabalhos de Robert Louis Stevenson estão entre o que há de melhor em literatura inglesa, e pode haver grande valor em lê-los, mas ele não parece ser cristão.

Não faça uma dieta rigorosa a respeito de um autor. Leia de modo crítico. Não viva para o entretenimento.

Não consigo acompanhar o ritmo de leitura do meu filho

Pergunta. Meu filho de 9 anos devora os livros. Ele consegue suportar quando leio para ele em voz alta, e até parece divertir-se com isso, mas devo dizer que ele preferiria voar pelos livros por conta própria. Eu lhe disse que vamos continuar a fazer as duas coisas. O problema é que ele lê tão rápido (e consegue recontar o que leu com precisão) que mal consigo acompanhá-lo nos livros! Eu costumava ler os livros antes de dá-los a ele, mas não consigo mais segui-lo. Sinto-me desconfortável em lhe dar livros que não li. E se ele se deparar com algo que eu não queria que lesse ou que não acho apropriado para a idade dele?

Resposta. É positivo sentir-se desconfortável ao entregar um livro a uma criança de 9 anos para que o leia, sem conhecer seu conteúdo. É melhor não ler nada que ler porcaria. Nunca permiti que meus filhos lessem livros por mim desconhecidos. Quando queriam ler algo que não conhecia, eu o lia em voz alta, comentava todas as ideias ruins que se apresentavam na história, e pulava todas as partes inapropriadas. Às vezes, eu apenas parava de ler — o livro não valia a pena. O livro que me ensinou essa lição foi *Tarzan*, de Edgar Rice Borroughs. Nathaniel era jovem e queria lê-lo, e por se tratar de um livro antigo, pensei que fosse aceitável. Depois que Nathaniel terminou de lê-lo, ele me contou que a personagem principal cometia adultério. Ele tomou a decisão de não ler mais nada de Borroughs. Fiquei aborrecida pelo fato de Nathaniel não ter parado de ler o livro assim que chegou ao incidente, mesmo assim eu me alegrei por ter falado comigo sobre a situação. Isso me ensinou que preciso ser mais cuidadosa em relação às coisas que as crianças leem, e que o simples fato de um livro ser antigo não significa que ele seja bom. Se não consegue acompanhar o ritmo de leitura do garoto, você pode fazer com que ele releia livros já aprovados.

Na medida em que seu filho ouvir o pai ou a mãe ler em voz alta para todos os filhos, ele fortalecerá a capacidade de aprender por meio do ouvir e isso o ajudará a desenvolver a imaginação. Além disso, partilhará o tempo com a família, em vez de isolar-se em um canto, sendo condescendente com os próprios modos.

Silêncio enquanto lê em voz alta

Pergunta. Tenho quatro filhos. Leio para o de 10 e o de 7 anos juntos e separadamente para o de 4 anos. O de 4 é uma criança maravilhosa, mas tem personalidade forte e tendência a experimentar coisas novas sempre que pode. Além disso, ter um bebê de 7 meses tornou o processo de instrução muito desafiador. Visto que o de 4 anos não está mais tirando seus cochilos, o processo é ainda mais desafiador. Embora eu tenha tentado incluí-lo na sala enquanto leio, parece difícil para ele não fazer barulhos interruptivos enquanto leio. Tentei quebra-cabeças e foi o que mais deu certo, mas ele não tem o tempo de atenção dos dois mais velhos. É difícil continuar a leitura enquanto ele muda sempre de atividade. Consigo ler por cerca de uma hora quando ele está conosco, mas é uma hora muito desafiadora. É difícil para os dois mais velhos fazer a narrativa oral com o barulho das atividades do de quatro ao fundo.

Resposta. Imagine o cenário: a mãe chama todos para baixo: “Vou ler em cinco minutos”. De imediato, cinco pequeninos descem as escadas tropeçando, já ansiosos pela próxima parte de *Island of the blue Delphins* [Ilha dos golfinhos azuis]. Decidido a trabalhar com os novos marcadores que o tio David lhe deu, Nathaniel, 9 anos, se senta em silêncio à mesa de artes que a mamãe colocou próximo à prateleira de artes na sala. Johannah, 7 anos, toma o projeto de bordado que espera terminar para a quermesse daquele ano. Hans, 5 anos, brinca em silêncio em um canto com seus Legos. Ava, 3 anos, está alegremente sentada perto da mamãe no sofá, chupando o polegar e segurando o cabelo da mamãe. E a pequena Helena engatinha pelo ambiente,

examinando a mobília, e adormece no chão com uma hora de leitura. Todas as crianças trabalham e brincam em silêncio, sem nunca causar nenhum momento de preocupação ou distração para a mamãe. Ela nunca tem que dizer a ninguém para ficar quieto ou parar de brigar. Tudo é paz e calma. Mamãe lê por duas horas, parando às vezes para convocar as narrativas orais, e depois interrompe para preparar o jantar. Isso é real? Acho que não.

Eis a realidade. Mamãe está lendo *Two Little Confederates* [Dois pequenos confederados], de Thomas Nelson Page. Por duas vezes ela interrompe a leitura para pedir às meninas que, por favor, parem de conversar. Em seguida, os meninos, vindos do trabalho no teto do celeiro, entram para verificar o que chegou do correio. Aí a vovó telefona para contar as últimas novidades para a mamãe. Quando a mamãe desliga o telefone, o público desapareceu. Se você esperar a hora perfeita para ler em voz alta, vai ficar esperando. Enquanto as crianças forem pequenas, você terá interrupções. Quanto menores forem as crianças e quanto em maior número estiverem, mais interrupções haverá. Mas que é maternidade senão educar todas essas crianças? Quando você tiver cumprido a missão com a ninhada, o ninho estará vazio, você sentirá saudade desses tempos, e não se importará com interrupções. Minha esperança agora é que meus filhos e filhas me permitam ajudar com a ninhada deles.

Minha filha Helena acaba de me perguntar se eu lhe disse para deixar um mata-moscas perto da sua cadeira enquanto você lê. Talvez eu tenha feito isso quando eles eram pequenos, mas eu sinceramente não me lembro disso. As crianças se lembram das coisas mais estranhas.

Eis algumas sugestões que podem ajudar. Você pode pedir para que uma criança de 3 ou 4 anos fique na área — em um cobertor ou tapetinho, ocupada por meia-hora com Lego ou algum brinquedo do tipo. Depois disso, mude-a de lugar, troque os brinquedos e peça que brinque em silêncio por mais 15 minutos. Nesse momento, a mamãe precisará dar uma pausa na leitura a fim de que todos possam ir para a próxima parte do cronograma.

Talvez você consiga reservar alguns brinquedos especiais só para os momentos de leitura em voz alta. Se a criança ficar barulhenta com a brincadeira, pare de ler e gentilmente lembre-a de "modular a voz", como a mãe de Laura Ingalls Wilder costumava dizer. Algumas vezes, você precisará usar o interruptor. O processo que se segue para chegar ao fim é tão importante quanto o fim em si mesmo. Gostaríamos de atingir o fim sem interrupções quando lemos, mas devemos empregar os meios apropriados, mesmo que nunca alcancemos o fim. Muitas vezes as crianças se lembram de *como* nós, mães, fazíamos as coisas e, às vezes, *por que* as fazíamos, sem levar em conta com que frequência chegávamos de fato ao resultado perfeito. Éramos gentis e moderadas em nossa instrução? Fomos coerentes na forma de disciplinar? Era importante demonstrar respeito ao manter o silêncio e não a interromper de modo que todos pudessem escutar? Quando chegar o momento de educar os próprios filhos, elas seguirão nosso exemplo. Que sejam abençoadas com exemplos melhores para que possam segui-los.

Audiolivros

Pergunta. Que você acha de crianças escutarem audiolivros como substituto parcial da leitura em voz alta da mamãe por uma ou duas horas por dia? Meu filho de 8 anos está grudado em muitos livros bons, no mínimo duas séries acima de seu nível de leitura, e ele os devorou porque pode escutar a gravação e acompanhar no livro.

Resposta. Nossa família às vezes escuta audiolivros, em especial quando viajamos por longas distâncias na van. A sugestão de fazer a criança acompanhar no livro conforme escuta pode ser muito boa. Isso combina o auditivo com o visual. Mas não deixe que isso se torne um substituto total para a leitura pessoal dele e para a leitura em voz alta do pai ou da mãe. Você ainda precisa fazer isso para o seu bem e para o bem de sua família.

5. Adoração em família

De modo contrário ao velho ditado “a família que ora unida, permanece unida”, estudos mostram que a família que só ora unida — ou seja, tem o momento de adoração apenas na igreja — em geral não permanece unida. A família unida é a que ora e estuda a Bíblia em conjunto com regularidade em casa. O pai deve conduzir a oração e os estudos bíblicos, de manhã e no final do dia, se possível. Isso fortalecerá o papel do pai como chefe responsável pela família e guia moral. A mãe ensina aos filhos o papel próprio da submissão aos pais com seu exemplo de submissão ao pai deles. As mães não devem ser os líderes espirituais da família. Com a adoração regular em família, a mente se desenvolve em conjunto com as diretrizes espirituais e morais de forma que não pode ser realizada por livros de exercícios bíblicos, devoções particulares ou idas periódicas à igreja.

Eis um método de estudo bíblico que cremos ser bíblico e proveitoso. Peça para alguém ler uma passagem das Escrituras; em seguida, peça a cada pessoa da família, isso pode ser feito em rodadas, fazer uma pergunta ao pai a respeito da passagem. Antes dos 10 anos, você espera que seu filho faça perguntas da etapa do conhecimento sobre fatos e detalhes. Por volta dos 13 anos, ele fará perguntas mais da etapa do entendimento sobre teorias e suas implicações. Por volta dos 16 anos, ele fará perguntas mais da etapa da sabedoria sobre a prática e a aplicação. Se realizar todos os estudos formais, mas deixar de lado a adoração em família, você criará agnósticos praticantes bem-educados. O exercício da família na Palavra de Deus deve ser a prioridade máxima — muito acima dos estudos formais. (V. apêndice 1, artigo 15, *Estudo bíblico familiar à luz do trivium*.)

Não permita que seu filho ignore a Deus. Deus é a razão última para vivermos. Quando fala, Deus deve sempre ter a atenção da criança. Assim, não seja complacente com livros de histórias bíblicas frívolos que degradam a palavra de Deus ao nível de histórias em quadrinhos ou reduzem a narrativa bíblica a continhos bonitinhos, deixando-a no mesmo nível dos mitos e das

fábulas. O padrão não deve ter valor de entretenimento, e sim de fidelidade com a Palavra de Deus.

6. Artes e artesanatos

As crianças aprendem mais pelos sentidos. Antes dos 10 anos, precisam que as mãos estejam em objetos manipuláveis. Forneça às crianças lugar, ferramentas e tempo para o trabalho artístico.

Certifique-se de haver espaço em casa onde as crianças possam, sem dificuldades, retirar os materiais artísticos e trabalhar em projetos. No cômodo principal da casa, ou onde quer que você faça a leitura para as crianças e passe a maior parte do tempo, mantenha uma prateleira baixa com um estoque de lápis coloridos de boa qualidade, giz de cera ou marcadores, tintas, pincéis, papel, tesoura, cola, argila, mostruários de papel de parede, mostruários de tecido, pedaços de cartolina, bordados, costuras, tricôs e crochês. Ao lado da prateleira, você pode colocar uma mesa com cadeiras onde as crianças podem trabalhar com facilidade em seus projetos enquanto você lê para elas. Crianças menores podem fazer artesanato enquanto as mais velhas são auxiliadas com matemática ou ciências. Projetos de arte e artesanato podem ser enviados para parentes, tornar-se presentes, ser dados aos moradores de um asilo, participar de concursos, ser levados para a feira local, ou ser exibidos em casa. Em nossa casa, emolduramos vários trabalhos das crianças e as paredes estão cobertas com eles.

Dê-lhes bastante tempo para fazer experiências com arte e artesanato e, assim, desenvolva sua criatividade elementar. Algumas crianças poderiam passar uma ou duas horas por dia fazendo arte e artesanato, ao passo que outras não conseguiriam dar a isso mais que alguns minutos de atenção. Se você se sentar e trabalhar ao lado delas, elas passarão mais tempo nesta atividade.

Uma das coisas mais úteis que já comprei para minhas filhas foi uma bolsa com pedaços de tecidos de uma moça que costurava e fazia reparos. A bolsa

me custou só 5 dólares, mas estava repleta de pedaços de sedas, cetins, veludos e lãs. As meninas eram muito pequenas na época e tinham habilidades básicas em costura, mas os poucos primeiros esforços para fazer os retalhos se tornarem bonecas de pano alimentou a vontade delas de aprender mais. Elas me ultrapassaram bem rápido nessa habilidade e, por fim, ensinaram a si mesmas a costurar e a fazer moldes, de modo que hoje fazem cópias de roupas de época. E tudo isso surgiu de uma bolsa de retalhos. Assegurei-me de que teriam todo o tempo e todos os materiais necessários para os projetos e lhes dei um local para trabalhar. A máquina de costura, a estante de artes e as mesas estavam sempre à mão e acessíveis para todas as crianças. Os projetos podiam ficar expostos até a conclusão. Nada mais desanimador para um artista iniciante que ser obrigado a guardar um projeto inacabado. Quando as crianças terminam o projeto, limpam e organizam tudo, e a casa volta à ordem.

Não deixe que seu filho faça trabalhos artísticos no computador. O *mouse* não chega nem perto de ensinar a usar as mãos como o faz a massa de argila ou o bloquinho. Os computadores podem ser ferramentas maravilhosas em suas funções. Esta não é uma delas.

Nossos filhos aprenderam a desenhar principalmente por meio do exercício de copiar. Eles copiavam desenhos e pinturas famosos, imagens do *The Art-Literature Readers* [Leitores de literatura artística], ou do *McGuffey Readers* [Leitores de McGuffey], livros da Dover Publications, ou de qualquer coisa que tínhamos em casa. Quando nossos filhos eram pequenos e ainda aprendiam a desenhar, comprei para eles o livro *Animals: 1,419 Copyright-Free Illustrations of Mammals, Birds, Fish, Insects etc.* [Animais: 1419 ilustrações sem direitos autorais de mamíferos, pássaros, peixes, insetos etc.], *A Pictorial Archive from Nineteenth-Century Sources Selected by Jim Harter* [Arquivo de imagens de fontes do século XIX selecionadas por Jim Harter] da Dover. O livro está repleto de desenhos em preto e branco feitos

com canetas-tinteiro (com descrições breves) que as crianças copiavam nos caderninhos de artes. Elas também apresentaram esses desenhos na feira.

7. Excursões de campo

Faça excursões de campo com frequência. Tire um tempo para assistir a concertos e a peças de teatro e para visitar museus e mostras. Visite áreas de trabalho. Dê a seu filho experiências com as quais pode formar sua compreensão de mundo — experiências de que ele fará uso quando for mais velho ou até tornar a vê-las.

Não permita que seu filho explore o mundo só por meio de um tubo de raios catódicos. As crianças precisam ter experiências reais para contar. Ver um jato decolar pela televisão não é a mesma coisa que ver um jato decolar bem na sua frente. Ouvir uma orquestra pela televisão ou pelo rádio não é a mesma coisa que ouvir uma orquestra em pessoa. Assistir à simulação computadorizada de um experimento, ou em um vídeo, não é o mesmo que fazê-lo diante dos olhos. Sim, você pode aprender algo pela telinha. Mas não é a mesma coisa — existem aspectos que não se aprendem.

Quando seu filho contar 4 ou 5 anos, comece a participar da feira local de ciências e de engenharia. Observe todos os diferentes tipos de projetos e experimentos. Estimule seu filho a pensar em que tipo de experimento ele poderia empreender quando estiver com 13 anos (na etapa do entendimento).

Desde cedo, crie o hábito de visitar a biblioteca uma vez por semana. Ainda bem jovem a criança aprenderá onde encontrar os diversos gêneros literários e a pedir ajuda ao bibliotecário. Mais tarde, você ensinará a criança a usar o catálogo digital e a seção de referência da biblioteca. Por volta dos 13 anos (o início da etapa do entendimento), leve seu filho para a biblioteca de uma boa faculdade e ensine-o a fazer uma pesquisa usando o sistema da Biblioteca do Congresso. Aos 15 anos, leve-o a uma grande biblioteca universitária. Quando ele estiver no final da adolescência saberá fazer pesquisas em qualquer tipo de biblioteca.

Quando eu contava no máximo 8 anos de idade, vovó Haigh me levou a uma pequena filial da biblioteca pública Des Moines. Até hoje eu me lembro da sensação de deslumbramento e encantamento que tomou conta de mim quando vi todos aqueles livros. Depois da visita, quis muito ter meu cartão da biblioteca. Foram necessários mais três anos para a realização do meu desejo. Em 1963, aos 11 anos, minha família se mudou para San Diego, e lá se davam cartões para a biblioteca pública de graça. No ano seguinte, todas as segundas-feiras, depois de irmos ao mercado, visitávamos a biblioteca. Comecei com a letra "A" da seção de literatura de ficção infanto-juvenil, passando os olhos em seis livros por semana. Não me lembro até que altura do alfabeto cheguei, mas aquele "ano da biblioteca" suscitou em mim o amor vitalício pela leitura.

Proteja a criança na biblioteca

Pergunta. A biblioteca do quarto de nossos filhos está cheia de leitura insignificante e de lixo da cultura pop. Meu filho de 7 anos adora ler e lê de tudo, de modo que eu tenho que tomar cuidado quando o levo à biblioteca. Embora eu o direcione para os bons livros, ele acaba com algumas porcarias nas mãos. Qual o sentido em levá-lo à biblioteca se eu me recuso a levar para casa os livros que escolhe? Ele adora ir à biblioteca e eu não extingui esse desejo dele.

Resposta. As bibliotecas se tornaram lugares perigosos para as crianças. Só a capa de alguns livros à disposição já é perversa. Não é mais seguro deixar crianças vagueando por uma biblioteca — em especial por causa da seção de revistas, do acesso à internet, dos vídeos e, hoje em dia, de alguns livros à disposição na prateleira. Chegará o momento em que você deverá pegar os livros para as crianças e levá-los para casa. Pode ser que chegue o momento em que você não queira ser visto em uma biblioteca. Mas, nesse caso, como seus filhos aprenderão a fazer pesquisas na biblioteca? Se estiver na situação de ter só uma única biblioteca para ir, você deverá lidar com a

situação. Os livros da Caldecott são, em geral, seguros. Esses livros estão em uma seção separada da biblioteca? Há uma mesinha na biblioteca onde você pode colocar suas coisas e a criança pode se sentar e olhar os livros que você traz para ela? Se você se sente insegura em relação ao tipo de livro que seria bom seu filho ler, procure a lista de leitura recomendada feita por alguém em quem você confia e trabalhe com ela. Você ensinará seu filho a escolher bons livros caso tenha escolhido os livros para ele primeiro, explicando-lhe que tipo de livros não quer que ele leia. Explique-lhe que se não estiver certo quanto à sua aprovação em relação a determinado livro, ele deverá trazê-lo até você e perguntar. Explique-lhe que você o está ensinando a ser um leitor com discernimento. Receio que algum dia os cristãos sejam forçados a abandonar as bibliotecas. Precisamos construir nossas bibliotecas. Se possível, monte uma biblioteca pessoal. Eu compro livros para meus netos.

8. Trabalhar e servir

Desenvolva em seu filho o amor ao trabalho e ao serviço. A partir do momento em que a criança é capaz de andar e falar, devemos lhe dar tarefas regulares para cumprir. Não me refiro só a dar comida ao cachorro e arrumar a cama. A criança de 5 anos é capaz de guardar a louça e dobrar roupas. A de 10 anos pode preparar refeições simples do começo ao fim. Crianças de todas as idades podem limpar e arrumar a casa. A mãe não deve pegar coisas do chão. Seu objetivo deve ser este: quando os filhos estiverem na adolescência, eles devem ser capazes de assumir o serviço doméstico, desde cozinhar até limpar e cuidar dos irmãos e irmãs mais jovens. Isso não só lhes ensina a apreciar o trabalho, ao mesmo tempo em que alivia o fardo dos pais, mas é uma boa forma de treiná-los para quando constituírem a própria família.

Não faça por seu filho o que ele pode fazer sozinho. Precisamos rejeitar toda essa história de *autoestima*. Os problemas do mundo podem ser resumidos em uma expressão simples: excesso de autoestima. Muitas pessoas se consideram boas demais para terem recebido o que receberam da vida.

Creem merecer algo melhor. Entre as coisas que mais estimulam essa ideia está a bajulação dos pais. No primeiro ano de vida da criança, você precisa fazer por tudo ela. Mas depois disso, a situação deve começar a mudar com rapidez. Ela pode aprender a fazer muitas coisas por conta própria nos dois anos seguintes. Ela pode arrumar a própria bagunça.

Um importante corolário para isso é: não faça o que seu filho pode fazer por você. Seu filho deve aprender a estimar a si mesmo menos que aos outros, e deve a começar pelos pais. Ele pode juntar a roupa suja para ser lavada e dobrá-la. Depois, poderá lavar a roupa. Ele poderá arrumar a mesa e lavar a louça. Depois, poderá ajudar a preparar as refeições. Aspirar o chão e tirar o pó da mobília. Depois, poderá lavar as janelas. Se você fizer tudo isso em seu lugar, desenvolverá nele a noção errada de autoestima: “Sou tão importante que todos devem fazer as coisas para mim”. Mas se ele aprender a fazer as coisas por si mesmo, desenvolverá a noção de auto*confiança*: “Eu posso fazer isso sozinho”. E se aprender a fazer as coisas para você, desenvolverá a noção de *utilidade* pessoal: “Posso ser útil e preciso estar por perto”.

Sugerimos que você faça um cronograma de tarefas para cada criança. Algumas famílias fazem rodízio semanal das atividades, ao passo que outras famílias preferem dar a cada filho tarefas permanentes, mudando-as depois de vários meses ou quando é necessário. De modo independente de sua opção, o cronograma deve estar bem organizado e listar o que cada precisa fazer e quando. Você deve colocar o cronograma da família em um lugar visível. Certifique-se de que os resultados da desobediência cronograma sejam claros. Quando nossos filhos eram pequenos, eu não estabelecia um cronograma de tarefas; distribuía as ordens de modo aleatório e inconsistente. Como as crianças não sabiam o que se esperava delas, eu acabava fazendo a maior parte das atividades. Mais tarde, quando organizamos um cronograma, dividimos o trabalho entre os cinco filhos, nossa vida se tornou muito mais suave. No início, os cinco se revezavam em cozinhar a refeição principal.

Depois de sofrer com a culinária dos meninos por alguns meses, reorganizamos o cronograma de modo que só as meninas cozinhassem. Levará um tempo até você achar a sintonia correta do cronograma de tarefas. Seja flexível: faça mudanças à medida que os filhos crescem e ficam mais maduros.

Junto com o trabalho, as crianças devem aprender a servir. Visitávamos com regularidade os moradores de um asilo. Quando os visitávamos, apenas entrávamos e começávamos a conversar com um dos velhinhos. A maior parte dos moradores não podia se comunicar, assim, continuávamos até encontrar alguém com quem podíamos nos comunicar. Mesmo os que não podiam se comunicar gostavam de ter alguém a lhes segurar a mão. Por fim, acabávamos encontrando duas ou três pessoas com as quais queríamos manter um laço de amizade. Se você quiser experimentar a visita a um asilo, sugiro que, nas primeiras visitas, a mãe e o pai mantenham as conversas e as crianças caminhem ao lado e escutem.

Há várias oportunidades para o voluntariado. Nossas filhas fazem sapatinhos de bebê de crochê para diferentes organizações pró-vida. Quando a mãe recebe o resultado positivo do teste de gravidez, ela recebe um par desses sapatinhos como primeiro presente para o bebê. Muitas delas estão considerando com seriedade o aborto e a nossa esperança é que, ao verem os sapatinhos, voltem ao juízo natural. Outra área de necessidade é a UTI neonatal do hospital local. Sempre são necessárias roupas hospitalares para os bebezinhos nascidos ali e conjuntinhos para os bebês que vão para casa. Há também a necessidade de roupinhas para enterrar os bebês que morrem.

9. Disciplina

Descobrimos, em nossa experiência, que se a área da disciplina for negligenciada, deveremos esquecer os estudos formais. As crianças jamais aprenderão autodisciplina se os pais não as exercitarem nela. A criança que

não desenvolver autodisciplina falhará em muitas coisas — incluindo-se os estudos formais para os quais você a prepara.

Faça-se as seguintes perguntas: Estou satisfeito com a obediência de meus filhos? Gosto de ficar perto deles? Meus filhos me honram e respeitam? Se a sua resposta for "não" para qualquer uma dessas perguntas, reavalie suas prioridades. Se você não consegue que crianças, em todas as idades, lhe obedeçam na primeira vez, a jornada pelo ensino doméstico será assediada por toda sorte de dificuldades. Quanto à obediência na primeira vez, recomendamos com veemência um livro escrito em 1833, *The Mother at Home* [A mãe no lar], de John S. C. Abbott. Sob a perspectiva bíblica, esse livro é a fonte mais preciosa para instruir jovens mulheres na arte da maternidade. Outra fonte é *Letters on Education of Children* [Cartas sobre a educação dos filhos], de John Witherspoon, publicado pelo MacArthur Institute.

Não deixe que seu filho o ignore. Você é a razão imediata da existência dele. Quando lhe disser algo, certifique-se de que ele escute. Quando lê para ele, não deixe que a atenção dele fuja para muito longe. Claro, seja razoável. Existirão momentos em que ele precisará refletir sobre algo e você precisará permitir que ele o faça. Mas não permita que aja como se você não estivesse ali. Tenha a atenção dele quando falar. Não, não vivemos à altura desse padrão. Mas é por ele que devemos nos guiar.

Não deixe que seu filho governe você. Permita que ele governe a si mesmo. Um homem deve governar a si mesmo antes de poder governar os outros. (Pense em todas as repartições públicas colocadas de ponta-cabeça e pervertidas por homens incapazes de, em primeiro lugar, governar a si mesmos.) Ninguém aprende a governar a si mesmo ao obedecer aos próprios desejos. Só se pode aprender a governar a si mesmo quando se obedece aos desejos de outra pessoa. Deve haver algo maior que a si mesmo para servir. (Por isso o conceito de Deus é inevitável. Caso não siga o verdadeiro Deus, a pessoa inventará um deus substituto para exercer função semelhante.) Se

você conseguir ensinar seu filho a conhecer e a governar a si próprio, ele será capaz de governar a parte do mundo que você lhe entregar, e, por fim, a parte do mundo que lhe der para administrar.

Em uma de nossas viagens, visitamos uma família que vivia uma vida simples em uma casa muito modesta e que havia aplicado o ensino doméstico aos 5 filhos pequenos. Os pais falavam em um tom suave e eram gentis, sempre se dirigindo às crianças de forma calma e tranquila. No começo de nossa visita, ficou claro para nós que as crianças estavam atentas à voz dos pais. Os pais conseguiam ser obedecidos na primeira vez até pelo caçula, e a obediência era obtida com mansidão de voz e modos. Em toda a minha vida, eu nunca havia presenciado algo semelhante. Em certa ocasião, o menino de 1 ano começou a escalar o aquecedor a querosene. Eu vi o pai fazer um gesto de cabeça quase imperceptível e o ouvi dizer com um sussurro: “Isaac, nã-não”. A criança deu marcha à ré, de imediato, e se afastou do aquecedor. A criança ouviu com atenção e obedeceu ao mero sussurro do pai. Vou às lágrimas quando me lembro da cena e da afeição que pais e filhos tinham entre si. Ah se eu tivesse ensinado meus filhos tão bem assim quando eram pequenos! Deus quer que lhe obedeçamos na primeira vez, e devemos inculcar o mesmo hábito em nossos filhos. Ao recorrermos à voz alta quando queremos algo de nossos filhos, ou quando criamos o hábito de repetir as ordens, ensinamos os filhos a nos ignorar quando falamos. Se tivermos a chance de, bem no comecinho, ensiná-los a prestar atenção à nossa voz — a escutar independentemente do que estiverem fazendo e a obedecer de imediato — quão bem os prepararemos para escutar também a voz do Pai celestial.

Se tivermos êxito nisso, nossos filhos verão os pais como os servos veem os mestres, e como os súditos veem o rei. Terão grande respeito e honra a eles e desejarão somente agradar-lhes. Claro, o rei seria um mestre benevolente e gentil que se importaria muito com seus súditos, sempre os tratando com ternura e amor. Sim, somos reis e rainhas, nossos lares são

nossos castelos, e nossos pequeninos são os servos educados para se tornarem mestres do próprio lar um dia. A rainha precisa recorrer a gritos para que algo seja feito? No reino bem organizado, provavelmente não. Como nosso mundo seria muito melhor se obedecêssemos ao Senhor na primeira vez.

Socialização e menininhas

Pergunta. Minha filha mais velha (11 anos) não quer ir à biblioteca durante o dia, porque as "crianças da escola" não estão lá. Eu me preocupo com ela. Nós nos mudamos para cá há dois anos e não encontramos na região nenhum coleguinha de ensino doméstico.

Resposta. Parto do princípio, pela sua carta, que sua filha gosta de estar com outras crianças. Ela se sente sozinha. Talvez ela até gostaria de ir à escola. Crianças na idade da sua precisam, na verdade, de *muito pouca socialização*. Com efeito, eu tento evitá-la, exceto em situações esporádicas e que estão sob nosso controle, como quando recebemos a visita de outra família e nossos filhos brincam com as crianças da outra família. A noção de que toda criança precisa de outra criança da mesma idade com quem brincar o tempo todo é uma ideia inventada no século XX. Gostem as crianças disto ou não, trata-se, em geral, de uma má ideia. Envolva sua filha com crochê, bordado, costura e outros trabalhos artesanais. Talvez ela faça coisas para doar ou mesmo vender. Minhas meninas costuram fantasias. Ensine sua filha a cozinhar. Uma menina de 11 anos é capaz de preparar uma refeição inteira, do começo ao fim. Arranje um baú grande para sua filha e peça-lhe que faça coisas para enchê-lo. Um uso útil do tempo para as mocinhas é cultivar alimentos no jardim e armazená-los para o inverno. Ela é boa em desenhar ou pintar? Assim poderia produzir livretos sobre uma série de assuntos (pássaros, cachorros, flores etc.) para vender ou doar. Incorpore isso ao trabalho escolar dela. Ela precisa se ocupar com coisas para os outros e se preocupar menos com seus pequenos desejos e confortos.

Por volta dos 10 ou 11 anos, muitas meninas atravessam uma fase difícil de lidar. Quando isso aconteceu com nossa primeira filha, eu não entendia o que estava acontecendo e permiti que sua rebelião, falta de comunicação, frieza e temperamento seguissem adiante sem a devida correção. Percebi que eu estava tentando lhe agradar e deixá-la confortável. Pensei que eu não era uma boa mãe. Não conseguia descobrir em que estava errando. Como ela parecia muito infeliz e perdida, eu ia muito longe para fazê-la feliz. Por fim, depois de vários anos de aperto no peito, o Senhor me mostrou o que estava acontecendo e nós resolvemos o problema.

Você não pode permitir que a criança demonstre desrespeito ao pai ou à mãe. Faça-se a seguinte pergunta: estou satisfeita com o comportamento dela? Se a resposta for não, aja. Há muitos modos de uma criança demonstrar desrespeito: rolar os olhos, suspirar com exagero, demorar para obedecer, questionar, sair do quarto batendo o pé, bater portas, agir de forma não comunicativa. Você deve forçá-los a falar com você e a dizer o que eles notam que está errado e o que os incomoda. Normalmente, as crianças não se conhecem até que você as force a meditar nisso, quando percebem como as ideias que têm são estúpidas. Insisti para que minha filha se sentasse no sofá comigo e me contasse o que a chateava. Às vezes nos sentávamos lá por várias horas. Muitas vezes tudo se resumia ao fato de ela se sentir irritada e não haver uma razão sequer para isso. Ela aprendeu a reconhecer sua irritabilidade, temperamento e desrespeito e a arrepender-se dessas coisas. Com certeza, tudo isso me levou a reconhecer que, como mãe, devo ser um bom exemplo para ela. Também devo aprender a reconhecer minha irritabilidade e a me arrepender dela.

Não quer trabalhar

Pergunta. Eu me vejo “aguentando” por tempo demais o rolar de olhos, o descontentamento e o bater de pés. Mas, o que eu faço com uma mocinha de 16 anos que só quer ler o dia inteiro e não quer fazer mais nada — nada de

limpeza, nada de tarefas, nada de cozinhar, nada de jardinagem? Você já teve que enfrentar esta situação com seus filhos? Se sim, como lidou com ela?

Resposta. Você está me dizendo que ela não lhe obedece quando você pede para que limpe ou cozinhe? Ou será que ela só faz o mínimo do que você pede e passa o resto do tempo lendo? Eu imagino que uma mocinha de 16 anos seja capaz de assumir a administração de uma casa. Se a mãe tiver que se ausentar por alguns dias, a filha deve ser capaz de cuidar da casa: limpar, cozinhar, lavar a roupa, atender o telefone e talvez até cuidar de um ou dois pequeninos. Talvez não mantenha a casa limpa, como o faz a mãe, e talvez as refeições não sejam tão elaboradas, mas aos 16 anos, ela é capaz de administrar a casa de forma ordenada. Tudo isso deve ser feito com alegria e disposição.

Algumas mães esperam essas coisas das filhas, mas não dão à criança nenhuma liberdade para tomar decisões para fazê-las. Por exemplo, espera-se que a filha prepare as refeições, mas não se permite que ela decida o que servirá. Sugiro que uma garota de 16 anos pode planejar as refeições (com um pouco de ajuda da mãe), fazer compras e preparar as refeições. É isso o que fazemos em nossa casa. Permito que as meninas decidam quando lavarão a roupa. Desde que o serviço esteja feito antes da hora de dormir, podem fazê-lo quando quiserem. Eu não lhes digo quando devem limpar os quartos, mas elas sabem que devem mantê-los limpos. Refiro-me a crianças mais velhas aqui. Os pequenos precisam ser instruídos, de modo que você deve ter mais regras e cronogramas, mas as crianças mais velhas já foram instruídas e precisam menos de regras do tipo “faça isso agora e deste jeito”.

Acho que crianças sentem mais satisfação nas tarefas quando sabem que estão “no comando” de algo e que têm plena responsabilidade. Minhas filhas mais velhas adoram quando eu lhes dou o dinheiro das compras da semana e deixo que tomem conta disso. Tenho problemas com elas quando não querem usar todas as abobrinhas que colhi do jardim, mas estamos trabalhando isso.

Ora, talvez seu problema seja que a garota de 16 anos não quer obedecer.

Se você colocar no papel e explicar-lhe exatamente o que se espera dela — e, para além das tarefas domésticas, isso inclui atitudes e comportamentos — e o que acontecerá se ela não os cumprir, neste caso, ela não tem desculpas. Você sabe o que deve fazer. A Bíblia lhe diz que você deve dar uma resposta à desobediência. O tempo das palmadas passou há muito quando a menina completa 16 anos. Não acho apropriado. Há outras formas de discipliná-la. Tire seu tempo de leitura. Confisque o dinheiro. Retire os privilégios. Exija dela mais trabalho, como colocar o lixo na rua. Use o ensino formal no problema e peça que ela escreva um texto acerca de sua desobediência. Isso a fará refletir.

Qual a sua parte no problema? Quem é o chefe na sua família? Muitas vezes, pais, não fazemos cumprir a obediência de modo coerente. Às vezes fazemos os filhos nos obedecer, outras vezes estamos cansados demais ou é muito inconveniente fazê-los nos obedecer. Pode ser que estejamos em uma loja, ou na companhia de alguém, ou trabalhando o dia todo, ou apenas esgotados. Criamos desculpas para os filhos ou para nós mesmos. O ensino doméstico é mais que latim ou lógica. É um estilo de vida. E esse estilo de vida inclui ter filhos disciplinados e estimulá-los a amar as relações familiares. Queremos paz em nossos lares. A paz tem um preço — o mandamento de Deus.

Paz no lar

Pergunta. Você disse que o objetivo é ter paz no lar. Como você conseguiu isso? Eu cresci em um lar não cristão onde todos estavam sempre brigando e não quero que minha família fique assim. Nossos filhos são muito mais comportados que meus irmãos e eu éramos, mas ainda passam muito tempo brigando e ralhando uns com os outros.

Resposta. Em nossas viagens, sempre ficamos com algumas famílias. Eis algumas de nossas observações:

Nas famílias em que reina a paz, percebe-se que os filhos respeitam o pai e a mãe. É algo visível no rosto deles. As crianças querem agradar aos pais. Sabem que o pai está no comando e o procuram em busca de respostas. O pai sabe o que é o melhor. Sabem que a mãe controla a casa para servir ao pai e entendem que o pai governa a família para servir a Deus. Quando as crianças entendem a ordem e o propósito das coisas, e cumprem seu papel dentro dessa ordem e desse propósito, aí há paz. Naturalmente, pais sábios governam e controlam a família e o lar com mansidão, gentileza e cuidado amoroso e terno. Eles próprios são criaturas decaídas e nem sempre sábios. Mas quanto mais a família atinge o ideal, mais a paz reina.

Nas famílias em que a paz não reina, percebe-se que os filhos não respeitam o pai e a mãe. A família gira em torno dos filhos e de seus gostos ou aversões, temperamentos e desejos. Sabem que os pais estão empenhados em lhes agradar e usam isso como ferramenta para manipulá-los. Quando a criança está contrariada, desconfortável ou aborrecida, os pais fazem de tudo para agradá-la. Acham que o pequeno é muito esperto, fofo e divertido. Em outras palavras, a ordem, o propósito e os papéis da família estão invertidos e qualquer coisa parecida com paz por um momento não passa de uma trégua temporária na guerra constante para saber quem manda.

As crianças podem até saber falar e entender as palavras, mas isso não quer dizer que a comunicação ocorre no nível em que deveria ocorrer. Não podemos supor que elas virão até nós e nos dirão o que as incomoda. Se detectarmos algo errado com uma atitude ou uma ação, precisamos lidar com o filho que agiu assim. Não espere a ação ou o ato ficar intolerável. Houve uma época em que nossa filha mais velha começou a tratar a irmã do meio de modo muito frio. Ela a excluía das coisas, não confiava mais nela e favorecia a irmã caçula. Isso começou devagar e só o notamos quatro ou cinco meses depois. A filha do meio precisou vir até mim e mostrar o que estava acontecendo. Só quando ela fez isso percebemos o ocorrido. Algo pode começar muito pequeno e, ainda que você não o perceba, pode ficar muito

grande, e mesmo assim será necessário que alguém lhe mostre o que acontece. Quando comecei a lidar com a questão, a filha do meio estava brava com a irmã por tratá-la daquela forma. Foram necessárias várias semanas para colocar as coisas nos eixos. A filha mais velha nem percebeu o que estava fazendo. Ela se arrependeu, a irmã a perdoou e, por várias semanas, tivemos que chamar a atenção da filha mais velha quando ela exibia o comportamento indesejado (agir com frieza em relação à irmã). Ela havia desenvolvido o hábito de tratar a irmã desse jeito e precisei ajudá-la a abandoná-lo. Deus colocou nela o desejo de mudança. Mas, e se a mais velha não se arrependesse e preferisse tratar a irmã com frieza por alguma razão? Nesse caso, caberia a mim impor o comportamento adequado.

Obediência irritadiça

Pergunta. Em relação ao rolar dos olhos e ao "afe" [a interjeição que revela desdém ou insatisfação], com um pequeno sopro que levanta o cabelo: erro ao pedir à minha filha a realização de múltiplas tarefas, deixando-a "de plantão" para coisas que precisam ser feitas de acordo com a conveniência dela, embora não estejam no cronograma? Devo corrigi-la verbalmente na hora? Mesmo a pequena interjeição pode se transformar em algo pior à medida que a criança cresce; assim, considero necessária alguma punição, mas qual e como? Devo ter uma "punição" preparada para cada pequena interjeição de desdém?

Resposta. Acho que você já respondeu a sua pergunta. A pequena demonstração de desdém revela com clareza falta de respeito. Que aconteceria com uma dama de honra na corte da rainha Vitória se ela respondesse desse modo a uma das solicitações da rainha? Você é a rainha em seu lar e o papai é o rei. Todos os pequenos são os servos em período de treinamento.

É bom ter um cronograma visível de tarefas, atividades e responsabilidade de modo que todos saibam o que se espera deles, mas sempre haverá coisas

extras para fazer que não podem ser colocadas no cronograma. A criança deve estar feliz (se não por dentro, ao menos externamente) ao realizar as tarefas para a mamãe. Esse tipo de reação requer a visita da vara de correção. Você terá que determinar por si mesma a idade em que a vara será colocada de lado para dar lugar a outras formas de disciplina.

Esperar até o papai chegar em casa

Pergunta. Que dizer da disciplina para um garoto de 8 anos de idade? Se ele não fizer suas tarefas, ou se fizer algo que lhe foi dito para não fazer, esperar até o pai voltar para a disciplina é uma boa ideia, ou a espera é muito longa?

Resposta. O pai governa a família. A mãe administra o lar de acordo com as regras do pai. A punição adiada perde a força e introduz outras forças. Assim, explique a lei, administre a punição e leve o dia adiante. Caso contrário, o dia pode ser arruinado porque todos esperam "o pai chegar em casa". Pode haver coisas que precisam ser atribuídas ao pai, mas a mãe deve ser capaz de lidar com a maior parte dos assuntos. A mãe pode fornecer o relatório do tribunal quando o pai chegar em casa, e ele poderá fazer ajustes no momento.

Filho desmotivado

Pergunta. Meu filho de 13 anos é lento para a matemática. Assim, eu o deixo estabelecer o próprio ritmo. Ele também é "alérgico" a lápis e eu me pergunto qual é a quantidade suficiente de escrita para ele neste ano. Não quero estimular a preguiça, mas eu também não quero exasperá-lo!

Resposta. Uma das coisas mais desafiadores com as quais tive de lidar no ensino doméstico foi um garoto (dos 10 aos 15 anos) que parecia alérgico a objetivos educacionais. Um dos nossos quatro filhos era assim. Ele é muito inerte. Se está descansando, tende a ficar descansando, mas quando você o faz se mover, ele permanece em movimento. A parte difícil é "fazê-lo se

mover”. Em algum momento da jornada, alguém não conseguiu instalar o motor de partida; assim, tínhamos que rodar a manivela para “fazê-lo se mover”. Como você disse, nós certamente não queríamos estimular a preguiça, nem exasperá-lo. No entanto, precisávamos “fazê-lo se mover” e desafiá-lo. Se servir de estímulo para você, nosso filho é hoje um bom escritor. Quando completou 15 anos, descobriu que podia escrever de forma criativa, e até que gostava de escrever — até certo ponto, embora nós ainda estejamos trabalhando para fazer aquele motor de partida recém-instalado funcionar com mais consistência.

Eis algumas coisas corretas que tenho a impressão de termos feito com ele:

1. Até por volta dos 14 anos, fazíamos grande parte das suas atividades de matemática de forma oral, e às vezes eu fazia a parte escrita para ele. Ele ditava para mim o problema e os passos para a solução, e eu segurava o lápis e fazia a escrita. Isso não interferiu de modo algum em sua compreensão da matéria; ao contrário, acho que o ajudou a aprender matemática e a gostar da disciplina. Tempos depois, ele era capaz de transitar pelos livros de álgebra da Saxon, pela geometria de Jacobs e pelo livro de matemática avançada da Saxon sem nenhum tipo de ajuda.
2. Creio que televisão, videogames, jogos de computador e a maior parte dos programas de computador sejam perigosos para meninos assim. Sou muito grata por termos mantido nosso filho longe dessas influências.
3. Sou grata ao Senhor por ter-nos feito mudar para o interior quando as crianças eram pequenas. A influência do grupo parece ser mais forte em garotos desmotivados.

10. Brincar e explorar

Dê bastante tempo para a criança brincar e explorar. Não compre brinquedos “de loja” — são caros e, em geral, ficam esquecidos quando a

novidade passa. Invista em coisas reais. Bazares e leilões são uma fonte inesgotável de coisas como máquinas de costura, pequenas ferramentas para trabalhar no jardim, martelos, pregos, e coisas para construir, blocos de madeira e roupas. Compre ferramentas de pesquisa (um bom microscópio, telescópio, binóculos, equipamento de dissecação, equipamento básico de química etc.), e não brinquedos de devoção. Ensine seus filhos a usar essas ferramentas com responsabilidade (de modo seguro, limpo e organizado — limpe quando acabar), e deixe-as à mão para quando quiserem usá-las.

Quando seus filhos são pequenos (na etapa do primeiro conhecimento), gaste seu dinheiro com ferramentas de pesquisa, e motive-os a aprender a usá-las e a se divertirem com elas. Se eu tivesse que começar tudo de novo, eu teria comprado nosso microscópio e nosso *kit* de dissecação quando meus filhos eram pequenos (com 6 ou 7 anos), e os teria ensinado a usar este equipamento ainda nessa idade. Eu também teria comprado para eles um bom telescópio, binóculos e material básico de química (béqueres, tubos de ensaio, bicos de gás etc.). Naturalmente, seriam ensinados a conservar tudo de modo seguro, limpo e organizado.

Não é importante que você faça algumas coisas, é importante que *não* faça algumas coisas. Sempre se tem a impressão de que há mais não do que sim. Não coloque seu filho na frente da tela da televisão. Televisão é ruim. Referimo-nos à tela em si. É prejudicial para o corpo, em especial para os olhos. Astenopia é o problema número um dos usuários assíduos de computador. Estudos estimam que entre 50 e 90% dos usuários assíduos de computador sofrem deterioração visual.

O material na tela também é ruim. O método de ensino por entretenimento gera o vício em entretenimento — a criança quer estar entretida o tempo todo — ela quer que seus sentidos visual e auditivo sejam estimulados (em excesso). A criança precisa aprender através do tato, paladar, olfato e pela interação com seres humanos reais que sorriem e dão respostas. Precisa aprender enquanto estão submissas à autoridade de pais de carne e osso, não

à autoridade de substitutos cheios de glamour, eternamente felizes, com recursos ilimitados, incansáveis, sem nenhum tipo de responsabilidade. Precisamos dizer mais?

Não deixe que seu filho se consuma. Você deve descobrir o feliz meio-termo entre dar a ele tempo suficiente para ficar sozinho e dar a ele tempo demais para ficar sozinho. Se ele tiver muito pouco tempo, não desenvolverá os próprios pensamentos. Se tiver tempo demais, irá atrás de travessuras, ou, no mínimo, de fins não proveitosos. Dê-lhe algo para refletir quando não tiver nada para fazer. A memorização preenche a mente com coisas que deverá remoer e sobre as quais deverá ponderar.

Não permita que seu filho brinque no mundo virtual. Ele pode brincar no mundo em miniatura. Ele pode brincar no mundo de faz de conta. Mas este deve ser construído com objetos existentes no mundo tridimensional real, e não com elétrons que se chocam contra uma tela opaca, bidimensional e fosforescente. Por quê? Porque, embora ele possa aprender algo da imagem na tela, há, contudo, muitas coisas que ele não aprende exatamente pelo fato de ser apenas uma imagem na tela. Além de perder as experiências sensoriais (tato, paladar, olfato, audição, visão — tridimensionalidade), perdem-se coisas lógicas (como as consequências das ações no mundo real).

Quando o computador substitui as funções do cérebro e as coisas proporcionadas com normalidade, o cérebro se atrofia. Digamos que o computador não desenvolve os próprios músculos cerebrais. Sem esforço não há ganho. Se você não o usa, perde.

O uso excessivo dos computadores, em especial em tenra idade, reestruturará a forma com que o cérebro processa a informação, em geral para a pior. Também provoca o subdesenvolvimento das dimensões emocionais e sociais da criança. As crianças desenvolvem muitas partes de seu entendimento, e pode haver “lacunas” no desenvolvimento se forem privadas de certas experiências em períodos críticos de tempo. Essas lacunas podem não ser descobertas senão muito tempo depois. Por exemplo, a criança pode

tirar nota máxima em um teste de audição. No entanto, ela teve um período de resfriado anos antes, ao mesmo tempo em que seu discernimento dos sons da fala estava em desenvolvimento. Como não ouvia adequadamente na época, seu discernimento da fala ficou subdesenvolvido. Ela escuta de modo perfeito quando alguém fala, mas não discerne na mente o que seus ouvidos escutam com perfeição. Por saber que ela pode ouvir bem, acha que não está prestando a devida atenção e a pune. Você não percebe que não pode prestar a devida atenção e que você precisa exercitá-la em uma habilidade que lhe falta.

As televisões e os computadores podem ser ferramentas úteis em circunstâncias apropriadas e se estiverem sob controle. Mas são como fogo — um servo útil, mas um senhor terrível. Há várias razões legítimas para duvidar do valor para crianças com menos de 10 anos, em especial as em preparação para a formação educacional clássica.

Mamãe para todas as horas

Pergunta: Procuro sugestões de como uma mãe pode dividir ou mesmo multiplicar seu tempo da melhor maneira possível entre todos os pequeninos. Meus quatro filhos têm entre 2 e 8 anos, e há outro a caminho. Dois filhos precisam do meu tempo e da minha atenção para aprender a ler e a escrever. Acho que passo menos tempo com quebra-cabeças e massinha com os dois mais novos do que passava com os dois mais velhos nesse período. Devo acrescentar que o meu mais velho tem necessidades especiais que demandam exercícios individuais duas vezes por dia. Mesmo quando leio, ou quando estamos todos juntos fazendo um projeto, parece que servimos aos interesses dos mais novos, ou dos mais velhos, mas nunca de todos. Digo a mim mesma que quando os mais velhos lerem, terão mais tempo produtivo independente.

Resposta: Provavelmente a maior parte das jovens mães conscientes se preocupa com isso vez ou outra. A mãe não precisa participar sempre das brincadeiras da criança para satisfazer a necessidade de atenção materna. De

modo geral, a presença da mãe é suficiente. Quando as crianças são pequenas, elas não fazem questão de brincar no quarto. Preferem estar na sala ou na cozinha, onde a mamãe está. Nossos filhos só precisam estar perto de nós. Precisam ouvir nossa voz e sentir nossa presença. Uma amiga minha, que tem 12 filhos, sugeriu: o que ocorre de fato não é a divisão cada vez maior do amor materno à medida em que ela tem mais filhos, e sim que, quando mais filhos chegam à família, o amor se multiplica, pois há mais pessoas para amar a cada criança. A família é composta de pai, mães e filhos. Não é só o amor da mãe que alcança a todos, mas também o do pai e o dos irmãos entre si. Uma criança em uma família de 12 filhos tem 13 pessoas que a amam — mãe, pai e 11 irmãos e irmãs.

DEZ COISAS PARA FAZER ANTES DOS 10 ANOS

1. Leitura e escrita	Programa *intensivo de método fônico,* com início aos 5 anos ou quando a criança estiver preparada. Literatura antiga — quando proficiente. *Produção de cópias* — aos 5 anos: 15 minutos por dia; por volta dos 9 anos: 30 minutos por dia. *Caderno de língua pátria,* contendo os estudos do método fônico, cópias (ou um caderno separado para as cópias).
2. Narrativa oral	Comece aos 4 ou 5 anos; prática diária.
3. Memorização	Comece já aos 2 ou 3 anos, recite de 5 a 10 minutos do alfabeto, trechos da Bíblia, catecismos, poesia, literatura. Reveja coisas já memorizadas uma vez por semana.
4. Ouvir e escutar	*Leia em voz alta* pelo menos 2 horas por dia (não tudo de uma vez) de ficção e de não ficção. *Linha do tempo* — marque o que foi lido. *Caderno de história* — registre o que foi lido.
5. Adoração em família	Estudo bíblico em família de manhã e no final do dia usando perguntas da etapa do conhecimento.
6. Artes e artesanatos	Forneça o lugar, as ferramentas, o tempo; desenvolva a criatividade elementar.
7. Viagens de campo e a	Investigue o mundo. Vá a concertos, peças de teatro, feiras de ciências e de engenharia, visite museus, mostras, áreas de trabalho. Comece a

biblioteca	aprender as primeiras noções de pesquisa em biblioteca.
8. Trabalhar e servir	Crie um cronograma para as atividades das crianças, visite asilos, desenvolva uma atitude de serviço para com os outros.
9. Disciplina	Estabeleça a obediência na primeira vez.
10. Brincar e explorar	Desenvolva a imaginação.

FIGURA 11A

Para os livros e materiais de currículos mencionados neste capítulo, e outros recursos, veja nossa lista de recursos no final do livro.

UMA SUGESTÃO DE CRONOGRAMA DIÁRIO PARA FAMÍLIAS EM QUE TODOS OS FILHOS CONTAM MENOS DE 10 ANOS

Os cronogramas servem como modelo para ajudar, não como forma de oprimir. Não seja escravo do cronograma, mas também não seja escravo da mentalidade de emergência que sempre interrompe o cronograma. O que se segue é apenas uma sugestão. Ele fornece algumas categorias com as quais poderá elaborar o seu cronograma. Às vezes, há dias tão perturbadores que você deve apenas listar as prioridades, rodar pela lista e fazer a triagem sempre que necessário.

Princípios a considerar: as crianças devem realizar boa parte das tarefas domésticas, o que deixará os pais livres para dar atenção a tarefas pessoais ou administrativas. Normalmente, “ir para cama cedo, levantar cedo” é uma boa política, embora o cronograma do pai ou outras considerações possam não permiti-lo.

5h – 6h30.	Os pais se levantam, as crianças se levantam: banho; vestir-se; primeiras tarefas da manhã.
7h.	Café da manhã. Adoração matutina em família.
8h.	Tarefas diárias (cronograma predeterminado).
8h30 – 9h30.	Encontro escolar geral: 1. Recitar o trabalho de memorização: todas as crianças podem recitar seu trabalho de memorização (incluindo o alfabeto grego e/ou hebraico). 2. Prática de leitura: Cada criança que puder lerá em voz alta um trecho de algo enquanto todos os outros ouvem (Bíblia, história, constituição, poesia etc.).

	3. Prática de narrativa: todas as crianças praticam a narrativa (se houver muitas crianças, divida a atividade — metade de manhã, metade de tarde).
9h30 – 10h15.	A mãe lê em voz alta para todas as crianças (a narrativa pode ser incluída). As crianças podem trabalhar em atividades artísticas e de artesanato enquanto a mãe lê.
10h15 – 11h30.	1. Instrução do sistema fônico para as crianças que estão aprendendo a ler e registros feitos no caderno de língua pátria. (Isso pode ser transferido para a tarde quando os bebês estão dormindo.)
	2. Trabalho de cópia, caderno de história e linha do tempo.
11h30.	Preparar o almoço. Arrumar a casa.
12h.	Almoço. Tarefas do meio-dia.
13h.	Soneca.
14h – 14h45.	A mãe lê em voz alta e termina a narrativa (as crianças podem trabalhar em atividades artísticas e de artesanato).
14h45 – 16h30.	O mesmo do período das 10h15; brincar ao ar livre; passear; trabalho voluntário uma vez por semana (asilo etc.), passeios de campo; biblioteca.
16h30 – 17h.	Preparar o jantar. Arrumar a casa.
17h.	Jantar. Atividades do fim do dia.
18h30.	Adoração em família do fim do dia.

19h – 19h45.	O pai lê em voz alta para a família.
19h45 – 20h30.	Atividades em família.
20h30 – 21h.	Preparar para dormir.
21h.	Apagar as luzes.

1 Veja *Ensinando o trivium: estilo clássico de ministrar a educação cristã em casa* – volume 1 (Brasília, DF: Monergismo, 2016).

Capítulo Doze



O segundo nível do conhecimento: dez coisas para fazer com crianças entre os 10 e os 12 anos

Aplica o coração ao ensino e os ouvidos às palavras do conhecimento.
— Provérbios 23.12

Pelo conhecimento se encherão as câmaras de toda
sorte de bens, preciosos e deleitáveis.
— Provérbios 24.4

PALAVRAS INICIAIS

Quais são nossos objetivos para a criança que se encontra no segundo nível de conhecimento? Em todo o primeiro nível (do nascimento aos 12 anos), a criança aprende coisas novas. No estágio dos 10 aos 12 anos a disciplina acadêmica se torna mais estruturada e formal, e tem início o estudo de gramática e matemática.

Considere a máxima básica do ensino doméstico: “O dia tem apenas 24 horas”. Lembre-se bem dela enquanto considera os vários assuntos possíveis que seu filho pode estudar ao longo do período. Como seria o uso mais sábio do seu tempo?

No capítulo anterior, lidamos com dez coisas a serem feitas com as crianças no primeiro nível do conhecimento, antes de chegarem aos 10 anos. O estudo acadêmico “formal” — uma pilha de livros didáticos e cadernos de exercícios — não é, necessariamente, o melhor uso do tempo com crianças menores de 10 anos. Mas, quando elas chegam a essa idade, a maioria entrará no segundo nível do conhecimento. Por volta dessa idade as crianças estarão prontas para estudos mais *formais*. Por volta dos 10 anos, a lâmpada continua acesa. O cérebro se torna fisicamente capaz de realizar conexões mais complexas, o que, entre outras coisas, permitirá a seu filho lidar com conceitos mais abstratos e o ajudará a se organizar e controlar melhor. Na segunda parte do nível do conhecimento, entre os 10 e os 12 anos, os pais se envolverão de forma mais intensa na educação do filho.

A seguir, apresentamos uma lista de dez coisas que consideramos importantes para as crianças aprenderem no segundo nível do conhecimento.

1. Culto em família

O culto regular da família não é apenas um complemento. É algo central. Aos 10 anos, seu filho pode crescer com rapidez no conhecimento das Escrituras, por meio da instrução dos pais. A criança obterá a noção geral da Bíblia e continuará a memorizar as Escrituras. O estudo de história pode ser programado para coincidir com o do Antigo Testamento. Para uma discussão posterior sobre o assunto, veja o Apêndice 1, Artigo 15: estudo bíblico familiar pelo Trivium, ou nosso livreto: *On Family Worship* [Sobre o culto em família].

2. Literatura e leitura em voz alta

Exija do seu filho, todos os dias, a leitura de algo na área da ficção clássica, poesia ou mesmo algumas histórias curtas. Claro, muitas crianças já leem bastante por conta própria por volta dessa idade. Textos antigos, como os de McGuffey, são boas fontes para esse tipo de literatura. Nós compramos os *McGuffey Readers* em 1978, e os usamos até saírem do mercado. Eu amo esses tipos de texto, e os recomendo a qualquer um. Nós os usamos como leituras iniciais, como um material para instrução em interpretação oral, como exercícios de cópia, para o estudo literário, como exemplos de textos artísticos, e para diversão. Não é necessário comprar livros didáticos iguais aos da grade escolar. Em vez de fazer isso, faça uso da biblioteca. Sugerimos que você fique longe de leituras leves (Jeanette Oake, *Hardy Boys*, *The Boxcar Children*, *American Girl* etc.). Desenvolva em seus filhos o apetite pelo "alimento" literário de verdade, e não literatura *fast-food*.

Apesar de seus filhos lerem agora por conta própria, continue a ler em voz alta para eles duas horas por dia. Isso pode ser uma das partes favoritas do ensino doméstico. Nossa lista de recursos (no final do livro) contém algumas listas de livros e fontes. Sugerimos livros como *Lorna Doone*, de Richard

Blackmore, *Thirty-Nine Steps* [39 passos], de John Buchan, *The Door in the Wall* [A porta na parede], de Marguerite De Angeli, *Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe, ou qualquer livro da série de G. A. Henty. Continue a exigir a narração oral.

Há mais de uma maneira de estudar literatura:

1. *O método do não planejado*. Surgirão períodos na vida da família em que se deverá abandonar qualquer noção de ordem clara na leitura por conta do acesso limitado a bibliotecas, complicações ou interrupções prolongadas na sua leitura diária, como mudança, doenças ou gravidez. Este pode ser o momento de escolher algo de uma boa lista de livros.
2. *O método da ordem histórica*. Combine história e literatura, enquanto estuda os períodos históricos segundo a ordem cronológica. Pode-se seguir um plano de estudo preparado de antemão, ou elaborar o próprio plano. Deve-se planejar com cuidado para combinar literatura e história, mas os benefícios do método incluem o senso geral de ordem, o reforço de material factual e o tempo economizado ao combinar assuntos (discutiremos isso mais tarde).
3. *O método de seguir um tema*. Leia livros de tipos diferentes, vindos de períodos históricos distintos, segundo um assunto de importância ou interesse particular (invenções, virtudes de caráter, cavalos...). Mais uma vez, é possível usar um plano de estudo já pronto, ou outro de autoria própria mais personalizado.

Leitura para memorização e interpretação

Continue a memorizar e recitar em voz alta algumas passagens de literatura ou poesia. A recitação de poesia, ou literatura, diante de uma audiência é chamada “interpretação oral” ou “leitura interpretativa”. Vejamos como isso funciona: o aluno escolherá um poema ou uma prosa que aprecia (p. ex., o poema *Casey at the Bat*, de Ernest Lawrence Thayer).

Ele praticará a leitura em voz alta, prestando atenção a elementos como:

— Articulação (P. ex.: “sen-sí-vel”, não “sen-sí-véu”, ou “sacos de ouro”, e não “sacus di ouro”).

— Flexão (p. ex.: para enfatizar algo, de modo geral, requer-se a flexão descendente).

— Respiração adequada.

— Qualidade da voz.

— Altura.

Quando tiver aperfeiçoado sua apresentação, ele a executará perante uma audiência. O aluno pode se gravar lendo a apresentação, para fazer as correções necessárias depois. E então, pode pedir a outras pessoas a avaliação de suas leituras. O aluno não precisa memorizar todo o material, mas deve conhecer muito bem o que será apresentado a fim de poder realizar um contato visual efetivo com a audiência. O aluno pode apresentar o texto escolhido na frente de sua família, colegas do ensino doméstico ou clube de discussões, um membro da igreja local, ou até mesmo em um ambiente mais formal, como em uma competição de oratória.

Os alunos devem tentar interpretar várias literaturas distintas:

— Poesia humorística (*Jabberwocky*, de Lewis Carrol).

— Poesia dramática (*Capitão, ó meu capitão*, de Walt Whitman).

— Poesia dotada de uma fala regional (*To a Mountain Daisy*, *On Turning It Down With a Plow*, por Robert Burns, ou *Foreign Views of the Statue*, por Fred Emerson Brooks).

— Discursos clássicos (*Speech on the Trial of a Murderer*, de Daniel Webster).

— Ensaios curtos (*Description of a Storm*, de Benjamin Disraeli, ou *A Second Trial*, de Sarah Winter Kellogg).

— Trechos de peças ou livros (*The Quarrel of Brutus e Cassius*, de William Shakespeare, ou *Father Hires a Cook from Life with Father*, pelo Clarence Day).

— Leituras de duetos (*An Encounter With an Interviewer*, de Mark Twain). É possível encontrar grande variedade de estilos distintos de literatura em uma biblioteca se pesquisar pelos números 808.8 a 900 do sistema de Dewey. Há algumas

seleções para interpretação oral, incluindo leituras para corais, na Biblioteca do Congresso Americano, começando em PN4199.

A leitura interpretativa é um método simples para facilitar a conversação e o debate entre os alunos. Ela os acostuma a ficar em pé à vista da audiência e a praticar o contato visual. As competições formais de discursos e debates incluem categorias de leitura interpretativa. Depois dessa última, o aluno pode escrever o próprio poema, ou a própria prosa, e ler em voz alta. Em seguida, o aluno pode escrever e interpretar o próprio discurso.

Nos artigos 15 e 16 do Apêndice 1, apresentamos sugestões para formar um clube de discursos e debates para alunos de ensino doméstico, além de dicas para falar bem em público e uma bibliografia para leitura interpretativa.

3. História

A história é um assunto amplo com muitas variáveis. É o registro do homem sobre suas atividades ao longo do tempo. Nenhum homem pode ter completo domínio sobre toda a história já registrada, mas todos devem entendê-la um pouco. As perguntas a formular são: quando começar, o que estudar e como estudar. Por meio da leitura, seu filho se acostumará com muitos acontecimentos e períodos da história. Diversas famílias se concentram especificamente na leitura de relatos históricos nos momentos de leitura familiar.

Aos 10 anos, seu filho deve ler relatos históricos e narrá-los para você. Biografias, autobiografias e ficção histórica são ideais para esse propósito. É possível pesquisar na biblioteca e encontrar muitos desses livros. Tenha cuidado para avaliar e criticar os livros selecionados para seu filho. Pode-se estudar história segundo a ordem cronológica, ou estudar conforme surgir o interesse por um assunto, ou os dois, dependendo dos objetivos.

O estudo cronológico da história

O estudo cronológico da história tem início nos tempos mais antigos e segue, um passo de cada vez, até os tempos modernos. Para muitos, essa é a maneira ideal de estudar história. Alguns estudam toda a história mundial em dois anos, enquanto outros prolongam o estudo por três ou quatro anos, ou até mesmo mais. Se o estudo da história não tiver começado em momento algum até aqui, então é uma opção começar quando o seu filho mais velho contar 10 anos. A mãe, com apenas um ou dois filhos, provavelmente consegue organizar o estudo cronológico de história sem grandes dificuldades. No entanto, à medida que surgirem mais filhos, em especial se ainda forem bem pequenos, o estudo de história pode perder um pouco do caráter cronológico, e pode se desviar um pouco para lidar com assuntos de interesse das crianças, pelo menos até crescerem um pouco mais. Uma linha do tempo pode servir para corrigir algumas das possíveis descontinuidades na abordagem, nos mostrarem a continuidade da história. Mapas podem contribuir para a continuidade espacial da mesma forma que linhas do tempo contribuem para a cronologia, assim pendure alguns mapas na parede e indique, no tempo e no espaço, os acontecimentos sobre os quais seus filhos estudam.

Um livro de história, como *Streams of Civilization* [Fontes da civilização], pode servir como livro didático para estruturar e guiar o estudo, de acordo com o progresso do estudo cronológico da história. Ele será apenas o esqueleto ao qual serão anexadas outras fontes de relatos históricos. Deve-se complementar o livro de história com fontes primárias de leitura, biografias, autobiografias, revistas, ficção histórica (discutiremos fontes primárias mais tarde). Pode-se manter um caderno de notas e buscar cursos de história ou outros projetos similares como auxílio adicional.

Princípios para a escolha e utilização de um livro didático de história

1. As tendências do autor e editor estarão expressas no livro de alguma maneira. Cientes disso, é possível compensar as falhas.

2. Nenhum texto histórico pode ser tratado como exaustivo. Todo texto omitirá algumas informações encontradas em outros lugares. Não confie em um único texto. Compare-o com outros para descobrir o que será preciso complementar.
3. Os textos históricos devem ser breves se quiserem cobrir muitos pontos. Quanto maior o período tratado, mais breve será o tratamento. Em acontecimentos ou períodos históricos considerados mais importantes, encontre um recurso mais completo que o livro didático.
4. Pouquíssimos livros didáticos se esforçam na aplicação de princípios bíblicos para explicar ou avaliar acontecimentos históricos. Não permita que essa ignorância — a fuga do conhecimento de Deus — interfira na sua maneira de estudar a história. Sempre avalie a história a partir da perspectiva divina.
5. O registro da história pelo homem é imperfeito e contraditório muitas vezes. Depois de avaliar as fontes, não tema concluir que não há provas suficientes para confiar no que aconteceu, como isso ocorreu ou a motivação.

O estudo de história segundo as preferências pessoais

Talvez não seja possível manter um cronograma rigoroso de estudo cronológico sem alguns desvios significativos no percurso. Muitos seguidores desse curso principal da história acreditam ser proveitoso explorar um ou mais afluentes ao longo do caminho. Assim, o estudo é interrompido por um breve período para se descobrir a história austríaca, ou a da guerra, ou a da criação e treinamento de cães.

Um dos nossos objetivos do estudo da história é dar aos filhos ferramentas para aprenderem novos conhecimentos por conta própria. A história é o terreno perfeito para descobrir essas ferramentas. Queremos que continuem estudando história, mesmo quando crescerem e tiverem seus próprios filhos. Esperamos lhes conferir a visão geral de toda a história pelo menos uma vez.

Também esperamos lhes dar ferramentas para preencher as lacunas que surgem nas linhas da história. Eles seguirão estudando por conta própria só se aprenderem a amar a história. É aqui que, após um rigoroso ensino cronológico da história, podemos interferir. Vamos a um exemplo.

Suponha que você planeje passar o primeiro ano de seu plano cronológico estudando a Grécia e Roma antigas. Agora, imagine que seus filhos desejem algo diferente. Seus meninos passam todo o tempo livre na confecção de espadas, armaduras e castelos, ou suas filhas se ocupam em costurar trajes da Guerra Civil. A história antiga pode ser um pouco aborrecida para crianças menores, interessadas na Idade Média ou na Guerra Civil. É possível redirecionar o interesse dos filhos de volta à história antiga, mas isso não costuma dar certo (vemos dar errado antes mesmo de tentarmos), então se pode optar por aproveitar a oportunidade e interromper seus próprios estudos para atender às preferências das crianças. Como regra, as pessoas aprendem melhor quando o tema é de seu interesse. Não é possível fazer isso em uma sala de aula com trinta crianças, mas nós, que ensinamos em casa, contamos com essa flexibilidade. Forçaremos a criança a estudar a história antiga por um ano inteiro, quando, na verdade, sua cabeça está repleta de cavaleiros em armaduras brilhantes? Acho que o bom professor saberá combinar disciplina e estrutura e se ajustará de forma sensível às necessidades e desejos do aluno. Retornaremos à história antiga no momento mais oportuno. Há limites para fazer isso, é claro. Não, não estudaremos a Segunda Guerra Mundial durante 12 anos seguidos, como Hans queria, mas manteremos em mente seu amor ao assunto quando planejarmos o estudo da história.

O caderno de história

Quando a criança entrar na segunda parte do nível de conhecimento, ela deve ter um caderno próprio de história. Ele pode conter:

1. Desenhos (à mão livre ou traçados) que ilustram s acontecimentos históricos dos quais ele aprendeu em romances históricos ou livros de

não ficção.

2. Textos copiados ou transcritos de natureza histórica.
3. Fotografias obtidas em viagens de campo, que remetam ao objeto de estudo nas aulas de história. Seu filho deve sublinhar as fotografias com descrições curtas de seu significado histórico.
4. A criança na segunda parte do nível de conhecimento pode elaborar projetos de história e participar de competições de história (v. artigo 13 do Apêndice 1, para uma lista de competições de história). Depois de terminar o projeto, o trabalho escrito e desenhos podem ser anexados ao caderno.
5. À medida que se delineia a descrição básica dos acontecimentos, alguns exercícios podem se referir à história contada, e a criança pode colocar isso em seu caderno (exercícios de esboço que não dizem respeito à história devem ir para o caderno de língua pátria).
6. Desenhos ou imagens de figurinos da época.

O caderno da história não servirá apenas como memorial dos estudos de seu filho, mas também o ajudará a desenvolver a criatividade e o senso de organização. O caderno será o depósito de todas as ideias sobre o estudo de história. Cada família deve decidir os próprios padrões para definir o que vai para o caderno e como ele deve ser organizado, levando em consideração a capacidade já adquirida de cada criança, para não exigir pouco, nem demais. Algumas mães podem se sentir tentadas a impor um padrão de perfeição alto demais para seus filhos, enquanto outras mães podem se dar por satisfeitas com um padrão muito baixo. Portanto, tenha cuidado com isso. A maioria das crianças não precisará do caderno como se fosse uma vitrine histórica, onde tudo está mais descrito e organizado que em uma tese de doutorado. Isso seria demais. Outro extremo seria algo desleixado, desorganizado e usado, raras vezes que pouco se assemelha a um caderno. Queremos encontrar o equilíbrio, o que melhor se adequa a nossos objetivos. Acima de tudo,

queremos promover nos nossos filhos o amor ao aprendizado da história, e queremos que o caderno alcance esse objetivo.

Mesmo que o estudo da história não ocorra segundo o método cronológico, queremos manter o caderno de história seguindo alguma ordem cronológica, usando divisores de assunto, quando necessário.

Disputas e competições de história

Ler e estudar história é uma parte muito querida do ensino doméstico da nossa casa. Durante muitos anos nossa família organizou uma Feira de História na cidade para alunos educados em casa. Cada um de nossos filhos, que contassem 10 anos ou mais, deveria elaborar um projeto de história. Ao prepará-lo, a criança aperfeiçoará as habilidades de pesquisa na biblioteca. O projeto de história pode envolver grande número de passos. Em geral, o nosso se parecia com uma feira de ciências, com painéis de exibição de três lados cobertos com imagens, cronogramas, textos, genealogias e coisas assim. A criança se vestia com o traje apropriado e exibia vários artefatos ou itens relacionados ao projeto. Depois de apresentar o projeto na Feira de História, muitas vezes o levávamos à biblioteca para outra exibição. Certo ano, as meninas fizeram um projeto sobre a história dos chapéus. Tenho parte do projeto pendurado na parede do escritório, e gosto de olhar para ele para passar o tempo. É um cartaz com fotos e descrições de todos os diferentes chapéus do século XIX.

Aprendendo a usar a biblioteca

Pergunta. Foi mencionado o estímulo para as crianças usarem a biblioteca. Estou pronto a caminhar com meu filho pelas etapas necessárias para elaboração de um relatório de pesquisa. Seria possível receber algumas dicas práticas aqui?

Resposta. A biblioteca pública local é o primeiro lugar para aprender a pesquisar. Você pode desejar estabelecer o hábito de visitá-la todas as

semanas e se acostumar com os lugares onde os diferentes tipos de livros se encontram: ficção, não ficção, biografias, revistas, jornais, livros de referência, coleções especiais, livros em áudio. Aprenda a fazer perguntas ao bibliotecário, pesquisas no computador ou usar o catálogo de cartões (os catálogos de cartões estão se tornando obsoletos) e como se valer de diferentes livros de referência. A maneira mais fácil de começar é pensar em algum assunto que seja de particular interesse da criança, como aviões, armas, cavalos, bonecos etc., e pesquisá-lo. O objetivo no início não é necessariamente escrever algo sobre o tema pesquisado no momento. Em primeiro lugar, aprende-se a pesquisar, pela simples paixão de aprender algo. Talvez a criança queira construir uma casa de pássaros e você precise encontrar um resumo sobre como fazê-la. A pesquisa da biblioteca ajudará seu filho a desenvolver a mente inquisitiva e a amar o aprendizado.

Depois de se sentir confortável ao usar a biblioteca pública local, visite a biblioteca da faculdade local. Pode-se esperar até que seu filho conte 12 ou 13 anos antes de fazer isso. As bibliotecas públicas locais são organizadas pelo sistema Decimal Dewey, mas as universitárias são organizadas seguindo o sistema da Biblioteca do Congresso. Esses dois sistemas utilizam diferentes métodos de organização dos livros, mas não são difíceis de aprender. A primeira vez que for a uma biblioteca de faculdade, é possível que se decepcione, caso pretenda fazer grande quantidade de pesquisa. A menos que a pesquisa envolva um pequeno espaço da biblioteca, é provável que isso requeira várias visitas, antes de se acostumar bem com o sistema, antes de aprender a encontrar o que procura de imediato.

Em seguida, você pode visitar a biblioteca maior de uma universidade, talvez quando seu filho tiver 15 ou 16 anos. No início, nossos filhos nos seguiam enquanto fazíamos nossa pesquisa em vários assuntos. Em seguida, eles se organizavam e seguiam atrás de alguns dos interesses deles. Hans sempre se interessou por mapas e geografia, então sempre se encontrava na sala dos mapas. As meninas eram encontradas com revistas antigas, onde

procuravam padrões antigos de crochê e tricô. Nathan passava a maior parte do tempo nas várias áreas científicas. Pelo menos uma vez por ano, cada criança fazia um projeto ou concurso de história ou ciência. No início, direcionamos as pesquisas. Mais tarde, elas faziam tudo por conta própria.

Ao pensar nos anos em que levava as cinco crianças comigo para a biblioteca, há uma coisa que permanece na minha mente — o quão irritada ficava com os menores, enquanto os mais velhos e eu tentávamos procurar algo do nosso interesse. Esse pensamento me aflige agora. Tentei de tudo na época para deixá-los ocupados. Durante alguns anos levei comigo uma cesta de roupa para colocar o bebê (acho que carrinhos de bebê não eram permitidos nas bibliotecas nessa época) e que desafio era mantê-los em silêncio, em especial na universidade, com todos os estudantes nos encarando. “Eu preciso de paciência, Senhor — agora mesmo!”. “Esta é uma boa maneira de aprender”, foi a resposta. Levei apenas 24 anos para mudar minha atitude. A pesquisa na biblioteca requer paciência e tempo.

4. Redação

Aos 10 anos, seu filho deve começar a escrever todos os dias. Na segunda parte do nível de conhecimento (entre 10 e 12 anos), isso se torna bem simples: copiar um texto escrito, escrever algo ditado, cartas escritas para parentes ou parceiros de correspondência, registros de um diário e a simples capacidade de esboçar um texto. Tudo isso acrescido ao que escrevem todos os dias com os estudos de matemática, ortografia e gramática latina. Você pode combinar seu ensino de redação com partes desses outros assuntos.

Copiar textos escritos e ditados

Aos 10 anos, o aluno deve ser proficiente em fazer cópias de textos. Alguns alunos nessa idade estarão prontos para dar o próximo passo, passar da cópia de um texto escrito para a transcrição de um ditado. Outros precisarão de um ano a mais. Você precisará determinar quando a criança fará a mudança. A transcrição requer algo mais que o simples trabalho de

copiar. Na cópia, a criança usa lápis e papel para reproduzir o que vê. Na transcrição, a criança reproduz o que ouve, não o que vê. Ela traduz os sons falados em palavras escritas, o que envolve mais etapas e o exercício maior da memória.

Diários e cartas

O próximo passo no processo de aprender a escrever são os diários e as cartas para parentes e parceiros de correspondência. Aqui, a criança combina a capacidade de copiar um texto com a da narração oral. Ela apenas colocava a ponta do lápis no papel, mas agora cria na mente o que deseja escrever no mesmo papel. Algumas crianças não têm problema com isso. Outras precisam de mais tempo para desenvolver essa habilidade. As primeiras cartas do seu aluno para a vovó e o vovô podem ser uma extensão do exercício de copiar textos. Primeiro, a mamãe pode compor a maior parte do conteúdo da carta e escrever o texto, para então a criança copiá-lo. A partir daí, você progride um passo de cada vez, até o ponto em que a criança compõe e escreve suas próprias cartas. Nós pedíamos a nossos filhos que trouxessem o rascunho das cartas. Fazíamos algumas correções, e eles as reescreveriam antes de enviá-las.

Fazer registros constantes em um diário é como escrever uma carta para si mesmo. Alguns pais corrigem os registos no diário, enquanto outros permitem que a criança os mantenha privados. Aqui está um trecho retirado de *Life, Administration and Times of John Quincy Adams, Sixth President of the United States* [Vida, administração e época de John Quincy Adams, sexto presidente dos Estados Unidos].

> John Quincy Adams recebeu a educação clássica americana em casa por sua mãe, aprendeu a ler a Bíblia e estudar poesia e literatura, francês e história até a idade de 10 anos. Aqui segue uma carta escrita por John Quincy aos 11 anos.
>
> “Mamãe honrada, papai exige que eu mantenha um diário sobre o que ocorre comigo, os assuntos que estudo e as pessoas com quem converso no dia a dia; embora esteja convencido da utilidade, importância e necessidade desse exercício, não tenho a

> paciência e perseverança requeridas para fazê-lo com tanta constância quanto deveria. Papai, que se esforça bastante para me colocar no caminho certo, também me aconselhou a guardar cópias de todas as minhas cartas, e me deu um livro em branco para esse fim; embora vá experimentar certo sofrimento, daqui a alguns anos, ao ler grande parte de minhas bobagens infantis, terei o prazer e benefício de poder observar as várias etapas pelas quais avancei na alegria, no juízo e no conhecimento. Não se pode esperar que um diário ou uma coletânea de cartas de um menino de 11 anos contenha muita ciência, literatura, artes, sabedoria ou sagacidade, mas pode servir para perpetuar muitas observações que posso fazer e, em seguida, me ajudar a me lembrar de pessoas e de coisas, que de outra forma escapariam de minha memória".
>
> — *Life, Administration and Times of John Quincy Adams, Sixth President of the United States*, por John Robert Irelan, 1887, p. 17, apresentado no jornal *Principle Approach Education.* (800-352-FACE)

A simples capacidade de esboçar um texto

A maioria das famílias precisará de ajuda para ensinar a esboçar um texto. Isso pode ser incluído no currículo de redação (nosso próximo tópico), ou você pode desejar comprar um livro sobre como fazer um esboço. Sugerimos começar a ensinar essa capacidade em torno dos 12 anos.

O uso do currículo de redação

Algumas famílias poderão ensinar a escrever usando as etapas descritas no presente capítulo. Outras famílias preferirão algo mais estruturado e desejarão usar um currículo de redação. Existem vários currículos de redação disponíveis para famílias que praticam o ensino doméstico. Os princípios para escolher um currículo de redação incluem:

1. Custo: Os currículos podem variar de vinte dólares até mais de uma centena.
2. Quanta estrutura é necessária? As variações de currículos vão desde os mais detalhados — que apontam cada passo — aos mais abertos — que apenas sugerem alguns pontos.
3. Filosofia: Alguns são seculares e podem ser comprometidos com o

politicamente correto ou com a cultura *pop*.

Um currículo baseado em Bíblia e centrado em Cristo, para todas as idades, que se enquadra nesses critérios é *Understanding Writing* [Entenda como escrever], de Susan Bradrick.

Odeia pegar no lápis

De modo geral, as meninas não têm problemas para escrever. Algumas garotas escreverão poesia e histórias curtinhas desde muito jovens. Os meninos precisam de mais ajuda e incentivo para colocar a primeira palavra no papel. Parece que alguns meninos são alérgicos a lápis. Lembro-me de uma manhã quando tentei persuadir Hans, que contava cerca de 10 anos na época, a escrever algo em um pedaço de papel. Ele estava sentado à mesa da sala de jantar, e eu estava de pé atrás dele, tentando pôr um lápis na sua mão. Houve uma briga e, por fim, coloquei o lápis em sua mão, quando ele gritou: "Não consigo respirar, não consigo respirar!". Sempre me desconcertou o fato de esse meu filho odiar escrever. Eu nunca tive esse problema, e nossas três garotas sempre pareciam considerar a redação um exercício natural e fácil.

Se você tem um escritor relutante, escreva seus pensamentos para ele mesmo, conforme os narra para você. (Ou ele pode narrar seus pensamentos para um gravador). Você quebrou a inércia quanto à escrita. Ainda haverá certa fricção, mas isso será superado à medida que as coisas progredirem. O truque é começar com algo curto e simples, e saber quando e quanto se deve subir o nível. A criança pode ser um escritor relutante devido à imaturidade ou por simples preguiça e desobediência, ou provavelmente ambos, mas de qualquer maneira, é possível superar isso cozinhando o sapo bem devagar — se entende o que queremos dizer.

Nossos filhos gostavam de fazer compras em lojas de material de escritório. Comprávamos pequenos blocos de papel colorido especial e

utensílios de escrita extravagantes para copiarem algum texto. Nós os contratamos para produzir todos os nossos cartões de apresentação. Seus cartões tinham obras de arte na capa, e um poema ou versículo da Bíblia no interior. Peça-lhes que copiem o alfabeto grego em um cartão — isso é uma maneira infalível de impressionar parentes desgostosos. Um cartão de apresentação excepcionalmente bom pode ser levado a uma copiadora a cores e vendido. (O dinheiro é um bom motivador). Os versículos bíblicos podem ser copiados em tiras finas de papel de qualidade, decorados, laminados e usados como marcadores de livros, sendo depois vendidos ou distribuídos. Várias páginas produzidas pelo exercício de copiar podem ser reunidas em um pequeno livro.

Matemática e lápis

Pergunta. Tenho um garoto de 10 anos que teve pouquíssimo ensino acadêmico formal. Ele é muito criativo por natureza, devora os livros (embora não tenha “aprendido” a ler até os 9 anos), desenha bastante, tem a mente de um inventor (como seu querido pai), pode recitar de cor tudo o que leu de um livro, é fascinado por história e odeia escrever. Ele é muito obediente, e fará qualquer coisa que eu peça, mas não gosta de matemática pela necessidade contínua de escrever. Executamos muitos cálculos mentais ao longo dos anos, e escrevo muitos problemas no quadro, e ele os resolve. Mas começamos com Saxon 54 este ano. Quando ele me vê puxar o livro, seu rosto se contorce de forma estranha! Ele completa as tarefas e encontra as respostas corretas, mas odeia tudo isso. Alguma sugestão? É para ele apenas aceitar e fazer o que é dito?

Resposta. É bom saber que nosso garoto não está sozinho — há outros meninos que odeiam escrever. Talvez alguém, em alguma universidade, realize uma pesquisa para descobrir o motivo. Pensando bem, isso apenas significaria mais impostos e mais programas governamentais — e

provavelmente nunca descobriremos o verdadeiro motivo. Esqueça que eu falei isso.

Os meninos ficam animados para pular, rolar e conversar. Talvez eles se sintam desconfortáveis por “apenas ficar segurando” o lápis, ou talvez se sintam desencorajados porque a letra deles não se parece com a dos livros, ou é possível que ficar sentado durante tudo isso esteja além da capacidade de autocontrole.

Seu filho parece ser um rapaz encantador que está disposto a agradar à mãe e ao pai no restante. Ajude-o na sua fraqueza. Um jovem de 10 anos deve escrever alguma coisa todos os dias, não importa o quão pouco, mas você pode permitir que ele faça o máximo possível de cálculos de cabeça, conforme for razoável. No próximo ano ou mais, ele estará pronto para escrever seus exercícios de matemática sem problemas. Na verdade, ele provavelmente ficaria envergonhado se você se oferecesse para fazer isso por ele. Em outras palavras, não se preocupe tanto. Ele vai crescer.

Ditado

Pergunta. Tentei ditar para minha filha de 11 anos e ela odiou a experiência. Não saber onde a pontuação deve ir a deixa frustrada. Nós nos comprometemos a seguir suas sugestões.

Resposta. A transcrição é menos exata que o exercício de copiar. Não se pode sempre ter certeza de que o que é escrito está correto. Algumas crianças são perfeccionistas e querem fazer as coisas com precisão. Não coloque muita pressão sobre a criança para ela fazer tudo perfeito. Muitas vezes temos expectativas irrealistas — em especial em relação ao primeiro filho. Às vezes, nos perguntamos como eles sobreviveram. Em vez de se esforçar para obter a perfeição já na primeira vez, busque a melhoria contínua. Eu queria que Nathaniel tivesse a caligrafia perfeita, lesse no nível do ensino médio, escrevesse com criatividade e inteligência, mantivesse conversas eloquentes com os vizinhos e desenhasse como Michelangelo, tudo com 5 anos de idade.

Acho que por isso o Senhor nos deu 5 filhos em 8 anos. Isso me amadureceu rápido. Veja, não estou dizendo que devemos ter padrões baixos, mas que devemos estabelecer padrões realistas e os elevar de maneira realista com o tempo. Em nossas viagens, vi muitas mães perfeccionistas depositando cargas irreais sobre os filhos. O perfeccionismo pode quebrar o espírito de uma criança.

Quando ditava algo para meus filhos, sentava-me ao lado deles no sofá, observando tudo o que escreviam. Se era para haver uma vírgula na sentença e eles não sabiam, então eu dizia onde ela deveria ir, e nós escrevíamos a regra respectiva no caderno deles. Se eles transcrevem a lápis o que foi ditado, seus erros podem ser apagados com facilidade. A soletração também pode ser ensinada durante o ditado. A transcrição deve ser uma sessão de ensino, e não só um teste de verificação do que sabem. Mais tarde, quando a criança for mais velha e estiver mais acostumada com a transcrição, você estará livre para retirar algumas etapas do processo.

5. Ortografia e gramática

Aos 10 anos, seu filho pode compreender os conceitos gramaticais abstratos de substantivo, verbo, particípio e gerúndio. Pode-se, então, ensinar gramática (de qualquer idioma).

Alguns começam o estudo formal da gramática na primeira série (6 anos). Recomendamos começar aos 10 anos (nível 5). É melhor deixar os conceitos abstratos da matemática e gramática formais de lado até a criança estar mais preparada para lidar com eles (você pode dar uma olhada no artigo 11 do Apêndice 1, que fala sobre história e pesquisa no ensino de matemática). Antes dos 10 anos, a memorização, a narração oral, a leitura em voz alta e as cópias construirão a base sólida do estudo da gramática formal.

Há uma diferença entre aprender um idioma e aprender gramática. As crianças começam a aprender o idioma nativo desde a mais tenra idade, e podem desenvolver a capacidade de falar em diversas línguas enquanto são

bem novas. Na verdade, este é um momento ótimo para desenvolver certa proficiência em idiomas. A gramática formal, no entanto, é o estudo estrutural do idioma, e deve ser adiado até o cérebro estar desenvolvido para lidar com ele.

Uma parte do cérebro é responsável por lidar com o idioma, e outra com a análise gramatical dessa mesma língua. A parte que lida com o idioma se desenvolve bem até os 4 anos. A criança aprende de modo intuitivo que o sujeito vem antes do verbo e o objeto direto após o verbo, mesmo que não tenha como conceber o que são sujeito, verbo e objeto direto. Ela aprende o vocabulário e o estilo sem imaginar o que é um substantivo, um verbo, uma preposição ou o que é um pentâmetro iâmbico. Ela apenas gosta da linguagem. A parte do cérebro que lida com a gramática formal é desenvolvida aos 10 anos. Se você forçar o aprendizado da gramática formal muito cedo, então disporá a informação em lugares estranhos do cérebro, e será mais difícil para o cérebro assimilar e fazer uso da informação. Em geral, 3 anos (de 10 a 12 anos) de estudos da gramática e da ortografia são suficientes. Seu filho estudará a gramática latina ou grega aos 13 anos, o que torna o estudo da gramática em grande parte supérfluo.

Dois métodos para estudar gramática e soletração

Nos três anos em que o aluno estuda gramática e ortografia, você pode usar um desses dois métodos:

1. Trabalhe com um currículo de gramática e soletração adequado à idade da criança. Este seria o melhor método a seguir, caso você seja novo no ensino doméstico, ou se você não for proficiente na gramática inglesa. *Spelling Power*, de Beverly L. Adams-Gordon e *Easy Grammar*, de Wanda C. Phillips são dois programas baratos e completos.
2. Use um livro de soletração antigo, como *Webster's Elementary Spellingbook* ou *McGuffey Speller* para ensinar gramática e ortografia

inglesa.

De qualquer forma, o aluno deve ter seu caderno de inglês.

O uso de livros antigos de soletração

Mais de um século atrás, os alunos podiam ter apenas um livro didático, *Webster's Elementary Spellingbook*. Ao usar esse pequeno livro, os alunos aprendiam leitura, soletração, ortografia, gramática, caligrafia e vocabulário. No prefácio do livro se lê:

> Este pequeno livro foi elaborado para se tornar uma pequena bússola para o sistema completo de aprendizado da linguagem; e por menor que ele pareça, pode-se considera-lo o livro de ensino mais importante, de caráter não religioso, que a juventude de nosso país está destinada a usar.

A julgar pelo número elevado de grandes escritores surgidos no século XIX, o livro deve ter sido adequado para o bom ensino desses assuntos. Com um pouco de improvisação, o livro de Webster pode ser tão útil para nós quanto foi para eles.

Se você entrar em uma livraria antiga, encontrará vários livros de ortografia velhos. O de Noah Webster foi um dos primeiros livros escritos para americanos, e sem dúvida foi o mais popular. As frases tornaram Webster tão popular. São belas obras de arte. Eis uma amostra:

> "Deus dará graça ao penitente humilde."
>
> "Examine com cuidado as Escrituras todos os dias, e seja um exemplo de boas obras."
>
> "Reverenciar o pai significa pensar nele com uma mistura de medo, respeito e carinho."
>
> "Antes de levantar-se pela manhã ou se deitar à noite, dê graças a Deus por suas misericórdias e implore que ele continue a lhe proteger."
>
> "A bebida forte leva à degradação da mente e do corpo."

Webster utilizou um método de ensino da linguagem que nunca será encontrado em qualquer livro escrito neste século. As frases são bons exemplos de escrita, e você gostará que seus filhos transcrevam nos exercícios de cópia, transcrição, diagramação e narração. O livro de McGuffey também é bom, mas suas frases não são tão bonitas quanto as de Webster.

Aqui estão algumas vantagens de estudar a língua usando este método (Quando falo "língua", incluo caligrafia, gramática, vocabulário e ortografia):

1. É barato — você precisa apenas do livro de Webster (ou de qualquer outro livro de soletração antigo, como o de McGuffey) e um manual que contenha regras de gramática e regras de ortografia (como o *English Handbook* de Bob Jones). Eles podem ser comprados uma vez e usados por todos os seus filhos.
2. Ajuda a desenvolver criatividade na criança.
3. A mãe aprende a gramática enquanto ensina as crianças.

Aqui estão algumas desvantagens do uso desse método:

1. Pode tomar mais tempo da mãe.
2. Pode ser mais difícil com o primeiro filho, se a mãe tiver se esquecido de vários pontos da gramática aprendida na escola e precisar reaprendê-la enquanto ensina o primeiro filho.

A pessoa que gosta de livros antigos, não tem medo de improvisar e inventar, tem a compreensão básica da ortografia e gramática inglesas, conta todos os dias com 20 a 30 minutos (dependendo da idade de seus filhos) para se dedicar a isso, e está interessada em economizar dinheiro seria uma boa candidata ao uso de um livro de soletração antigo no ensino da gramática e ortografia da língua inglesa. Se você está apenas começando a vida de ensino doméstico, esqueceu-se de tudo que aprendeu sobre gramática e ortografia na

escola, e se sente um pouco sobrecarregado, então, adotar um currículo já preparado de antemão, no primeiro ano ou nos dois primeiros anos, poderá servir com mais precisão. Webster não ensina soletração ou gramática. Ele apenas fornece listas de palavras, frases e parágrafos para usar quando ensinar ortografia e gramática à criança. Existem algumas regras de ortografia, pontuação e uso de letras maiúsculas nas palavras no livro.

Ninguém sabe exatamente como pais e professores usaram esses livros antigos em suas aulas diárias de leitura e ortografia. Só podemos imaginar e improvisar. Eu usei o livro de soletração de Webster para ensinar não apenas ortografia, mas também gramática, vocabulário e caligrafia. Parecem-me que ele também foi usado para ensinar leitura, embora nunca eu o tenha usado para isso. Um manual de inglês ajudará a atualizar a memória sobre as regras gramaticais e mostrará como diagramar as orações. Nosso próprio *Handy English Encoder/Decoder* lista todas as regras de ortografia e fonética que conseguimos encontrar no mundo — para o inglês. Isso pode ajudá-lo a encontrar a regra que se aplica às palavras ortográficas que estão sendo estudadas.

Caderno de língua inglesa

Eis algumas ideias sobre como desenvolver um caderno de inglês. Um fichário de três anéis repleto de folhas de papel e divisórias funciona bem. Se você já começou a usar esse caderno na primeira parte do nível de conhecimento, então já possui uma seção sobre as regras da fonética. Você também pode incluir o que os alunos terão que copiar. O nosso continha as seguintes divisórias:

1. Transcrições de palavras: regras ortográficas, divisão de cada palavra em sílabas.
2. Transcrições de sentenças: frases e a diagramação de cada frase.

3. Regras de soletração: regras aplicáveis ao objeto de estudo, de acordo com o *Handy English Encoder/Decoder*.
4. Transcrições de parágrafo: parágrafos de Webster, sem diagramação.
5. Regras de gramática: regras aplicáveis ao objeto de estudo, de acordo com o *English Handbook* de Bob Jones.
6. Regras de pontuação e de colocação das letras maiúsculas.
7. Estudos do vocabulário.

Cada criança produziu o próprio manual com todas as coisas que precisava saber sobre a língua inglesa.

Uso do livro de soletração de Webster

O *Elementary Spellingbook* de Webster começa com duas seções intituladas “Análise dos sons na língua inglesa” e “A chave para a soletração”. A análise de Webster sobre os sons das consoantes é bastante fácil de entender e é semelhante a programas fonéticos como o *Alpha Phonics* ou *The Writing Road to Reading*. Embora suas descrições dos sons das vogais possam ter sido claras para as pessoas no século XIX, são confusas para aqueles que estão acostumados com programas fonéticos do século XX. Webster diferencia sete sons para a letra “A”, cinco sons para “E”, quatro sons para “I”, oito sons para “O” e quatro sons para “U.” Programas fonéticos do século XX simplificam esse ponto a apenas dois ou três sons para cada vogal. Muitos programas modernos diferenciam desta maneira:

Três sons para “A”: *fat, fate, father*.

Dois sons para “E”: *wet, we*.

Dois sons para “I”: *fin, find*.

Três sons para “O”: *tot, tote, too*.

Três sons para “U”: *putt, repute, put*.

Nas páginas 15 e 16, Webster mostra ao aluno como escrever as letras do alfabeto em quatro formas diferentes. Uma seção do caderno da criança pode ser rotulada “A forma das letras”.

Eu comecei na página 20 (Lição 12), ditando à criança as primeiras dez palavras. As palavras estão organizadas em famílias (cab, dab, nab etc.). Não estamos ensinando a leitura (decodificação), apenas a soletração (codificação). À medida que dito as palavras, explico à criança por que elas são escritas dessa maneira. A criança pode adicionar essas regras de soletração ao caderno. Você encontrará uma ajuda com essas regras na parte de trás do livro de Webster, do seu manual em inglês, ou do *Encoder/Decoder*. Continuei ditando dez palavras por dia até usar todas palavras com poucas vogais e de sílaba única do livro de Webster.

À medida que a criança escreve essas dez palavras ditadas pelo professor, mostre-lhe a forma adequada de escrever as letras em letra cursiva. Algumas crianças precisam de mais instruções nesta área, enquanto outras, a partir das instruções anteriores, estão completamente familiarizadas com o estilo. Deixe claro para a criança o seguinte: se ela não escrever bem no caderno, você pode fazê-la reescrever.

Depois de ditar as dez palavras, eu ditava uma frase para a criança (acho que isso faz de mim uma ditadora). No começo, eu apenas inventava as frases, já que Webster não possui frases simples com apenas um sujeito e um verbo. Eu usava as frases ditadas para ensinar a gramática inglesa. Aqui o manual de inglês se mostra útil. A primeira frase que eu ditava era algo simples, como “Mary correu”.

Neste ponto, começava a ensinar o que é um substantivo, e o que é sujeito e predicado. Eu também introduzia algumas regras sobre letras maiúsculas e pontuação nesta parte do ensino (p. 168-9 do livro de Webster). Na seção de gramática do seu caderno, uma página pode ser dedicada para cada parte do discurso: No início, a única coisa que a criança tem em sua página sobre o “substantivo” é a definição: um nome que designa uma pessoa, lugar, coisa,

qualidade ou ideia (Ou talvez: “um substantivo é o nome de qualquer coisa a que tenha sido dado um nome”). A criança adiciona mais informações sobre substantivos enquanto é ensinada. O mesmo acontece com as outras partes do discurso, como na sua página para “verbo”.

Em seguida, mostra-se à criança como diagramar a frase, “Mary correu”.

DIAGRAMAÇÃO DA SENTENÇA

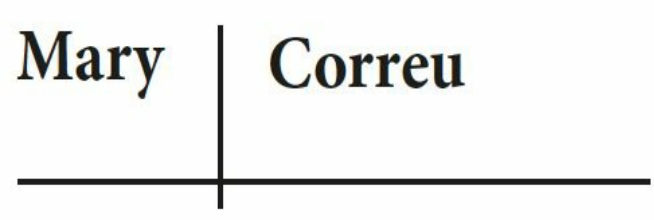


FIGURA 12A

Com três frases ditadas por dia, a criança diagrama as três. Depois de alguns dias de orações simples, de sujeito e verbo, mostro as frases mais difíceis do livro de Webster. Eu não passava para o próximo conceito até a criança ter dominado o atual.

Então, apresentava palavras com mais vogais (Lições 17 a 20 e Lição 33) quando a criança estava pronta. O mesmo ocorria com palavras de duas sílabas. No momento apropriado, apresentava as regras de soletração de Webster nas páginas 159 a 164 e ditava as palavras dessas páginas (ou complementava com as minhas).

Nas páginas 139 a 146, Webster inclui parágrafos para serem ditados. Nas páginas 146 a 155, ele lista palavras soletradas e palavras pronunciadas de forma parecida (com suas definições e muitas frases). Na página 165, ele lista números romanos. Nas páginas 166 e 167, lista palavras e frases de línguas estrangeiras. Nas páginas 167 e 168, abreviaturas.

O *Elementary Spellingbook* [Livro de soletração elementar] de Noah Webster funciona como um texto básico, e pode ser complementado com um manual e outras fontes. À medida que seu filho aprende soletração,

gramática, caligrafia e vocabulário, ele escreverá no próprio caderno. Isso elimina a necessidade de comprar uma infinidade de cadernos para cada um desses assuntos e para cada nível de escolaridade. Você estará lá para assistir e orientá-lo enquanto cresce em conhecimento e compreensão, e provavelmente recordará algumas coisas esquecidas ao longo do caminho.

Por que diagramar a sentença?

A diagramação de sentenças é apenas um método para ensinar gramática. Existem outras formas. No tempo de Laura Ingalls Wilder, eles "analisavam" as frases. O livro *Easy Grammar* [Gramática fácil] instigava o aluno a classificar e sublinhar, de diferentes maneiras, as palavras nas frases. Gosto de diagramar por ser muito organizada e precisa, como isso esclarece a lógica da gramática das sentenças. Duas fontes para a diagramação são *Diagramming: The Key to Understanding Grammar* [Diagramação: a fonte para entender a gramática], de Ellen Hajek, e *The Complete Book of Diagrams* [O livro completo dos diagramas], de Mary Daly.

6. Latim e grego

O Capítulo 5 diz respeito ao aprendizado de idiomas, e se você não o leu, sugerimos que é hora de fazê-lo. A discussão abaixo, de forma abreviada, lidará com alguns dos conteúdos desse mesmo capítulo, adicionando algumas coisas práticas aqui ou ali.

Você pode apresentar os alfabetos a seus filhos em idade precoce, mas se não o fez na segunda parte do nível de conhecimento, sugerimos que está passando do tempo de fazê-lo. O alfabeto grego pode ser aprendido junto com o inglês. Quando a criança se tornar habilidosa para escrever o alfabeto grego, então os exercícios de cópia podem incluir passagens do Novo Testamento em grego. A gramática latina pode começar aos 10 ou 11 anos (usando o livro *Arts Latinae* de Waldo Sweet), e a gramática grega pode começar aos 13 ou 14 anos. Recomendamos que você estude o latim e o

grego, mas as circunstâncias de sua família podem sugerir razões para preferir outros idiomas.

Latim e grego para crianças

Estudos que avaliam o valor do aprendizado de línguas estrangeiras em idade precoce demonstram que quem aprendeu uma língua estrangeira antes dos 10 anos usa para pensar no próprio idioma a mesma parte do cérebro utilizada para pensar naquela língua. Quem aprendeu a segunda língua depois dos 10 anos de idade usa uma parte totalmente separada do cérebro para processar o idioma. Parece muito melhor e mais fácil aprender línguas estrangeiras antes dos 10 anos. Bem, esses testes apenas confirmam o que já sabemos por intuição: a melhor maneira de aprender qualquer língua estrangeira é aprender na infância como idioma de conversação. Isso treina o ouvido e a língua. A leitura e a redação do idioma serão mais fáceis, pois o aluno já está acostumado com os sons. E a gramática, aprendida mais tarde, se estabelece em uma parte separada do cérebro, e será muito mais fácil, porque o aluno já possui conhecimento prático do idioma. Isso se aplica a qualquer língua, não só às clássicas. Assim, seria melhor aprender latim ou grego como um idioma de conversação, como a língua pátria. Infelizmente, a maioria das famílias não tem conhecimentos de latim e grego. Devemos aguardar uma geração ou duas, ensinadas em casa, antes de ocorrer o aprendizado infantil de um novo idioma.

O próximo nível de aprender latim ou grego como um idioma conversacional seria aprender o latim como idioma apenas escrito, bem como a própria língua. Nosso alfabeto é o latino, com algumas modificações. Então, quando ensinamos a uma criança a ler e escrever, também a preparamos, de certa maneira, para ler e escrever latim. Seria proveitoso ler e escrever em latim desde a idade mais precoce possível — aliado ao aprendizado da leitura e redação do próprio idioma. Claro, devemos aprender a fonética latina, mas isso não é difícil para os jovens. (É mais difícil para

nós, pessoas mais velhas.) Não me refiro ao aprendizado da gramática formal do latim com intensidade maior que da gramática formal de nossa língua. Na idade precoce, a criança deve se acostumar com a boa literatura nacional. Deveria ocorrer o mesmo no caso do latim. Como os pais provavelmente não conhecem tão bem o latim, seria melhor começar com expressões latinas clássicas, ou com passagens bíblicas em latim. Acho que isso seria mais proveitoso que apenas memorizar os paradigmas do latim sem conexão alguma com o idioma. A criança de fato não entende gramática formal, e não pode usar os paradigmas. Mas pode usar as expressões e as passagens da Bíblia com algum entendimento, e quando chegar a hora dos paradigmas, já terá desenvolvido um conhecimento significativo do idioma que tornará os paradigmas mais compreensíveis e digeríveis (Nossa lista de recursos fornece informações sobre alguns catecismos disponíveis em latim).

Embora o alfabeto latino e o nosso sejam derivados do grego, há, no entanto, uma grande diferença no sistema ortográfico, e uma ainda maior na fonética. Se desejar, você poderá começar a ensinar o alfabeto grego — os nomes das letras e sons — assim que começar a alfabetização em nosso idioma. No entanto, você provavelmente desejará esperar até seu filho chegar aos 10 anos para tratar de todo o sistema fonético — a classificação dos sons e a combinação das letras. Depois disso, ler passagens bíblicas em uma versão bíblica interlinear servirá como boa prática na preparação para a gramática grega.

Sugestões para o estudo do grego

Eis algumas sugestões para estudar o alfabeto grego: para a criança de 8 anos, concentre-se em uma ou mais letras por semana, a depender do desempenho. Depois de completar o alfabeto, comece de novo. Seu objetivo é acostumar a criança com o alfabeto grego. Escreva as letras. Pratique ao proferir os sons (você pode usar um arquivo de som e/ou os *flashcards*), faça cartazes com o alfabeto, crie cartões e decore as bordas deles com letras

gregas (isso impressionará os avós), faça seus *flashcards*, compare os sons das letras gregas com os sons correspondentes em nosso idioma (“Alfa” e “A”, “Beta” e “B” etc. Algumas letras em grego não possuem correspondência em inglês), componha uma canção simples para o alfabeto (alguns cantam segundo a melodia de *Erga-se o estandarte*. Mas também são usadas outras canções). Faça sua própria gravação dos sons. Execute o jogo de “concentração”, ou algum outro, com o alfabeto grego. (Alguns desses jogos estão em nosso livro). Realize uma dessas atividades todos os dias. Prepare um caderno de língua grega para realizar os exercícios de cópia do seu aluno. O caderno será uma nova edição, nas próprias palavras do aluno, do nosso livro *A Greek Alphabetarion* [O alfabetário grego].

Depois que o aluno conhecer bem o alfabeto (sons e símbolos), então pratique a leitura do grego (há alguns exercícios no nosso livro). Como ele ainda não estudou gramática grega, apenas lerá em grego no momento, sem traduzi-lo. É claro que, no momento em que estiver proficiente em ler grego, começará a ter domínio de algum vocabulário, em especial se praticar a leitura de uma versão bíblica interlinear (Na versão interlinear, cada linha do texto grego mostra a tradução logo abaixo). Um bom exercício seria memorizar passagens do Novo Testamento grego já memorizadas na língua materna.

Tão logo o aluno se torne proficiente na pronúncia do idioma grego — isto é, em reconhecer as letras e os sons para poder pronunciar cada palavra com fluência, então deve começar o estudo da gramática grega. Se o aluno não dominar o alfabeto antes de começar a gramática, será mais difícil.

Recomendamos deixar para mais tarde o estudo da gramática grega formal (da latina ou a de qualquer idioma) até os 10 anos. Nosso programa para o aprendizado de grego (*Homeschool Greek*) é indicado para crianças de 13 anos ou mais.

Início do estudo formal de grego e latim

O ensino da gramática latina formal pode começar assim que a criança puder reconhecer com facilidade a distinção gramatical entre substantivo, verbo, particípio e gerúndio. Isso acontece entre os 9 e 11 anos. Recomendamos que o aluno mantenha um caderno de latim para a gramática que aprender. Isso o obriga a repassar o material aprendido e a categorizá-lo.

Como a estrutura do latim é muito semelhante à do grego, alguns anos de gramática latina podem servir como preparação para a grega. Recomendamos esperar até os 13 anos antes de começar a gramática formal grega. Se você começar a ensinar latim aos 13 anos ou mais, então poderia ensinar latim e grego ao mesmo tempo. O aluno não ficará confuso. No entanto, o professor pode se confundir e o peso de dois idiomas pode ser demais para um dos pais. Assim, o pai pode ensinar grego, e a mãe latim.

O menino de 10 anos pode utilizar 15 quinze minutos por dia com latim, ao passo que um de 12 anos poderia aumentar o tempo para 30 minutos diários. Enquanto estuda latim, seu filho deve continuar a rever com regularidade o alfabeto e a soletração gregos — e praticar a última com alguma leitura bilíngue.

Todas as línguas estrangeiras precisam ser estudadas com regularidade — pelo menos quatro vezes por semana, mas todos os dias é melhor. Não exclua o verão, a menos que seja preciso. Se parar por algum tempo, então será normal a criança se sentir perdida e precisar de uma revisão extensa. Tal é a natureza do estudo de idiomas: se não fizer uso, a tendência é esquecer. O estudo constante — o avanço em ritmo equilibrado — é o que almejamos. O estudo de idiomas desenvolve a mente, como a matemática. Não criaremos novos doutores em latim, mas produziremos estudantes que aprenderam a pensar em outras categorias e estão mais preparados para estudar, mesmo em seu idioma.

Criar e manter um caderno de grego ou latim

Não importa o idioma estudado, ou o currículo usado, você deve ter um caderno próprio de idiomas. Compre um caderno de três aros de tamanho médio e preencha-o com papel e divisórias. Cada aluno terá o seu. Se mamãe ou papai aprenderem junto com as crianças, também precisarão de um. Ele será o caderno de latim (grego ou francês) da criança. Se o aluno estudar duas línguas, então deve ter dois cadernos. Para simplificar as coisas, limitaremos nossos exemplos a um caderno de latim. Os mesmos princípios se aplicam aos demais idiomas.

O caderno será dividido em seções. Eis algumas sugestões sobre como rotular as divisórias (a lista foi modificada a partir do exemplo dado no Capítulo 5).

1. Alfabeto e soletração;
2. Termos e definições técnicas;
3. Substantivos (subdivida a seção nas cinco declinações latinas);
4. Adjetivos (subdivida a seção nas duas declinações latinas);
5. Verbos (subdivida a seção nas cinco conjugações latinas);
6. Pronomes;
7. Palavras diversas (subdivida a seção à medida que mais gramática for aprendida);
8. Exercícios de memorização;
9. Exercícios de tradução;
10. Resultados de testes.

Você pode desenvolver melhores divisões para seu caderno à medida que avançar, mas as sugestões devem ajudar no início. Quando aprender mais, você pode querer reescrever partes ou seções e reorganizar o material em uma ordem melhor. O processo de reescrever o caderno tem a vantagem adicional

de forçar a repensar o latim de forma ordenada. Se você for como nós, então aprenderá mais sobre o latim enquanto escreve e organiza seu caderno.

Por exemplo, façamos de conta que apenas iniciamos o estudo do latim. À medida que aprendemos as primeiras palavras do vocabulário latino — provavelmente substantivos — precisaremos inseri-las no caderno. Usaremos lápis, porque talvez precisaremos apagar alguma coisa mais tarde. Começamos pelo primeiro substantivo aprendido na primeira linha da seção "substantivo" do caderno. Os substantivos são divididos em cinco grupos principais, chamados declinações, e cada substantivo pode ter uma dúzia de flexões diferentes (formas) para demonstrar caso e número, mas o texto gramatical pode não nos fornecer todas essas informações a princípio. Dada a necessidade de deixar espaço para adicionar informações mais tarde, reservamos apenas uma página para o "substantivo" no caderno. Mais tarde, podemos conseguir mais espaço para inserir o segundo substantivo na metade da página. Escrevemos o substantivo com seu significado. À medida que aprendemos as flexões para o caso e o número de cada substantivo, escrevemos nessa página do caderno. Depois de aprendidas as diferentes declinações, podemos classificar as páginas de "substantivo" de acordo com a declinação. Eis o exemplo de um paradigma de substantivo.

EXEMPLO DE PARADIGMA DE UM SUBSTANTIVO LATINO

	Número	
Caso	**Singular**	**Plural**
Nominativo	aqua	aquae
Acusativo	aquam	aquās
Ablativo	aquā	aquīs
Dativo	aquae	aquīs

Genitivo	aquae	aquarum

Figura 12B

Os verbos são inseridos na seção “verbo” do caderno. Existem cinco grupos principais de verbos, chamados conjugações, e cada verbo tem uma infinidade de flexões que refletem diferentes tempos, vozes, emoções, pessoas e números. Em outras palavras, se conjugarmos cada verbo de forma completa, então teremos muito mais espaço reservado a cada verbo que para os substantivos. Podemos reservar várias páginas para cada verbo e escrever essas páginas mais de uma vez. Depois de algum tempo, podemos abreviar um pouco nossos registros, mas, no início, escreveremos as conjugações verbais (também todas as declinações substantivas) na íntegra. Aqui está o exemplo de uma conjugação verbal.

Exemplo de conjugação verbal em latim

	Número	
Pessoa	**Singular**	**Plural**
Eu	amō	amāmus
Tu	amās	amātis
Ele/ela	amat	amant

Figura 12C

Os adjetivos são semelhantes aos substantivos, pois são divididos em declinações. Mas são diferentes no sentido em que têm a dimensão adicional de três gêneros. Podemos dispor dois adjetivos em cada página. Mais tarde, classificaremos as páginas de acordo com a declinação. Eis o exemplo de um paradigma de adjetivo. (São adjetivos de primeira/segunda declinação.)

Exemplo de paradigma de adjetivos em latim

	Masculino	**Feminino**	**Neutro**

	Singular	*Plural*	*Singular*	*Plural*	*Singular*	*Plural*
Nominativo	cautus	cautī	cauta	cautae	cautum	cauta
Acusativo	cautum	cautōs	cautam	cautās	cautum	cauta
Ablativo	cautō	cautīs	cautā	cautīs	cautō	cautīs
Dativo	cautō	cautīs	cautae	cautīs	cautō	cautīs
Genitivo	cautī	cautōrum	cautae	cautārum	cautī	cautōrum

Figura 12D

Informe ao aluno no início do estudo o desejo de que todas as inserções no caderno devem ser feitas de maneira elegante, ordenada e sistemática. O estudo da língua será simplificado porque tudo estará em um só lugar — testes, exercícios de tradução, vocabulário etc. Além disso, cuidar do caderno ensina o aluno a ser elegante, organizado e sistemático.

7. Lógica inicial

Aos 10 anos, as crianças se encontram na segunda parte do nível do conhecimento, e os exercícios de lógica que são capazes de resolver se encontram no nível elementar. Um curso formal de lógica estaria além de seu desenvolvimento. Há uma série de exercícios úteis de “lógica inicial”.

Building Thinking Skills [Elaboração de habilidades de montagem] (livros e *software* que estimulam o pensamento crítico) é uma excelente série de livros de exercícios para desenvolver essas habilidades de lógica inicial e preparar as crianças para o curso mais formal, quando tiverem 13 anos. A divisão mais comum desses livros é a seguinte:

Para crianças de 10 anos: *Building Thinking Skills, Book 2* [Livro 2].

Para as de 11 anos: *Building Thinking Skills, Book 3* [Livro 3] *Figural*.

Para as de 12 anos: *Building Thinking Skills, Book 3* [Livro 3] *Verbal*.

Seu filho pode estar adiantado ou atrasado em relação a essa etapa. Se você começar pelo Livro 2, mas seu filho ainda enfrentar dificuldades, então pode ser uma boa ideia deixá-lo de lado e tentar de novo alguns meses depois. Então, se o seu filho achar essa etapa mais fácil que passar uma faca na manteiga, talvez isso consista em um estímulo para ele ir direto para o final do livro, ou até mesmo passar para o próximo. Os livros de exercícios são opcionais, e não absolutamente necessários para o estudo de lógica formal e informal, mas são agradáveis e ajudarão a elaborar o pensamento lógico e a tornar a transição para o estudo formal algo mais suave e simples. Há um livro inicial indicado para crianças de 9 anos, mas consideramos essa etapa precoce demais e mesmo desnecessária. Se você tiver tempo ou recursos para se valer de apenas um livro da série, então recomendamos *Building Thinking Skills, Book 3 Verbal*, o indicado para crianças de 12 anos.

8. Aritmética

Início do estudo de aritmética (matemática) aos 10 anos

Um menino de 10 anos é com perfeição capaz de começar pelo livro-texto da sexta série, como o *Saxon 65*, sem experiência prévia com livros de matemática ou didáticos. Pular do jardim de infância à quinta série no estudo da matemática não atrapalhará de forma alguma o sucesso do seu filho na área. Não é preciso desgastar o interesse do seu filho, e sua própria paciência, tentando fazê-lo entender algo que seu cérebro ainda não está preparado para compreender. Esperar até os 10 anos, quando seu filho estiver crescido o suficiente para entender de imediato os conceitos matemáticos, facilitará o ensino de aritmética. O que foi distribuído com dores por cinco anos inteiros, pode ser comprimido em apenas um mês, sem prejuízo algum.

Não estamos dizendo que se deve manter a criança longe dos números antes de ela chegar aos 10 anos. De modo algum. Aos 4 anos, a maioria das crianças já descobriu a existência do dinheiro, e não será possível esconder os

números delas depois disso. As crianças se deparam com números o tempo todo. Se você estimular o aprendizado, elas farão muitas perguntas, e você terá muitas oportunidades para a instrução *informal* a respeito de números e medidas. Mas não encorajamos a *instrução formal com um caderno de exercícios* antes que ela alcance os 10 anos, a menos que a criança demonstre possuir interesse genuíno e verdadeira competência para lidar com essa tarefa.

Antes dos 10 anos de idade, a criança adquire grande parte das habilidades verbais da linguagem, e seu tempo será mais bem empregado ao desenvolver seu vocabulário — ou seja, o indicativo primário de inteligência. Lembre-se da máxima de que *um dia possui apenas 24 horas*. O tempo pode ser mais bem empregado caso você leia em voz alta para seus filhos, em lugar de lutar com conceitos matemáticos que eles não estão preparados ainda para apreender.

Nossa pesquisa sobre matemática informal e inicial

Muitas vezes nos perguntaram sobre nossa sugestão do ensino apenas "informal" de matemática antes dos 10 anos. Isso parece muito incomum para muitas pessoas. Queremos muito saber se há alguma pesquisa ou evidência histórica contrária a isso. Tudo o que encontramos a respeito da questão confirma essa visão, que é o senso comum. Sempre recebemos comentários positivos e entusiasmados de famílias que seguiram essas sugestões — embora muitas tenham ficado apreensivas no início. Entretanto, de forma geral, se uma família não é cuidadosa e não sabe como lidar com a matéria, não podemos ser culpados por seus problemas com a matemática. Recomendamos que não haja tibieza no ensino. O ensino tíbio é ineficiente.

O que recomendamos para a matemática (e gramática também)

O que nós, e outras pessoas, recomendamos para o aprendizado de matemática é em sentido básico o que foi praticado com sucesso excepcional até o século XX, quando o que chamamos de matemática formal para

crianças com menos de 10 anos foi introduzido no mundo. A falha da nossa cultura em aprender matemática coincide com a inserção prematura dos novos cadernos de exercícios de matemática no ensino formal. Nosso argumento afirma que o problema consiste no método. Acreditamos no aprendizado da matemática antes dos 10 anos de idade. Mas acreditamos nas evidências contrárias à introdução de *cadernos de matemática* antes dessa idade. Os sinais de desenvolvimento parecem muito favoráveis à nossa visão. O mesmo se aplica à gramática — não à linguagem, mas à gramática formal. É melhor aprender a falar, ler e escrever um idioma antes dos 10 anos. Mas a gramática — a identificação de gerúndios e particípios — deve ser deixada de lado até que a criança tenha quase 10 anos de idade.

A analogia da pasta de arquivos

Matemática e gramática podem ser "aprendidas" — às vezes, muito bem "aprendidas" — antes dos 10 anos de idade, mas não é o tipo de aprendizado que almejamos. Podemos comparar isso com a disposição de arquivos na pasta errada — teremos dificuldade para encontrar as informações necessárias e usá-las. Aos 10 anos, a informação é literalmente armazenada em uma parte do cérebro distinta da utilizada antes dessa idade. Aprender a matemática de forma abstrata com um caderno de exercícios antes que se tenha pelo menos 10 anos faz com que o cérebro se organize de forma diferente. Se a criança se torna dependente da "pasta de matemática inicial" e não elabora uma nova para a matemática posterior, dará com os burros n'água quando tiver de aprender álgebra. (Gostamos de misturar nossas metáforas.) Agora, se ela aprender a matemática abstrata antes dos 10 anos, desenvolverá a segunda memória matemática após essa idade (e, espero, não terá um problema de indexação cruzada), ou então começará a falhar ao aprender a matemática mais complexa. Se aprender a matemática em termos concretos — não abstratos — antes dos 10 anos de idade, e começar a aprender matemática abstrata quando chegar a esses 10 anos, então o cérebro se desenvolverá da forma correta, as conexões acertadas serão estabelecidas,

e — presumindo o desenvolvimento normal em outras áreas — avançará no campo da matemática em ritmo regular, sem dificuldades incomuns. O mesmo é verdadeiro em relação à gramática.

A analogia do computador

Ou, em termos extraídos da informática, alguns processadores de texto podem lidar com cálculos simples. Podemos digitar os dados, e ele trabalhará com os números mais simples. Mas se quisermos fazer cálculos mais elaborados, devemos baixar um programa mais complexo no disco rígido. Até os 10 anos, as crianças só possuem os processadores de texto mencionados. Quando chegam à primeira década de vida, um programa de cálculo mais complexo começa a surgir no disco rígido. Se inserirmos todas as nossas informações matemáticas no processador de texto, é provável que, quando a criança mudar para o programa de planilhas, os dados não sejam compatíveis. Serão muitos os erros de formatação. Bem, haverá a necessidade de reintroduzir os dados. Por que não fazer algo mais produtivo até o programa para cálculos complexos ser baixado?

Uso melhor do tempo

Estamos convencidos de que o tempo gasto no estudo da matemática — para o qual a criança ainda não está preparada por completo, no desenvolvimento normal — pode ser mais bem empregado com o desenvolvimento de habilidades verbais — para o que a criança é quase uma esponja, mesmo em terna idade. Trate os números de forma concreta e verbal até a idade de 10 anos. Use objetos reais quando puder e, quando não for possível, use palavras e nomes para objetos reais. Nossa cultura está repleta de números e medidas que deixamos passar sem perceber. Ensine os nomes dos valores numéricos com a ajuda de peças de dominó. Ensine a contar com cartões ou com o jogo Rummikub. Ensine adição com damas ou xadrez. Ensine potências de base dez e a posição dos algarismos no número com dinheiro ou barras de Cuisenaire, ou outros programas de matemática. Ensine

sistemas de medição com fita métrica, copos de medição, balanças de peso, odômetro. Ensine as frações com tortas e bolos. Ensine a calcular a área de um lugar com jardins e a organização da sala. Uma mãe com dificuldades em relação à matemática nos informou que seu filho escreveu no questionário da escola dominical que matemática era sua matéria favorita. Como eles não estudavam matemática, ela ficou bastante surpresa e perplexa. Quando perguntou ao filho por que ele escreveu isso, recebeu a seguinte resposta. “O que a senhora quer dizer, mamãe? Falamos sobre números o tempo todo”. Quando se sentou com o filho e analisou um programa de ensino de matemática, descobriu que ele já sabia de tudo aquilo. Isso pode ser um pouco mais intuitivo e menos estruturado que nossa concepção, mas demonstra bem como essas coisas são ensinadas como parte do cotidiano.

Muito mais poderia ser dito sobre este assunto. Basta afirmar que a instrução formal em matemática antes dos 10 anos é um fenômeno histórico muito recente. Como todos os problemas surgidos na instrução da matemática. Isso incentivou a invenção dos currículos mais “informais” — o que defendemos (V. artigo 11 do Apêndice 1, história e pesquisa no ensino da matemática).

O conceito do século xviii a respeito da matemática

Eis um trecho tirado de *Drums* [Tambores], um romance histórico de James Boyd (publicado em 1925). Ele demonstrará a disposição geral para com a matemática entre os classistas do período colonial. A época retratada aqui está localizada 5 anos antes da Guerra pela Independência dos EUA (1775-1783). O local é a Carolina do Norte. Johnny, de 13 anos de idade, foi enviado de casa para a cidade mais próxima, com o propósito de ser atendido pelo dr. Clapton, um pastor da Igreja da Inglaterra. Ele foi educado em casa até esse ponto. Na passagem, dr. Clapton determina onde Johnny se encontra no mundo acadêmico:

— Agora — disse ele — pegue seus livros escolares e veremos. — No final daquela manhã dr. Clapton viu o seguinte: Johnny escrevia com a mão firme e soletrava bem, lia de forma aceitável as passagens mais fáceis dos *Comentários de César*, mas sem pretensões de elegância; e seus esforços para escrever em latim eram em geral deploráveis. No campo da ciência, conseguia somar, subtrair, dividir e multiplicar sem erro, se recebesse tempo suficiente para fazê-lo, mas quanto menos frações houvesse, melhor. — Você deve aprender a calcular, Johnny. É lamentável que os filhos de certos cavalheiros empreguem o tempo nos ramos comerciais; eu nunca apoiaria o estado intelectual de um jovem que não compreendesse bem as frações e casas decimais, a não ser que, é claro, que entrasse na Marinha Real, e considero que a matemática deve ser deixada o mais longe possível de quem ocupa as fileiras inferiores. No entanto, com os funcionários e mordomos de hoje, um cavalheiro deve conhecer bem as frações se quiser cuidar de seus assuntos.

— Sim, senhor. Meu pai disse que devo estudar as frações.

— Sem dúvida. Normalmente, os pais de nossa província exigem algum conhecimento de cálculo. — Seus olhos vagaram pelo local. — Penso — murmurou — que o ensino de cálculo é uma das desvantagens inevitáveis de um novo país. Sim... quanto aos exercícios em latim, isso é ainda mais grave. Quando era um estudante em Eton, o pior erudito com a sua idade lia cinquenta linhas de texto por dia sem errar uma única vez.

Isso não foi citado para desestimular o estudo de matemática, apenas para demonstrar o equívoco dos defensores da instrução formal de aritmética e matemática o mais cedo possível.

Matemática antes dos 10 anos

Antes dos 10 anos, nossos filhos estudavam informática de modo informal. Nós ensinamos a eles a contar e a escrever os números. No momento em que fizeram 10 anos, aprenderam a somar e subtrair, e memorizaram muitos conhecimentos matemáticos sem nenhuma instrução formal.

O estilo de vida da família comum que pratica o ensino doméstico vem com um pacote completo de exercícios informais de aritmética. Eis alguns exemplos de como as crianças aprendem matemática de maneira informal:

1. Pôr a mesa de jantar (quantas pessoas virão?), cozinhar (quantas vezes devo adicionar isso à receita?) e tarefas semelhantes (quantas colheres são necessárias para preencher a vasilha do cachorro?).
2. Ajudar o pai com as tarefas de casa. Isso em geral envolve sistemas de medidas e frações: metros, centímetros.
3. Ajudar a mãe com as tarefas de casa. Isso ensina as frações e sistemas de medição por meio da culinária: colheres de chá e colheres de sopa, gotas e litros. Ensine a medir a área valendo-se da jardinagem.
4. Brincar com Rummikub, xadrez, damas, cartas, dominó, macacos, palitos e amarelinha. Em todos esses jogos, as crianças devem contar e manter a pontuação.
5. Frequentar lojas e restaurantes (potências de base dez, o valor do algarismo dentro de um número, sistemas monetários).
6. Construir calculadoras e caixas registradoras com restos de caixas de papelão.
7. Recolher moedas.
8. Brincar com barras de Cuisenaire (grandezas e frações).
9. Observar o trajeto de uma viagem de carro (sinais de trânsito, propagandas).
10. Calcular estatísticas de jogos de beisebol.

Matemática para os 10 anos

Quando meus filhos contavam 10 anos, fiz duas grades aritméticas — uma para adição e subtração, e outra para multiplicação e divisão. Cada grade consistia em um pedaço de papel quadrado, com os números de 1 a 9 distribuídos em colunas ao longo do lado esquerdo da página (com 1 na parte superior e 9 na inferior), e de novo a distribuição dos números 1 a 9 em linhas ao longo da página (com 1 à esquerda e 9 à direita). A grade de adição e subtração se apresentava dessa maneira: Onde a coluna “1” e a linha “1” se

encontram, é escrito o número “2” (1 + 1 = 2). Onde a coluna “1” e a linha “2” se encontram, e onde a coluna “2” e a linha “1” se encontram, é escrito o número “3” (1 + 2 = 3 e 2 + 1 = 3). Deve-se continuar a escrever todos os resultados até a grade estar preenchida por completo (Compare com as tabelas de quilometragem entre cidades, encontradas em muitos mapas rodoviários).

GRADE DE ADIÇÃO E SUBTRAÇÃO

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
9	10	11	12	13	14	15	16	17	18

FIGURA 12E

A *grade de multiplicação e divisão* é semelhante, exceto que se preenche com os produtos em vez de somas (1 x 1 = 1, 2 x 2 = 4 etc). Essas grades funcionam como um resumo dos conhecimentos matemáticos.

GRADE DE MULTIPLICAÇÃO E DIVISÃO

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	1	2	3	4	5	6	7	8	9

2	2	4	6	8	10	12	14	16	18
3	3	6	9	12	15	18	21	24	27
4	4	8	12	16	20	24	28	32	36
5	5	10	15	20	25	30	35	40	45
6	6	12	18	24	30	36	42	48	54
7	7	14	21	28	35	42	49	56	63
8	8	16	24	32	40	48	56	64	72
9	9	18	27	36	45	54	63	72	81

FIGURA 12F

Quando chegam aos 10 anos, iniciamos as crianças na matemática formal com um livro de sexta série. Permitimos a elas o uso das duas grades nas aulas de matemática. Retiramos a grade de adição e subtração delas quando fizeram 11 anos e a de multiplicação e divisão aos 12. Quando chegamos a esse ponto, não as usavam mais, de qualquer maneira (é muito mais fácil lembrar os resultados do que ficar sempre procurando na grade).

Entretanto, se a criança vive em uma casa onde nenhum dos pais é muito presente, e ela permanece a maior parte do dia assistindo televisão, e não tem tempo para explorar e pesquisar o mundo à sua volta, e onde o amor ao aprendizado nunca foi estimulado, então ela provavelmente não poderá começar a estudar mediante o uso de um livro de matemática de sexta série quando tiver 10 anos. A maioria das famílias que ensinam em casa e buscam a abordagem clássica não terá uma casa como essa.

Matemática aos 11 e 12 anos

Se a criança não tiver o conhecimento da adição e subtração memorizado até os 11 anos, então insistamos até tê-lo. O mesmo se dá com o

conhecimento de multiplicação e divisão quando chegar aos 12 anos. Não há dificuldade alguma aqui.

Um dos nossos garotos começou a estudar formalmente a matemática por volta dos 11 anos. Lembro-me de ele gostar que eu me sentasse próximo dele enquanto estudava matemática. Não pelo fato de entender os conceitos; só queria alguém por perto.

Às vezes, resolvíamos os problemas oralmente. Eu escrevia o que ele ditava para mim. Tratava-se de um dos meninos alérgicos a lápis. Mas, quando chegou à álgebra I, já prosseguia com as aulas de matemática por conta própria. Depois disso, raras vezes precisei ajudá-lo com a matemática. As garotas quase nunca precisaram da minha ajuda, mesmo no início.

Livro didático de matemática

Há diversos programas de estudo matemática muito bons disponíveis para famílias adeptas do ensino doméstico. Não sei se um deles é mais clássico que os outros. Usamos os livros *Saxon Math* com nossos filhos, mas não há nada mágico neles. Crianças diferentes aprenderão de maneiras diversas, e você precisará usar o programa que se adapte melhor a seu filho. Antes de comprar qualquer programa de ensino matemático, teste algumas páginas para se certificar de que pode trabalhar com ele. É assim que seguimos com o ensino de matemática em nossa família:

10 anos — *Saxon 65* (sexto ano)

11 anos — *Saxon 76* (sétimo ano)

12 anos — *Saxon Algebra 1/2* (oitava série) — isto é pré-álgebra.

A mentalidade de “tamanho único” para todos, aplicada a livros didáticos, não funciona. Estamos criando uma geração de crianças customizadas — não modelinhos vindos da fábrica. Se você tem uma criança com dificuldades em relação à matemática, diminua o ritmo e leve mais tempo para concluir o

aprendizado. Você pode até voltar um passo e recomeçar com um livro didático de nível inferior, ou pode atrasar o início do estudo por alguns meses. Se a criança for muito boa, aumente o ritmo até encontrar algo desafiador. Queremos que nossos filhos apreciem o aprendizado e a compreensão dos conceitos matemáticos ensinados, e gostem de ser desafiados, mas não levados à exaustão no estudo. Se o objetivo for apenas "chegar ao final do livro no prazo estipulado", então pode acabar falhando quanto aos objetivos reais da educação. Não deixe que a pressão dos seus pares adultos assuma o controle. Só porque alguém diz para você que o filho concluiu um livro quando chegou a certa idade não significa que seu filho deve terminar o mesmo livro quando tiver a mesma idade. Uma hora de matemática por dia é suficiente. É possível exigir menos que isso, mas requerer mais é insanidade. Se seu filho de fato quiser ir além disso, então você pode até permitir, mas não faça disso uma exigência. Mesmo quando falamos de coisas agradáveis, o exagero existe.

John Quincy Adams e a matemática

Eis a correspondência entre John Quincy Adams e seu pai, John Adams, escrita quando o filho contava 12 anos e frequentava uma escola na França.

> John Quincy Adams para John Adams,
>
> O que faço em um dia comum: estudo latim, especificamente: Cicero, Erasmo e Apêndices. Fedro (Peirce). Aprendo grego (Racines). Gramática grega. Geografia, geometria, frações, redação e desenho. Como não é possível a um menino comum estudar todas essas coisas e se lembrar de tudo que aprendeu, gostaria que me informasse qual desses assuntos devo começar a aprender primeiro.
>
> Do seu fiel filho, John Quincy Adams.
>
> John Adams para John Quincy Adams,
>
> Meu querido Filho, recebi sua carta e o relato dos seus estudos diários. Você deveria ter datado a carta.
>
> Estudar latim, interpretando Cícero, Erasmo, o Apêndice de *Diis et Heroibus ethnis* e Fedro são todos exercícios próprios para a aquisição intelectual dessa língua; você se

ocupa com o aprendizado do significado das palavras latinas e da gramática, retórica e crítica dos autores romanos. Esses estudos têm, portanto, uma conexão entre si, acho, portanto, que seria bom estudar todos, sob a direção de seu professor.

Não permitirei a omissão da gramática grega e de Racines, sob qualquer circunstância, e espero que seu professor logo lhe apresente o Novo Testamento em grego, porque os melhores modelos de redação, oratória e poesia elegantes são encontrados no idioma grego.

Escrever e desenhar são apenas diversões e podem servir como descanso dos estudos.

Quanto à geografia, geometria e frações, espero que seu professor não insista que você passe muito tempo ocupado com elas no momento; ainda que sejam ciências úteis e, embora todos os ramos da matemática, eu espero, sejam alvo de sua atenção algum dia, os idiomas latim e grego são, dentre todos os conhecimentos da humanidade, os mais proveitosos e satisfatórios; meu desejo neste momento é que a maior atenção seja dirigida a esses idiomas, deixando os demais estudos para serem completados em seu próprio país.

Espero ouvir em breve que você chegou às orações de Virgílio ou de Túlio, ou de Ovídio ou de Horácio (ou talvez de todos eles).

De um afetuoso pai para seu querido filho, John Adams

P. S. Na próxima vez que me escrever, espero que seja mais cuidadoso para escrever bem. Consegue manter a mão mais firme ao escrever?

— *Our Sacred Honor* [Nossa honra sagrada], editado por William J. Bennett. New York: Simon and Schuster, 1997, p. 230-2.

Matemática subdesenvolvida?

Pergunta. Acabei de receber um conjunto de seus folhetos há alguns dias. No artigo sobre matemática, li todas as citações sobre como a matemática não era um assunto importante no aprendizado da gramática. Talvez eu não conheça a história bem o suficiente em matéria de matemática, mas ela ainda estava sendo desenvolvida como ciência, não é? Então, não estava mesmo no estágio de se tornar “ensinável”, certo? Além disso, se as crianças podem entender um sistema de símbolos abstratos como alfabetos e sua leitura, então por que não podem entender um sistema de símbolos abstratos de números e a aritmética?

Resposta. Recebemos muitas perguntas sobre matemática. Quando damos nossos seminários, a certa altura perguntamos: “Quantos de vocês não gostavam de matemática na escola?”. Todas as vezes, não importa em que estado nos encontramos, cerca de metade das pessoas levanta a mão. Por que tantas pessoas não gostam de matemática?

Se ler o artigo sobre a história do ensino de matemática, perceberá que, até o século XX, a matemática não era ensinada formalmente para as crianças antes dos 10 anos. No período anterior ao século XX, as crianças com menos de 10 anos aprendiam matemática (na verdade, aritmética) informalmente. Elas começariam os estudos formais de matemática — nas escolas ou em casa — quando contassem 10 anos. Um homem chamado Pestalozzi mudou tudo isso na virada dos séculos XIX e XX, introduzindo algumas novas ideias acerca da educação.

É verdade que alguns conceitos matemáticos bastante desenvolvidos surgiram nos últimos séculos — como o cálculo. Mas nada disso é assunto da aritmética elementar.

Quando se ensina à criança que o símbolo “a” é uma letra correspondente a um som específico na palavra “arara”, é correto chamá-la conceito abstrato. Há um elemento de abstração do som para o símbolo. Quando se ensina à criança que o símbolo “2” é um algarismo que representa o conceito de “dois”, também é preciso dar um passo adiante e lhe ensinar que o conceito de “dois” representa “duas coisas”. Parece-me que a matemática é um pouco mais abstrata que a leitura. Há duas etapas de abstração do algarismo para o elemento físico.

Os símbolos do alfabeto são fonéticos, ligados ao mecanismo de fala e audição que a criança tem experimentado e praticado desde os em que balbuciava sílabas. O conceito de números, a execução de operações aritméticas com números e os símbolos usados para representar essas mesmas operações aritméticas — bem, dirigimo-nos a conceitos cada vez mais abstratos.

Para o cérebro da criança pequena, as combinações mais complexas de abstrações são fisicamente mais difíceis de entender. O cérebro dela armazenará a informação onde pode usá-la melhor no presente momento, indicando um arquivamento linear. Infelizmente, em tenra idade, devido à falta de desenvolvimento físico do cérebro para lidar com essas abstrações, a informação é armazenada em um local que, ao se desenvolver melhor, se tornará menos acessível. Na idade posterior, o cérebro desenvolverá matrizes multidimensionais, e essa informação ficará mais acessível, se for armazenada nesse período. (Note que estamos usando conceitos matemáticos abstratos em nossas analogias!)

Algumas pessoas acreditam erroneamente que fomos nós os responsáveis pela ideia de atrasar o estudo formal da matemática até os 10 anos. De modo algum. Essa ideia existe há muito tempo. Na década de 1970, outras pessoas, como Raymond Moore, reapresentaram esse conceito à educação americana. Algumas pessoas leem outros autores que, como nós, escreveram sobre a postergação da instrução formal de matemática até os 10 anos e concluem que nos opomos a qualquer tipo de ensino matemático para qualquer criança antes dessa idade. Claro que não. Quando a criança lhe fizer perguntas, responda. Se ela lhe pedir um caderno de exercícios de matemática, compre-o para ela. Mas isso é diferente de ensinar de maneira sistemática com a ajuda de um currículo de matemática para a criança todos os anos, dos 5 anos aos 9 anos, cobrindo todas as páginas, ensinando cada conceito de acordo com o anterior já estabelecido, cada lição designada para certa idade, o escopo e o programa sendo desenvolvidos pela “Corporação Colossal de Livros didáticos do Mundo”.

Matemática e as provas

Pergunta. Se não ensinarmos formalmente a matemática antes dos 10 anos de idade, então não é provável que nossos filhos percam alguns conceitos

matemáticos de vista durante o aprendizado? Isso significa que eles não se sairão bem nas provas!

Resposta. A qualquer custo, evitamos o chamado teste acadêmico para crianças muito pequenas. Existe um lugar para testes de diagnóstico privado, onde se torna óbvia a existência de algum problema, mas a maioria dos testes preparados para crianças é de pouco valor ou validade; eles são usados como ferramentas de manipulação, ou mesmo violação da inocência e pureza das crianças.

Apenas alguns estados exigem essas provas. Em muitos deles, isso é uma opção — embora muitas vezes não seja dito aos pais que eles contam com outras opções. (Por falar nisso, como um sistema escolar ensina honestidade às crianças quando, na verdade, pratica continuamente uma desonestidade básica como essa?) Se tiver mesmo de testar a criança, então talvez seja necessário se satisfazer com resultados mais baixos nas questões matemáticas enquanto elas forem menores. No entanto, em todos os lugares em que viajamos e discutimos este tópico, os pais nos disseram que os filhos se saíram muito bem em matemática sem a instrução formal de um caderno de exercícios.

Mais uma vez, não acreditamos em "atrasar a matemática". Acreditamos em postergar a matemática do caderno de exercícios. Há uma grande diferença. *Distinguo!*

Trabalho duro versus exaustão

Pergunta. Meu marido e eu estamos convencidos de que nossos meninos devem saber que, embora haja grande alegria no aprendizado, ele nem sempre será divertido. Queremos que saibam que vale a pena se esforçar para obter certas coisas preciosas. Não desejamos que a escola seja "divertida" o tempo todo, e deixar de lado o aprendizado do valor do trabalho duro. No entanto, reconheço o que foi dito sobre os aspectos acerca do desenvolvimento na questão da matemática. A matemática é o único assunto

com o qual temos dificuldade. Então sinto que você nos aponta o caminho certo. Ah, se ao menos houvesse um versículo bíblico que dissesse: “Não ensinarás aritmética às crianças antes dos 10 anos”.

Resposta. Lembra-se de quando seu filho mais velho aprendia a caminhar? Aos 6 meses, você pode ter segurado suas mãos e o levantado do chão para testar a força de suas pernas. Talvez até o tenha ajudado a caminhar alguns passos. Auxiliou-o com os movimentos, mas ele não estava andando de verdade. Mas não havia preocupação alguma no fato de ele não conseguir fazê-lo por conta própria. Era claro que ainda não estava pronto para andar. Você apenas esperou até ele estar. Ouvi dizer que algumas crianças começam a andar com 9 meses de vida, mas a maioria o fará quando tiver por volta de um ano, enquanto algumas precisarão de 16 meses antes de dar o primeiro passo. A idade em que uma criança aprende a andar não influencia de fato sua inteligência futura. A criança que começou a andar aos 16 meses pode, muitas vezes, ser mais inteligente que a que fez isso aos 9 meses. É apenas uma questão de desenvolvimento físico.

É o mesmo que aprender a ler. Alguns aprenderão a ler aos 4 anos e outros por volta dos 10, enquanto a maioria aprenderá em algum momento entre 6 e 8 anos. A criança que aprende a ler aos 9 anos pode muitas vezes ser “mais inteligente” que a que aprendeu aos 4 anos. A idade em que uma criança desenvolve a capacidade de ler não é, necessariamente, medida de sua inteligência.

Alguns de nós têm expectativas maiores para nossos filhos que o permitido por seu desenvolvimento físico. É como dirigir sobre uma ponte com uma carga muito pesada — a ponte treme e balança sob o peso, e pode não se recuperar dessa experiência por completo. Às vezes, apressamos o processo sem que seja necessário. Podemos até forçar a criança a ler antes que ela possa. Ao lugar de apresentar as letras e os sons de forma gentil e gradual, à medida da preparação da criança, prestamos atenção exclusiva ao objetivo de “aprender a ler na primeira série”.

Aprender matemática também é uma questão de desenvolvimento. Algumas crianças parecem entender os conceitos matemáticos em idade precoce, outras os compreendem mais tarde. Para a maioria delas, acontece perto dos 10 anos. Se as pressionarmos para que aprendam antes de serem capazes de se desenvolvem nesse sentido, então as desestimularemos e causaremos sua falha no processo, o que, por sua vez, levará ao desânimo maior. Nenhum esforço por parte de uma criança de 4 meses será grande o suficiente para resultar na capacidade de caminhar. Nenhum esforço da parte de uma criancinha de 5 anos, incapaz de pronunciar sons e letras para ler uma única palavra, resultará no hábito da leitura. Da mesma forma, sentar-se à mesa da cozinha com o mesmo livro de matemática para a primeira série, diante da criança, por 45 minutos, não ajudará seu filho de 6 anos a aprender subtração. Talvez seja possível encorajá-lo a memorizar os procedimentos da subtração e "caminhar" com ele pela página do livro, mas a lâmpada sobre a cabeça dele ainda não terá acendido. Por que não esperar até os 10 anos, quando todos os procedimentos de adição, subtração, multiplicação e divisão se tornarão claros para a criança e ela aprenderá tudo isso em um instante?

Sim, queremos que nossos filhos aprendam o valor do trabalho duro. Mas há uma diferença entre trabalho duro e exaustão.

> *Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não fiquem desanimados*. (Cl 3.21)
>
> "Irritar" significa colocar sobre alguém um fardo impossível de carregar. Isso é o mais perto que chegaremos de "Não ensinarás aritmética a crianças com menos de 10 anos". Seguiremos o exemplo do Pai celestial.
>
> ... Deus é fiel, que não vos deixará sozinhos, *como* se fôsseis tentados além do *nível que sois capazes de suportar*; em vez disso, com a tentação ele também proverá o escape da sobrecarga,* a fim de que possais suportar a *carga*. (1Co 10.13; v.l.t.)
>
> [*ἔκβασις: um lugar para sair, o fim de um limite, um escape]

Preciso de ajuda com matemática

Pergunta. Minha filha mais velha tem dificuldades para estudar sozinha. De forma mais específica, ela tem dificuldades em ler orientações ou explicações e entender o que lhe é pedido. Ela lê a lição de matemática no livro de Saxon e diz não ter entendido. Se eu me sentar ao lado dela e ler o problema e explicar a ela com alguns exemplos, então ela entende com perfeição, e resolve o problema sem nenhuma dificuldade.

Isso também ocorre com outros assuntos a serem estudos, como redação, então sei que não é uma dificuldade particular com matemática. Alguma sugestão? Existe algo que eu possa fazer para descobrir o problema? Como faço para ensinar a ela, nessa fase do desenvolvimento, a pensar por si mesma? Por favor, me ajude! Sinto-me culpada por falhar no ensino doméstico!

Resposta. Provavelmente, os profissionais da escola pública chamariam esse problema de deficiência, ou algo assim, e a rotulariam de modo prejudicial, mas o problema é um comportamento normal. Nossos dois meninos eram assim até os 13 ou 14 anos. Queriam que eu me sentasse com eles enquanto estudavam matemática, gramática e latim. Acho que ficar perto os ajudou a se concentrarem. Quando Nathaniel começou a estudar matemática sozinho, mais tarde vinha até mim com um sinal de interrogação ao lado de metade dos problemas, o que significava que ele não descobrira como resolvê-los. Se eu me sentasse ao lado dele, então não havia dificuldade para resolver os problemas, mesmo os mais difíceis. Não há nada errado em se sentar perto da criança e ajudá-la. Isso dá a ela confiança e motivação para estudar com diligência. E exatamente isso que procuramos atingir com nossos filhos, ensinando-os a trabalhar com disposição e ter confiança durante os estudos. Com algumas crianças, levará mais tempo para aprender esse ponto, então devemos ser pacientes.

9. Ciência

O nível de conhecimento é o nível de observação na ciência. Forneça à criança o tempo, as ferramentas e as oportunidades de observar e explorar em sentido empírico. Na segunda parte do nível de conhecimento, os estudos da ciência podem permanecer orientados pelas preferências das crianças, e complementados com experiências, coleções, estudos da natureza, textos copiados, arte e leitura.

Eis uma lista de atividades sugeridas para ensinar ciência a um aluno na segunda parte do nível de conhecimento. Não pense que será preciso realizar todas essas atividades. Inspire-se na lista e tenha ideias próprias:

1. Exija que a criança leia algo todos os dias acerca da ciência ou natureza. A biblioteca pode ter materiais úteis, ou é possível comprar alguns livros sobre a natureza reimpressos pela Christian Liberty Academy, ou os materiais de ciência criacionista do Institute for Creation Research. Assine revistas de natureza científica ou elementar. Leia livros infantis sobre vários assuntos científicos na biblioteca, incluindo biografias de cientistas. Pratique a leitura em voz alta.
2. Assista vídeos científicos e criacionistas com regularidade.
3. Compre um caderno com páginas em branco e incentive seu filho a fazer pequenos desenhos de insetos, plantas ou animais, como em um novo caderno de estudo. Ele pode dar a cada desenho o respectivo nome em latim. Um bom exemplo de um caderno de estudo da natureza é *The Country Diary of A Edwardian Lady* [O diário de campo de uma dama edwardiana], de Edith Holden.
4. Faça experimentos simples em casa. Há muitos livros sobre isso em qualquer biblioteca. Visite uma Feira de Ciência e Engenharia a cada primavera, e observe os diferentes projetos científicos. Isso ajudará a desenvolver ideias para projetos científicos que a criança pode apresentar quando tiver 13 anos.

5. Passe tempo suficiente explorando, observando e coletando dados. Ajude a criança a desenvolver interesse e amor ao ar livre. Interaja com a natureza. Faça caminhadas. Visite parques. Vá acampar. As crianças devem passar pelo menos uma hora por dia ao ar livre. Consulte o catálogo da Elijah Company para ver algumas sugestões sobre passeios pela natureza.
6. Comece uma coleção de insetos, pedras ou plantas. Permita que seus filhos coletem seu conteúdo. Esqueça-se da ideia de manter em casa a revista “Better Homes and Gardens” [“Casas e jardins melhores”]. Ficamos uma vez com uma família que se especializou em colecionar coisas. Seus meninos tinham grandes coleções de cobras, lagartos, aranhas e pedras — tudo bem organizado, guardado e rotulado em várias caixas. Era algo maravilhoso de ver. Converse com seus filhos o que eles gostariam de estudar e colecionar em primeiro lugar. Rochas são um bom começo. Vá à biblioteca, verifique alguns livros sobre rochas e sobre qualquer coisa relacionada a elas. Fale com pessoas que coletam rochas como passatempo e descubra como elas organizam seus espécimes, e onde os conseguem. Use grupos de discussão e notícias na internet para pesquisar.
7. Faça visitas a laboratórios universitários, clínicas veterinárias, estações de rádio, museus.
8. Obtenha a licença para uma estação de rádio amadora e elabore uma programação.
9. Crie e lance modelos de foguetes.
10. Adestre cães e apresente cabras ou coelhos nas feiras do seu estado e condado.

Acreditamos que a ciência na segunda parte do nível de conhecimento deve se orientar pelas preferências da criança, pelo estímulo do apetite pelo conhecimento, pelo desenvolvimento da criatividade e pelo incentivo ao

amor ao aprendizado. O conhecimento científico se estruturará melhor no nível de compreensão.

10. Arte e música

Se quiser que seus filhos se acostumem com a arte e a música clássicas, procure por esses assuntos em uma biblioteca, compre alguns álbuns e gravações, leve-os a um museu de arte ou a uma orquestra. Nessa idade, será necessário avaliar e selecionar de forma crítica o que eles apreciarão.

É possível escolher entre seguir o currículo formal de arte ou começar a instrução formal em algum instrumento musical.

Creio que a melhor maneira de desenvolver a criatividade artística em seu filho consista em continuar a oferecer as ferramentas, o espaço e os projetos direcionados à arte. Disponibilidade de materiais de arte e encorajamento dos pais é algo que a criança no nível de conhecimento precisa para alcançar o conhecimento artístico. Uma mesa e cadeira em um canto da sala de estar e uma prateleira próxima com materiais de arte e artesanato de boa qualidade atrairão a maioria das crianças. Comprei tabuleiros para meus filhos usarem em seus projetos artísticos. Pedaços de papelão colorido podem ser usados na construção de castelos, caixas registradoras, computadores, casas de bonecos, caixas comuns e um grande número de outros objetos. Os tabuleiros podem ser comprados na maioria das lojas de materiais de arte.

Mais algumas ideias

Caubóis clássicos

Pergunta. Obrigado por nos lembrar de que não precisamos competir com ninguém, nem mesmo com outras pessoas quem ensinam seus filhos em casa. Às vezes temos um dia (como hoje), quando não estou ocupado e os meninos podem aproveitar minha folga do trabalho. Agora, os três (de 9, 7 e 5 anos) estão no quintal, vestidos de vaqueiros, preparando as bolsas de viagem, levantando acampamento e arando o terreno para um jardim pequeno. Nesses

dias, meu espírito me diz que isso é um excelente uso do tempo, embora minha mente me instigue a colocá-los para estudar. Buscamos um equilíbrio. Hoje, meu filho de 9 anos de idade começou os afazeres escolares, e os outros dois meninos passaram cerca de uma hora a uma e meia estudando matemática, textos copiados, ortografia, leitura, gramática e espanhol. Vamos ler em voz alta daqui a pouco tempo, e meu filho de 9 anos já lê por conta própria, mas enquanto isso eles podem cavalgar em seus cavalos (bem, na verdade, são bicicletas) pelo terreno no quintal. Um menino de 9 anos de jeans, suspensórios, bandana, chapéu de caubói, botas e mochila sobre uma bicicleta (fingindo ser um cavalo) me é mais agradável que um texto bem redigido. Na minha cabeça, teremos tempo para esses estudos mais tarde.

Resposta. Parece-se que foi ontem quando Hans (agora com 21 anos) estava vestido com a roupa de vaqueiro e montado em seu cavalo (o apoio do braço de um sofá da sala de estar). Tenho uma foto desse momento. Ele ficava lá durante uma hora, cavalgando... Gostaria de poder voltar 15 anos e vê-lo desse jeito de novo. Saboreie esse momento. Aproveite esse período deles, não dura muito.

O que faço com esse menino

Pergunta. Tenho um menino que manifesta estes comportamentos:

1. Odeia segurar um lápis e tem uma letra terrível;
2. Não é motivado;
3. Executa o mínimo necessário — parece preguiçoso;
4. Vagueia por aí, como se não tivesse nenhuma tarefa;
5. Precisa ser continuamente lembrado das coisas;
6. Não é dado à leitura;
7. Não gosta de assuntos acadêmicos;
8. Nenhum projeto chama sua atenção;

9. Tem um campo de interesses muito estreito;
10. Sua atenção dura pouco tempo;
11. Parece estar sempre ligado na tomada;
12. Precisa estar sempre com as mãos ou pés ocupados;
13. Não quer fazer nada do que lhe é sugerido;
14. Se for inscrito em uma escola, ele pode ser rotulado com algum tipo de deficiência. O que faço com esse menino? Sinto-me muito frustrada.

Resposta. Aqui estão algumas sugestões:

1. Não permita televisão, filmes, jogos de computador, música que contenha batida sincopada; evite açúcar e cafeína. Permita-lhe apenas contato supervisionado com seus pares;
2. Faça com que repita para você o que você lhe disse para fazer;
3. Trabalhe com ele até ficar satisfeita com sua obediência. Isso é de extrema importância;
4. Faça uma lista das coisas que ele precisa cumprir todos os dias, e faça com que ele a verifique com regularidade, conforme as leva a cabo, e lhe pergunte todos os dias sobre os resultados;
5. Espere até ele contar 8 ou 9 anos antes de lhe ensinar a ler, se for necessário. Não inicie cadernos de exercícios com assuntos acadêmicos até os 11 anos. Leia para ele por pelo menos duas horas ao dia. Se ele odeia escrever, permita-lhe ditar para você suas cartas e registros no diário, ou até a usar um gravador.
6. Explore um ou dois interesses principais da criança. Use-os para alavancar outros assuntos (p. ex., armas de repetição podem apontar para a Segunda Emenda à Constituição [dos EUA], e esta aos princípios do governo sadio ou à história da guerra). Incentive-o a estudar por conta própria seus campos de interesse. Por exemplo, se a criança se interessar

por lutas de espada, sugira que dê lições de esgrima para outras crianças, ou elabore uma página virtual sobre esgrima, escreva um boletim informativo a respeito, faça uma exibição sobre o assunto na biblioteca, elabore um folheto introdutório, produza equipamento de esgrima, apresente um seminário de esgrima para um clube de meninos do campo. Ele pode se tornar um especialista na área de esgrima no campo do ensino doméstico;

7. Dê-lhe muito trabalho físico — tarefas domésticas regulares e excepcionais. Mas não despeje tudo sobre ele de uma vez só — é provável que ele seja o tipo de pessoa que se sente sobrecarregada e frustrada com facilidade. Apresente pouco a pouco as responsabilidades e diga-lhe para se concentrar em uma ou duas coisas por vez. Use um gráfico para verificar o cumprimento das tarefas;
8. Se possível, mude-se para o campo para que seja possível criar animais e conseguir mais trabalho ao ar livre para executar. Crie coelhos, cabras ou galinhas, apresente projetos com eles na feira local, adestre seu cão e o mostre em feiras, crie minhocas para vender ou para o próprio jardim, cuide de frutos para vender ou trocar, crie algum animal de forma específica, como uma raça bem definida de cavalo e se torne o especialista local nessa espécie, faça-o praticar a carpintaria, reconstrua um pequeno galpão ou algo semelhante;
9. Envolva a criança em algum tipo de serviço comunitário. Visite uma casa de repouso uma vez por semana (durante uma hora), prepare refeições para os idosos, repare nas casas dos idosos, leve o lixo do bairro ao local apropriado, esculpa pequenos brinquedos de madeira e os entregue às crianças no hospital, elabore cartões e os envie às pessoas mais distantes, escreva cartas para parentes ou outras pessoas;
10. Se possível, o pai pode levá-lo ao local de trabalho uma ou duas vezes por semana;

11. Faça estudos focados em unidades de conhecimento, em vez da abordagem tradicional de livros didáticos aos assuntos acadêmicos;
12. Envolva-se em reconstituições históricas (Guerra Civil, Buckskinners, Idade Média, Segunda Guerra Mundial), monte alguns figurinos e equipamentos, compareça aos acontecimentos;
13. Ensine-o a caçar e pescar;
14. Compre boas bicicletas de montanha para a família, para que todos possam acompanhá-lo nas explorações;
15. Mantenha um horário regular para a criança (flexível, mas regular);
16. Esta última sugestão aqui listada é nossa prioridade: a criança deve participar dos estudos bíblicos da família liderados pelo pai.

Deus lhe concedeu este filho para lhe ensinar algo. É preciso reconhecer desde já que seu filho, provavelmente, é um desses “botões tardios”. O tempo dele não segue a norma, e ele precisará de atenção especial da sua parte. Não será agradável despertá-lo para essa realidade quando ele contar 17 ou 18 anos e já tiver desenvolvido vários hábitos infrutíferos e padrões inúteis de pensamento. Motivar o jovem de 17 anos é muito mais difícil que motivar o de 10 anos. Moldar o de 17 é muito mais difícil que o de 10 anos.

Deve-se estabelecer uma base sólida antes de começar os estudos acadêmicos, não importa o estudante. No caso de um rebento tardio, essa base requer mais tempo para ser construída e mais paciência será necessária, porque os tijolos tendem a não se encaixar com perfeição. Mas, creia que, pela misericórdia de Deus, se você persistir, a estrutura erguida sobre o fundamento valerá todo o sangue, suor e orações empregados.

Acredito que o segredo disso tudo está no diagnóstico. Quanto mais cedo a dificuldade for detectada e a busca do tiver início, melhor. Tivemos um filho que era da mesma forma, e não percebemos até ser muito tarde. E o fato de meu marido e eu lidarmos com o problema de formas distintas com certeza

não ajudou. Minha tendência é adotar a postura mais rígida e condenatória: “Não acredito! Você ainda não esvaziou o balde com o composto está na pia da cozinha desde ontem?”. Meu marido apenas o lembrava de fazer o que devia. Precisamos descobrir onde suas fraquezas se encontram e depois nos preparar para elas. Eles nem sempre pensam no futuro, então precisamos planejar alguma maneira de ajudá-los a desenvolver essa capacidade. Eles cumprem o que lhes foi pedido para fazer, e, em pouco tempo, esquecem-se de que alguém lhes pediu por algo, então precisamos desenvolver a compreensão de que esquecer os pedidos possui consequências ruins, o que então deve fazê-los executar o que é pedido de forma imediata, sem questionar. Eles estão sobrecarregados com nossos inúmeros direcionamentos, então primeiro evitamos lhes dar muitas instruções, e gradualmente os educamos no gerenciamento de múltiplas tarefas. Tudo isso requer paciência, perseverança e energia. Muita energia. E se houver mais de uma criança assim, pode se tornar cansativo. Essa é uma forma de o Senhor nos ensinar a termos paciência e a sermos perseverantes. Somos forçados a demonstrar paciência e perseverança e assim aprendemos a ser pacientes e a perseverantes de verdade. A alternativa é cobrir a boca com fita adesiva.

QUANTO TEMPO DEVE SER GASTO COM ESTUDOS ACADÊMICOS

Como medimos o tempo da criança investido em estudos acadêmicos? Contamos quanto tempo foi gasto elaborando certo assunto para um ensaio? Contamos também quanto tempo foi gasto na pesquisa de um tópico específico na biblioteca? E o tempo que o menino de 12 anos gasta deitado no chão e se queixa de não conseguir pensar em nada para escrever? Algumas crianças podem terminar as lições de matemática com rapidez, enquanto outras precisam de uma hora inteira. Então, qualquer período que sugerirmos será apenas isso: sugestão. Não considero as duas horas de leitura em voz alta, o tempo para culto familiar, de devoção pessoal do próprio aluno, ou qualquer leitura extra feita por ele (além do exigido na literatura, ciência ou história) estudo acadêmico. Isso é apenas "viver". Parece-me que duas a três horas de estudos acadêmicos "puros" para uma criança de 10 a 12 anos são suficientes. Com certeza é muito mais tempo do que é gasto com estudos na maioria das salas de aula.

DEZ COISAS PARA FAZER COM AS CRIANÇAS ENTRE 10 E 12 anos

1. Culto familiar	Estudo bíblico familiar de manhã e à noite; perguntas do nível do conhecimento; memorização.
2. Literatura e leitura em voz alta	Continue a ler em voz alta por duas horas por dia; memorização e narração oral; o estudante lê boa literatura; interpretação oral.
3. História	Caderno de história; esboços; mapas; linha do tempo; pode começar a estudar cronologicamente; use biografias vindas de fontes primárias; concursos e projetos de história.
4. Composição	Exercícios de copiar; ditados; cartas; diários; esboços simples.
5. Soletração e gramática	Caderno de língua pátria; pode-se uma gramática e um curso de soletração, ou se valer do *Webster Elementary Spelling Book*.
6. Latim e grego	Começar o estudo da gramática latina por volta dos 10 ou 11 anos; continuar com os alfabetos grego e/ou hebraico; praticar a leitura em grego de um texto interlinear.

7. Lógica inicial	*Building Thinking Skills*: Book 2 — 10 anos; *Book 3 Figural* — 11 anos; *Book 3 Verbal* —12 anos.
8. Aritmética	*Math Text: Sixth Grade* — 10 anos; *Seventh Grade* — 11 anos; *Pre-algebra* — 12 anos.
9. Ciência	Guiado pelas preferências; leia livros e veja vídeos sobre ciência e criação; experimentos e projetos simples; coleções; visitar feiras de ciências; consiga ferramentas.
10. Arte e música	Consiga materiais, espaço e tempo. Pode começar com lições formais de música.

Figura 12G

Para livros e materiais curriculares mencionados neste capítulo, e outros recursos semelhantes, veja a nossa *Lista de recursos* no final deste livro.

SUGESTÃO DE ROTINA DIÁRIA

Esta seção é direcionada a famílias com uma ou duas crianças na segunda parte do nível de conhecimento (de 10 a 12 anos) e algumas na primeira
parte do nível de conhecimento (menos de 10 anos).

Os horários são organizados para funcionar como uma forma de orientação, não como obrigação. Não seja um escravo de uma programação qualquer, mas também não se prenda à mentalidade imediatista, sempre interrompendo o cronograma. O que se vê a seguir é apenas uma sugestão. Isso lhe dará algumas categorias para elaborar o seu próprio horário. Haverá dias tão atarefados que será necessário listar as prioridades, voltar a elas, verificá-las e avaliar o progresso sempre que necessário.

Princípios a serem considerados: as crianças devem realizar grande parte das tarefas domésticas, o que deixará os pais livres para tratar das questões pessoais ou administrativas. “Dormir cedo, acordar cedo” é uma boa política, em geral, embora o horário de trabalho do pai, ou outras questões semelhantes, não o permitam.

5h – 6h30.	Os pais acordam, as crianças se levantam, tomam banho, se vestem, começam as tarefas matinais.
7h.	Café da manhã. Culto familiar pela manhã.
8h.	Tarefas diárias (seguindo um cronograma predeterminado).
8h30 – 9h30.	Rotina escolar: 1. Recitação de um texto memorizado: todas as crianças recitam um texto memorizado.

	2. Prática da leitura: cada criança capaz de ler em voz alta lê algum texto, enquanto as demais escutam (Bíblia, história, constituição, poesia etc.).
	3. Prática da narração: todas as crianças praticam a arte da narração (se houver várias crianças, divida-as em dois grupos — metade realiza a tarefa pela manhã, a outra pela tarde).
9h30 – 10h15.	A mãe lê em voz alta para todas as crianças (a narração pode ser incluída nesta etapa). As crianças podem executar suas tarefas de artes ou ofícios enquanto a mãe faz sua leitura.
10h15 – 11h30.	1. Instrução em voz alta para crianças que estão aprendendo a ler (ou à tarde, quando elas estão dormindo).
	2. A mãe ajuda as crianças de 10 anos de idade ou mais (segundo a necessidade) com os estudos acadêmicos. (** V. abaixo.)
	3. Estudos acadêmicos independentes para crianças de 10 anos ou mais (** V. abaixo.)
	4. Copiar textos, caderno de história e linha do tempo.
11h30.	Preparar o almoço. Arrumar a casa.
12h.	Almoço. Tarefas do meio-dia.
13h.	Sesta. Estudos acadêmicos independentes para crianças de 10 anos ou mais.

14h – 14h45.	A mãe lê em voz alta e termina a narração (crianças podem continuar seus estudos em artes e ofícios).
14h45 – 16h30.	Mesmo procedimento do período das 10h15; brincar fora de casa; fazer uma caminhada; realizar uma vez por semana algum trabalho voluntário (lar de idosos etc.); viagens de campo; biblioteca.
16h30 – 17h.	Preparar o jantar. Arrumar a casa.
17h.	Jantar. Tarefas da noite.
18h30.	Jantar da família.
19h – 19h45.	O pai lê em voz alta para a família.
20h – 20h30.	Atividades familiares.
20h30 – 21h.	Preparar-se para ir dormir.
21h.	Luzes apagadas.

Crianças entre 10 e 12 anos precisam de atenção mais personalizada. Deve-se planejar um momento com cada uma, de uma a duas horas por dia. Assim que a criança contar 13 anos, deve realizar muitos dos seus estudos de forma independente. Os pais podem assumir a tarefa de ensinar grego e lógica aos filhos.

** Algumas crianças podem, desde o início, estudar estes assuntos de forma independente, com ajuda ocasional. Outras crianças, no primeiro ou segundo ano, precisarão que a mãe se sente a seu lado enquanto prosseguem com os estudos.

Quinze minutos de ortografia e gramática por dia. Quinze minutos de latim por dia.

Sessenta minutos de aritmética por dia.

Depois que mamãe ajudar a criança com os estudos na primeira semana, ou até a segunda, a criança pode fazê-los de forma independente.

Quinze minutos de lógica introdutória por dia.

Quinze minutos de redação por dia.

Quarenta e cinco minutos de leitura independente por dia (ficção, história e ciência).

Capítulo Treze



A etapa do discernimento: dez coisas para fazer com crianças dos 13 aos 15 anos

Compreendo mais do que todos os meus mestres,
porque medito nos teus testemunhos.
— Salmos 119.99

E todos os que o ouviam muito se admiravam da
sua inteligência e das suas respostas.
— Lucas 2.47

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Quando as crianças chegam à etapa do discernimento, o ensino doméstico torna-se mais interessante. Os adolescentes estão se tornando criaturas reflexivas e questionadoras, e não se satisfazem em saber *o que* aconteceu; eles querem saber *os motivos*.

Na etapa do discernimento, muitos pais ficam preocupados e nervosos, pois a dificuldade curricular é maior e os filhos passam a fazer perguntas mais complexas. Não podemos mais ensinar apenas as regras do emprego de iniciais maiúsculas ou termos de adição. Agora devemos começar a exercitar nossa mente com a das crianças. Visto que esses adolescentes passam a desenvolver a habilidade do pensamento abstrato, nós, os pais, somos desafiados a abandonar a zona de conforto do período inicial do ensino fundamental. Por esse motivo, muitos abandonam o ensino doméstico e despacham os filhos para a sala de aula.

Entretanto, essa não é a hora de desistir. Incentivamos os pais a serem persistentes até o fim. Lembre-se de que o ensino doméstico é para os pais; os filhos vão de carona. Quantos de nós não passamos pela escola regular sem aprender, ou sem lembrar de nada em particular? Nós não estávamos motivados nem interessados. Apenas cumpríamos a pena de 12 anos. Entretanto, agora, temos a oportunidade de aprender o que não fizemos enquanto ensinamos nossos filhos. Eis alguns exemplos do que poderemos aprender:

A matemática que nunca compreendemos;

A ciência sob o ponto de vista cristão e não naturalista;

A história que nunca nos contaram;

A língua clássica que nunca nos ofereceram;

A lógica que nunca tivemos permissão para utilizar;

O ensino doméstico salva duas gerações: primeiro a dos pais, na sequência, a dos filhos.

Os adolescentes na etapa do discernimento devem estudar de forma mais independente e, em algumas matérias, receber menos atenção acadêmica particular de seus pais. Nessa fase, o período em que os pais passam ensinando depende do tipo de currículo utilizado. Para algumas matérias, estão disponíveis materiais que facilitam o autodidatismo, o que pode reduzir a necessidade da influência paterna.

UMA SUGESTÃO DE CURSO DE ESTUDOS

1. Adoração em família

O adolescente deve se desenvolver no campo teológico durante a etapa do discernimento. Ele não sabe apenas o que a Bíblia diz — a narrativa —, mas passa a ter uma ideia do significado — as conexões mais sutis e suas implicações. Deus é três pessoas em uma essência. Cristo é uma pessoa com duas naturezas. Apenas em Cristo é possível a Deus ser justo e misericordioso com o pecador. A criança passará a questionar, então o pai deve descobrir as respostas. O pai terá o desafio de se tornar o teólogo da casa.

A adoração em família é mais que algo interessante a ser feito quando conveniente. Sugerimos que pelo menos 45 minutos de cada dia sejam dedicados à família unida no culto. A devoção dos filhos deve ser de, no mínimo, 15 minutos por dia. Não estamos falando a respeito de materiais autodidáticos sobre a Bíblia para serem usados apenas pelas crianças sem a influência paterna, mas no exercício de memorização das Escrituras.

Além dos estudos pessoais com as Escrituras, as crianças nessa fase poderão desfrutar de literatura devocional como: *Uma palavra aos moços* (John C. Ryle); *Letters to Young Men* [Cartas aos moços] e *Practical Subjects to a Daughter* [Temas práticos para lidar com a filha] (William B. Sprague); *Stepping Heavenward* [Seguindo em direção ao céu] e *Aunt Jane's Hero* [O herói de tia Jane] (Elizabeth Pretniss); *Female Piety*: a Young Woman's Friend and Guide [Piedade feminina: uma guia e amiga da jovem] (John Angell James); *O peregrino* (John Bunyan); biografias de cristãos como Patrick Henry, Robert E. Lee e de sua mulher e Mary Bunyan.

2. Leitura em voz alta

Continue a ler em voz alta para todos os seus filhos por algumas horas do dia. Leia uma grande variedade de assuntos e gêneros, e permaneça com a

narrativa oral. Ler em voz alta pode ser sua parte favorita do ensino doméstico. Os livros que você escolher com frequência estarão de acordo com o período histórico estudado no momento ou poderão inspirar as crianças a estudar algo particular sobre arte ou ciência.

3. História e literatura

Estamos combinando o estudo de história e literatura na etapa do discernimento pois elas se complementam e se realçam com perfeição.

1. Formato cronológico versus o direcionado pelo interesse

Algumas famílias, na etapa do conhecimento, passam a pesquisar a história de forma cronológica, pois repetem esse estudo todos os anos. Outros apresentam o estudo cronológico a partir da etapa do discernimento. Ainda assim, muitos, nessa fase, continuam a se mover com liberdade para frente e para trás na linha do tempo, de acordo com seus interesses e projetos de estudo, esperando a etapa do saber para incorporar o método cronológico às pesquisas.

Para recordar: na etapa do conhecimento construímos as bases para motivar as crianças a adquirir o amor ao aprendizado e ao desenvolvimento de sua mente curiosa. Agora, você deve oferecer a seu filho as ferramentas básicas para a vida de estudos históricos. Que ferramentas são essas? A mente afiada, criativa e curiosa; habilidades de pesquisa bem treinadas; paixão pela leitura. O estudo de história e literatura aprimorará essas ferramentas. Quando as crianças são pequenas e os pais não têm experiência na arte do ensino doméstico, a pesquisa na ordem cronológica rígida pode se tornar um enorme fardo. É importante que a criatividade infantil e a capacidade de maravilhamento da criança sobre os acontecimentos históricos e literários sejam ampliadas e aperfeiçoadas. Quando nossos filhos são pequenos, nem mesmo a mãe mais organizada será capaz de se manter com firmeza absoluta nos limites cronológicos do estudo de história, como mostra a realidade.

Circunstâncias semelhantes também podem prevalecer na etapa do discernimento — em especial em famílias onde existe grande diferença de idade entre os filhos, distribuindo-os pelas etapas do conhecimento e discernimento. Pode ser melhor que todas as crianças estudem o mesmo período histórico ao mesmo tempo, fazendo-se necessária a flexibilidade que o estudo estritamente cronológico não permite. Na de aula, a classe com crianças da mesma idade que estudam história no formato cronológico dá resultado — para a felicidade dos pais e das escolas. O aluno estudou a história de cabo a rabo. Entretanto, no ambiente do ensino doméstico, com crianças em várias idades e fases, pode ser melhor pesquisar certos períodos ou regiões geográficas, utilizando-se da linha do tempo e do mapa para orientar a criança em relação ao período e lugar na história. Por exemplo, quando se estuda a Guerra do Peloponeso, aponta-se o ocorrido na linha do tempo para relacioná-la a outros momentos históricos, mostrando-a no globo terrestre e no mapa do Mediterrâneo, ensinando como ela se relaciona com as outras áreas. Tenha certeza de que seu filho tenha entendido a sequência geral dos acontecimentos e que não tenha perdido os mais importantes. Falaremos sobre o estudo cronológico da história e literatura no próximo capítulo.

2. Sugestões para combinar história e literatura

Abaixo encontram-se oito elementos fundamentais para o estudo de história e literatura — feito de maneira cronológica ou não.

1. Um livro didático de história, como o *Streams of Civilization* [Fontes da civilização], pode ser utilizado como roteiro para seus estudos historiográficos. Ele pode ser considerado um guia para fornecer temas de pesquisa, e o manterá na linha se você estiver estudando em sentido cronológico. Se o livro *Streams of Civilization* não estiver disponível, então sugerimos a visita uma livraria local para encontrar algum texto sobre a história mundial anterior à década de 1960. Será melhor utilizar

um título escrito sob uma perspectiva que não seja hostil por completo à visão cristã;

2. Sempre que possível consulte fontes primárias. Isso inclui literatura escrita no período estudado (ficções, dissertações, peças de teatro, discursos etc.). Por exemplo, quando for estudar a história dos EUA, leia *History of Plymouth* [História de Plymouth], de Bradford. Quando for pesquisar sobre a *Constituição americana*, leia *Constituition* [Constituição], os *Federalist Papers* [Documentos federalistas] e os *Anti-Federalist Papers*. [Documentos antifederalistas]. Quando tratar de história grega, leia *Anábase*, de Xenofonte. Seu filho poderá escrever uma lista histórica dos acontecimentos, uma narrativa ou algum resumo dessas obras literárias. Alguns poderão imaginar a forma de coordenação dos períodos históricos com as fontes primárias e a literatura. Hoje possuímos vários recursos que podem nos ajudar. Um currículo de estudos multidisciplinares como *Konos* e *Beautiful Feet* podem ser muito úteis para harmonizar os estudos de história e literatura. A série *Critical Thinking in United States History* [Pensamento crítico da história dos EUA] ensina aos alunos a aplicar a lógica à história enquanto analisam e avaliam as fontes primárias;
3. A linha do tempo auxilia muito o aluno a localizar os acontecimentos de modo geral, também ao relacioná-los a outros acontecimentos. Esse recurso deveria já deveria ser utilizado desde a etapa do conhecimento. Outros meios úteis para o estudo da linha do tempo são: *The Timetables of History* [Os cronogramas da história], de Bernard Grun; *O Antigo Testamento em quadros*, de John H. Walton; *The Wall Chart of World Histoy* [O gráfico de parede da história mundial], de Edward Hull; e *The Reese Chronological Bible* [A Bíblia cronológica de Reese];
4. Consulte mapas, atlas históricos e globos;
5. Cada aluno deve conservar um caderno organizado de história, recheado de notas, listas de acontecimentos, desenhos, dissertações e narrativas.

Isso já deve ter começado desde a etapa do conhecimento;

6. Leia em voz alta as biografias, autobiografias, e diários de pessoas que viveram no período histórico estudado. Faça seus filhos escreverem narrativas, resumos ou listas sobre alguns dos livros que você lê ou pediu para eles lerem. Os alunos na etapa do discernimento podem receber maior carga de leitura e escrita que os na etapa do conhecimento;
7. Leia ficção histórica e outros livros de não ficção relativos à era estudada;
8. Transforme sua pesquisa de história e literatura em um projeto. Isso pode despertar maior interesse na criança ao amor por estudar história e literatura. Projetos historiográficos necessitam de pesquisa na biblioteca. Nós fizemos projetos sobre o "Delfim Perdido" (Luís XVII da França), Leonardo Da Vinci, Napoleão, a vida de J. R. R. Tolkien, a história dos aviões-caça, as mulheres de Illinois na Segunda Guerra Mundial, a rainha Vitória, a Grande Exposição e a Ferrovia Central de Illinois. Nossas meninas ficaram por conta dos projetos que envolviam princesas, rainhas e qualquer coisa relativa a roupas e fantasias. Já os garotos estudaram as guerras e os grandes homens da história. Quando as crianças eram pequenas, todos trabalhávamos no mesmo projeto. Depois de crescidas, as crianças passaram a trabalhar em projetos diferentes. Você poderá expor seus projetos na biblioteca pública, em uma feira escolar, ou entrar em competições como o Dia Nacional da História.

3. Um exemplo de uma aula de história e literatura

Segue o exemplo de como aplicar estes 8 elementos fundamentais ao período de 431 a 404 a.C.:

1. Leia a seção do livro didático de história correspondente ao período escolhido. Se você usar *Streams of Civilization*, ele se encontra entre as páginas 124 e 131;
2. Leia para seus filhos em voz alta, ou faça as crianças lerem por conta própria, as fontes primárias e a literatura do período. Não é necessária a leitura de cada um dos livros abaixo, mas que seja feita uma seleção. Você pode querer combinar essa parte do estudo a um pedido de redação. Leituras:

   a. Israel: o livro de Malaquias 1—4 (para todas as idades);

   b. Grécia: a Guerra do Peloponeso — a *The History of the Peloponnesian War* [História da Guerra do Peloponeso], de Tucídides, Livros 1 a 8 (que incluem o *Funeral Speech* [Discurso fúnebre] e o *Third Speech* [Terceiro discurso], de Péricles (para os de 13 anos ou mais); “Alcibíades” e “Lisandro” de *Parallel lives* [Vidas paralelas], de Plutarco (para os de 13 anos ou mais); *Historical Library* [Biblioteca histórica], livros 12 e 13, de Diodoro Sículo (para os de 13 anos ou mais); *Hellenica* [Helênica] livros 1.1.1 a 2.3.10, de Xenofonte (para os de 10 anos ou mais); *The Constitution of Athens* [A Constituição de Atenas], capítulos 34 a 41, de Aristóteles (para os de 13 anos ou mais);
   c. Roma: *The Early History of Rome* [A história antiga de Roma], livro 4, de Tito Lívio, (para os de 13 anos ou mais); *Historical Library* [Biblioteca histórica], livros 12 e 13, de Diodoro Sículo (para os de 13 anos ou mais);
3. Escreva os acontecimentos mais importantes e as datas de nascimento e morte das personagens notáveis na linha do tempo. Utilize o *Wall Chart of World History* e seu livro didático para ajudar na tarefa. Para o período de 431 a 404 a.C., você incluirá Péricles, Dário II, a Guerra do Peloponeso, Alcibíades e Lisandro, entre outros;
4. Localize os acontecimentos no mapa. Se possível, utilize um mapa histórico que mostre os reinos da forma existente na época;

5. Organize todo o trabalho produzido pelos filhos no caderno. Todas as redações que envolverem história e literatura deverão ser incluídas nele. Se você tiver uma criança com dons artísticas, acrescente também os desenhos;
6. Leia em voz alta para as crianças ou faça com que leiam biografias ou ficções históricas do período em questão. Talvez a data da ficção desvie um pouco do período exato, mas ainda deve estar próxima. Listamos algumas biografias e ficções históricas no Apêndice 2, Lista de Recursos;
7. Crie projetos sobre alguma característica do período para expor na biblioteca ou em outros lugares. Aqui o ensino doméstico brilha. Deixe a criatividade fluir e incorpore alguns interesses das crianças na época escolhida. Roupas, modelos de barcos, armas, arquitetura e a oratória poderão ser utilizados para comunicar o que estão aprendendo sobre a era. Não será possível formular um projeto para cada seção da linha do tempo. Dependendo dos talentos e do fato de existirem outros interesses levados em conta, algumas crianças terão tempo apenas para executar um projeto por ano, enquanto outras poderão criar outros.

4. Redação

As crianças na etapa do conhecimento seguiram estes passos para aprender a escrever: 1) narração oral, 2) atividade de cópia, 3) ditado, 4) escritura de cartas, 5) diários e 6) habilidades básicas de listagem.

Agora, na etapa do discernimento, a criança é capaz de redações mais complexas, como: 1) narrativa escrita, 2) habilidades avançadas de listagem e resumo, 3) dissertações e escrita criativa.

1. Narrativa escrita

A narrativa escrita é semelhante à narrativa oral; entretanto, agora o lápis está nas mãos deles, os papéis nas mesas e a mente em pleno funcionamento.

Segue uma citação de “How I Taught Myself to Write” [“Como aprendi a escrever por conta própria”], de *The Autobiography of Benjamin Fraklin* [Autobiografia de Benjamin Franklin]. Isso lhes dará uma ideia de como as pessoas usavam a narrativa escrita:

> Desde a infância eu gosto de ler, e toda pequena quantia que me chegava às mãos era despendida com livros. Tendo me alegrado com *O peregrino*, minha primeira coleção consistiu nas obras de John Bunyan em pequenos volumes. Mais tarde eu a vendi para poder comprar as *R. Burton’s Historical Collections* [Coleções históricas de R. Burton]: eram no total 40 ou 50 livros pequenos e baratos, vendidos por mascates. [...] A inclinação para os livros tornou me pai determinado a fazer de mim um impressor. [...] Eu [...] assinei o contrato de aprendiz quando contava ainda 12 anos de idade. [...] Agora eu tinha acesso a livros melhores. Um conhecido dos aprendizes dos livreiros me deixava às vezes pegar um pequeno livro emprestado, eu deveria ter o cuidado de devolvê-lo em breve e limpo. Muitas vezes eu me sentava no meu quarto e lia a maior parte da noite, quando o livro havia sido emprestado no fim daquela tarde para ser devolvido no início da manhã seguinte, a fim de ninguém notasse sua falta.
>
> Depois de algum tempo, um engenhoso comerciante, o sr. Matthew Adams, dono de uma linda coleção de livros e frequentador de nossa tipografia, tomou conhecimento de mim e me convidou-me para conhecer sua biblioteca; ele passou a me emprestar os livros que eu escolhia ler. [...] Como a escrita em prosa foi de grande utilidade no decorrer da minha vida, e um dos principais meios de meu progresso, devo dizer-lhe como, nessa situação, obtive minha pouca capacidade dessa maneira.
>
> Havia outro rapaz apreciador de livros na cidade, chamado John Collins, de quem eu me tornei conhecido. Às vezes discutíamos, e gostávamos tanto de debater e de refutar um ao outro. [...] Uma De uma forma ou outra, surgiu entre Collins e eu uma desavença. [...] Pelo fato de termos nos separado sem resolvê-la, não nos vimos por algum tempo, e eu me sentei para colocar meus argumentos por escrito; eu os copiei e enviei para ele. Ele replicou, e eu trepliquei. Haviam se passado três ou quatro cartas de cada lado quando meu pai encontrou meus papéis e os leu. Sem entrar na discussão, ele aproveitou a ocasião para me falar sobre minha forma de escrever: observou que, embora eu tomasse certa vantagem sobre meu antagonista em correção ortográfica e pontuação (algo que eu devia à tipografia), fiquei muito aquém na elegância das expressões, no método e na perspicuidade, dos quais me convenceu com vários exemplos. Vi a justiça em suas observações, e a partir daí comecei a ficar mais atento à forma de escrever, e decididos a tentar melhorar.

> Por volta dessa época, encontrei um estranho volume de *Spectator*. Era o terceiro. Nunca vira antes nenhum deles. Comprei-o, li por inteiro e fiquei muito satisfeito. Considerei a escrita excelente e desejei imitá-la, se me fosse possível. Com isso em mente, peguei alguns jornais e apresentei algumas sugestões de sentimento em cada frase, deixei os textos por alguns dias e, sem olhar para o livro, tentei completar os textos de novo, expressando de modo cabal cada sentimento, e de forma tão completa como antes, com todas as palavras adequadas que pudesse utilizar. Em seguida, comparei o meu "Spectator" com o original, descobri algumas falhas e as corrigi. Todavia, achei que me faltava vocabulário, ou a prontidão para me lembrar dele e usá-lo. [...] Por isso, peguei alguns contos e os converti em versos; e, certo tempo depois, quando já me encontrava bem esquecido da prosa, voltei a eles. Às vezes eu também transformava minhas sugestões em uma confusão, e depois de algumas semanas tentava colocá-las em ordem, antes de começar a formar frases completas e completar o jornal. Isso deveria me ensinar o método de arranjar os pensamentos. Ao comparar meu trabalho com o original, descobri várias falhas e as corrigi; às vezes, contudo, eu tinha o prazer de pensar que, em certas particularidades de pequena importância, tive a sorte de melhorar o método ou a linguagem, e isso me estimulou a pensar que poderia chegar a ser um escritor de inglês tolerável, algo que eu muito desejava.
>
> ... Enquanto tencionava melhorar meu nível idiomático, encontrei uma gramática inglesa (acho que era de Greenwood); no final dela havia dois pequenos textos sobre as artes da retórica e da lógica, o último acabava com o exemplo de uma disputa no método socrático...

Os alunos deverão trabalhar com algumas narrativas escritas algumas vezes durante a semana enquanto estiverem nas etapas do discernimento e do saber. Aqui estão algumas sugestões para quem está começando a escrever suas narrativas:

Peça à criança para ler um pequeno parágrafo de alguma obra de literatura clássica. Comece com algo bem simples e curto (duas frases, no máximo). Peça para a criança ler a passagem várias vezes. Então deixe o livro de lado e peça para o filho reescrever o parágrafo com as palavras dele. No começo, o aluno provavelmente reescreverá a passagem quase palavra por palavra. Está tudo bem. Depois, quando as passagens se tornarem maiores e mais complexas, a criança passará a reescrevê-las utilizando mais e mais as

próprias palavras. Aumente as metas pouco a pouco. Seja flexível. Esse é um processo que levará tempo até atingir a perfeição. Você deve permitir que seu filho escreva a narrativa com velocidade da primeira vez, depois exija que ele reescreva de maneira mais caprichada antes de entregar. Quando a criança se tornar capaz de escrever uma narrativa com razoabilidade, então ela poderá passar à prática ao utilizar os livros que você deseja que ela leia para o estudo de história e literatura.

Antes de começar a escrever narrativas, pode ser que alguns estudantes na etapa do discernimento precisem continuar com as atividades de cópia, ditados, diários e composição de cartas (como na etapa do conhecimento) por mais ou menos um ano. Um de nossos filhos era um escritor relutante. Ele detestava segurar o lápis e jamais conseguia pensar em nada para escrever. Sua escrita era muito ruim. Isso continuou até que ele contar 15 anos de idade; então algo aconteceu. Não sabemos o que foi. Talvez ele tenha sido atingido por um raio ou, quem sabe, tenha despertado do coma. Da noite para o dia, ele passou a escrever algumas coisas bastante criativas. Suas cartas eram divertidas. Agora dizemos que ele é um ótimo escritor — quando deseja sê-lo. Nós lhe dizemos isso para que você não desista de seus filhos se eles odiarem escrever aos 13 ou 14 anos.

Pergunta. Espero que esse ano possamos começar a escrever narrativas com o nosso filho de 13 anos, mas eu não sei bem qual é o objetivo da atividade. É apenas para copiar o texto e utilizar a memorização? É para estimular o uso do vocabulário presente na obra? Apenas quero saber se meu filho entende o que está acontecendo? Como se avalia um parágrafo reescrito?

Resposta. Quando você começar a escrever as narrativas, é melhor escolher um parágrafo simples e pequeno de um livro ou de um conto que a criança gosta e com o qual está acostumada. Faça com que ela leia várias vezes, então deixe o livro de lado. Peça para escrever o parágrafo com as próprias palavras. Pode ser que o faça de maneira idêntica pela primeira vez,

porém você deve demonstrar a necessidade de aprender diferentes maneiras de se expressar. Quanto mais praticar, melhor ficará. A criança de 13 anos pode escrever narrativas inspiradas em livros como *Strawberry Girl* [A garota morango], as *Crônicas de Nárnia* ou a série *Little House* [Pequena casa]. Os parágrafos podem começar com duas frases, até que se tornem várias ao final do ano. Um adolescente de 15 anos poderá escrever narrativas vindas de *Little Women* [Pequenas mulheres], *The 21 Balloons* [Os 21 balões] ou The Story of Rolf and the Viking Bow [A história de Rolf e o arco viking]. Você deve pedir que ele narre parágrafos com várias frases. Aos 18 anos, ele poderá escrever narrativas sobre Lorna Doone, *Kidnapped* [Sequestrado] ou *O hobbit*. Você poderá pedir que ele narre parágrafos bastante extensos. No entanto, não tome a prática como regra. Cada criança é diferente, e cada uma possui capacidades próprias. Se um filho esboça uma dificuldade genuína, você poderá oferecer pequenas dicas enquanto ele escreve. Se ele se mostrar capaz, então exija cada vez mais. Talvez, para encorajá-lo, você poderá escrever sua narrativa em conjunto com ele. O objetivo do exercício é exercitar a mente, claro. Desejamos exercitar a mente, alongá-la, fortalecê-la e afiá-la. Se o corpo não é exercitado, torna-se flácido e fraco. Se a mente não é exercitada, torna-se estúpida. Além disso, o exercício melhorará suas habilidades de escrita — o que motivava Benjamin Franklin.

2. Resumos escritos

O resumo escrito está um passo além da narrativa. É uma habilidade muito mais difícil de aprender, e, normalmente, só é aperfeiçoada após anos de prática. A maioria dos adultos acha complicado escrever um resumo. Bons escritores de jornal levaram essa habilidade à perfeição.

Qual a diferença entre escrever um resumo e uma narrativa? No resumo escrito a preocupação é o conteúdo. Seu objetivo é condensar a informação do material. Você pode fazer com que seu filho o pratique ao lhe pedir para

resumir passagens dos livros de literatura e história que vocês estudaram. Na narrativa escrita, a maior preocupação é o estilo. Seu objetivo é imitar o estilo e o vocabulário do autor de onde extrai a narração. Trata-se de um exercício para ajudá-lo a aprender a escrever de maneira polida; portando, escolha escritores polidos.

3. Dissertações, escrita criativa e outros

Além das atividades de cópia, ditados, diários e cartas, narrativas escritas e resumos, o estudante na etapa de discernimento deve aprender habilidades avançadas de listagem, praticar a escrita criativa e escrever dissertações. Alguns pais se sentirão mais confiantes em lecionar redação se tiverem preparado um currículo de redação para guiá-los pelo processo — pelo menos com os primeiros filhos. Um currículo que pode servir a este propósito é o livro *Understanding Writing* [Compreensão da escrita], de Susan Braderick. Faça todo o necessário.

O estudante mais avançado nas habilidades de escrita poderá participar de um dos vários concursos de escrita criativa.

Com alguns alunos, apenas a motivação para pegar o lápis já será um grande feito. Motivar e estimular o desejo de seu filho é seu trabalho como pai. Tenha em mente que o passo mais difícil para induzir o aluno relutante a escrever é o de fazê-lo começar. Uma vez que ele passe por essa barreira e comece a se mover, será mais fácil fazê-lo prosseguir. Você deverá perceber qual a própria disposição e a de seu companheiro em relação à escrita. Você gosta de escrever? Seus filhos já o viram escrever algo além do absolutamente necessário? A resposta pode lhe dar uma pista dos motivos de seu filho não gostar de escrever.

Faça questão de que sele desfrute da boa literatura e deixe de lado o excesso de “imagens” (televisão, vídeos e jogos eletrônicos). O que entra na mente infantil sairá mais tarde na escrita. Se nada de literário entrar, então não espere a saída de algo de literário.

Onde entra a escrita criativa? Na verdade, escrever diários e cartas já são os primeiros passos da escrita criativa. Muitas crianças avançam com velocidade no desenvolvimento das habilidades relativas à escrita criativa na etapa do discernimento, enquanto outras percorrem o caminho com velocidade menor e constância — às vezes devagar demais para nossas expectativas. Não se pode forçar a escrita criativa, mas é possível estimulá-la com a utilização de recursos para. Peça tarefas simples no início e, quem sabe, divertidas. Escreva a paródia de uma música ou poema favorito. Descreva algum acontecimento engraçado que ocorreu em família.

As crianças na etapa do discernimento devem escrever todos os dias. Uma página de caderno por dia é tarefa suficiente para uma criança nessa idade. Algumas serão incapazes de parar em apenas uma página. As redações das crianças, de preferência, deverão estar relacionadas às tarefas de literatura e história.

5. Discurso e debate

Na etapa do conhecimento, o aluno deve praticar a interpretação oral com regularidade. Agora, na etapa do discernimento, ele dará continuidade à interpretação oral, e serão acrescentados o discurso e, provavelmente, o debate.

13 anos: interpretação oral: discurso;

14 anos: interpretação oral: discurso;

15 anos: interpretação oral: discurso (debate, opcional).

Peça a seu filho que escreva e apresente um discurso e uma interpretação oral por mês. Seria melhor se seu filho falasse diante de uma plateia — seu grupo de ensino doméstico, sua igreja, ou, se não for possível, sua família será suficiente. O discurso de um adolescente de 13 anos pode ser algo simples, como um artigo sobre a dirofilariose canina, ou uma descrição das últimas férias de verão. Seja um pouco mais exigente com o filho de 15 anos.

Os benefícios do debate

Algumas crianças na etapa do discernimento estarão prontas para começar a debater, enquanto outras poderão necessitar de preparo até a etapa do saber. Se você é como a maioria de nós, então nunca debateu no ensino fundamental ou médio, tampouco compareceu a um debate, e não faz a mínima ideia de como começar.

Um debate é uma disputa entre dois ou mais oradores que apresentam argumentos opostos com a esperança de convencer a audiência.

> Ele [o estudante debatedor] aprende a utilizar a biblioteca e a encontrar a informação exata necessária no menor tempo possível. E aprende a ser direto e preciso, a analisar, a distinguir entre o vital e o sem importância. Aprende a necessidade de provar suas afirmações, de apoiar cada uma delas com evidências válidas e razoáveis — a exigir a mesma prova vinda dos outros. Ele aprende a apresentar suas ideias de maneira clara e efetiva, que convença os outros a pensar do mesmo modo. Aprende a pensar sob pressão, a "usar sua cabeça" no momento do aperto, a tomar decisões com rapidez e precisão. Em suma, o essencial em qualquer situação de debate é convencer o ouvinte que o seu lado da proposta é o desejável. (Harrison Boyd Summers, *How to Debate*)

O debate é o melhor exercício mental. Em sua autobiografia, ao fazer referência a uma discussão em grupo, similar a uma reunião da equipe de debate, John Stuart Mill afirmou: "Sempre tomarei essas conversas como a data da minha inauguração como pensador independente e original". Se seu filho puder participar de um debate ao menos uma vez ao ano, ao menos algumas vezes entre as idades de 15 e 18 anos, duvidamos que qualquer um de vocês se arrependa. Um aviso, entretanto: debater toma muito tempo. Espere passar ao menos 7 horas da semana com a prática dessa atividade.

Recursos para debater e discursar

Há ótimos recursos para auxiliar as famílias praticantes do ensino doméstico nas matérias de discurso e debate. A National Christian Forensics and Communication Association [Associação Cristã Nacional de Temas Forenses e Comunicação] (NCFCA) procedeu do Home School National

Debate Tournament [Capeonato Nacional de Debates do Ensino Doméstico] que começou em 1997 pela Home School Legal Defense Association [Associação de Defesa Legal do Ensino Doméstico]. O NCFCA organiza competições de discurso e debate, e está ligada a famílias adeptas ao ensino doméstico de toda a nação, interessadas no tema. Ocorre um torneio anual nacional e estão envolvidas na preparação de materiais em várias mídias para ajudar famílias que procuram vídeos com teor jurídico, até mesmo para instrução e julgamento.

Temos artigos sobre discursos e debates no Apêndice 1, os artigos 15 e 16, e no Apêndice 2 há uma lista de recursos para o treinamento de discursos e debates em lugar apropriado.

6. Línguas

As crianças, na etapa do discernimento, devem continuar o estudo da gramática latina, e agora deverão passar a aprender a gramática grega. Continue utilizando os cadernos de linguagem. Pelo fato de ser melhor aprender a gramática e nossa língua a partir do estudo de um idioma estrangeiro, o estudo de nossa gramática pode ser abandonado se a criança estiver estudando a gramática latina ou grega. Alguns estudantes terão completado a gramática latina ao final da etapa do discernimento.

Aos 13: Comece o estudo da gramática grega; continue estudando gramática latina.

Aos 14: Continue com a gramática grega e latina.

Aos 15: Continue com a gramática grega e latina.

7. Lógica

A idade ideal para começar o estudo da lógica formal e informal é aos 13 anos. O livro didático perfeito de lógica para adeptos do ensino doméstico ainda não foi escrito. No momento, os textos mais simples de usar são os livros *Critical Thinking* [Pensamento crítico]1 e 2. Eles incluem certa carga de “correção política”. Entretanto, você a reconhecerá de imediato. Será

simples identificar os pontos e se desviar deles. Serão necessários de 2 a 3 anos para completar a série. Eis nossa recomendação para o estudo da lógica:

Aos 13: *Critical Thinking*, livro 1

Aos 14: *Critical Thinking*, livro 2

Aos 15: *Critical Thinking*, livro 2

O primeiro livro apresenta os conceitos mais básicos da lógica informal e alguns tópicos da lógica formal. O segundo aprofunda-se nos conceitos apresentados no primeiro.

Você deverá estudar lógica de 20 a 30 minutos por dia. Lições de revisão ao final de cada capítulo poderão tomar mais tempo. As revisões poderão ser usadas como provas concernentes aos capítulos. *Critical Thinking* é um curso de discussão, portanto, o pai ou um filho mais velho deverá auxiliar a criança no curso. Cada aula será lida individualmente, então vocês se sentarão juntos, discutirão a aula e resolverão os problemas. Cada estudante deverá manter seu caderno de lógica desde o primeiro ano.

Se você chegar a uma lição difícil, faça o seguinte:

1. Reveja essa lição, e, talvez, a lição anterior — pode ser que você tenha perdido alguma coisa;
2. Vá para a lição seguinte — ela pode conter uma explicação melhor;
3. Com suas palavras, explique a alguém o que você não entender. O processo de articular a dificuldade com suas palavras costuma deixá-la mais clara para si;
4. Procure ajuda em outro lugar — outro livro didático, ou alguém mais experiente.

A lógica nos confronta em todos os veículos de comunicação — televisão, rádio, revistas, jornais e livros. Aponte falácias lógicas e técnicas de propaganda ao encontrá-las. Extraia as premissas e conclusões a partir das discussões e determine sua validade.

8. Matemática

Uma vez que a álgebra e a geometria são aplicações da lógica à aritmética, elas serão mais bem compreendidas por estudantes na etapa de discernimento, que começa, para a maioria das crianças, aos 13 anos. O estudo de matemática será o idêntico de modo independente da abordagem utilizada (clássica ou outra).

Enquanto estuda o conceito do *trivium*, você entenderá o motivo de não tentar ensinar álgebra a uma criança de 10 anos de idade.

Aos 13: álgebra 1

Aos 14: álgebra 2I

Aos 15: geometria

Crianças de 13 e 14 anos estudarão álgebra 1 e 2. O adolescente de 15 estudará geometria. Sugerimos que não seja empregada mais de uma hora por dia com matemática, a não ser, é claro, que você tenha um filho que peça mais tempo. A matemática é uma área em que os materiais autodidáticos são úteis em especial. Nós utilizamos *Algebra I* e *Algebra II* de Saxon, e *Geometry*, de Harold Jacobs, mas há muitos outros livros didáticos sobre o assunto a disposição de famílias adeptas ao ensino doméstico.

9. Ciência

Quando os estudantes estavam na etapa do conhecimento, eles fizeram observações, pesquisaram fenômenos e descobriram o mundo à sua volta, além de, em geral, aprenderem a amar a ciência. Nas etapas do discernimento e do saber, os estudantes poderão continuar a observar e investigar. E também começarão o estudo sistemático dos diferentes campos científicos (geografia, biologia, química e física), além de aprenderem a conduzir experimentos em cada um desses campos. Aos 15 anos, você poderá começar a deixar seu filho estudar um curso preparado de geografia. Recomendamos a série *Exploring Creation* [Explorando a criação] de Jay Wile, produzido pela Apologia Educational Ministries.

Aos 13: projeto de feira de ciências ou concurso científico; direcionado pelo interesse;

Aos 14: projeto de feira de ciências ou concurso científico; direcionado pelo interesse;

Aos 15: projeto de feira de ciências e curso de geografia (o ensino de geografia poderá começar aos 14 e se estender por dois anos).

Feiras de ciência e concursos

Recomendamos que os estudantes entrem em uma feira de ciências ou em um projeto científico a cada ano. (Veja nossa lista de concursos nacionais no primeiro Apêndice 1, artigo 13). Esse tipo de projeto normalmente leva vários meses para ser completado e incorpora gramática e lógica, pesquisa em biblioteca (coleta de dados), habilidades de comunicação verbal (entrevista de pessoas e apresentação para o juiz da feira de ciências), escrita (cada projeto será descrito), decisões sobre uma hipótese, analise de dados e conclusão. A criança de 13 anos poderá começar com um projeto simples que envolva algum interesse especial (coleção de pedras, culinária, jardinagem). O projeto do aluno de 15 anos será mais complexo.

No primeiro ano em que seu filho participar de um projeto de ciência, esse será, provavelmente, um terreno ainda não explorado para ele, e será preciso auxiliá-lo. Esse será o ano em que você, o pai, se tornará o mestre em elaboração de projetos científicos (Lembre-se de que o ensino doméstico é para os pais). Aos 15, seu filho será muito mais independente, e você precisará invadir o projeto se quiser saber o que está acontecendo, então aproveite enquanto puder. Na verdade, adoramos ajudar com os trabalhos. É uma de nossas partes favoritas do ensino doméstico. Gostamos de pesquisar nas enormes bibliotecas universitárias.

Nathaniel, nosso filho mais velho, estava sempre ávido a estudar ciências. Quando ele contava 13 anos, vimos, em um jornal, que em dois meses haveria uma feira de ciências no *shopping* local. Estava aberta a todos os estudantes da área, mesmo aos adeptos do ensino doméstico. Tentamos criar um projeto para entrar na feira. Dado o interesse de Nathaniel por modelos de foguetes, ele elaborou um projeto para medir o quão alto voaria um foguete

dependendo dos diferentes pesos da carga. Ele construiu uma ferramenta que usava ângulos e geometria para medir a altitude do voo do foguete. O projeto era bastante simples, e sua descrição e apresentação foram simplórios. Ele ganhou o primeiro prêmio, ao vencer todos os outros estudantes da oitava série das escolas públicas — havia mais de vinte outras crianças. O projeto de Johannah versava sobre como fazer pão com diferentes ingredientes. Ela ficou o terceiro lugar. Os projetos deles eram tão simples que ficamos muito surpresos por eles terem ido tão bem. Imagino que tenha sido a simplicidade, complementada com o trabalho meticuloso, que impressionou os juízes. Então, nos cinco anos seguintes, Nathaniel e os irmãos participaram da feira de ciências. Quando Nathaniel completou 14 anos, ele fez plantas crescerem sob condições hiperbáricas (sob alta pressão atmosférica) e, aos 15, sob condições hipobáricas. Aos 16 anos, ele cultivou plantas enquanto eram atingidas por ondas de frequência baixas ao extremo e, aos 17, participou do projeto da Nasa intitulado “Space Science Mars” [“Ciência Espacial Marte”]. Foi tão divertido! Adoramos ir a diferentes bibliotecas pesquisar sobre cada projeto. Foi desafiador concebê-los e elaborá-los. Algumas feiras de ciências permitirão que os estudantes mostrem os projetos que são mais como apresentações (como um vulcão funciona) ou coleções (os diferentes tipos de insetos que habitam meu jardim) e não como um verdadeiro experimento científico com hipótese, procedimento, dados e conclusão. Demonstrações e coleções são bons projetos para iniciantes, na etapa do conhecimento (dos 8 aos 12 anos), enquanto estudantes nas etapas do discernimento e do saber deverão se esforçar para conduzir experimentos científicos reais.

A ciência da criação

Você não vai querer negar aos seus filhos a riqueza de recursos sobre a ciência da criação que estão à disposição — vídeos científicos, livros e fitas. Nossa lista de recursos tem muitos desses recursos.

10. Arte e música

Aqui as famílias variam em relação à prioridade. Se nenhum dos pais conta com habilidade especial nas áreas da música ou arte, então você poderá procurar lições formais de arte e música com um tutor profissional, ou poderá tentar utilizar um dos cursos de “aprenda sem sair de casa”. Mesmo que seu filho não mostre nenhum talento ou interesse particular nessas matérias, você ainda deverá fazer com que desenvolva o apreço pelo mundo da arte e da música. Será difícil se a criança não tiver interesse especial, e mais ainda se os pais não possuírem talento ou interesse. Exponha a família à boa música e à boa arte. Quando nossos filhos eram pequenos, compramos alguns instrumentos baratos — uma auto-harpa, um saltério, alguns gravadores e um violão. Passamos muitas horas tocando os instrumentos juntos. Você encontrará materiais para a apreciação da arte e da música na lista de recursos.

O PAPEL DO PAI

Até aqui, cobrimos a parte acadêmica para a etapa do discernimento, entretanto, há mais a ser dito. O ensino doméstico clássico não trata apenas de latim e lógica, é estilo de vida. Nós cometemos vários erros no ensino doméstico. Aqui está um deles:

Os pais devem ser mais do que os diretores da escola: os filhos na etapa do discernimento precisam dos pais. Claro, os filhos de qualquer idade necessitam da atenção paterna, mas os nos primeiros anos de adolescência são mais dependentes. Nós nem sempre estivemos alertas a isso em nossa família. Ah, se pudéssemos voltar e fazer as coisas certas! Ao menos os outros podem aprender com nossos erros. Se estiver no horário do seu pequeno escrever as palavras que lhe são ditadas, mas o pai quiser que ele o vá ajudar a cortar a grama, então, sem pestanejar, deixe o cortador de grama vencer. Os pais contam apenas com um período mais curto para estar com os filhos, então deixe-o tirar o melhor proveito possível.

Sugerimos ainda que os pais assumam a tarefa de ensinar grego às crianças. Isso não vai apenas ajudá-las, mas também vai auxiliá-lo — com seus estudos da Palavra de Deus e de outras muitas maneiras. Também é melhor que o pai ensine lógica. Eis aqui um fragmento de uma dissertação que Nathaniel, nosso filho mais velho, escreveu na época: “Quando eu contava uns 13 anos, meus pais disseram que estudaríamos lógica. Que pensamentos atravessaram minha mente anti-intelectual, eu não posso dizer com certeza, mas eu imagino não terem sido nada bons. Até então, meu pai ainda não tinha tomado quase nada da responsabilidade de nos ensinar, então o fardo ficou sobre os ombros de minha mãe. Se você não sabe o que é aprender lógica com uma mulher, então como eu poderia lhe explicar...”. Nós citamos isso não com a intenção de demonstrar que as mulheres não podem ensinar lógica, mas apenas para sugerir que talvez os pais estejam com frequência mais aptos à tarefa.

DEZ COISAS PARA FAZER COM AS CRIANÇAS ENTRE 13 E 15 ANOS

1. Culto familiar	Estudo bíblico familiar de manhã e à noite; perguntas do nível do discernimento; memorização.
2. Leitura em voz alta	Continue a ler em voz alta por duas horas diárias; narração oral.
3. História e literatura	Combine os dois temas: leitura dos clássicos; narração escrita; memorização; esboços; caderno de história; se possível, estude a história em sentido cronológico; use fontes primárias.
4. Composição	Narração escrita; esboços; resumos; ensaios; escrita criativa; pode-se usar o currículo preparado.
5. Discurso e debate	Interpretação oral; discurso; debate.
6. Línguas	Termine a gramática latina e o caderno de latim; inicie a língua grega e o caderno de grego.
7. Lógica	*Critical Thinking*, books 1 e 2.
8. Matemática	13 anos: *Algebra I*; 14 anos: *Algebra II*; 15 anos: *Geometry*.
9. Ciência	13 e 14 anos: feiras de ciências; projetos e competições; 14 e 15 anos: *Earth Science*.
10. Arte e música	Aulas formas de música; interesse dirigido.

FIGURA 13A

Para livros e materiais curriculares mencionados neste capítulo, e outros recursos semelhantes, veja a nossa *Lista de recursos* no final deste livro.

SUGESTÃO DE ROTINA DIÁRIA (PARA FAMÍLIAS COM PELO MENOS UMA CRIANÇA NA ETAPA DO DISCERNIMENTO)

O esboço a seguir é apenas uma sugestão para lhe dar a ideia de como preparar sua tabela.

Princípios a serem considerados: as crianças devem realizar grande parte das tarefas domésticas, o que deixará os pais livres para tratar das questões pessoais ou administrativas. “Dormir cedo, acordar cedo” é uma boa política, em geral, embora o horário de trabalho do pai, ou outras questões semelhantes, não o permitam.

5h – 6h30.	Os pais acordam, as crianças se levantam, tomam banho, se vestem, começam as tarefas matinais, devocional pessoal.
7h.	Café da manhã. Culto familiar pela manhã.
8h.	Tarefas diárias (de acordo com o cronograma predeterminado).
8h30 – 9h30.	Rotina escolar: 1. Recitação de um texto memorizado: todas as crianças recitam um texto memorizado. 2. Prática da leitura: cada criança capaz de ler em voz alta lê algum texto, enquanto as demais escutam (Bíblia, história, constituição, poesia etc.). 3. Prática da narração: todas as crianças praticam a arte da narração (se houver várias crianças, divida-as em dois grupos — metade realiza a tarefa pela manhã, a outra pela tarde).

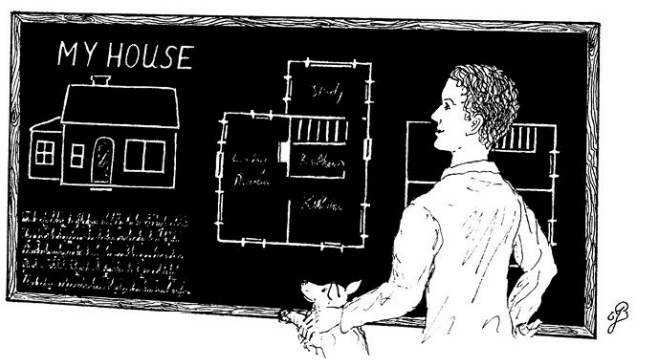
9h30 – 10h15.	A mãe lê em voz alta para todas as crianças (a narração pode ser incluída nesta etapa). As crianças podem executar suas tarefas de artes ou ofícios enquanto a mãe faz sua leitura.
10h15 – 11h30	1. Instrução em voz alta para crianças mais novas (ou à tarde, quando elas estão dormindo).
	2. A mãe ajuda as crianças de 10 anos de idade ou mais (segundo a necessidade) com os estudos acadêmicos.
	3. Estudos acadêmicos independentes para crianças de 10 anos ou mais.
	4. Cópia de textos, caderno de história e linha do tempo.
11h30.	Preparar o almoço. Arrumar a casa.
12h.	Almoço. Tarefas do meio-dia.
13h.	Sesta. Estudos acadêmicos independentes para crianças de 10 anos ou mais.
14h – 14h45.	A mãe lê em voz alta e termina a narração (crianças podem continuar seus estudos em artes e ofícios).
14h45 – 16h30.	Estudos acadêmicos independentes para crianças de 10 anos ou mais. O mesmo procedimento do período das 10h15; brincar fora de casa; fazer uma caminhada; realizar uma vez por semana algum trabalho voluntário (lar de idosos etc.); viagens de campo; biblioteca.
16h30 – 17h.	Preparar o jantar. Arrumar a casa.

17h.	Jantar. Tarefas da noite.
18h30.	Adoração em família.
19h – 19h45.	O pai lê em voz alta para a família.
20h – 20h30.	Atividades familiares.
20h30 – 21h.	Preparar-se para ir dormir.
21h.	Luzes apagadas.

Crianças entre 10 e 12 anos precisam de atenção mais personalizada. Deve-se planejar um momento com cada uma, de uma a duas horas por dia. Assim que a criança contar 13 anos, deve realizar muitos dos seus estudos de forma independente. Os pais podem assumir a tarefa de ensinar grego e lógica aos filhos.

Quando o filho conta 13 anos, ele deve ser capaz de empreender a maioria dos estudos de modo independente. Depois dos 12 anos, as aulas de lógica sempre serão particulares ou em um grupo com irmãos de idade próxima. O pai pode assumir o ensino de grego e lógica.

Capítulo Quatorze



O nível da sabedoria: Dez coisas para fazer com os filhos com idades entre 16 e 18 anos

O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria.
— Provérbios 4.7

Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio.
— Salmos 90.12

PALAVRAS INICIAIS

O modelo do *trivium* para a educação infantil pode ser explicado em termos usados na informática. As crianças são:

Iniciadas na primeira parte do nível de conhecimento (do nascimento até cerca de 9 anos).

Introduzidas à informação na segunda parte do nível de conhecimento (dos 10 aos 12 anos).

Processam essa informação no nível de entendimento (dos 13 aos 15 anos).

Imprimem essas informações no nível de sabedoria (dos 16 aos 18 anos).

A partir dos 16 anos, as crianças avançam para a idade adulta com muita rapidez. Nós o chamamos de nível da sabedoria.

Muitos assuntos acadêmicos são comumente estudados nesse nível, mas neste capítulo também incluiremos algumas considerações sobre a preparação dos jovens para a idade adulta — considerações de cunho não acadêmico. Lembre-se, não buscamos reconstruir a educação clássica utilizada pelos antigos gregos e romanos nos períodos históricos correspondentes. Não nos interessamos em reviver as civilizações grega e romana. Não enfatizamos os temas da literatura clássica, produtos da cultura pagã. Enfatizamos o modelo e método clássico, não limitados a uma cultura específica. Buscamos aplicar, de maneira prática, em todas as áreas da vida, os princípios já comprovados eficientes, surgidos na educação clássica antiga, por mais falha que fosse.

O objetivo da educação clássica em artes liberais era conceder ao aluno as habilidades ou ferramentas básicas para aprender por conta própria. Entretanto, a educação acadêmica não é suficiente. A fim de incrementá-la e corrigi-la, precisamos adicionar três objetivos da educação hebraica clássica: 1) ensinar aos filhos a Palavra de Deus; 2) prepará-los para o casamento; e 3) treiná-los para uma vida no comércio (no caso dos meninos) ou para cuidar da família (no caso das meninas).

O nível de sabedoria é o mais criativo. O nível de sabedoria toma os fatos (o conhecimento) e as teorias (a compreensão desse conhecimento) e os põe em prática. O ensino sairá do estágio da instrução e correção para a persuasão e direção. Perguntas serão realizadas, discussões serão iniciadas e incentivam-se a iniciativa e as inovações pessoais.

Oferecemos neste capítulo apenas um modelo de trabalho, que cada família pode expandir e adaptar às próprias necessidades, preferências pessoais e pontos fortes e fracos.

UMA SUGESTÃO DE CURSO DE ESTUDO

1. Culto familiar

O culto familiar deve levar cerca de 45 minutos a uma hora inteira por dia. Além disso, o pai pode conduzir os alunos mais velhos em pesquisa sistemática por toda a história da teologia. Pode-se usar algum livro de comentários baseado em uma *Confissão de fé* ou *Catecismo*, ou um livro didático de teologia, adicionando a isso outros livros sobre assuntos mais específicos. À noite, o pai pode ler em voz alta algum material devocional, ou mesmo biografias cristãs.

As devoções pessoais devem ocupar 15 a 30 minutos do dia do aluno, no mínimo. Ele pode buscar obter a visão geral dos livros da Bíblia nesse período, ou estudar um tópico específico, encontrar passagens relacionadas a assuntos do seu interesse, valendo-se de uma Bíblia dividida em tópicos ou do livro *The Treasury of Scripture Knowledge* [O tesouro do conhecimento da Escritura]. Ou pode estudar os originais em grego ou hebraico. O aluno também pode ler material devocional, como *Through Baca's Vale* [Através do vale de Baca], de Joseph Charles Philpot; *Enriquecendo-se com a Bíblia*, de Arthur W. Pink; ou biografias cristãs como *The Mercies of a Covenant God* [As misericórdias do Deus do pacto], de John Warburton.

O aluno pode expandir seus interesses na área da teologia, mas deve se manter afastado das áreas especulativas, e permanecer próximo dos temas fundamentais, como as doutrinas de Deus, de Cristo, do homem, do pecado e da salvação, e tópicos mais práticos como hermenêutica e apologética. Isso proporcionará uma base ampla e firme sobre a qual será possível construir algo mais elaborado mais tarde. Se o estudante se vir interessado na história da religião cristã, então encontrará muitas controvérsias. Os jovens nessa idade são, muitas vezes, propensos à adesão a um ponto de vista e à exclusão dos demais, antes mesmo de serem capazes de entender todas as questões envolvidas. Recomendamos, portanto, ler uma ampla gama de pontos de vista

opostos, que incentivarão a consciência e o discernimento dos alunos, enquanto estimulam o equilíbrio e a profundidade do pensamento.

2. Leitura em voz alta

Continue a ler em voz alta para a família por cerca de duas horas diárias. Sem a leitura em voz alta, o ensino doméstico pode ser algo bastante enfadonho. Existe apenas um problema em ler um bom livro — o medo de nunca encontrar outro tão bom!

Quando seus filhos entrarem no nível da sabedoria, você se verá relendo muitos livros excelentes, lidos quando se era mais jovem. Tudo bem. Eles permanecem muito bons na segunda leitura. Os livros da série *Little House* [Casa pequena], de Laura Ingalls Wilder, e *The Wreck of the Grosvenor* [O naufrágio do Grosvenor], de W. Clark Russell, podem ser lidos mais de uma vez, sem problema algum.

Sempre deixamos os livros engraçados, como *Life with Father* [Nossa vida com papai], de Clarence Day, e *Penrod*, de Booth Tarkington, para o papai ler à noite. Quando ele lê uma parte engraçada e começa a rir, todos nós nos unimos a ele, mesmo que não seja muito engraçado, e isso o faz rir ainda mais e, a essa altura, Nathaniel já está no chão, abraçando a barriga e rolando no tapete; logo, papai tira os óculos e limpa os olhos. Há algo em uma boa risada vinda do fundo da alma que a refresca do cansaço do dia.

3. História e literatura

No que diz respeito à história e literatura, com exceção do fato de os desafios se tornarem mais difíceis, não há muita diferença entre os níveis do entendimento e da sabedoria. Explicamos como combinar o estudo cronológico da história com o da literatura, no capítulo anterior. No nível da sabedoria, há muita vantagem em se valer da abordagem cronológica. Nesse momento, o aluno já está acostumado com muitos períodos e localidades históricas, os dispôs em sentido cronológico na sua linha de tempo, e

geográfico nos mapas, estudou muitos detalhes referentes a esses períodos e avaliou, de forma lógica, muitas fontes de registros históricos.

Nesse ponto, sua família talvez estude a história de forma mais direta. Agora é um bom momento para encadear tudo em uma pesquisa ampla, que analise tudo isso e preencha as lacunas restantes. É possível começar pela história antiga e seguir até os tempos modernos, preencher os hiatos, passar mais tempo nos períodos evitados nos anos anteriores e menos tempo no já detalhados.

Um exemplo de lição de história e literatura

No Capítulo 13, apresentamos um exemplo de como pôr em prática os oito elementos principais no estudo da história e da literatura. Eis outro, desta vez o objeto de estudo será o período compreendido entre 721 a 586 a.C.:

1. Leia a seção de um livro de história correspondente ao período estudado. Se o livro em questão for *Streams of Civilization* [Fontes da civilização], o capítulo 5 é o indicado.
2. Leia em voz alta para os filhos e faça-os ler fontes primárias e literatura da época para si mesmos também. Não é necessário ler todos os livros listados abaixo, apenas alguns. É possível combinar algumas aulas de retórica com esta fase do ensino.
   Leituras:

   a. Israel — Faça uso de uma Bíblia cronológica para ajudá-lo a encontrar as leituras exatas na Escritura: 2 Reis 18—25; 2 Crônicas 29—36; Miqueias; Isaías; Jeremias; Ezequiel; Sofonias; Naum; Habacuque; Daniel; Obadias; Lamentações; *Antiguidades dos judeus*, de Josefo, livro 9, capítulo 14, livro 10, capítulos 1—10 (todas essas fontes são indicadas a todas as idades).

   b. Assíria/Babilônia — *Ancient Geography* [Geografia antiga], de Estrabão, livro 16.1.5 (13 anos ou mais).

c. Grécia — “Thales”, de *Lives of the Philosophers* [Vida dos filósofos], de Diógenes Laércio (13 anos ou mais); *Fábulas de Esopo* (todas as idades); “Sólon”, em *Vidas paralelas*, de Plutarco (13 anos ou mais); “Selected Fragments” [“Fragmentos selecionados”] de poesia de Sólon (13 anos ou e mais); *The History of Persian Wars* [A história das guerras persas], do livro de Heródoto 1.29-33 (13 anos ou mais); *The Athenian Constitution* [A constituição ateniense], de Aristóteles, capítulos 2—12 (13 anos ou mais).

d. Roma — “Numa”, de *Vidas paralelas*, de Plutarco (13 anos ou mais); *The Roman Antiquities* [As antiguidades romanas], de Dionísio de Halicarnasso, livro 2.57—3.73 (13 anos ou mais);

3. Descreva os principais acontecimentos e nascimentos e mortes de personagens notáveis na sua linha de tempo. Use o *Wall Chart of World History*, *Chronological and Background Charts of the Old Testament*, *The Timetables of History*, e seu livro didático para ajudá-lo com isso. Em nosso exemplo, será necessário adicionar os reis de Israel e Judá a esse período, Sargão, Senaqueribe, Numa, Esar-Hadom, Creonte, Assurbanipal, Túlio Hostílio, Tales, Anco Márcio, Neco, Nabopolassar, Nabucodonosor, Draco, Esopo, Lúcio Tarquínio, Sólon; a captura de Israel pela Assíria, a democracia em Atenas, o cativeiro de Judá, entre outros pontos importantes.
4. Localize os acontecimentos e localidades em um mapa. Se possível, use um mapa histórico, que apresenta os reinos existentes no período estudado. Por exemplo, verifique a extensão dos Impérios Babilônico e Assírio.
5. Mantenha o caderno bem organizado. Todas as aulas de retórica que tocam no tema da história e literatura serão incluídas nele. Se o aluno for um artista, o caderno conterá desenhos.

6. Leia em voz alta para seus filhos, e faça com que leiam biografias, autobiografias, revistas, outros livros de não ficção da biblioteca e de ficção histórica do período. Nós listamos algumas biografias e ficções históricas em nossa *Lista de recursos, em Literatura: listas.*
7. Elabore projetos sobre algum aspecto desse período, com a intenção de apresentá-los na biblioteca ou em outros lugares. As sementes semeadas nos níveis de conhecimento e do entendimento devem ter germinado por agora, e darão frutos no nível de sabedoria. Os alunos devem realizar alguns projetos que combinem história, literatura e retórica. Aproveite os frutos de todos os seus trabalhos. Não é possível desenvolver um projeto para cada seção da linha do tempo. Dependendo dos talentos e preferências delas, algumas crianças só terão tempo para um projeto de história por ano, enquanto outras produzirão vários deles.

4. Retórica (incluindo composição, discurso e debate)

Os alunos do nível de sabedoria vão 1) ler todos os dias algum dos livros listados abaixo; 2) escrever algum texto todos os dias, 3) realizar discursos e leituras interpretativas uma vez por mês e talvez 4) passem um ano inteiro estudando a arte do debate.

1) *Leitura*. O que o aluno aprender desses livros será usado em todos os seus estudos e ao longo de toda a sua vida. Estes são alguns livros retóricos recomendados:

> *Como ler um livro*, de Mortimer Adler, e *Study Guide for How to Read a Book* [Guia de estudo sobre como ler um livro], por Maryalice B. Newborn.
>
> *The Elements of Style* [Os elementos do estilo], de Strunk e White. Este pequeno livro de bolso foi publicado pela primeira vez em 1919. De forma breve, este "livretinho" (como era chamado em Cornell) fornece os principais requisitos do estilo simples. Este é o sumário: regras elementares do uso; princípios elementares de composição; algumas questões sobre a forma; palavras e expressões comumente mal utilizadas; como lidar com o estilo.

Classical Rhetoric for the Modern Student [Retórica clássica para o aluno moderno], de Edward Corbett. Este é o texto de retórica padrão para estudantes de ensino médio. É excelente, agora na quarta edição. Nele, 230 páginas são dedicadas a *Inventio*, 80 páginas para *Dispositio* e 146 páginas para *Elocutio*. *Memoria* e *Pronuntiatio* não são tratados. O último capítulo é chamado *The Progymnasmata* [Os exercícios preliminares], que consistia na sequência de composições em prosa em que os estudantes gregos eram educados. Para quem quer estudar a retórica clássica com detalhes, o livro conclui com uma bibliografia seleta com textos primários (livros escritos por gregos e romanos sobre o tema da retórica), livros sobre história e teorias da retórica, coleções de artigos sobre retórica e livros sobre estilo.

On Writing Well, de William Zinsser.

The Classic Guide to Better Writing, de Rudolf Flesch.

2) *Redação*. No final da década de 1970, antes de começarmos o ensino doméstico, recebemos uma publicação chamada *Home Education Newsletter* [Boletim sobre educação domiciliar], publicada pela família Bergman. A publicação recomendava que estudantes mais velhos escrevessem pelo menos uma página de caderno por dia. Sempre me lembrei do conselho como regra ao decidir se meu filho escrevia o suficiente no cotidiano. Modalidades de redação:

Modalidade 1: Esboço, resumo, narração escrita.

Modalidade 2: resenhas de livros (em contraste com resumos de livros), trabalhos de pesquisa, ensaios argumentativos e outros tipos.

Modalidade 3: artigos de jornal, histórias curtas e romances.

As aulas de redação podem se conectar com os estudos de história, literatura, ciência ou lógica.

Como escrever um artigo de pesquisa

Nosso livro favorito sobre como escrever artigos de pesquisa é *The Research Paper: Process, Form e Content* [O artigo de pesquisa: processo, forma e conteúdo], 6.ª edição, de Audrey J. Roth. O livro de 300 páginas leva o aluno, passo a passo, ao processo de redação de um artigo de pesquisa —

como a escolha do tópico, sua definição, a busca por informações, seu registro, a organização das ideias, a própria redação do artigo, sua documentação, a seleção dos artigos citados e a apresentação final. No início do livro se encontra um cronograma e uma lista de verificação para preparar o artigo e o local para registrar o progresso da pesquisa. O livro divide um projeto exaustivo em pedaços menores e mais fáceis.

Para os interessados em aprender a escrever ficção, sugerimos *Learn to Write the Novel Way* [Aprenda a escrever um romance], de Carole Thaxton. O currículo de fácil entendimento e uso guia o aluno através das etapas necessárias para escrever o próprio romance: a concepção; como pôr as palavras no papel; a edição, incluindo a revisão gramatical e a publicação do produto. Adoraria ter usado esse livro com meus filhos quando eram mais novos.

3) Discurso e leitura interpretativa. Uma vez por mês o aluno pode fazer uma leitura interpretativa e preparar um discurso, bem como fazer sua leitura. Isso pode ser concatenado com os estudos de história e literatura. De forma ideal, o aluno deve fazê-lo tendo algum acontecimento em mente, como uma reunião do clube no campo, alguma competição, a noite do jovem autor, o clube do discurso ou dos oradores. Talvez a família possa criar uma ocorrência própria, com a ajuda de familiares ou vizinhos.

4) Debate. Pelo menos um ano de estudo na arte do debate deve servir para aprimorar as habilidades de pesquisa e comunicação do aluno. A pesquisa do tema envolve cerca de 7 horas ou mais por semana.

5. Governo, economia e direito

Governo, economia e direito são assuntos importantes nos nossos dias. Eram importantes em épocas passadas também. A educação clássica não estaria completa sem eles. Na época da fundação dos Estados Unidos, todo homem sabia alguma coisa sobre o direito básico e sobre o governo para ser seu próprio defensor. Hoje, a maioria das pessoas não lê a *Constituição*,

muito menos possui algum conhecimento para elaborar a escritura de sua propriedade por conta própria. Se não nos for possível alterar esta característica atual do país, podemos, pelo menos, ser mais independentes e autossuficientes em sentido legal e político, com o propósito de esclarecermos nossa posição firmada nos princípios bíblicos acerca do governo, da economia e do direito.

> 16 anos: governo americano;
>
> 17 anos: economia;
>
> Dezoito anos: direito.

O estudo do governo aos 16 anos

O livro *Basic American Government* [Governo americano básico], de Clarence B. Carson, é didático e foi escrito sob a perspectiva constitucionalista e ensina como o governo americano funciona e como chegou ao estado atual.

> *Basic American Government* apresenta uma visão geral do governo, estabelecido pela *Constituição*, e dos governos estaduais que precederam suas constituições ou surgiram depois delas. Além disso, detalha os fundamentos antigos e modernos, bíblicos e seculares, sobre os quais essas constituições e governos repousaram. Os fundadores dos Estados Unidos construíram-se em um grande fundamento, e sua história é contada nessas páginas. Também se relata nelas como a *Constituição* de 1787 tornou-se venerada e aceita como uma lei superior, vinda do século XIX. O relato é concluído com uma descrição sóbria dos problemas exorbitantes da Constituição no século XX, levando à construção de um Leviatã, agora que o governo está fora de controle. — texto da contracapa de *Basic American Government*.

Plymouth Rock Foundation e Bluestocking Press possuem vários materiais para o ensino concernente ao governo americano.

O estudo da economia aos 17 anos

Os recursos que sugerimos para o tópico incluem *Basic Economics* [Economia básica], de Clarence B. Carson, a série *Uncle Eric* [Tio Eric], de Richard J. Maybury, e materiais da Foundation for Economic Education, como *Economics in One Lesson* [Economia em uma lição], de Henry Hazlitt. Bluestocking Press também possui materiais volumosos para o ensino de economia.

O estudo do direito aos 18 anos

Os advogados contratados devem ser pagos; seus honorários nem sempre estão de acordo com suas habilidades ou seus serviços prestados ao cliente, mas com o desejo de obter a maior quantidade de dinheiro possível. Esse mal pode ser resolvido com a simples solução de tornar as pessoas mais informadas sobre assuntos comuns, e capazes de enxergar o caminho a ser tomado em questões mais complexas. Thomas Wooler, *Every Man His Own Attorney* [Que todo homem advogue por si mesmo], 1845.

A maioria dos livros de direito publicados no início dos EUA era direcionada a leigos, não a advogados. Além do título citado acima, outro título popular foi *The Farmer's Assistant; or Every Man His Own Lawyer* [O assistente do fazendeiro, ou: que todo homem seja seu advogado], de John McDougal, 1815. A autossuficiência legal é uma tradição americana. Houve um momento, no passado distante, em que as escolas secundaristas públicas ofereciam aulas de direito.

Como as leis modernas são mais vastas e complexas que as passadas, não podemos ser tão autossuficientes na área quanto nossos antepassados. No entanto, recomendamos que os alunos compreendam os princípios fundamentais do sistema jurídico e conheçam um pouco a lei secular. Se compreenderem bem os princípios do direito constitucional, a terminologia jurídica básica (que é, em grande parte, latina), souberem como realizar pesquisas jurídicas simples e já tiverem comparecido a um julgamento, conhecerão as etapas iniciais para resolver qualquer controvérsia legal que

possa surgir em sua vida. Se algum dos seus filhos quiser ir um pouco além, deixe-o ler alguns dos livros sobre autossuficiência jurídica, como os que tratam do testamento pessoal, do tribunal de causas menores ou da compra e venda de terras. Isso o livrará da necessidade de um advogado em algum momento da vida.

É possível começar as aulas de direito constitucional com a série de áudios oferecida pela Foundation Plymouth Rock, *An Overview of Constitutional Law and the American Civics and Constitutional Law Course* [Panorama e curso da lei constitucional e das leis civis e constitucionais americanas], de Paul W. Jehle. Outras fontes que podem ser consultadas incluem, *The Making of America* [A formação dos EUA], de Cleon Skousen; *Lex Rex, or the Law and the Prince* [Lex Rex, ou a lei e o príncipe], de Samuel Rutherford; *Federalist Papers* e *Anti-Federalist Papers* [Documentos federalistas e antifederalistas]; *The Federal Government: Its True Nature and Character* [O governo federal: sua verdadeira natureza e caráter]*; Being a Review of Judge Story* [Seja um revisor da história de um juiz]*; Commentaries on the Constitution of the United States* [Comentários sobre a Constituição dos EUA], de Abel Upshur; *A Familiar Exposition of the Constitution of the United States* [Uma exposição familiar da Constituição dos EUA], de Joseph Story; *God, Man, and Law, the Biblical Principles* [Deus, o homem e a lei: os princípios bíblicos], de Herb Titus. É possível encontrar livros sobre direito secular em uma biblioteca local. O material da Nolo Press inclui *Nolo Encyclopedia of Everyday Law* e *Legal Research* [A enciclopédia Nolo sobre o direito e a pesquisa legal no cotidiano].

6. Idiomas

Mesmo que seu filho seja mais velho, seu nível de conhecimento não lhe permite deixar de lado o estudo da língua. O aprendizado da gramática será aplicado a tudo que fizer. A menos que planeje se participar com regularidade ao aprendizado de alguma língua estrangeira moderna, como no trabalho

missionário, o estudo do latim e grego antigos será muito mais útil que o de francês, espanhol ou alemão modernos, por exemplo. O estudo do latim preparará o aluno para certas terminologias profissionais, permitirá entender grande parte do seu próprio vocabulário e gramática, e servirá como boa plataforma para aprender língua proveniente do latim. O grego, é claro, preparará o aluno para estudar a Bíblia. Se houver tempo para estudar apenas um único idioma, acreditamos que o grego bíblico seja o mais lucrativo para a maioria das famílias. Se houver tempo para aprender dois idiomas, então que o primeiro seja latim, e que o grego venha em seguida.

Se nenhum desses idiomas tiver sido iniciado a essa altura, então não demore mais, comece o estudo do grego hoje mesmo. Nós escrevemos *Greek Alphabetarion* (Greek Alphabet Primer) [Alfabetário grego (Iniciação ao alfabeto grego)] e *Homeschool Greek* [Ensino doméstico de grego] tendo em mente as necessidades dos praticantes do ensino doméstico.

Se o estudante não se sentir motivado para estudar grego ou latim, pode ser necessário apresentar a utilidade deles. No Capítulo 5, apresentamos vários argumentos para o estudo desses idiomas.

7. Lógica

Ainda o filho tenha passado do nível do entendimento para o nível de sabedoria, isso não justifica o abandono da lógica. Seus princípios se aplicam a qualquer coisa. Quanto mais estudar lógica, mais clara ela se tornará, e mais à vontade ele se verá para aplicá-la aos estudos. Na verdade, a melhor assimilação do conhecimento de lógica ocorre justamente entre os 16 e 17 anos. De certa forma, o conhecimento de lógica é semelhante ao de matemática: a cada ano, conceitos mais avançados serão elaborados sobre os já apreendidos. Aos 18 anos, o aluno deve ter boa compreensão dos ramos do raciocínio dedutivo e ter algum conhecimento sobre os pensamentos indutivo e científico. A lógica informal — falácias, propaganda e similares — serve de base sólida para defender a fé cristã e sua visão de mundo em todas as áreas

da vida. A capacidade de exercer bom raciocínio deve crescer e evoluir a vida toda.

O estudo da lógica aos 16 anos

Recomendamos o estudo dos livros *With Good Reason* [Com boa razão], de S. Morris Engel; *A Rulebook for Arguments* [Regras para argumentos], de Anthony Weston, e *Introductory Logic* [Introdução à lógica], uma série em áudio de Robert C. Sproul. Esses livros e áudios fornecem uma boa base para o estudo formal da lógica. *With Good Reason* [Com boa razão] ensina a respeito de falácias lógicas, e *A Rulebook for Arguments* introduz o tema da argumentação. Este último possui excelentes sugestões para a redação de ensaios argumentativos. Robert C. Sproul nos oferece uma introdução à filosofia cristã da lógica.

O estudo da lógica aos 17 anos

Nossa recomendação é assistir à série de vídeos *Introductory Logic*, de Douglas Wilson e James Nance. O sr. Nance ensina a lógica aristotélica tradicional sob a forma de silogismos. Isso é o pensamento dedutivo tradicional.

O estudo da lógica aos 18 anos ou mais

Recomendamos ler o livro *The Art of Reasoning* [A arte de pensar], de David Kelley. Ele é o livro didático basilar para o ensino médio e faculdade, e perpassa todos os principais assuntos do escopo da lógica, incluindo o pensamento indutivo e a lógica simbólica. O título se concentra nas habilidades práticas, mais do que é visto em outros livros.

Sobre usar livros de lógica

A lógica é um assunto bastante claro, se o material de ensino certo for usado. É necessário valer-se de materiais projetados de forma específica, ou adaptados com facilidade, para prover a autossuficiência acadêmica, e que

tenham sido utilizados com sucesso por outras famílias praticantes do ensino doméstico. *Learning Logic at Home* [O aprendizado da lógica no lar], de Nathaniel Bluedorn, oferece sugestões claras e práticas sobre como usar todos esses materiais sobre a lógica que mencionamos. Não se esqueça de manter por perto o caderno de lógica.

Como usar os vídeos da série Introductory Logic, de Wilson e Nance

O curso em vídeo acerca de introdução à lógica, de Wilson e Nance é composto por: 1) um livro didático com exercícios, 2) um livreto com as respostas para os exercícios, 3) outro livreto de teste com respostas na parte de trás, 4) três fitas de áudio. O texto inteiro é dividido em 30 seções, com exercícios em cada uma. Existem seis testes que devem ser usados ao longo de todo o texto, de forma periódica, e há um teste final que abrange o estudo por completo. Os vídeos são divididos em 20 lições; cada uma abrange uma ou mais seções do texto.

Eis as sugestões do sr. Nance sobre como os alunos educados em casa devem seguir o curso (com o acréscimo de nossas sugestões):

1) Leia as seções no texto correspondentes à videoaula do dia. Dê uma olhada nos exercícios, mas não os resolva ainda.

2) Assista à videoaula e faça anotações.

3) Faça os exercícios do texto, corrija-os e, em seguida, reveja seus erros.

4) Faça as provas quando chegar a hora. Revise todas as questões erradas até entender a razão dos seus erros. Não avance para a próxima videoaula até ter acertado pelo menos 90% do teste.

5) Resolva o teste final.

Na Logos School, a classe Lance do sr. Nance tem a duração de 3 meses, com aulas de uma hora de duração, cinco dias por semana, para concluir o curso. Esperamos que os adeptos do ensino doméstico demorem um pouco mais para terminar o mesmo curso, mudando a duração das aulas de 30 minutos até 1 hora por dia. Sua experiência anterior com os *Critical Thinking* [Pensamento crítico], *books* 1 e 2 lhe fornecerá bom preparo. Como

não há um guia para os professores, descrevemos o curso introdutório de lógica a seguir. Cada videoaula deve ser executada da seguinte maneira:

Videoaula 1: Introdução (p. 1-2, sem exercícios). O sr. Nance nos dá uma boa introdução à filosofia da lógica cristã na Lição 1; no entanto, ela é uma das mais difíceis de entender. Pela falta de estímulo no início, quando terminar a última videoaula deste curso, volte e reveja a primeira lição. Depois disso, será possível entender algumas das ideias basilares ensinadas pelo sr. Nance.

Videoaula 2: Sentenças e leis do pensamento (p. 3-7).

Videoaula 3: Tipos de sentenças (p. 8-12).

Videoaula 4: Relações entre sentenças (p. 13-20). Teste 1.

Videoaula 5: Sentenças em forma categórica (p. 21-26).

Videoaula 6: O quadrado da oposição (p. 27-44). Teste 2.

Videoaula 7: Argumentos (p. 45-52). As definições de validade e verdade, de forma geral, são tidas como difíceis por grande parte dos alunos quando consideradas pela primeira vez.

Videoaula 8: Silogismos (p. 53-56). Os alunos, muitas vezes, resistem a aceitar as regras de validação dos silogismos.

Videoaula 9: Silogismos de humor e figura (p. 57-60). Teste 3.

Videoaula 10: Teste dos silogismos com contraexemplos (p. 61-64).

Videoaula 11: Termos distribuídos e testes de silogismos com o uso de regras (p. 65-72). O sr. Nance é, muitas vezes, demasiadamente abstrato na explicação dos conceitos. Encontre alguns exemplos da vida real por conta própria.

Videoaula 12: Inferências imediatas (p. 73-79). Em nossa opinião, esta lição sobre as inferências imediatas é a mais difícil. Levamos uma semana para completá-la.

Videoaula 13: Lição extra: diagramas de Venn e pressuposição existencial — esta lição não está no livro didático. Teste 4.

Videoaula 14: Tradução de sentenças comuns (p. 80-82). O sr. Nance afirma que as lições 14 a 18 são as mais difíceis para os alunos entenderem. Mas elas foram as mais fáceis para nós.

Videoaula 15: Parâmetros (p. 83-87).

Videoaula 16: Silogismos retóricos (p. 88-92). Teste 5.

Videoaula 17: Silogismos hipotéticos (p. 93-100).

Videoaula 18: Lição extra: hipóteses para silogismos. Esta lição não está no livro didático.

Videoaula 19: Falácias informais (p. 101-118). Teste 6.

Videoaula 20: Lição extra: Visão geral e estudos adicionais. Esta lição não está no livro didático. Teste amplo final. O curso introdutório de lógica de Wilson e Nance é com frequência vendido separadamente das videoaulas. Nosso conselho é comprar os vídeos. As explicações no texto se tornam insuficientes sem as videoaulas do sr. Nance.

8. Matemática

A sequência usual para estudar matemática no nível de sabedoria é a seguinte:

16 anos: Matemática avançada (Álgebra 3, trigonometria,
pré-cálculo)

17 anos: Matemática eletiva: cálculo, informática, contabilidade ou engenharia (dependendo das metas a serem alcançadas).

18 anos: Matemática eletiva: cálculo, informática, contabilidade ou engenharia (dependendo das metas a serem alcançadas).

É possível deixar a matemática de lado até o jovem chegar aos 17 anos, para abrir espaço para outros estudos mais importantes. Um de nossos filhos decidiu estudar cálculo. Hoje existem muitos currículos bons de matemática disponíveis para famílias que praticam o ensino doméstico. Embora usássemos a série de livros didáticos *Saxon Math*, nós a substituímos por *Geometry*, de Harold Jacobs, quando as crianças chegaram aos 15 anos e ignoramos as seções de geometria em matemática avançada até que completassem 16 anos.

9. Ciência

O estudo da ciência pode tomar direções bastante variadas no nível de sabedoria. Muitos estudantes encontram áreas de interesse e ocupações em algum campo da ciência. Isso não significa que todos devem se tornar

astrofísicos ou biotécnicos. A agricultura é uma forma de ciência. Os eletricistas são cientistas, como carpinteiros e construtores. Mesmo o serviço de limpeza envolve uma quantidade incrível de ciência, se alguém quiser se tornar um mestre de verdade nessa arte maravilhosamente feminina. É por isso que, junto com assuntos mais elaborados das áreas da biologia, química e física, os alunos do nível de sabedoria desejam estudar alguns assuntos de interesse pessoal nesses campos da ciência.

16 anos: curso de biologia e feira ou concurso de ciências.

17 anos: curso de química e feira ou concurso de ciências.

18 anos: curso de física e feira ou concurso de ciências.

Existem várias maneiras de estudar biologia, química e física. Nos últimos anos, utilizamos cursos de vídeo e cursos por correspondência, mas não ficamos satisfeitos com isso. Gostamos muito da série *Exploring Creation* [Explorando a criação], de Jay Wile (Apologia Educational Ministries). *Science Fair Projects* [Projetos de feiras de ciências] ou Science Contests [Concursos de ciências] são suplementos muito úteis aos livros didáticos. Eles põem em prática, o que foi aprendido de forma criativa — o objetivo exato do nível de sabedoria.

Outras ideias para o estudo da ciência

Eis algumas ideias para o estudo da ciência no nível da sabedoria:

1. Faça um estudo aprofundado da origem da vida e encontre outro aluno para debater. Os alunos devem ser capazes de argumentar a favor de dos dois lados da questão. Os livros, áudios e vídeos do Institute for Creation Research, Answers in Genesis e Ken Hovind serão recursos indispensáveis.
2. Estudantes com afinidade para a arte podem compor um caderno da natureza ou desenhos científicos acompanhados de suas descrições.

3. Desenvolva um boletim informativo ou uma página de internet sobre algum tópico específico que seja interessante: joias, a origem do universo, aves ou peixes tropicais.
4. Se o aluno não for afeito a teorias, então proponha projetos mais práticos: a reforma de um carro, a construção de alguma coisa, jardinagem (a ciência em locais apropriados).
5. Certo ano, não muito tempo atrás, compramos um *kit* de dissecação. Embora o equipamento incluído fosse excelente, ainda tivemos de encontrar um livro de dissecação que gostássemos. Os espécimes preservados na maioria dos *kits* estão podres e são muito difíceis de se dissecar. É melhor fazê-lo com espécimes frescos, se puder encontrá-los.
6. Se continuar a usar um caderno de exercícios voltado para o estudo da natureza, então tenha em mente que o trabalho será maior e mais complexo. Por exemplo, depois de pesquisar um assunto na biblioteca, o aluno pode desenhar um esboço na metade superior da página e, então, escrever sobre a anatomia na inferior. Ou pode desenhar diferentes tipos de células e nomear todos os seus elementos, para depois descrever a função de cada espécie de célula.
7. Assista com regularidade a vídeos de ciência criacional da Midwest Creation Fellowship.

10. Arte e música

O aluno deve seguir suas preferências na área. A arte e a música podem ser estudadas, ou pode-se passar para o ensino com aulas mais formais, se desejar. Como nos campos científicos, muitos estudantes encontram suas preferências e ocupações em alguma forma de arte ou música. Sempre será vantajoso para o aluno aprender a tocar algum instrumento musical enquanto for jovem. Isso lhe fornecerá algum prazer ao longo da vida, e ele aprenderá a ser disciplinado e detalhista por conta própria.

Norton Programmed Texts in Music Theory: Scales, Intervals, Keys, Triads, Rhythm, and Meter [Textos programados sobre teoria musical de Norton: escalas, intervalos, claves, tríades, ritmo e métrica], de John Clough e Joyce Conley, é um currículo para autodidatas com 16 anos de idade ou mais. É um excelente recurso para começar o estudo de teoria musical.

ALÉM DOS ESTUDOS ACADÊMICOS

Durante a primeira parte do nível de conhecimento, os pais moldam os filhos. Nos últimos níveis de conhecimento e compreensão, os pais desenvolvem as habilidades fundamentais dos filhos ao lhes fornecer as ferramentas necessárias. Contudo, no nível de sabedoria, embora as habilidades ainda sejam desenvolvidas, o jovem começa a seguir o próprio caminho na vida, com base nas suas habilidades, talentos e interesses. Os pais devem avaliar as habilidades e talentos dos filhos, ajudá-los a explorar seus interesses particulares e incentivá-los a seguir certas direções. Podemos estimular alguns passatempos (rádio HAM, carpintaria, coleções de moedas, tricô ou crochê), atividades especiais (exibições de gado, exibições comerciais, debates) ou até mesmo algum tipo instrução especial (programação, primeiros socorros, aulas de voo). Nosso papel na sua educação passará pouco a pouco de instrutores para conselheiros, conforme o Senhor lhes abre o caminho e os leva a outras direções, como o casamento e uma nova casa.

Ainda que os meninos e as meninas estudem os mesmos assuntos, eles usarão as informações com objetivos diferentes. Um menino pode estudar matemática e ciência para se preparar para sua ocupação, enquanto uma garota estuda o mesmo assunto para usar a fim de utilizá-lo no cuidado da casa. Estes não são apenas papéis tradicionais, são papéis definidos pela própria Bíblia, com exceções legítimas como algo raro. Deus não endossa o carreirismo unissex. O lugar da mãe é em casa, para cuidar de quem foi gerado pelo seu ventre e amá-lo.

Preparação para o casamento

O casamento não é uma parte pouco importante da vida. Ao contrário, é o principal relacionamento existente na terra. Quase todos se casam. Então, por que não preparamos nossa prole para o casamento? Bem, no passado, isso era feito. Mas várias gerações do humanismo infiltradas na nossa cultura

expulsaram os princípios cristãos, a tal ponto que a maioria das pessoas nem sequer reconhece a existência da cultura cristã — elas pensam que namoro e noivado, famílias numerosas, pais que trabalham fora e mães que permanecem em casa são parte de algum movimento lunático (não cogitam ter sido essa a norma durante seis milênios).

O primeiro passo para preparar os filhos para o casamento é ser um modelo de um bom casamento para eles. Em casa, estabeleça de forma clara os papéis bíblicos para maridos e pais, esposas e mães, filhos e irmãos. Não execute apenas o que lhe parece ser natural, ou o que aprendeu com os pais ou outras pessoas. Faça o que Deus nos ensinou. Um bom modelo de casamento também serve como um bom treino para viver na igreja — Cristo é o cabeça e a igreja é a noiva.

Quais os relacionamentos mais importantes da vida? O relacionamento com Deus, a família, os eleitos de Deus e os vizinhos. Em diferentes momentos e períodos da vida, a prioridade dessas relações será mudada. Mesmo assim, nosso relacionamento com o mundo, o emprego e o governo civil deve depender do relacionamento com nossa família e igreja, e não o contrário. A família deve ser o centro da vida terrena.

Arranjar uma ocupação e gerenciar uma casa

Precisamos preparar nossos filhos para sua vocação na vida, o que inclui o chamado para o casamento, bem como a convocação para ganhar a vida e sustentar seu lar, o cônjuge e os filhos. Os meninos devem se preparar para sustentar uma família e serem líderes espirituais. As meninas devem se preparar para cuidar da casa, instruir e ensinar às crianças, e ajudar o marido. Se as meninas negligenciarem a educação acadêmica, serão menos úteis para o marido e menos capazes de educar os filhos.

Acreditamos que o cenário ideal é que o pai tenha um meio de subsistência presente na própria casa e que seus filhos desenvolvam as habilidades enquanto o ajudam no trabalho. Se os filhos desejam aprender

outra coisa, ainda usarão o que aprenderam em casa como base para construir algo novo ou para se dedicarem. É óbvio que não podemos descartar todas essas possibilidades e nos apegar por completo ao cenário "clássico" ideal, mas podemos começar caminhando nessa direção. Isso é contrário ao estilo de vida do século XX, mas está de acordo com boas normas culturais cristãs e clássicas.

As filhas aprenderão a trabalhar em casa de forma criativa com a mãe: planejar e preparar refeições, cultivar e armazenar alimentos, entreter os convidados, cuidar da roupa da família, apajear as crianças mais novas e educar a próxima geração.

Significa errar o alvo estar bem preparado em sentido acadêmico, mas ignorar o ensino de habilidades práticas próprias de meninos e meninas. Se o tempo for gasto apenas com a preparação para exames acadêmicos, os verdadeiros testes da vida serão perdidos. Para alguns pais, isso pode parecer um tanto "ignorante", enquanto outros não fazem a menor ideia do isso seria. A maioria de nós está em algum lugar entre esses pontos de vista, mas todos precisamos ensinar essas coisas. Se as crianças não executam o que aprenderem na prática, então haverá lacunas enormes em sua educação. Se pisarmos no freio com os temas acadêmicos e nos focarmos nos aspectos práticos, nossos filhos estarão despreparados para a servir a Deus no mundo e contra o mundo. Se cumprirmos o objetivo de dar boa educação nas artes liberais clássicas, equilibrando-a com a boa educação hebraica clássica, então produziremos flechas boas e afiadas para Deus usar.

Vamos discutir este tópico com mais detalhes no Capítulo 15.

DEZ COISAS PARA SE FAZER COM JOVENS ENTRE 16 E 18 ANOS

1. Culto familiar	Estudo bíblico familiar pela manhã e noite; perguntas do nível da sabedoria; memorização.
2. Leitura em voz alta	Continue a ler em voz alta; narração oral.

3. História e literatura	Combine estes dois temas; ler clássicos; narração escrita; memorização; caderno de história; estudar a história em sentido cronológico, se possível; use fontes primárias
4. Retórica	Leitura; composição; interpretação oral; discurso; debate.
5. Governo, economia e direito	16 anos: governo americano 17 anos: economia 18 anos: lei constitucional e prática
6. Idiomas	Gramática grega; caderno de língua grega (pode começar a gramática hebraica).
7. Lógica	16 anos: *With Good Reason*; *Rulebook for Arguments*; *Introductory Logic* (áudio, Sproul); 17 anos: *Introductory Logic* (série de vídeos, Wilson e Nance); 18 anos: *The Art of Reasoning* (Kelley)
8. Matemática	16 anos: Matemática avançada; 17 anos: Cálculo (se desejada); 18 anos: matéria eletiva (se desejada)
9. Ciência	16 anos: Biologia; 17 anos: Química; 18 anos: Física (se desejada). Estudo do método científico; feiras de ciências, projetos e concursos.
10. Arte e música	Poderia seguir aulas de música formal; interesse direcionado

FIGURA 14A

Para livros e materiais curriculares mencionados neste capítulo, e outros recursos adicionais, veja a nossa *Lista de recursos* no final deste livro.

UMA SUGESTÃO DE ROTINA DIÁRIA PARA FAMÍLIAS COM AO MENOS UM FILHO NO NÍVEL DA SABEDORIA

O que veremos a seguir é apenas uma sugestão.

Princípios a serem considerados: as crianças devem realizar grande parte das tarefas domésticas, o que deixará os pais livres para tratar das questões pessoais ou administrativas. “Dormir cedo, acordar cedo” é uma boa política, em geral, embora o horário de trabalho do pai, ou outras questões semelhantes, não o permitam.

5h – 6h30.	Os pais acordam, as crianças se levantam, tomam banho, se vestem, começam as tarefas matinais, devocional pessoal.
7h.	Café da manhã. Culto familiar pela manhã.
8h.	Tarefas diárias (de acordo com o cronograma predeterminado).
8h30 – 9h30.	Rotina escolar: 1. Recitação de um texto memorizado: todos os filhos recitam um texto memorizado. 2. Prática da leitura: cada filho capaz de ler em voz alta lê algum texto, enquanto os demais escutam. 3. Prática da narração: todos os filhos praticam a arte da narração (se houver vários filhos, divido-as em dois grupos — metade realiza a tarefa pela manhã, a outra pela tarde). A mãe lê em voz alta para todos os filhos (a narração pode ser incluída nesta etapa). Os filhos podem

9h30 – 10h15.	executar suas tarefas de artes ou ofícios enquanto a mãe faz a leitura.
10h15 – 11h30.	1. Instrução em voz alta para crianças mais novas (ou à tarde, quando elas estão dormindo).
	2. A mãe ajuda as crianças de 10 anos de idade ou mais (segundo a necessidade) com os estudos acadêmicos.
	3. Estudos acadêmicos independentes para crianças de 10 anos ou mais.
	4. Cópia de textos, caderno de história e linha do tempo.
11h30.	Preparar o almoço. Arrumar a casa.
12h.	Almoço. Tarefas do meio-dia.
13h.	Sesta. Estudos acadêmicos independentes para crianças de 10 anos ou mais.
14h – 14h45.	A mãe lê em voz alta e termina a narração (os filhos podem continuar seus estudos em artes e ofícios).
14h45 – 16h30.	Estudos acadêmicos independentes os filhos de 10 anos ou mais. O mesmo procedimento do período das 10h15; brincar fora de casa; fazer uma caminhada; realizar uma vez por semana algum trabalho voluntário (lar de idosos etc.); viagens de campo; biblioteca.
16h30 – 17h.	Preparar o jantar. Arrumar a casa.
17h.	Jantar. Tarefas da noite.

18h30.	Adoração em família.
19h – 19h45.	O pai lê em voz alta para a família.
20h – 20h30.	Atividades familiares.
20h30 – 21h.	Preparar-se para ir dormir.
21h.	Luzes apagadas.

Capítulo Quinze



O último nível: dos 19 anos em diante

Desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente
habilitado para toda boa obra.
— 2 Timóteo 3.15-17

SINTO MUITO, MAS O APRENDIZADO NUNCA TERMINA

O *trivium* é que um currículo; é um estilo de vida. E o ensino doméstico é mais que o renascimento da educação; ele está se tornando uma subcultura nos EUA. Entre as implicações gerais do ensino doméstico, estão a renovação da família, da igreja e até mesmo de todas as facetas da vida, em todos os segmentos da sociedade.

À medida que as crianças educadas em casa crescem e se tornam adultos cristãos, elas ocuparão seu lugar na sociedade que, em muitos aspectos, caminhou na direção oposta. Queremos discutir algumas escolhas que os alunos de ensino doméstico precisarão fazer. À medida que saímos de casa e caminhamos para o mundo, não é nosso desejo negar a visão que nos guiou a todos pelos anos de aprendizado.

O NÍVEL DO CONHECIMENTO:
COMO CHEGAMOS ONDE ESTAMOS

Quando nossos filhos eram jovens, presumimos que, ao chegarem aos 18 anos, eles sairiam de casa e iriam para a faculdade, e esse seria o fim da nossa responsabilidade. Para nós, o sucesso na vida se traduzia na boa faculdade (com uma bolsa de estudos generosa, é claro). Então, com o propósito de mandá-los para uma boa faculdade, a maioria dos nossos objetivos era orientada em sentido acadêmico, não espiritual.

Escrevemos para dezenas de catálogos de faculdades e perguntamos sobre os requisitos para os estudantes educados em casa. Nathaniel, nosso filho mais velho, fez as provas ACT e SAT em 1992. Enfim, veio maio de 1993, quando recebemos alguns dos resultados e pensamos: “Por que estamos com tanta pressa para nos livrar desse menino?”. Sim, com os resultados alcançados, ele provavelmente poderia ir para qualquer faculdade que quisesse. Sim, conseguimos os objetivos acadêmicos estabelecemos para nós mesmos. Mas para onde caminhávamos? Nathaniel não queria ir para a faculdade. Então, por que o forçávamos a isso?

Deus usou esses conflitos de personalidade em nossa família para endireitar nosso pensamento. À medida que nossos filhos cresciam, começamos a perceber a necessidade de nos concentrarmos mais no caráter deles que em sua vida acadêmica. Também entendemos os diferentes papéis que Deus tem para meninos e meninas. Jamais percebêramos, até então, que o objetivo mais importante era preparar nossos filhos para o casamento.

Neste capítulo, descrevemos nossas experiências e opiniões. Não se trata de uma imposição do tipo “faça como a gente”; são apenas sugestões e ideias da nossa família para a sua. Pode discordar de nós, ficará tudo bem. Mas vamos começar um diálogo sobre essas questões.

O NÍVEL DA COMPREENSÃO: PRINCÍPIOS PARA SE FAZER DECISÕES E ESTABELECER METAS

A sabedoria não é natural para o coração da criança. Os pais precisam ensinar os filhos a tomar decisões na sua vida, porque as crianças não aprenderão naturalmente a definir metas sábias e ser persistentes nos objetivos. Eis alguns princípios para se tomar decisões e estabelecer metas:

1. Instigue em seus filhos o desejo de ouvir o conselho dos mais velhos. Os pais podem mostrar aos filhos como ouvir o conselho de outras pessoas, mostrando-lhes exemplos de alguns bons hábitos do ouvinte. O pai ou a mãe que não respeita o conselho dos outros, em especial dos mais velhos, comunicará essa atitude aos filhos. Deus provavelmente mostrará às crianças as escolhas a fazer na vida por meio do conselho de outras pessoas. Quem ouve pode ir bem longe ao apreender a sabedoria.

2. Tome decisões sobre o futuro baseadas na sabedoria. As decisões do tipo "assim é mais fácil" resultam em uma vida instável — que salta de um lugar para outro, de um trabalho para outro. Isso provém da tomada de decisões com base apenas no instinto. Mesmo no caso de decisões morais, que devem ser baseadas em princípios morais, independentemente das circunstâncias, muitas vezes há mais de uma maneira correta de responder a certa situação. Não tome a decisão de fazer algo apenas por esperar que ela dê certo. Analise os fatos, compreenda a teoria e, em seguida, coloque em prática o que possui boas razões para funcionar. As decisões baseadas apenas em esperanças ou desejos para o futuro, ou em sentimentos ou palpites, não são confiáveis.

3. Acumule a sabedoria repassada de geração em geração. Diferentes famílias têm métodos diversos para tomar decisões. Isso afeta a estabilidade da vida familiar — quanto tempo a família permanece focada em um único alvo sem mudar para outro. O objetivo é que a família acumule sabedoria para orientar suas decisões e a repasse para a próxima geração. Mesmo que a

família nunca se torne rica em bens materiais, a comunidade a reconhecerá como fonte de sabedoria e visão passadas de geração em geração.

4. Não trabalhe sem objetivos claros. Se não sabe o que fazer, seu objetivo é descobrir o que fazer. Se não sabe aonde ir, então, pelo menos, passe algum tempo aprendendo a ler um mapa. Quando a inspiração vier, você estará mais preparado para agir. Se não possui as informações necessárias para tomar uma decisão, então, pelo menos, saiba de algo: é preciso encontrar essas informações. Sempre há alguma coisa que pode ser feita.

5. Aprenda a diferenciar o é necessário do agradável. Você pode dizer qual é a diferença entre uma boa ideia e uma obrigação? Caso se veja com vontade de parar o que está fazendo toda vez que surge outra boa ideia, então nunca encontrará a estabilidade. Aprenda a separar o que se deve fazer do que é preciso fazer e do que seria muito legal fazer. Há muitas boas ideias por aí — ser missionário na China, abrir um orfanato, concorrer para um cargo no congresso —, mas o que Deus o colocou na terra para fazer?

6. Deus usará talentos, interesses e oportunidades únicas para lhe indicar uma direção. Se Deus lhe deu um talento especial, então ele pode desejar que você ministre a outras pessoas por meio dele. Se possuir algum interesse especial, então talvez Deus queira que você faça uso dele. Se é possível ganhar a vida com seu *hobby*, então sua vida será alegre. Caso o seu vizinho queira contratá-lo para fazer bases de mogno para os vasos de cerâmica que ele molda no porão, isso pode ser uma oportunidade única.

7. As limitações podem ser suas maiores oportunidades. Às vezes, a restrição moral que Deus coloca sobre nós, ou as da nossa educação, ou de nossas deficiências físicas, nos obrigará a fazer algo que os outros não farão, e assim nos tornaremos bem-sucedidos onde outros falharam. José aprendeu a ser administrador na prisão, para que Deus pudesse lhe dar o governo de todo o Egito em seguida. Depois de crescer nas circunstâncias opulentas da corte de Faraó, Moisés precisou aprender a humildade no deserto, antes que Deus lhe desse uma grande comissão. Se ficar chateado sob os encargos morais que

Deus colocou no seu coração, então talvez ele queira que você vença a frustração para prosseguir em direção a um excelente e notável trabalho ao seu serviço.

8. Deus pode lhe fazer esperar por uma visão. Se não sabe o que fazer, talvez Deus queira lhe mostrar um processo para descobrir. Talvez deva continuar o que já faz e esperar uma resposta melhor aparecer. Deus pode fazê-lo executar uma tarefa repetitiva, que lhe pareça não chegar a lugar algum, mas que ele usará para lhe ensinar algo que você não poderia aprender de outra maneira. A vida conta com muitas pequenas lições às quais resistimos para aprender, mas elas consistem nas chaves do sucesso para o plano de Deus em nossa vida.

9. O objetivo dom menino é encontrar uma ocupação. Os pais devem presumir que seus filhos se casarão. Então, se seu filho pretende cultivar a terra para alimentar uma família, ou trabalhar por dinheiro e então comprar a comida, ele precisará encontrar uma ocupação.

A diferença entre uma “carreira” e uma “ocupação” é encontrada em como um homem vê suas atividades lucrativas. A carreira faz das atividades do homem a fonte de sua realização na vida. Já a ocupação é a fonte do homem para todas as necessidades de sua família. O que ocupa o primeiro lugar — as atividades lucrativas, as relações familiares ou visão de várias gerações? Mesmo que um homem ganhe a vida como missionário na China, a família deve vir em primeiro lugar.

Muitos jovens educados em casa querem encontrar uma ocupação que alimente a cultura familiar bíblica. Esse deve ser seu primeiro pensamento. O filho normalmente aprenderá sua ocupação de seus pais. Jesus era um carpinteiro por causa de José. O filho pode imitar o exemplo do pai, ou se pai e filho decidirem que outra coisa seria melhor, o primeiro deveria estar envolvido em profundidade com o segundo na descoberta da outra ocupação até o ponto de mudar a sua para ajudar o filho.

10. Se puder, seja empreendedor. Há uma diferença entre a mentalidade "completei 18 anos, preciso conseguir um emprego" e a "completei 16 anos, e me pergunto se posso ganhar algum dinheiro com meu *hobby*". A primeira dá à luz pequenas abelhas-operárias da fábrica, a segunda dá à luz pequenos empresários. Uma empresa com fins lucrativos provavelmente está bem na sua frente cara agora, mas você nunca a verá até escapar da mentalidade de "conseguir um emprego".

Não afirmamos existir algo errado em trabalhar para outra pessoa. É um bom começo, e muitas lições valiosas podem ser aprendidas ao trabalhar assim. Na verdade, as crianças já trabalham para a mãe e o pai há anos. Mas a Bíblia diz que, se pudermos, então devemos procurar nos libertar (1Co 7.21,22). A servidão, ou mordomia, não deve ser desprezada, pois ela limitará as escolhas do pai na construção da cultura familiar. O empregador tomará muitas decisões por ele.

O espírito empreendedor é, muitas vezes, transmitido de geração para geração. Se o avô conseguiu dinheiro ao trabalhar para si mesmo, então o neto estará mais propenso a fazer o mesmo. Se o pai trabalhar para uma empresa durante toda a vida, então seu filho terá mais chances de buscar segurança nos braços de uma corporação. Os pais empresários afastam os filhos da ideia de "conseguir um emprego". Todos podem ser empresários, até certo ponto — mesmo que apenas em tempo parcial.

11. O propósito da vida vai além da obtenção do sustento. Deus dá a cada pessoa uma missão — ou várias missões ao longo da vida. Deus pode lhe dar um interesse que será desenvolvido ao longo de muitos anos. Um dia, Deus o chamará para a oportunidade de usar o que foi desenvolvido para ajudar outras pessoas.

12. O objetivo da menina é ser dona de casa. Os pais devem presumir que suas filhas se casarão e terão filhos. O lar é um lugar desafiador, criativo e dono de uma importância que durará muitas gerações — para o bem ou para o mal. Portanto, os pais devem orientar as filhas a aprender habilidades para

manter uma casa boa, organizada, educada e produtiva. As meninas precisarão se preparar para ajudar o marido, estimulando-os em sentido espiritual, e fornecendo conhecimento e habilidades que o ajudarão em sua ocupação.

Isto é verdadeiro em especial se a família ganhar a vida por meio de algum negócio doméstico. A esposa e os filhos podem fazer parte do sustento familiar. Em vez de os membros da família serem parasitas econômicos que vivem da ocupação do pai, este pode moldar a cultura familiar para que cada um contribua para o sustento da família. O pai não é o único meio de sustento: toda a família deve trabalhar junta para obter o pão diário.

Há muitas coisas para manter uma jovem ocupada com o aprendizado, enquanto espera pelo cônjuge. As habilidades médicas práticas são um exemplo, além do ensino, da música, contabilidade, pesquisa, jardinagem, culinária e várias outras habilidades esquecidas por nossa cultura. A jovem pode servir à sua família e realizar muitas boas obras, enquanto espera que Deus lhe traga o parceiro para toda a vida.

Objeção. Não devemos preparar nossas filhas para a possibilidade de Deus querer que elas permaneçam solteiras?

Resposta. Não. Não podemos nos preparar para todas as possibilidades futuras. As 24 horas do dia são limitadas. Como usar bem o tempo da jovem? Devemos despender tempo preparando-a para a possibilidade de ela morrer em algum acidente automobilístico? Claro que não.

A educação traz em si mesma certo elemento de predestinação:

> Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele. (Pv 22.6)

Se treinarmos nossas filhas para viver de forma independente, então, adivinhe o que acontecerá? Elas provavelmente viverão assim. Se entrarem no casamento com o espírito independente, e sem habilidades maternais e

domésticas, então adivinhe o que acontecerá? É provável que sua casa não tenha paz e harmonia. De qualquer modo, qual visão seguimos? A mulher de carreira independente não deve ser o ideal, nem o normativo. As emergências podem exigir que a mulher adote tarefas consideradas pertencentes ao homem, mas a boa educação e o treinamento em todas as habilidades da vida familiar normal preparará a mulher para quase toda emergência.

Se prepararmos nossas filhas para se casarem — com o objetivo de ter um espírito submisso, cuidar de outras pessoas e governar a casa — então ficaremos surpresos se elas se tornarem esposas amorosas e mães com casas ordenadas e pacíficas?

> ... [as] mulheres idosas [...] sejam mestras do bem, a fim de instruírem as jovens recém-casadas a amarem ao marido e a seus filhos, a serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido, para que a palavra de Deus não seja difamada. (Tt 2.3-5)

Se nossas filhas nunca se casarem, que mal virá de terem aprendido a ter o espírito submisso, cuidar dos outros e governar sua casa? Ao contrário, quantas bênçãos viriam disso!

E quanto à faculdade?

Vá para a faculdade e se torne bem-sucedido na vida, ou não vá para a faculdade e vire um atendente de posto de gasolina. Esse é o pensamento aprendido da sociedade nascida da cultura educacional do nosso século. Os educadores têm o que fazem em tão alta-estima, que querem que você continue se dirigindo a eles por toda sua vida. O ponto é: quando você estiver viciado nesse sistema, é pouco provável que saia dele. Como explicamos no Capítulo 4, é o sistema que cria dependência de si mesmo.

O objetivo das artes liberais é nos libertar das coisas que o sistema educacional — do qual a faculdade se tornou uma parte — tenta nos fazer engolir.

Nossa cultura despreza quem não frequenta a faculdade — a menos, é claro, que se torne um grande sucesso sem ela. A cultura também despreza as crianças educadas em casa — a menos que, é claro, que se tornem um grande sucesso apesar disso. Como é? Qual é o paralelo aqui? Vamos pensar nisso um pouco mais.

Dez razões para frequentar a faculdade:

1. Ensina a ter disciplina. Muitas pessoas frequentam a faculdade por saberem que nunca conseguirão aprender o que precisam saber. As aulas da universidade exigem que os alunos aprendam a autodisciplina, estudem muito e sejam organizados. Mas a maioria dos estudantes educados em casa já aprendeu essas coisas, são autônomos e concentrados nos objetivos.

2. Promove a educação. Caso existam assuntos esquecidos desde o fim do ensino médio, a faculdade oferece uma oportunidade para voltar e aprender de novo e de completar sua educação e aprofundar seus estudos. No entanto, a maioria dos estudantes educados em casa — em especial que estudou o método do *trivium* — consegue aprender assunto por conta própria.

3. Renderá um bom emprego. O diploma universitário dará uma vantagem ao se candidatar a um emprego. Enquanto estiver na faculdade, poderá encontrar contatos que lhe garantirão um emprego. A faculdade é muitas vezes o caminho mais curto para a carreira bem-sucedida. Contudo, muitas corporações recebem estudantes inovadores que estudaram em casa. E as corporações querem ver experiência no currículo: ela conta mais que o diploma universitário. Além disso, muitos homens nunca usaram o diploma universitário em seu emprego — encontraram um emprego melhor em uma área diferente — muitas vezes sem relação com o diploma.

4. Oferece os melhores professores. Faculdades contratam os melhores pensadores de uma área para ensinar seus alunos. Você pode aprender aos pés dos grandes intelectuais. Seus colegas se tornarão a vanguarda do amanhã. Mas é possível fazer algo melhor que ler a lista de livros do seu grande

professor e assim aprender as ideias dele — ao comparar as ideias dele com as de outros grandes mestres. Você pode acabar sabendo mais que ele mesmo. Aqui se insere a questão de saber o quanto alguns professores de renome de fato sabem sobre determinado assunto e quanto de acesso pessoal você pode adicionar a seu conhecimento. Talvez haja uma maneira melhor de aprender algo.

5. Confere respeito. As pessoas respeitarão seu trabalho se você tiver um diploma. Por exemplo, se você deseja escrever alguma coisa e tiver o título de "doutor" depois do nome, as pessoas o ouvirão. Contudo, muitas pessoas nem sequer observam esse título mais. Em algumas áreas de ensino, ter um "doutorado" é quase garantia de estar confuso sobre determinado assunto. As pessoas devem respeitá-lo se você tiver a reputação de saber o que está falando e de ter conquistado algo inteligente e importante. Ser um "doutor" não garante isso.

6. É o único caminho para as profissões licenciadas. Deve-se obter o diploma de uma instituição credenciada de ensino superior para se tornar médico, advogado, contador público certificado etc. Essas profissões pressionaram o governo para licenciá-las e a regulá-las, a fim de manter a qualidade uniforme. Sabemos, porém, de dois cursos de ensino doméstico voltado para o direito aceitos por duas associações de advogados estaduais, e a tendência é surgir meios alternativos para outras profissões também.

7. Oferece socialização. A interação contínua com colegas de classe e companheiros de quarto lhe ensinará a se socializar. Você deixará de lado a barra da saia da mãe e aprenderá a tomar decisões independentes. Você agora conhecerá pessoas todos os dias, e essa interação ampliará sua perspectiva da sociedade. Mas a faculdade é um ambiente artificial de jovens naturalmente segregados do resto da sociedade. Então, como isso lhe ensina a se relacionar bem com a sociedade? Pode ensinar a se dar bem com as pessoas na mesma situação, mas esta não é uma lição difícil de aprender, e pode ser aprendida com menos incômodo e esforço. A socialização no ambiente da faculdade

não o prepara para a vida real — a menos que você permaneça na faculdade para sempre.

8. Fornece a fuga do ambiente familiar ruim. Se houver muita raiva em sua casa, ou se as pessoas estão sempre muito ocupadas, a faculdade proporcionará uma fuga. Deus não disse a Abraão que deixasse sua pátria pagã para abençoá-lo? Contudo, você pode estar pulando da frigideira para o fogo. O ambiente da faculdade pode ser diferente, mas isso não significa algo melhor. O que vimos em muitos *campi* universitários sugere o contrário.

9. Encontrará o cônjuge. Nós nos conhecemos na Universidade de Iowa, em uma classe introdutória de grego. Nossos filhos não estariam aqui se não fosse por isso. A faculdade oferece uma oportunidade para conhecer muitos homens ou mulheres inteligentes — algo que pode nunca ocorrer na sua comunidade. Mas Deus é misericordioso e gracioso, e corrige nossos erros, transformando-os em bênçãos. José sabia que o ato de seus irmãos era errado. Deus muitas vezes nos abençoa em nossa estupidez, mas isso não é um argumento válido para sermos estúpidos. Deus é capaz de levá-lo ao parceiro da vida toda, apesar dos seus caminhos. Quando estiver pronto, seu cônjuge virá.

10. Apontará uma direção na vida. Se não sabe o que Deus quer que você faça com sua vida, então ele pode lhe mostrar enquanto você estiver na faculdade. Muitas pessoas vão à faculdade sem saber especificamente o que querem fazer, mas quando exploram interesses diferentes e testam cursos variados, acabaram encontrando. Deus, porém, já mostrou o que ele quer que você faça com sua vida, e a faculdade pode ser um beco sem saída para si mesmo. Se não sabe o que fazer, a faculdade pode ser um lugar muito caro, demorado e potencialmente perigoso para perder tempo até a descoberta. A decisão de ir para a faculdade não deveria ser parte do chamado e da liderança de Deus? O fato de algumas pessoas receberem o direcionamento na faculdade não é prova de terem recebido a direção certa, ou de a terem recebido do jeito certo ou de não poderem tê-la recebido em algum outro

lugar. Deus corrige nossas ações para servir a seus propósitos, mas isso não é desculpa para continuarmos a agir como queremos.

Parece que a boa educação escolar em casa combinada com u visão precisa da realidade torna a faculdade menos útil. A universidade ainda pode ser importante no domínio das credenciais e do ensino especializado, mas essas barreiras estão sendo derrubadas, mesmo agora, enquanto falamos.

Sete razões para não frequentar a faculdade

1. A cultura da faculdade é corrupta. Já notou como as cidades universitárias são diferentes de outras? Eles sustentam uma cultura anormal. O *campus* da faculdade é muitas vezes uma atmosfera rarefeita, alheia ao mundo, separada da realidade por uma grande distância. Desejamos que as faculdades cristãs sejam exceções, mas parece que elas têm uma versão diferente da mesma doença. Só porque uma criança cresceu não é menos verdade que:

> Quem anda com os sábios será sábio, mas o companheiro dos insensatos se tornará mau. (Pv 13.20)

Nem é menos verdade que:

> “Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes. Vigiai justamente e não pequeis; porque alguns ainda não têm o conhecimento de Deus; digo-o para vergonha vossa” (1Co 15:33; v.l.t.).

A cultura de muitas faculdades pode variar no grau de semelhança com Sodoma, mas apenas em grau, não na forma. Ló se enganou ao mudar sua família para lá, foi envergonhado e sua família foi arruinada porque habitava em um lugar que exigia que fossem vizinhos de quem não tinha conhecimento de Deus — amizades que corromperam o bom caráter da família. Se ninguém em sã consciência estabeleceria uma família lá, então por que alguém enviaria sua prole para lá com o fim de aprender seus caminhos? Não afirmamos que ninguém tenha sobrevivido à faculdade sem

cicatrizes. Deus é gracioso. Mas há uma grande diferença entre cair de um penhasco e ser salvo pela mão de Deus, e pular no mesmo penhasco e esperar que Deus o salve. Ló foi salvo por pouco.

2. Não ensina a partir de uma visão de mundo bíblica. Nas faculdades seculares, a maioria dos professores é composta por ateus e socialistas. Mesmo muitas faculdades cristãs se comprometeram com a filosofia do mundo e diluíram a natureza cristã de todos os temas ensinados. Elas fazem pouca referência a Deus — algo que Paulo designou "ignorância".

3. Não é um bom lugar para construir sua visão de vida. Se você não tem uma boa visão antes de ir para a faculdade, então pode aprender a visão errada na faculdade e passar anos seguindo o mesmo caminho equivocado. A faculdade pode ser mais uma diversão que visão — e uma diversão cara, demorada e perigosa.

Ir para a faculdade pode lhe dar uma falsa sensação de direcionamento — pode parecer que você está indo a algum lugar por estar muito ocupado. Isso é confundir o borrão de um ciclo contínuo de atividades com a sensação de movimento que se tem quando se vai de carro para algum lugar. Quando não se sabe aonde ir, pelo menos pode aprecie a sensação do movimento.

Se quiser descobrir a ocupação que Deus deseja para você, tente procurar em lugares onde outras pessoas buscam ocupações piedosas, úteis e satisfatórias. A faculdade pode não ser o melhor lugar para procurar isso.

4. Não é a maneira clássica de aprender uma ocupação. O que se chama agora educação alternativa costumava ser o caminho comum para a profissão. A maioria dos jovens aprendeu sua ocupação com seu pai, ou com um tutor. Se eles precisassem do conhecimento advindo de livros, como os cálculos para pilotar um navio, ou formação teológica e idiomas bíblicos para se tonar pastor, então estudavam sob a orientação de um tutor particular na comunidade ou com um professor especial em uma cidade próxima. As primeiras faculdades, como Cambridge, na Inglaterra, ou Harvard, na Nova

Inglaterra, eram apenas para uns poucos escolhidos. Ao longo dos anos, à medida que a faculdade se tornou mais popular, os padrões educacionais não se elevaram. A faculdade costumava ser mais útil. Hoje consiste no que o ensino médio fazia um século atrás — ou menos que isso, de certa forma. Não nos opomos a mais educação. É exatamente por isso que estamos aqui. No entanto, a faculdade pode não ser a maneira de obtê-la — pelo menos, não necessariamente.

5. Custo alto. Isso força muitas pessoas a contrair dívidas, e essas mesmas dívidas irão forçá-las a tomar decisões sobre onde poderão conseguir um emprego depois da escola. Quando se fazem os cálculos, as faculdades custam mais que os eventuais benefícios materiais. Pode haver um investimento melhor do seu tempo e dinheiro. Faça alguns cálculos e veja se não é melhor trabalhar em uma área de interesse como aprendiz, ou mesmo como voluntário, e obter experiência, enquanto continua a morar na sua casa.

6. Diplomas de faculdade não significam mais muita coisa. Um diploma universitário era sinal de ter certo nível de educação competente em determinada área. Hoje, não mais. Ele apenas diz que alguém gastou bastante dinheiro e aprendeu muitas ideias. Muitas vezes, o diploma simboliza pouca experiência prática. Muitas empresas se preparam para gastar muito tempo e esforço para mostrar a esses graduados novatos e brilhantes da faculdade como o mundo real funciona. Quando descobrem alguém que sabe de fato do que fala, entende o que faz e pode aplicar tudo isso ao mundo real (veja o *trivium* surgir de novo), decidem contratá-los — com ou sem diploma. Na verdade, as pessoas com diplomas muitas vezes não são contratadas. Todo o sistema de educação universitária está começando a desmoronar. A educação institucionalizada não pode mais acompanhar as mudanças. A morte da escola foi inevitável com o nascimento da internet. Esteja na vanguarda — aprenda por conta própria. O ensino doméstico pode ser encontrado agora em uma pequena subcultura, sendo aplicado às crianças, mas dentro de uma

geração — com a barragem da opressão socialista — crescerá e florescerá enquanto as instituições de ensino subsidiadas desaparecerão e murcharão.

7. Conta com muitas alternativas. Por que pagar a um professor universitário 4 mil dólares para ensinar o que se pode ler no livro de 40 dólares que ele lançou? Claro que isso pode não se aplicar a certas habilidades que não se aprendem em livros: "Aprenda cirurgia cerebral em dez lições fáceis". Aí os estágios entram em jogo. Profissionais em muitas áreas nos disseram que um aluno educado em casa, brilhante e autônomo poderia aprender a profissão pela leitura de livros ou mediante um estágio. Isso inclui carpinteiros, fabricantes de armários, eletricistas, engenheiros, editores, programadores de informática, editores, *designers* gráficos, agricultores, mecânicos de carros, paisagistas, arquitetos, políticos e advogados. Encontre alguém que faça o que você deseja fazer e pergunte como pode aprender a fazê-lo. O maior problema é em que ocupação você quer entrar, e ser autônomo e organizado para perseguir esse objetivo.

Os cursos por correspondência ensinarão o que não se pode aprender de um estágio ou tutor. O número de cursos por correspondência de faculdades e universidades com certificados está crescendo. A internet é um ambiente fértil para isso.

No entanto, cuidado: se escolher a educação alternativa, isso pode lhe indicar uma ocupação alternativa. As pessoas que aprenderam a pensar de forma não tradicional serão a vanguarda do futuro. Você terá uma mentalidade alternativa.

Objeção. Eu não acho que preciso frequentar a faculdade, mas sei o que quero ser (pastor, enfermeira etc.) e penso que a faculdade talvez seja o melhor caminho para isso.

Resposta. Quais são os obstáculos para sua escolha? 1) Aprenda os fatos importantes sobre sua profissão: vocabulário, teorias estabelecidas, padrões e convenções da indústria, história da profissão, associações influentes, leis

governamentais. 2) Aprenda a prática da profissão: uso de ferramentas, relacionamentos com clientes, margens de lucro, experiência. 3) Vá além da porta de casa: faça as pessoas olharem para seu pedido de emprego, seja contratado, obtenha o capital inicial, abra um escritório, imprima cartões de visita.

A faculdade é a única maneira de obter essas coisas? Se for, então pode ser essa a rota que você deve percorrer. Talvez existam outras rotas mais difíceis, mas que lhe darão maior liberdade. Você falou com vários profissionais independentes no campo? O que eles pensam? Eles conhecem maneiras de contornar a faculdade, se a pessoa for séria sobre alcançar seu objetivo?

A faculdade não é sempre a escolha errada. Em si mesma ela consiste em uma ferramenta que deve ser usada com correção para benefício próprio. Se entender o perigo da faculdade, os custos e as alternativas, mas souber lidar com tudo isso dentro das leis de Deus, e tiver certeza disso, conforme ele o orienta, então a faculdade pode ser a melhor escolha para você. Todavia, muitas vezes, o mal resulta do bem. Acreditamos que a faculdade deve ser a exceção, não a regra. A educação e o aprendizado autônomos devem ser a norma. Queremos colocar a faculdade onde ela deve estar, na parte inferior da lista.

Coisas para se lembrar quando estiver se preparando para a faculdade

1. Tenha fé na Palavra de Deus e tome cuidado com que seus professores dizem. Investigue os pressupostos dos professores da faculdade. Isso lhe dará a chave para entender como seu ensino filosófico é tendencioso.
2. Mantenha contato próximo com sua família e tenha menos contato com os colegas. Encontre um conselheiro espiritual na região a quem possa responder em relação a seu crescimento espiritual e devoções pessoais.

3. Não se engaje em grandes mudanças filosóficas na faculdade. Você terá uma perspectiva muito mais realista sobre o que aprendeu quando estiver de volta em casa do que no momento em que está envolvido na atmosfera da faculdade.

Faculdade e educação clássica em artes liberais

Em sentido clássico, uma educação nas artes liberais objetivava dar ao homem as ferramentas para aprender por conta própria. Se tirássemos uma foto do produto ideal dessa educação, como seria? O que ele poderia fazer? Se estivesse em uma ilha deserta, com a Biblioteca do Congresso como seu único recurso, ele deveria ser capaz de reconstruir a sociedade ocidental. Ele consegue aprender com os livros. Sabe treinar suas mãos para fazer algo e treinar a mente para pensar. A educação clássica deve tornar a educação universitária supérflua.

Objeção. E se o aluno não receber boa educação clássica no ensino médio?

Resposta. A educação não precisa acontecer antes dos 18 anos. Se você não recebeu boa educação, mesmo que conte 90 anos, então a providencie.

Para recuperar o tempo perdido, o aluno deve estudar as habilidades básicas das artes liberais: 1) pesquisar um assunto; 2) discernir o bom raciocínio do mau; 3) conhecer os fatos básicos da história mundial, literatura clássica, economia, Direito, matemática, ciência etc.; 4) aprender idiomas bíblicos, teologia, hermenêutica, apologética; 5) ser capaz de traduzir princípios abstratos dos livros em habilidades práticas; 6) comunicar-se de modo eficaz na escrita e na fala. Você já sabe essas coisas? Você pode aprender por conta própria?

O NÍVEL DA SABEDORIA:
O ENSINO DOMÉSTICO É PARA A VIDA

Seja firme ao aprender sozinho sobre todos os seus interesses, passatempos e atividades comerciais. Acumule conhecimentos e interesses que possa transmitir à próxima geração. Isso significa que você deve ser uma pessoa que lê bastante. A educação clássica não tem fim.

Domine os segmentos da nossa cultura, estude diversos interesses, determine os princípios cristãos envolvidos e os aplique.

Se você tem interesse em animais de estimação, como lagartos *gecko*, estude como a Palavra de Deus se aplica ao cuidado para com eles, que relacionamento os humanos devem manter com eles, que utilidade os *geckos* têm na promoção do reino de Deus, que lugar eles deveriam ter na cultura do ensino doméstico cristão, escreva um livro sobre isso, torne-se um especialista nacional de "O *gecko* cristão" e passe então para outra coisa. Isso se aplica à coleção de pedras e selos, à equitação e treino de cães, à construção de peças de lego e programação, a crochê e conserto de roupas, a fabricação de pão e panos de mesa, a decoração de casas e jardinagem, ensino infantil e higiene pessoal, arquivamento e organização de gavetas e liderança de grupos de apoio, relações comerciais e manutenção da casa, geriatria e troca de fraldas, voluntariado comunitário e disposição do lixo fora de casa.

O PRÓXIMO PASSO NO ENSINO DOMÉSTICO

Acreditamos que nossas afirmações neste livro expressam algumas implicações lógicas do ensino doméstico. Parecem ser conclusões inevitáveis da premissa de que Deus governa o mundo, estabelece a ordem e que o lugar da família cristã no ensino doméstico é fundamental para essa mesma ordem.

À medida que as crianças educadas em casa começam a transição para a idade adulta, isso marcará o segundo passo no movimento do ensino doméstico cristão. Forçará o surgimento de mudanças na família mais adiante, em direção às normas bíblicas. Os pioneiros no ensino doméstico enfrentaram a tarefa aparentemente insuperável de ensinar os próprios filhos diante da oposição de amigos e parentes — e muitas vezes, do governo. Agora, nós, que crescemos e nos tornamos homens e mulheres, devemos assistir ao mesmo processo quando começamos o segundo passo do ensino doméstico. “O que os parentes vão pensar! Você começou um ensino doméstico com eles, e agora não os deixa namorar, e não os envia para a faculdade. Pobres crianças. Elas não se encaixam no mundo real”. Não somos realistas? De fato, entendemos as limitações em que o aluno ensinado em casa deve trabalhar? Acreditamos que as limitações não serão contrárias à força do chamado divino para sermos fiéis e seguirmos adiante. Se Deus tem prazer em nos conceder essa liberdade, então o ensino doméstico pode se revelar um agente importante do movimento de Deus para restaurar a ordem para a nossa cultura e trazer glória a seu nome.

Os cristãos que resistiram ao ensino doméstico o veem como uma aberração de curta duração na história. Eles sorriem e esperam que os educadores domésticos acordem e se juntem ao mundo real. Esperarão até o fim da mudança cultural ocorrida quando o movimento escolástico cristão paroquial começou na década de 1960. O ensino doméstico está aqui para ficar, porque responde às perguntas formuladas por cristãos desde que Deus começou a colocar o desejo de transmitir a fé aos filhos no coração dos pais.

O TERCEIRO PASSO NO ENSINO DOMÉSTICO

O primeiro foi o pior. Começamos o ensino doméstico sem nenhum exemplo a seguir. Cometemos muitos erros enquanto tropeçávamos. Agradecemos a Deus por sua misericórdia. Mas agora estabelecemos o exemplo para nossos filhos serem melhores. Eles agora têm nossos ombros baixos o suficiente para erguê-los. Contam com uma literatura de ensino doméstico para acessar. As crianças educadas em casa farão escolhas sobre a criação dos próprios filhos e a formação de seu estilo de vida familiar de acordo com o modelo bíblico. Eles avançarão a causa além do que podemos imaginar. Desenvolverão a filosofia do ensino doméstico. Que Deus os abençoe e os proteja no caminho.

CONCLUSÃO

O movimento do ensino doméstico começou quando Eva deu filhos a Adão.

Ele foi levado adiante por Abraão, que ordenou a seus filhos a guarda dos caminhos do Senhor. Estava no coração do maior mandamento de Deus, quando ele ordenou aos pais que ensinassem seus filhos com diligência. Encontrava-se na paixão de Paulo ao dizer aos pais que educassem os filhos no conselho e na admoestação do Senhor. Eis nossa herança. Onde terminará o ensino doméstico? Ele tem apenas um fim lógico: a transformação de toda a cultura, para conformá-la à ordem divina e ao domínio da lei. Uma transformação que vem de dentro.

PARA ESTUDAR MAIS

Para aprender mais sobre a questão da faculdade, sugerimos *Making Wise Decisions about College and Life after Home School* [Tomem decisões sábias a respeito da faculdade e da vida após os estudos], uma série em áudio por Doug Phillips, publicado pela Vision Forum.

Existem muitos livros que ensinam a cursar a faculdade em casa. O guia mais conhecido sobre a educação não tradicional e cursos por correspondência de renome é o *Bears' Guide to Earning Degrees by Distance Learning* [O guia de Bear para a obtenção de graduação mediante o ensino à distância], por John Bear. Procurar pela internet deve levá-lo a muitos outros guias para cursos por correspondência.

A respeito de escolas online, o termo principal é *e-learning*. Escolas online estão se desenvolvendo tão rápido que é melhor não mencionarmos nenhuma de forma específica.

O *College Level Examination Program* (CLEP) permite obter diploma universitário sem a frequência às aulas. A informação sobre os créditos universitários obtidos por meio de provas pode ser obtida pelo College Board (o site do CLEP é www.collegeboard.org/clep).

Capítulo Dezesseis



Conclusão: os objetivos da vida começam em casa

Dizei ao justo que bem lhe irá; porque comerão do fruto das suas ações.
— Isaías 3.10

E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo
ceifaremos, se não desfalecermos.
— Gálatas 6.9

Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor,
o vosso trabalho não é vão.
— 1 Coríntios 15.58

UMA DEFINIÇÃO DE EDUCAÇÃO

> Educação, o cuidado, como o relativo a uma criança; instrução, formação de hábitos. Educar compreende todas as formas de instruir e disciplinar que objetivam iluminar o entendimento, corrigir o temperamento, e treinar os costumes e hábitos da juventude, adequá-los para serem apropriados ao uso nos estágios futuros do crescimento. É importante dar às crianças boa educação e costumes, artes e ciência; conceder-lhes educação religiosa é algo indispensável; e uma imensa responsabilidade que recai sobre pais e tutores que negligenciam esses deveres. — Noah Webster, *American Dictionary of the English Language*, 1828.

Noah Webster fez mais que definir "educação" aqui. Ele lhe deu direção. Com essa definição em mente, apresentamos algumas questões para ajudar aos pais a avaliar o ensino doméstico:

1. Construímos o fundamento apropriado para a educação futura de nossos filhos?
2. Providenciamos as ferramentas necessárias a nossos filhos para continuar o aprendizado por conta própria?
3. Instigamos em nossos filhos o amor ao aprendizado?
4. Nossos filhos nos respeitam, honram e obedecem?
5. Existe paz em nossa casa?
6. Preparamos nossos filhos para a vida de devoção e serviço ao Senhor?
7. Nossos filhos estão sendo preparados para se casarem e estabelecerem a própria família?

É claro que a lista não cobre tudo. Toda família deve adicionar questões próprias. Nosso ponto é que temos de nos concentrar aonde queremos ir — nosso destino. Se não o fizermos, então nunca saberemos para onde nos dirigimos até chegarmos lá. Você descobrirá que as crianças crescem muito rápido. Você não arruinará seus filhos com alguns erros e negligências. As crianças pertencem ao Senhor, e ele não as entrega à sua custódia e proteção

com a ideia de que você sabe tudo. Ele as usará para torná-lo mais humilde, e para lhe ensinar a depender dele para tudo, e para santificar você nos caminhos dele. Em última análise, as crianças estão nas mãos dele, como você.

NOSSOS ERROS

Cometemos vários no ensino doméstico. Talvez você possa aprender com esta pequena:

1. Os filhos devem desenvolver internamente o caráter voltado para a disciplina antes de poderem aprender matérias acadêmicas formais.
2. Disciplinar os outros será um desastre, se antes você não aprender a se controlar.
3. A socialização dos filhos deve ocorrer sob a supervisão de um adulto em todas as ocasiões.
4. Meninos e meninas não precisam necessariamente estudar os mesmos assuntos.
5. A comunicação é a chave da harmonia familiar.
6. O culto familiar é mais que algo agradável para fazer quando se está com vontade.
7. O pai deve exercer a liderança de fato do ensino doméstico, e não deixar que isso fique apenas na teoria.

ALGUMAS PERGUNTAS

Muito ou pouco?

Pergunta. Dê um conselho sobre como posso ter certeza de estar cobrindo as coisas certas e ainda assim não me sobrecarregar fazendo coisas demais?

Resposta. Claro, existem algumas coisas fundamentais que todos precisam saber, mas não há como ter conhecimento de todas as coisas que seu filho precisa saber. Seu filho pode estudar uma dúzia de assuntos que ele pode nunca utilizar depois, e pode acabar se valendo de algo que você nunca o fez estudar. Dê a ele as habilidades para aprender — esse é o ponto do ensino por meio do *trivium*. Coloque o *trivium* em prática em relação a esses assuntos, e ainda que eles se mostrem pouco proveitosos, a capacidade de aprender — desenvolvida por desses assuntos — sempre será proveitosa.

A educação clássica cristã não é movida pelo currículo. Algumas mães tentam encontrar o melhor programa de ensino de latim (ou de história, lógica, matemática), saltando de um para outro, e, ao mesmo tempo, elas nos dizem que tentam limitar o tempo de seus filhos com jogos de computador e televisão a duas horas por dia — e então se perguntam o motivo de seus filhos não se animarem para estudar. O tipo específico de currículo escolhido não é tão importante quanto a necessidade de desenvolver a mente do filho com o currículo. O ensino cristão por meio do *trivium* é mais que latim ou lógica. É um estilo de vida. Significa desenvolver os desejos adequados, instigar a imaginação e a criatividade. Equivale a ter tempo para brincar e explorar da forma antiga, estimular o amor ao aprendizado. Significa construir um fundamento firme na mente da criança com memorizações e narrações, aprender a obedecer e a servir a nosso Pai celestial.

É tarde demais para começar o trivium?

Pergunta. Meu filho é adolescente. É tarde demais para começar o método clássico?

Resposta. Nunca se é tarde demais, embora em alguns casos seja muito difícil. Se você tem um jovem de 15 anos criado em uma escola pública, alimentado com uma dieta de programas de televisão de quatro horas ao dia, sem ninguém ler nada para ele, nem lendo muito por conta própria, e ainda não está treinado para pensar, então o ensino doméstico com o *trivium* será um desafio. Mas muito pode ser alcançado com a motivação certa e o coração disposto. A disciplina e obediência voltadas para si mesmo serão os primeiros obstáculos para a superação.

ORAÇÃO FINAL

Pai Nosso que está no céu,

Como nação, e como povo, temos pecado com gravidade a teus olhos, pois nos voltamos contra tua grande e santa ordenança de ensinar os teus caminhos a nossos filhos. Abandonamos nossas crianças para serem criadas pelos filisteus. E colhemos o que semeamos.

Nós te suplicamos, ó Deus: faze-nos arar a terra tola do nosso orgulho e do nosso coração cego. Leva-nos ao arrependimento. Volta o coração dos pais desta terra para seus filhos, de forma que possamos remover essa maldição da nossa terra.

Sabemos que o Senhor nos testará, para nos purificar.
Fortalece-nos, Senhor, para ficarmos firmes no dia mau.

Abençoa ricamente as famílias da nossa terra que entraram na batalha para trazer a cultura de volta à realidade e para restaurar os fundamentos da ordem cristã.

Pela glória do teu reino e pela tua justiça é que pedimos estas coisas.
E que nossa oração seja ouvida no nome do teu Filho.

Amém.

CÂNTICO DOS LOUVORES DO ENSINO DOMÉSTICO

Salmo 127

Se o SENHOR não edificar a casa,
em vão trabalham os que a edificam;
se o SENHOR não guardar a cidade,
em vão vigia a sentinela.
Inútil vos será levantar de madrugada, repousar tarde,
comer o pão que penosamente granjeastes;
aos seus amados ele o dá enquanto dormem.
Herança do SENHOR são os filhos;
o fruto do ventre, seu galardão.
Como flechas na mão do guerreiro,
assim os filhos da mocidade.
Feliz o homem que enche deles a sua aljava;
não será envergonhado,
quando pleitear com os inimigos à porta.

Apêndice Um

Artigos sobre educação



Artigo Um

O texto *The Lost Tools of Learning* [As ferramentas perdidas do aprendizado] de Dorothy Leigh Sayers foi lido pela primeira vez em um curso de verão sobre educação em 1947, na Universidade de Oxford, e publicado no periódico The Hibbert Journal em 1948.

Dorothy Leigh Sayers nasceu em 13 de junho de 1893, filha única do rev. Henry Sayers. Tornou-se uma estudiosa especializada em Idade Média. Entre suas muitas realizações estão a tradução da *Divina Comédia* de Dante, uma série de romances policiais, peças para o rádio e uma defesa do cristianismo. Entre seus amigos contavam-se T. S. Eliot, Charles Williams, C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e Owen Barfield. Ela morreu de repente por conta de um ataque cardíaco, em 17 de dezembro de 1957, enquanto trabalhava na tradução do terceiro volume de *Paradiso* de Dante.

Fizemos todo o esforço para reproduzir o texto original integral. As divisões do texto e os títulos das seções são acréscimos editoriais nossos. Extraímos a essência dos títulos diretamente do texto. Alteramos um pouco a pontuação e dividimos cinco parágrafos longos. Quanto ao restante, mantivemos todas as peculiaridades da expressão britânica. Os outros acréscimos editoriais ao texto estão marcados por colchetes []. Explicações de termos e expressões são precedidas por uma barra [/]. Para que os leitores possam ler sem interrupção, fornecemos definições para algumas palavras e expressões incomuns. Também acrescentamos nossos comentários onde achamos apropriado fazê-lo. Sinta-se à vontade para ignorá-los todos se assim o decidir.

Harvey e Laurie Bluedorn

Reimpresso com permissão dos herdeiros de Dorothy Sayers

e da agência Watkins/Loomis, Inc.;

133 E. 35th Street, New York, New York 10016

As ferramentas perdidas do aprendizado

Dorothy Sayers

ESPECIALIZAÇÃO EXCESSIVA NÃO É ALGO BOM

Que eu — cuja experiência com ensino é muito limitada e cuja vida nos últimos anos tem estado quase totalmente fora do contato com círculos de educação — me atreva a discutir educação é algo, sem dúvida, que não exige justificativas. Trata-se de uma espécie de comportamento ao qual o clima atual de opinião é de todo favorável. Os bispos ventilam as suas opiniões sobre economia; biólogos, sobre metafísica; celibatários, sobre matrimônio; especialistas em química inorgânica, sobre teologia; as pessoas mais irrelevantes são indicadas como ministros técnicos; e homens simples e incultos escrevem para jornais a fim de dizer que Epstein e Picasso não sabem desenhar. Até certo ponto, e dado que as críticas são feitas com modéstia razoável, essas atividades são louváveis. A especialização excessiva não é algo bom. Há também uma razão excelente para o motivo de o mais completo amador poder se sentir autorizado a ter uma opinião sobre educação. Pois, se não somos todos professores profissionais, fomos todos, em certa medida, ensinados. Ainda que não tenhamos aprendido nada — em especial se não tivermos aprendido nada — nossa contribuição para a discussão pode ter um valor potencial.

Assim, sem justificativas, começarei. No entanto, muito do que tenho que dizer é bastante controverso: assim, será agradável iniciar pela proposição com a qual, estou segura, todos os professores concordarão: todos eles trabalham em excesso e têm uma quantidade excessiva de tarefas para cumprir. Basta olhar para qualquer escola ou ementa de exames para ver que se encontra entulhada com uma grande variedade de matérias exaustivas que os professores foram chamados a ensinar, mas o ensino delas, infelizmente, interfere no que toda mente atenciosa reconhecerá como suas tarefas: distribuir leite, supervisionar refeições, arrumar o vestiário, pesar e medir os alunos, manter os olhos abertos para uma incipiente caxumba, sarampo e catapora, redigir listas, acompanhar grupos em passeio ao Museu Vitória e Alberto, preencher formulários, entrevistar pais e elaborar boletins de fim de

período, que devem combinar profunda veneração à verdade com o respeito generoso pelos sentimentos de todos os envolvidos.

Não me alongarei nessas tarefas verdadeiramente importantes. Pretendo lidar apenas com a questão do ensino. Quero indagar se, em meio a todas as numerosíssimas matérias que figuram na ementa, ensinamos de fato as coisas certas da maneira correta; e se ensinássemos menos coisas, não teríamos êxito em "limitar a carga" (como diz a expressão moderna) e, ao mesmo tempo, em produzir um resultado melhor.

Essa perspectiva não precisa suscitar esperanças nem preocupações. É muito improvável que as reformas que eu propuser sejam postas em prática algum dia. Nem os pais, nem as faculdades de formação de professores, nem as comissões de avaliadores, nem os conselhos diretores, nem o ministério da Educação as permitiriam por um momento sequer. Pois eles consideram que, se nós produzirmos uma sociedade de pessoas educadas, capazes de preservar a liberdade intelectual em meio às pressões complexas da sociedade moderna, faremos voltar a roda do progresso em quatro ou cinco séculos, até o ponto em que a educação começou a perder o horizonte do verdadeiro objetivo, no fim da Idade Média.

Antes de me dispensarem com a expressão apropriada — reacionária, romântica, medievalista, *laudator temporis acti* [/adulador do passado] ou qualquer outro rótulo que vier primeiro à cabeça — pedirei que levem em consideração uma ou duas questões variadas que pairam no fundo da mente de, talvez, todos nós e que às vezes vem à tona para nos preocupar.

OS RESULTADOS DOS MÉTODOS EDUCACIONAIS MODERNOS

Quando pensamos nos notáveis tempos antigos em que os moços iam para a universidade, digamos, na época da família Tudor [na Inglaterra do séc. XVI] e daí por diante eram considerados capazes de assumir a responsabilidade pela condução do próprio negócio, sentimo-nos confortáveis quanto ao prolongamento artificial da infância e da adolescência intelectual até os anos de maturidade física, algo tão ressaltado em nossos dias? Adiar a aceitação da responsabilidade para uma data posterior traz consigo uma série de complicações psicológicas que, enquanto possam interessar ao psiquiatra, são bem pouco benéficas para o indivíduo e a sociedade. O argumento típico favorável para adiar a idade de sair da escola e prolongar o período de educação sustenta-se, em geral, na afirmação de que hoje há muito mais para aprender que na Idade Média. Isso é em parte verdade, mas não de modo total. O menino e a menina de hoje estudam, com certeza, mais matérias, mas isso significa que sempre aprendam mais e saibam mais de fato? Esta é a questão que analisaremos.

Vocês nunca tiveram a impressão de que é estranho, ou lamentável, que hoje, quando a proporção de alfabetização por toda a Europa Ocidental é maior que antes, as pessoas se tenham tornado suscetíveis à influência de anúncios e propaganda de massa em um ponto até aqui inaudito e inimaginável? Vocês atribuem isso ao mero fato mecânico de a imprensa e o rádio, entre outros, terem distribuído a propaganda de modo muito mais fácil por uma vasta área? Ou vocês, às vezes, suspeitam com desconforto que o produto dos métodos educacionais modernos tenha menos qualidade do que deveria em desembaraçar o fato da opinião e o certo do plausível?

Vocês já se inquietaram, ao ouvir um debate entre pessoas adultas e supostamente responsáveis, com a inabilidade extraordinária do debatedor mediano de tratar o assunto ou de enfrentar e refutar os argumentos dos interlocutores que estão do outro lado? Ou vocês já refletiram acerca da

incidência muito alta de matérias irrelevantes que aparecem em reuniões de comitê e da grande escassez de pessoas capazes de atuar como presidentes de comitês? E quando pensam nisso e consideram que a maior parte de nossas questões públicas é decidida por debates e comitês, já sentiram certa tristeza no coração?

Já acompanharam uma discussão nos jornais ou em outro lugar e perceberam com que frequência os escritores falham em definir os termos utilizados? Ou com que frequência, se um sujeito define os termos, o outro presumirá em sua resposta que ele estava usando os termos no sentido oposto ao já definido?

Já se sentiram um pouco preocupados com a quantidade de sintaxe descuidada que circula por aí? E, se sim, vocês se preocupam pela deselegância ou pela possibilidade de levar à incompreensão perigosa?

Vocês às vezes acham que os jovens, quando deixam a escola, não apenas esquecem a maior parte da matéria (podemos tomar isso por certo), mas esquecem também, ou denunciam que nunca o souberam de verdade, como lidar com um novo assunto por si mesmos? Sentem-se incomodados com frequência quando encontram homens e mulheres que parecem incapazes de distinguir um livro documentado com profundidade, erudição e adequação do que não é nada disso — para qualquer olho bem treinado? Ou que não podem manusear um catálogo de biblioteca? Que, quando confrontam um livro de referência, denunciam a inabilidade curiosa para extrair dele as passagens relevantes para o assunto particular que os interessa?

Encontram com frequência pessoas para as quais, por toda a vida, uma “matéria” permanece uma “matéria”, separada por divisórias impermeáveis de todas as outras “matérias”, de modo que têm grande dificuldade em estabelecer a conexão mental imediata entre, digamos, álgebra e ficção policial, descarte de esgoto e preço do salmão, celulose e distribuição das chuvas — ou, de modo mais geral, entre esferas do conhecimento como filosofia e economia ou química e artes?

Ficam, de vez em quando, perturbados com coisas escritas por homens e mulheres adultos para homens e mulheres adultos lerem? Eis, por exemplo, uma citação de um jornal. Ela trata da visita de uma garota indiana a nosso país:

> Senhorita Bhosle tem domínio perfeito do inglês (“Puxa vida!”, disse uma vez) e um notável entusiasmo por Londres.

Bem, todos podemos falar uma bobagem em um momento de desatenção. É mais alarmante quando vemos um biólogo renomado escrever em um jornal semanal: “É um argumento contra a existência do Criador...” (Creio que ele tenha sido mais enfático; entretanto, visto que eu, infelizmente, não me recordo da referência com exatidão, citarei suas palavras de modo muito mais sutil) — “É um argumento contra a existência do Criador que o mesmo tipo de variações produzido pela seleção natural possa ser produzido por pecuaristas sempre que desejarem”. Alguém pode se sentir tentado a dizer que isso é antes um argumento *a favor* da existência do Criador. Na verdade, com certeza, também não o é. Ele prova apenas que as mesmas causas materiais (recombinação de cromossomos por cruzamento, e assim por diante) são suficientes para explicar todas as variações observadas, como se as várias combinações dos mesmos treze semitons fossem materialmente suficientes para explicar a *Sonata ao luar* de Beethoven e o barulho de um gato ao pisar em chaves. Todavia, a atuação do gato não prova nem refuta a existência de Beethoven. Prova-se apenas, segundo o argumento do biólogo, sua incapacidade de distinguir a causa material da final.

Eis uma frase de uma fonte não menos acadêmica que um artigo de primeira página no [*London*] *Times Literary Supplement*:

> O francês, Alfred Epinas, assinalou que certas espécies (por exemplo, formigas e vespas) apenas podem enfrentar os horrores da vida e da morte em associação.

Não sei o que o francês disse de verdade. Mas o que o inglês afirmou ter ele dito é com clareza sem sentido. Não conseguimos saber se a vida possui algum horror para a formiga nem em que sentido se pode dizer que a vespa isolada que você mata na janela “enfrenta” ou não “enfrenta” os horrores da morte. O tema do artigo é o comportamento de massa do *homem*; os motivos humanos foram transferidos com discrição da proposição principal para o exemplo que a sustenta. Assim, o argumento, com efeito, presume o que se dispõe a provar, um fato que se tornaria aparente de imediato se fosse apresentado em um silogismo formal. Esse é apenas um pequeno exemplo aleatório do vício que permeia livros inteiros, livros escritos em particular por homens da ciência acerca de temas metafísicos.

Há outra citação na mesma edição do TLS [/*The London Times Literary Supplement*] que se encaixa de modo conveniente aqui para encerrar a coleção aleatória de pensamentos inquietantes — desta vez, retirada de uma resenha de *sir* Richard Livingstone chamada *Some Tasks for Education* [Algumas tarefas para a educação]:

> O leitor deve, mais de uma vez, ser lembrado do valor do estudo intenso de, pelo menos, uma matéria, de modo a aprender o “significado de conhecimento” e da necessidade de precisão e persistência para alcançá-lo. No entanto, há em outro lugar o pleno reconhecimento do fato angustiante de que o homem pode ser mestre em um campo e não demonstrar um julgamento melhor que o do vizinho em outro; ele se lembra do que aprendeu, mas se esquece por completo de como aprendeu.

Eu gostaria de chamar sua atenção principalmente para a última frase, que apresenta uma explicação do que o autor designa com acerto “fato angustiante”, isto é, o fato de as habilidades intelectuais concedidas a nós pela educação não sejam de pronto transferíveis para outras matérias além das adquirida: “Ele se lembra do que aprendeu, mas se esquece por completo de como aprendeu”.

Não é o grande defeito de nossa educação de hoje — um defeito rastreável em todos os sintomas inquietantes da confusão que mencionei — que,

embora com frequência tenhamos êxito em ensinar “matérias” a nossos alunos, em geral fracassemos de modo retumbante ao ensiná-los a pensar? Eles aprendem tudo, exceto a arte de aprender. É como se tivéssemos ensinado uma criança a tocar de modo mecânico e por regras práticas a peça *The Harmonious Blacksmith* [O ferreiro harmônico] no piano, mas nunca lhe tivéssemos ensinado a escala musical ou a ler partituras, de modo que, tendo memorizado a peça, ela não tenha a menor noção de como continuar a partir desse ponto para encarar a peça *The Last Rose of Summer* [A última rosa do verão]. Por que digo “como se”? Em certas artes e habilidades, nós, por vezes, fazemos exatamente isto: exigimos que a criança “se expresse” na pintura antes de lhe ensinarmos a lidar com as cores e o pincel. Há uma escola de pensamento que crê ser essa a maneira certa de começar o trabalho. [Isso se parece sem dúvida com a Outcome Based Education (Educação baseada no resultado).] Contudo, vejam: um artesão habilidoso não se comporta dessa maneira para ensinar a si mesmo uma nova técnica. *Ele*, tendo aprendido por meio da experiência o melhor jeito de economizar trabalho e conduzir o processo de forma correta desde o início, começará com rabiscos em um pedaço qualquer de material a fim de se “dar a sensibilidade da ferramenta”.

O PROGRAMA DO TRIVIUM

Vejamos o modelo medieval de educação, o programa escolar. Por ora, não importa se foi concebido para crianças pequenas ou para alunos mais velhos; ou por quanto tempo as pessoas deviam se ocupar dele. O que interessa é a luz lançada sobre o que os homens da Idade Média acreditavam ser o objeto e a ordem correta do processo educativo.

O programa estava dividido em duas partes; o *trivium* e o *quadrivium*. A segunda parte, o *quadrivium*, consistia em "matérias" [aritmética, geometria, astronomia e música] e por ora não precisamos nos preocupar com elas. O interessante para nós é a composição do *trivium*, que precedia o *quadrivium* e era sua disciplina elementar. Ele consistia em três partes: gramática, dialética [/lógica] e retórica, nessa ordem.

Ora, a primeira coisa que notamos é que duas dessas "matérias" não são em absoluto o que chamaríamos "matérias": são apenas métodos para lidar com matérias. A gramática, com efeito, é uma "matéria" no sentido de significar, sim, em definitivo o aprendizado de um idioma — na época o latim. Mas a língua representa em si apenas o meio para expressar o pensamento. A totalidade do *trivium* visava, na verdade, ensinar ao aluno o uso adequado das ferramentas de aprendizado antes de começar a aplicá-las a qualquer "matéria". Em primeiro lugar ["gramática"], ele aprendia uma língua; não apenas a pedir uma refeição em língua estrangeira, mas a estrutura da língua — *de uma* língua e, assim, da linguagem em si — o que era, como se combinavam os seus elementos e como ela funcionava. Em segundo lugar ["lógica"], aprendia a usar a língua: como definir seus termos e fazer declarações precisas; como construir um argumento; e como detectar as falácias em um argumento (nos próprios argumentos e nos de outros). Ou seja, a dialética abrangia a lógica e o debate. Em terceiro lugar ["retórica"], aprendia a se expressar na língua; dizer o necessário de modo elegante e persuasivo. Nesse ponto, qualquer tendência de expressão de modo vazio ou

de usar a eloquência para fazer o pior raciocínio parecer o melhor seria, sem dúvida, refreada pelo ensino anterior da dialética [/lógica]. Caso contrário, seu professor e colegas, treinados nas mesmas linhas, seriam rápidos em mostrar onde estaria errado; pois o aluno tentaria persuadi-los.

No fim dos estudos, exigia-se que ele escrevesse uma tese sobre um tema estabelecido pelos mestres ou escolhido por ele próprio, e que, mais tarde, a defendesse da crítica acadêmica. Por essa época, ele teria aprendido — ai dele se não tivesse! — não apenas a escrever uma redação, mas a falar de maneira audível e inteligível de uma plataforma e a usar sua sagacidade quando interrompido. A interrupção, ademais, não consistiria apenas em personalidades ofensivas ou em questões irrelevantes sobre o que Júlio César dissera em 55 a.C., embora, sem dúvida, a dialética medieval [/lógica] fosse avivada, na prática, por tiradas primitivas desse tipo. Também haveria questões, contundentes e astutas, da parte de quem já passara pela sabatina ou estava se preparando para passar por ela.

É bastante verdade, com certeza, que fragmentos da tradição medieval ainda resistem, ou foram reavivados, no programa das escolas regulares da atualidade. Ainda se exige certo conhecimento de gramática quando do aprendizado de uma língua estrangeira; talvez eu devesse dizer, “exige-se de novo”. Pois por toda a minha vida, passamos por uma fase em que o ensino das declinações e das conjugações era considerado bastante reprovável e se considerava melhor aprender essas coisas conforme progredíamos. Florescem as sociedades que debatem a escola; escrevem-se redações; a necessidade de “autoexpressão” é enfatizada, talvez mesmo enfatizada ao extremo. Mas essas atividades são cultivadas mais ou menos com indiferença, como pertencentes a matérias especiais nas quais são mais compartimentos que a unidade que forma um esquema coerente de treinamento mental e com as quais todas as “matérias” se encontram em relação subordinada. A “gramática” pertence em especial à “matéria” de línguas estrangeiras e a redação à “matéria” chamada inglês; ao passo que a dialética [/lógica] ficou

quase que divorciada por inteiro do resto do currículo e é com frequência praticada de modo não sistemático, fora do horário letivo como um exercício à parte, relacionando-se sem muita força à empresa principal do ensino. Tomada de maneira geral, a grande diferença de ênfase entre as duas concepções continua válida: a educação moderna se concentra no *ensino de matérias*, deixando o método de pensar, argumentar e expressar as próprias conclusões para ser aprendido pelo acadêmico à medida que progredir; a educação medieval se concentrava, em primeiro lugar, em *forjar e aprender a manusear as ferramentas de aprendizagem*, usando qualquer matéria útil como peça de material sobre a qual se rabiscava até o uso da ferramenta se tornar natural.

O USO PRÓPRIO E O IMPRÓPRIO DAS MATÉRIAS

Sem dúvida devem existir “matérias” de algum tipo. Não se pode aprender o uso de uma ferramenta apenas agitando-a no ar; nem se pode aprender a teoria da gramática sem o aprendizado de uma língua real, ou aprender a argumentar e a fazer um discurso sem falar acerca de algo em particular. Os temas de debate na Idade Média eram tirados em sua maioria da teologia, ou da ética e da história da Antiguidade. Com frequência, de fato, tornavam-se estereotipados, em especial por volta do fim do período, e os absurdos rebuscados e intrincados do argumento escolástico afligiam Milton e alimentam os risos até hoje. Se eram em si mesmos mais banais e triviais que os temas comuns apresentados para “redação” hoje em dia, não gostaria de dizê-lo. Nós mesmos podemos ficar cansados de “Um dia de minhas férias”, “Que desejo fazer quando sair da escola”, e do resto disso. A maior parte das risadas é inapropriada, pois o objetivo e o objeto da tese em debate se perderam de vista.

Um orador pouco sincero no programa de televisão *The Brains Trust* [A companhia dos cérebros] certa vez divertiu o público (e reduziu o falecido Charles Williams à impotente) ao afirmar que na Idade Média era questão de fé saber quantos arcanjos podiam dançar na ponta de uma agulha. Eu não preciso dizer, assim espero, que isso nunca foi “matéria de fé”; era apenas um exercício de debate cujo tema estabelecido era a natureza da substância angélica: Os anjos são materiais? Se sim, ocupam espaço? A resposta normalmente julgada como correta era: Creio que os anjos sejam puras inteligências; não materiais, mas limitados, de modo que podem ter localização no espaço, mas não extensão. Pode fazer-se uma analogia com o pensamento humano que é, de modo semelhante, não material e limitado. Assim, se o seu pensamento está concentrado em uma coisa — digamos, na ponta de uma agulha — ele está localizado ali no sentido de não se encontrar em outro lugar; mas embora esteja “ali”, não ocupa nenhum espaço, e nada impede que um número infinito de pensamentos de diferentes pessoas se

concentre na mesma ponta de agulha ao mesmo tempo. O *tema* próprio do argumento, assim, é a distinção entre localização e extensão no espaço; a *matéria* em que se exercita o argumento é a natureza dos anjos (embora, como vimos, pudesse ser perfeitamente outra coisa); a lição prática que devemos tirar do argumento é que não se deve usar palavras como "ali" de modo vago e não científico, sem especificar se você está querendo dizer "localizado ali" ou "ocupando espaço ali". Muito se ridicularizou a paixão medieval por bizantinismos; mas quando olhamos para o abuso descarado que é feito, na imprensa e no palanque, das expressões controversas com conotações cambiantes e ambíguas, podemos sentir no coração o desejo de que cada leitor e ouvinte esteja tão blindado na defesa por sua educação que seja capaz de gritar: *distinguo*. [/Eu distingo (o que você quer dizer).]

E deixamos que nossos moços e moças saiam por aí desprotegidos em uma época em que uma armadura nunca foi tão necessária. Ao ensinarmos todos eles a ler, nós os deixamos à mercê da palavra impressa. Com a invenção do filme e do rádio, estamos seguros de que nenhuma aversão à leitura irá protegê-los do bombardeio incessante de palavras e mais palavras. Eles não sabem o significado delas; não sabem evitá-las ou cegar suas lâminas, ou ainda arremessá-las de volta; são presas para as palavras na emoção em vez de serem mestres delas no intelecto. Nós, que ficamos escandalizados em 1940 quando homens foram enviados a lutar com rifles contra tanques blindados, não nos escandalizamos quando jovens são enviados ao mundo para lutar contra a propaganda de massa com um punhado de "matérias"; e quando turmas e nações inteiras ficam hipnotizadas com as artimanhas de um orador carismático, temos a impudência de ficar perplexos. Distribuímos palavras vazias acerca da importância da educação — palavras vazias e, apenas de vez em quando, uma pequena doação de dinheiro; adiamos a idade de deixar a escola e planejamos construir escolas maiores e melhores; os professores trabalham como escravos conscienciosamente nos horários de aula e fora deles, até a responsabilidade

se tornar fardo e pesadelo; e, no entanto, como acredito, todo esse esforço dedicado é, em grande parte, frustrado, pois perdemos as ferramentas do aprendizado e na ausência delas podemos apenas fazer um serviço mal feito e fragmentado.

RETROCESSO PROGRESSIVO

Ora, que devemos fazer? Não podemos voltar para a Idade Média. Esse é um jargão com o qual já estamos acostumados. Não podemos voltar; ou será que podemos? *Distinguo* [/Eu distingo (o que você quer dizer)]. Gostaria de definir cada termo da proposição. Será que "voltar" significa retrocesso no tempo ou a revisão do erro? O primeiro significado é impossível *per se*; o segundo é algo que os sábios fazem todos os dias. "Não poder" — isso significa que nosso comportamento é determinado por algum mecanismo cósmico irreversível ou apenas que a ação seria muito difícil em vista da oposição? "Idade Média" — obviamente o século XX não é nem pode ser o XIV; mas se "a Idade Média" é, neste contexto, mera expressão pitoresca que denota uma teoria educacional em particular, não parece haver razão *a priori* segundo a qual não deveríamos "voltar" a ela — com modificações — como já "voltamos", com modificações, à ideia, digamos, de encenar as peças de Shakespeare como ele as escreveu e não nas versões "modernas" de Cibber e Garrick, que outrora pareciam a última novidade no progresso do teatro.

Vamos nos divertir um pouco e imaginar que o retrocesso progressivo seja possível. Façamos uma faxina completa de todas as autoridades da educação e proporcionemos a nós mesmos uma agradável escolinha de meninos e meninas que experimentalmente se preparam para o conflito intelectual nas linhas escolhidas por nós mesmos. Nós os dotaremos com pais excepcionalmente dóceis; proveremos nossa escola com professores que estejam acostumados com perfeição aos objetivos e métodos do *trivium*; teremos prédios e número de pessoal grandes o suficiente para permitir que nossas turmas sejam pequenas para receberem o cuidado adequado; requereremos um quadro de examinadores disposto e qualificado para testar nossos produtos. Assim preparados, tentaremos esboçar um programa — um *trivium* moderno "com modificações"; e veremos aonde vamos chegar.

AS TRÊS ETAPAS DO APRENDIZADO

Antes de tudo: que idade as crianças devem ter? Bem, se devem ser educadas em bases novas, será melhor que não tenham nada a desaprender; ademais, não se pode começar uma coisa boa cedo demais, e o *trivium*, pela própria natureza, não é o aprendizado, mas a preparação para ele. Portanto, vamos "pegar os jovenzinhos", com a exigência de que sejam capazes apenas de ler, escrever e contar. [Em sentido clássico, isso ocorria entre os 10 e os 12 anos.]

Minhas opiniões sobre a psicologia infantil não são, admito, ortodoxas nem esclarecidas. Fazendo uma retrospectiva sobre mim mesma (uma vez que sou a criança que conheço melhor e a única cujo interior posso afirmar conhecer) reconheço em mim três etapas de desenvolvimento. Vou designá-las de improviso "papagaio", "atrevida" e "poética". A última coincide com o início da puberdade.

Na etapa do papagaio, o aprendizado de cor é fácil e, em geral, agradável; ao passo que o raciocínio é difícil e, em geral, pouco apreciado. Nessa idade, memorizam-se de pronto as formas e aparências das coisas; a criança gosta de recitar os números das placas de carros; alegra-se em entoar rimas e bradar e trovejar polissílabos ininteligíveis; diverte-se com o mero acúmulo de coisas.

A idade atrevida, que se segue à do papagaio (e que, de modo natural, se sobrepõe a ela em certa medida), é muito conhecida por todos os que lidam com crianças. Suas características são a contradição, a resposta pronta, o prazer em "pegar as pessoas de surpresa" (em especial os mais velhos da família) e a apresentação de charadas (em especial as com um quê indecente). A capacidade de irritar os outros nessa fase é muito alta. Normalmente se estabelece por volta da oitava série.

A idade poética é conhecida pelo povo como a idade "difícil". Ela é egocêntrica; deseja se expressar; especializa-se bem em ser incompreendida; é inquieta e tenta alcançar independência; e, com boa sorte e orientação, deve

mostrar os princípios da criatividade, o progresso em direção à síntese do que já sabe e o entusiasmo deliberado para saber e fazer uma coisa em detrimento de todas as outras.

Ora, parece-me que o plano do *trivium* se adapta com uma adequação singular a essas três idades: a gramática se adapta à idade do papagaio; a dialética [/lógica] à atrevida e a retórica à poética.

A etapa da gramática

Comecemos, pois, pela gramática. Na prática, isso significa a gramática de uma língua específica, e ela deve ser uma língua flexiva. A estrutura gramatical de uma língua não flexiva é analítica demais para ser abordada por alguém sem prática prévia em dialética [/lógica]. Ademais, as línguas flexivas interpretam as não flexivas, ao passo que as não flexivas são pouco úteis para a interpretação das flexivas. Direi de uma vez e com bastante firmeza: a melhor base para a educação é a gramática latina. Digo isso não porque o latim é tradicional e medieval, mas apenas porque mesmo o conhecimento rudimentar do latim reduz as dificuldades para aprender quase todas as outras matérias em pelo menos 50%. É a chave para o vocabulário e para a estrutura de todas as línguas românicas e para a estrutura de todas as línguas teutônicas, bem como para o vocabulário técnico de todas as ciências e para a literatura de toda a civilização mediterrânea com todos os seus documentos históricos.

Aqueles, cuja preferência pedante por línguas vivas os convence a privar seus alunos de todas essas vantagens, poderiam colocar o russo no lugar, cuja gramática é ainda mais primitiva. (O verbo é complicado por uma série de “aspectos” — imagino ainda que o russo possua três vozes completas e um punhado aoristos extras — mas talvez esteja pensando no basco ou no sânscrito.) Com certeza, o russo é útil com outros idiomas eslavos. Haveria também algo que dizer em relação ao grego clássico. Contudo, minha escolha pessoal é o latim. Agora que agradei aos classicistas entre vocês, prosseguirei

e os deixarei horrorizados, acrescentando que não acho sábio nem necessário criar obstáculos para o aluno comum, que se encontra no leito de Procusto da era augustana, com versos e oratória muito elaborados e artificiais. O latim pós-clássico e medieval, que foi uma língua viva até fim do Renascimento, é mais fácil e, de certo modo, mais vivo tanto na sintaxe quanto no ritmo; e o estudo desse latim ajuda a dissipar a noção generalizada de que o ensino e a literatura adormeceram quando Cristo nasceu e despertaram de novo apenas quando da dissolução dos mosteiros.

Entretanto, estou indo rápido demais. Estamos ainda na etapa gramatical. O latim deveria ser iniciado o mais cedo possível, na época em que o discurso flexionado não parece mais surpreendente que qualquer outro fenômeno no mundo surpreendente e em que o cântico "*amo, amas, amat*" é tão aprazível como ritual quanto o cântico "uni duni tê, salamê minguê". [Sugerimos a produtividade maior da memorização de passagens compreensíveis com a inclusão de uma variedade de inflexões, que apenas decorar paradigmas secos.]

Nessa idade, sem dúvida, deve-se exercitar a mente com outras coisas além da gramática latina. A observação e a memória são as faculdades mais vivas no período; e se temos que aprender uma língua estrangeira contemporânea, devemos começar agora, antes de os músculos faciais e mentais ficarem rebeldes a entonações estranhas. O francês ou o alemão falado podem ser praticados junto com a disciplina gramatical do latim.

Em *inglês*,[1] verso e prosa podem ser aprendidos de cor, e a memória do aluno deve ser alimentada com histórias de todos os tipos — mitos clássicos, lendas europeias e assim por diante. Não penso que as histórias clássicas e as obras-primas da literatura antiga devam servir apenas como meios para a prática das técnicas gramaticais — essa era uma falha da educação medieval que não precisamos perpetuar. As histórias podem ser desfrutadas e lembradas em inglês, e relacionadas com sua origem em uma etapa posterior. A recitação em voz alta deve ser praticada pelo indivíduo ou em grupo, pois

não devemos nos esquecer de que estabelecemos as bases para o debate e a retórica. [Discordamos da preferência de Sayers pelos mitos e lendas clássicos. Esses mitos incluem material inapropriado para jovens. As Escrituras fornecem um material muito superior.]

A gramática da *história* deve consistir em, creio eu, datas, acontecimentos, relatos e personalidades. Um conjunto de datas em que se pode fixar todo o conhecimento histórico posterior é de grande ajuda para estabelecer a perspectiva histórica. As datas não importam muito: as dos reis da Inglaterra funcionarão muito bem, desde que sejam acompanhadas de imagens das roupas, da arquitetura e de outras coisas do "cotidiano", de modo que a simples menção da data evoque forte apresentação visual de todo o período.

A *geografia* será, do mesmo modo, apresentada no aspecto factual, com mapas, características naturais e apresentação dos costumes, das vestimentas, da flora, fauna entre outros; e creio que o hábito, desacreditado e ultrapassado, de memorizar algumas capitais, rios, cadeias de montanhas e outros não fará mal nenhum. Pode-se estimular a coleção de selos.

As *ciências,* no período do papagaio, ordenam-se sozinhas de modo natural e fácil em torno de coleções, da identificação e da nomeação de espécies e, em geral, do tipo de coisa que se costumava chamar "história natural", ou, ainda com mais elegância, "filosofia natural". Conhecer os nomes das coisas e suas propriedades é por si só, nessa idade, uma satisfação; reconhecer um escaravelho à primeira vista e garantir aos mais velhos bobinhos que, apesar de sua aparência, ele não machuca; ser capaz de identificar a Cassiopeia e as Plêiades [constelações do hemisfério norte] e talvez até mesmo saber quem era Cassiopeia [esposa de Cefeu, rei mitológico da Etiópia] e quem eram as Plêiades [na mitologia grega, as sete filhas de Atlas]; estar ciente de que a baleia não é um peixe e de que um morcego não é uma ave — todas essas coisas dão uma sensação agradável de superioridade; ao passo que saber a diferença entre uma serpente e uma víbora ou entre um cogumelo venenoso e um comestível é um tipo de

conhecimento que tem também um valor prático. [Em vez de “uma agradável sensação de superioridade”, esperaríamos mais um senso de realização pessoal para a glória de Deus e a confiança nas habilidades concedidas por Deus.]

A gramática da *matemática* começa, sem dúvida, com a tabuada, que, se não for aprendida agora, nunca o será de modo agradável, e com o reconhecimento das formas geométricas e o agrupamento de números. Esses exercícios levam com naturalidade a fazer somas simples em aritmética; e se o aluno demonstrar inclinação nessa direção, a facilidade adquirida nessa etapa será a melhor coisa. Processos matemáticos mais complexos podem, e talvez devam, ser adiados por razões que logo serão apresentadas.

Até aqui (exceto, é claro, pelo latim), nosso currículo não contém nada muito afastado da prática comum. A diferença será sentida mais na atitude dos professores, que devem considerar todas essas atividades menos como “matérias” do que como uma reunião de *material* a ser usado na próxima parte do *trivium*. Que é esse material, na verdade, é apenas algo de segunda importância; mas também tudo o que pode, com proveito, ser guardado na memória deve ser memorizado nesse período, quer seja inteligível no momento ou não. A tendência moderna é tentar forçar explicações racionais na mente da criança em uma idade muito tenra. Perguntas inteligentes, feitas com espontaneidade, devem, sem dúvida, receber resposta imediata e racional; mas é um grande erro supor que a criança não possa desfrutar e se lembrar de pronto de coisas encontradas além de sua capacidade de análise, em especial se elas fizerem forte apelo à imaginação (como, por exemplo, *Kubla Khan*), um versinho atrativo (como algumas rimas mnemônicas para os gêneros do latim), ou uma grande quantidade de polissílabos ricos e sonoros (como o *Quicumque vult*).

[Crianças pequenas com frequência se beneficiam do aprendizado e da memorização de muitas coisas que não entendem ou apreciam por completo. “... A mente da criança pode ser bem empregada no aprendizado da escrita e

da pronúncia de palavras cujo significado não está dentro do alcance de sua capacidade; o que não entenderem com clareza no primeiro momento, hão de entendê-lo quando sua capacidade for ampliada" (Noah Webster, *The Elementary Spelling Book*, 1829, p. 6) Entretanto, o valor da memorização de grandes quantidades de material ininteligível em uma tenra idade assume as qualidades do trabalho duro.]

Isso me lembra da gramática da *teologia*. Eu a adicionaria ao currículo, pois é a mestra das ciências, sem a qual toda a estrutura educacional sem dúvida carecerá de síntese final. Os discordantes disso continuarão contentes em deixar a educação dos alunos ainda repleta de pontos incompletos. A teologia será um problema menor do que poderia ser, visto que no tempo em que as ferramentas do aprendizado forem forjadas, o aluno será capaz de lidar com ela por conta própria e, provavelmente, insistirá em fazê-lo e em entendê-la. Ademais, é bom ter essa matéria sempre à mão e de prontidão a fim de trabalhá-la. No estágio gramatical, portanto, devemos estar acostumados com um resumo da história de Deus e do homem — ou seja, o Antigo e o Novo Testamento apresentados como partes de uma narrativa única da criação, da queda e da redenção — e também com "o Credo, o Pai-nosso e os Dez Mandamentos". Nessa etapa, é mais importante que essas coisas sejam conhecidas e lembradas que compreendidas de forma completa. Lembrem-se: coletamos materiais.

A etapa da lógica

É difícil dizer a idade exata que devemos passar da primeira para a segunda parte do *trivium*. De maneira geral, a resposta é: assim que o aluno se mostrar inclinado para o atrevimento e a discussão interminável (ou, como um professor, com quem me correspondo, diz de forma mais elegante: "Quando a capacidade para o pensamento abstrato começa a se manifestar"). Pois assim como, na primeira parte, as faculdades mestras são a observação e a memória, do mesmo modo, na segunda, a faculdade mestra é a razão

discursiva. Na primeira, o exercício com o qual o restante do material estava, digamos, harmonizado era a gramática latina, na segunda, o exercício mais importante será a lógica formal. Aqui nosso currículo apresenta a primeira divergência aguda com os modelos modernos. O desprestígio da lógica formal é totalmente injustificado; seu abandono é a raiz de quase todos os sintomas inquietantes notados na constituição intelectual moderna. A lógica está desacreditada. Parte disso se deve ao fato de que nós caímos no hábito de supor nosso condicionamento quase que inteiro pelo intuitivo e inconsciente. Não temos tempo agora para discutir se isso é verdade; eu me contentarei em observar que a negligência do treinamento adequado da razão é o melhor modo possível de tornar verdadeira essa afirmação e de garantir a supremacia dos elementos intuitivos, irracionais e inconscientes ao modo de ser. A causa secundária da desaprovação da lógica formal é a crença que ela esteja baseada de forma integral em pressupostos universais improváveis ou tautológicos. Isso não é verdade. Nem todas as proposições são deste tipo. Mas ainda que fossem, não faria diferença, uma vez que todo silogismo cuja premissa maior esteja na forma “Todo A é B” pode ser reestruturado de maneira hipotética. A lógica é a arte de argumentar com correção: “Se A, então B”; o método não é invalidado pelo caráter hipotético de A. Com efeito, a utilidade prática da lógica formal hoje se situa mais na imediata detecção e exposição de uma inferência inválida que no estabelecimento de conclusões positivas.

Façamos agora uma rápida revisão do material e vejamos de que modo ele deve se relacionar com a dialética [/lógica]. Em relação à *linguagem*, devemos ter agora nosso vocabulário e morfologia na ponta da língua; daqui por diante podemos nos concentrar de forma mais minuciosa na sintaxe, análise (ou seja, na construção lógica do discurso) e história da língua (ou seja, como organizamos o discurso a fim de expressar os pensamentos).

Nossa leitura passará da narrativa e da lírica para a dissertação, a argumentação e a crítica, e o aluno aprenderá a exercitar a mão na escrita

desse tipo de coisa. Muitas aulas — acerca de qualquer tema — tomarão a forma de debate, e o lugar da recitação, individual ou em grupo, será tomado pelas apresentações teatrais, com atenção especial às peças em que um argumento é exposto de forma dramática.

A *matemática* — álgebra, geometria e tipos mais avançados de aritmética — entrará agora na ementa e ocupará seu lugar, pois não se trata na verdade de uma "matéria" separada", mas de uma subseção da lógica. Não é mais nem menos que a regra do silogismo na aplicação particular ao número e à medida, e deve ser ensinada assim em vez de ser, para alguns, um mistério tenebroso, e para outros, uma revelação especial que não ilumina nem é iluminada por nenhuma outra parte do conhecimento.

A *história*, auxiliada por um sistema simples de ética derivado da gramática da teologia, fornecerá mais material adequado para discussão: O comportamento daquele político foi justificado? Qual foi o efeito do decreto? Quais são os argumentos favoráveis e contrários a esta ou àquela forma de governo? Assim, devemos apresentar uma introdução à história constitucional [britânica] — matéria sem sentido para a criancinha, mas de interesse apaixonante para quem está preparado para argumentar e debater.

A *teologia* fornecerá material para discussão acerca da conduta e da moral; e deve ter o escopo estendido por um curso simplificado de teologia dogmática (ou seja, a estrutura racional do pensamento cristão), para elucidar as relações entre o dogma e a ética, prestando-se à aplicação dos princípios éticos a situações particulares — propriamente chamada casuística [/a resolução de casos de consciência].

Também a *geografia* e as *ciências* fornecerão, de igual modo, material para a dialética [/lógica].

Acima de tudo, não devemos negligenciar o material tão farto na vida diária do aluno. Há uma passagem deliciosa na obra *The Living Hedge* [A cerca viva] de Leslie Paul que narra como alguns garotinhos se divertiam por

dias discutindo sobre uma pancada de chuva caída na cidade — ela foi tão localizada que deixou metade da rua molhada e a outra seca. Alguém poderia dizer, discutiam, com precisão que naquele dia havia chovido *sobre* a cidade ou apenas *na* cidade? Quantas gotas de água eram necessárias para constituir uma chuva? E assim por diante. Essa discussão levou a uma miríade de problemas similares acerca do repouso e do movimento, do sono e da vigília, do *est* e do *non est* [/do ser e não ser] e da divisão infinitesimal do tempo. A passagem inteira é um exemplo admirável do desenvolvimento espontâneo da faculdade de raciocínio e da sede natural e própria da razão que desperta para a definição dos termos e para a exatidão da afirmação. Todos os acontecimentos alimentam o apetite assim. A decisão do juiz; o nível em que se pode transgredir o espírito de uma regra sem ser pego pela letra; em questões assim, as crianças já nascem casuístas [/pessoas que resolvem casos de consciência], e a sua propensão natural precisa apenas ser desenvolvida e treinada — e, em especial, conduzida à relação inteligível com o que ocorre no mundo adulto. Os jornais estão repletos de bom material para exercícios desse tipo: decisões legais de casos cujo problema não é tão abstruso [/de difícil compreensão]; raciocínios falaciosos e argumentos confusos, que poderiam ser o nome da seção de cartas de alguns periódicos, estão estocados ali de maneira farta.

Onde quer que se encontre matéria para a dialética [/lógica], sem dúvida é muito importante focar a atenção na beleza e na economia da demonstração refinada ou do argumento elegante, para que a reverência não morra por completo. A crítica não deve ser apenas destrutiva; no entanto, o professor e o aluno devem, ao mesmo tempo, estar preparados para detectar falácias, raciocínios descuidados, ambiguidades, irrelevâncias e redundâncias, e para se lançarem contra eles como se fossem ratos. [Na verdade, eles devem desenvolver respostas apropriadas para a situação: ora graciosamente instrutivas; ora agudas e letais.]

Eis o momento em que se pode empreender a escrita de resumos; com exercícios, como a escrita de uma redação, e sua redução, em 20 ou 50%.

Sem dúvida haverá a objeção de que estimular os jovens na idade do atrevimento a intimidar, corrigir e argumentar com os mais velhos os tornará intoleráveis. Minha resposta é que crianças nessa idade são intoleráveis de qualquer forma; e a capacidade natural para a argumentação pode ser canalizada com perfeição para bons propósitos ou ser desperdiçada. Aliás, ela pode ser bem menos atrevida em casa se for disciplinada na escola; e, de qualquer forma, os mais velhos que abandonaram o princípio sadio de que as crianças devem ser vistas e não ouvidas podem culpar apenas a si mesmos. Os professores, com certeza, precisarão tomar cuidado com o ritmo, caso contrário podem ter um resultado bastante ruim. Todas as crianças julgam seus mestres; e se o sermão do capelão ou o discurso anual da diretora no *speech-day* [dia do discurso][22] por acaso proporcionar uma abertura para a ponta da cunha crítica, esta irá para casa com mais força sob o peso do martelo da dialética [/lógica], manuseado por uma mão habilidosa. Por isso eu disse que os próprios professores deveriam passar pela disciplina do *trivium* antes de saírem para impô-lo à sua custa. [Discordamos do caráter intolerável da juventude. Isso é em grande parte uma questão de exercício no respeito em relação à autoridade ou da falta dele.]

De novo, os conteúdos do programa nessa etapa podem ser todos os que vocês quiserem. As “matérias” fornecem o material; mas devem ser vistas como meros grãos com os quais trabalhará o moinho mental. Os alunos devem ser estimulados a sair e a forragear [/buscar alimento] por suas próprias informações e, assim, guiados para o uso correto das bibliotecas e dos livros de referência. Ademais, devem ser instruídos na avaliação de fontes seguras ou não.

A etapa retórica

Por volta do fim dessa etapa, é provável que os alunos comecem a descobrir por conta própria que seu conhecimento e a experiência são insuficientes e que sua inteligência treinada [faculdades intelectuais] precisa de boa quantidade a mais de material para se alimentar. A imaginação — em geral latente no período do atrevimento — despertará de novo e os instigará a suspeitar das limitações da lógica e da razão. Isso significa que estão passando para a idade poética e se encontram prontos para embarcar no estudo da retórica. As portas do depósito do conhecimento devem ser arrombadas para que o explorem como quiserem. As coisas antes aprendidas de memória serão vistas em novos contextos; as coisas outrora analisadas com frieza podem agora ser reunidas para formar uma nova síntese; aqui e ali um lampejo repentino produzirá a mais emocionante de todas as descobertas: a percepção de que o truísmo é verdadeiro.

É difícil planejar um programa geral para o estudo da retórica: ela requer certa liberdade. Na literatura, deve-se permitir que a apreciação tome a dianteira em relação à crítica destrutiva; e a autoexpressão na escrita pode avançar, com as ferramentas já afiadas, para cortar com precisão e respeitar a proporção. Devem-se soltar as rédeas de qualquer criança que demonstre disposição para se especializar, pois quando se aprende a usar as ferramentas bem e de verdade, elas ficam disponíveis para quaisquer estudos. Seria bom, creio, que todos os alunos aprendessem uma ou duas matérias muito bem e ao mesmo tempo tivessem algumas aulas em matérias subsidiárias a fim de manter a mente aberta para as imbricações existentes entre todos os conhecimentos. Com efeito, nessa etapa, nossa dificuldade será manter as "matérias" separadas; pois assim como a dialética [/lógica] já terá mostrado que todos os ramos do aprendizado estão interconectados, do mesmo modo a retórica tenderá a mostrar que todo conhecimento é um. Mostrar isso, e mostrar o motivo de isso ser assim, é tarefa preeminente da ciência mestra. Todavia, seja a teologia estudada ou não, devemos ao menos insistir que as crianças inclinadas à especialização no âmbito matemático e científico sejam

obrigadas a ter algumas aulas de humanidades e vice-versa. Na etapa, ademais, a gramática latina, tendo prestado seu serviço, pode ser posta de lado por quem preferir continuar seus estudos linguísticos no campo moderno; ao passo que também pode descansar quem provavelmente nunca fará grande uso da matemática ou que nunca terá aptidão para ela. De maneira geral, todos os *meros* instrumentos podem agora ser deixados em segundo plano quando a mente treinada é gradualmente preparada para a especialização nas "matérias". Quando o *trivium* estiver completo, a mente deverá estar equipada com perfeição para lidar com elas por conta própria. Deve-se restaurar, de alguma forma, a síntese final do *trivium*, ou seja, a apresentação e a defesa pública da tese. Talvez se possa fazê-lo como uma espécie de "exame de conclusão" no último ano escolar.

As idades das etapas

O escopo da retórica depende também das seguintes questões: o aluno será mandado para o mundo aos 16 anos? Ou irá para uma escola pública [= particular] e/ou universidade? Visto que, na verdade, a retórica deve ser estudada por volta dos 14 anos, se a resposta for sim para a primeira pergunta, o aluno deve estudar gramática dos 9 aos 11 anos, aproximadamente, e a dialética [/lógica] dos 12 aos 14; assim, seus dois últimos anos de escola seriam dedicados à retórica, que, em seu caso, seriam de um tipo bastante especializado e vocacional, capacitando-o a entrar de imediato em alguma carreira prática. No caso de o sim ser para a segunda pergunta, o aluno terminaria o curso de dialética [/lógica] no ensino médio e teria aulas de retórica nos dois primeiros anos na escola pública [= particular]. Aos 16 anos, ele estaria preparado para iniciar as "matérias" propostas para o estudo na universidade; essa parte da educação corresponderá ao *quadrivium* medieval [= aritmética, geometria, astronomia e música]. Isso significa que o aluno comum, cuja educação formal termina aos 16 anos, terá apenas o *trivium*; ao passo que os acadêmicos terão o *trivium* e o *quadrivium*.

[Acrescentaríamos um ano às idades de Dorothy Sayers: gramática dos 10 aos 12 anos; lógica dos 13 aos 15; retórica dos 16 aos 18. Os espaços entre as idades não estão determinados com rigidez. Cada criança se desenvolve de modo diferente. São apenas diretrizes aplicáveis à maior parte dos casos.]

O TRIVIUM É SUFICIENTE

Assim, o *trivium* é educação suficiente para a vida? Se ensinado da forma correta, acredito que sim. No fim da dialética [/lógica], as crianças provavelmente pareceriam estar atrás de seus coetâneos, educados nos antiquados métodos “modernos”, em relação ao conhecimento de matérias específicas. Mas depois dos 14 anos, seriam capazes de ultrapassar os outros com rapidez. Com efeito, não estou totalmente segura de que um aluno plenamente proficiente no *trivium* não estivesse preparado para avançar, de imediato, para a universidade aos 16 anos, mostrando-se igual ao correspondente medieval, cuja precocidade nos assombrou no início dessa discussão. Isso, com certeza, confundiria o sistema educacional [inglês] público [= particular] e desconcertaria muito as universidades. Por exemplo, isso deixaria a corrida de barcos entre Oxford e Cambridge bastante diferente. Mas eu não estou aqui para levar em consideração os sentimentos do corpo acadêmico: preocupo-me apenas com o treinamento correto da mente para enfrentar a massa extraordinária de problemas indigestos apresentados pelo mundo moderno e para lidar com ela. As ferramentas do aprendizado são as mesmas em toda e qualquer matéria; e a pessoa que souber utilizá-las terá, em qualquer idade, o domínio da nova matéria na metade do tempo e com um quarto do esforço empregado pela pessoa que não dispõe dessas ferramentas a seu alcance. Aprender seis matérias sem se lembrar de como foram aprendidas não facilita em nada a abordagem da sétima; aprender a arte de aprender e se lembrar dela deixa aberto o acesso a todas as matérias.

Está claro que o ensino bem-sucedido do currículo neomedieval dependerá, mais que de costume, do trabalho em conjunto de toda a equipe de ensino em direção a um propósito comum. Visto que nenhuma matéria é considerada um fim em si mesma, qualquer tipo de rivalidade na sala de professores será descabida. O fato de um aluno ser obrigado, por alguma razão, a infelizmente perder a aula de história nas sextas-feiras ou a aula sobre Shakespeare nas terças ou até mesmo a deixar de lado uma matéria

inteira a favor de outra, não deve ser desculpa para o azedume: o essencial é que o aluno adquira o método de aprender pelo meio que melhor lhe servir. Ainda que a natureza humana sofra diante desse golpe no orgulho profissional de alguém em relação à sua matéria, há o conforto de os resultados do exame de fim de ano não serem afetados, pois os trabalhos estarão organizados de tal modo que serão exames em si mesmos, de modo independente do meio para fazê-lo.

Acrescento a importância extrema de que todos os professores sejam, para seu bem, qualificados e que se exija que ensinem as três partes do *trivium*; do contrário, os mestres da dialética [/lógica], em especial, podem achar que sua mente ficará esclerosada na adolescência permanente. Por essa razão, os professores do ensino médio devem também ter aulas de retórica nas escolas públicas [=particulares] às quais estão vinculados; ou, se não estiverem tão vinculados assim, através de acordos, em outras escolas da mesma vizinhança. Ou, algumas aulas preliminares de retórica podem ser dadas nas escolas de ensino médio dos 13 anos em diante. [Pode-se ver com clareza como este método de instrução se adapta melhor e mais facilmente ao ensino doméstico prático que ao ensino profissional das escolas regulares.]

O CAPITAL EDUCACIONAL GASTO ATUALMENTE

Antes de concluir essas sugestões bastante incompletas, devo dizer a razão de eu achar necessário, nestes dias, voltar à disciplina que jogamos fora. A verdade é que nos últimos trezentos anos vivemos à custa do capital educacional. O mundo pós-Renascimento, perplexo e entusiasmado com a profusão de novas "matérias" oferecidas a ele, rompeu com a velha disciplina (que tinha, infelizmente, se tornado tediosa e estereotipada na aplicação prática) e imaginou que dali por diante poderia, digamos, divertir-se com o novo *quadrivium* estendido sem passar pelo *trivium*. Mas a tradição escolástica, embora quebrada e mutilada, ainda sobrevivia nas escolas públicas [= particulares] e nas universidades: Milton, entretanto, por mais que protestasse contra ela, foi por ela formado — o debate acerca dos anjos caídos e a disputa entre Abdiel e satã trazem em si as marcas das ferramentas das escolas e podem, casualmente, figurar com proveito como passagens obrigatórias para os estudos dialéticos [/lógicos]. De volta ao século XIX, os assuntos públicos eram em grande parte administrados — e nossos livros e periódicos eram em grande parte escritos — por pessoas educadas em lares e treinadas em lugares em que essa tradição ainda estava viva na memória e quase no sangue. Assim, muitas pessoas hoje ateias ou agnósticas têm a conduta governada por um código cristão de ética tão enraizado nos pressupostos inconscientes que nunca pensam em questioná-lo. [Essa é a vantagem da cultura.]

Mas não se pode viver do capital para sempre. A tradição, ainda que enraizada com firmeza, sem ser irrigada, ainda que demore, acaba por morrer. E hoje um grande número — talvez a maioria — dos homens e das mulheres que lidam com nossos assuntos, escrevem nossos livros e periódicos, conduzem nossas pesquisas, apresentam nossas peças e filmes, falam em nossas plataformas e púlpitos — sim, e que educam nossos jovens — nunca, mesmo em uma memória tradicional persistente, passaram pela disciplina escolástica. Cada vez menos as crianças educadas trazem alguma coisa dessa

tradição consigo. Perdemos as ferramentas do aprendizado — o machado e a cunha, o martelo e a serra, o cinzel e a plaina — bastante adaptáveis a todas as tarefas. Além delas, temos apenas um conjunto de dispositivos complicados, e cada um deles realiza apenas uma tarefa por vez, e não mais que isso; ademais, para seu uso, nem os olhos nem as mãos precisam de treinamento, de modo que ninguém nunca vê a totalidade do trabalho ou "considera seu fim". [A descrição que Sayers dá para os "dispositivos" descreve bem toda a nossa educação moderna baseada no resultado.]

O VERDADEIRO OBJETIVO DA EDUCAÇÃO

Qual é a utilidade de empilhar uma tarefa sobre a outra e prolongar os dias de trabalho árduo, se no fim o objetivo principal não é atingido? Não é culpa dos professores: eles já trabalham muito. A loucura conjunta da civilização que se esqueceu das próprias raízes a está forçando a se apoiar no peso instável de uma estrutura educacional construída na areia. Eles fazem pelos alunos o trabalho que os próprios alunos devem fazer. O único fim verdadeiro da educação é apenas este: ensinar os homens a aprender por conta própria; toda instrução que falhar em realizar isso é um esforço despendido em vão.

1 Conselhos igualmente válidos para o português. [N. do T.]

2 Um dia festivo nas escolas britânicas em que se concedem prêmios e fazem discursos. [N do T.]

Artigo Dois

O trivium na Escritura

Esta é uma expansão das observações feitas no Capítulo 4.[1] A quantidade de material que poderia ser coberta aqui preencheria com facilidade um livro todo. Contentamo-nos a nos restringir a um breve resumo que lida com os tópicos principais.

O TRIVIUM DAS FACULDADES

Os termos conhecimento, entendimento e sabedoria correspondem às expressões bíblicas que cobrem de maneira ampla a gama de faculdades ou capacidades mentais para o aprendizado. Essas expressões não são usadas na Escritura para descrever três divisões distintas e separadas sem alternância ou sobreposição entre si. Ao contrário, elas descrevem três faculdades complementares que atuam e se desenvolvem juntas.

O VOCABULÁRIO BÁSICO

Apesar de existirem várias palavras e expressões hebraicas e gregas para transmitir os conceitos de conhecimento, entendimento e sabedoria, existem vocábulos básicos que cobrem esses conceitos básicos com regularidade.

Vocabulário hebraico

Abaixo se encontram os vocábulos hebraicos e aramaicos. Para quem não conhece a língua hebraica, colocamos entre colchetes a transliteração das palavras e entre parênteses os números encontrados na *Strong's Exaustive Concordance* [Concordância exaustiva de Strong] seguidos dos números do *Theological Wordbook of the Old Testament* [Vocabulário teológico do Antigo Testamento]. A sílaba tônica é a **negritada**.

Conhecimento

דָּעַת [**da**ʿat] (1847; 848c) = conhecimento obtido pelos sentidos.

יָדַע [ya**da**ʿ] (3045; 848) = conhecer, tornar conhecido, perceber, reconhecer.

יְדַע [y**e**d**a**ʿ, aramaico] (3046; 2765) = conhecer, tornar conhecido.

מַדָּע [ma**da**ʿ] (4093; 848g) = conhecimento, pensamento, estoque do conhecimento (= mente).

מַנְדַּע [man**da**ʿ, aramaico] (4486; 2765a) = conhecimento, capacidade de conhecer (equivalente ao grego γνῶσις).

Entendimento

בִּין [bin] (995;239) = discernir entre, distinguir, compreender, considerar.

בִּינָה [bi**nah**] (998; 239b) = entendimento, perspicácia, discernimento: o poder de julgar além da mera reunião de informações.

בִּינָה [bi**nah**, aramaico] (999; 2627) = entendimento, discernimento.

שָׂכַל [sa**khal**] (7919; 2263; 2264) = ser prudente, ponderar, ser ou agir de forma circunspecta, ter um *insight*, compreender (quase um sinônimo de *bin*; entretanto, *bin* significa diferenciar uma coisa da outra e *sakhal* organiza arranjos mais complexos).

שְׂכַל [s**e**k**hal**, aramaico] (7920; 3009) = considerar, contemplar.

שֵׂכֶל [**se**khel] (7922; 2263a) = prudência, perspicácia, entendimento.

שָׂכְלְתָנוּ [sokhle**ta**nu, aramaico] (7924; 3009a) = perspicácia, entendimento.

תְּבוּנָה [tᵉvu**nah**, aramaico] (8394; 239c) = ato ou faculdade de entender, perspicácia, discrição.

Sabedoria

חַכִּים [ḥa**kim**, aramaico] (2445; 2729a) = sábio, o sábio.

חָכַם [ḥa**kham**] (2449; 647) = ser sábio, tornar sábio, ensinar sabedoria, demonstrar sabedoria (com seus derivados, é o termo usado com mais frequência para descrever a inteligência; usado muitas vezes como termo amplo, inclui o conhecimento e entendimento e se estende à ideia de habilidade proficiente, habilidade qualificada, destreza amadurecida, conselho experiente e orientação prática notável).

חָכָם [ḥa**kham**] (2450; 647b) = sábio , inteligente, habilidoso, perspicaz, astuto, instruído.

חָכְמָה [ḥokh**mah**] (2451; 647a) = sabedoria ética ou religiosa, habilidade técnica.

חָכְמָה [ḥokh**mah**, aramaico] (2452; 2729b) = sabedoria.

חָכְמוֹת [ḥokh**mot**] (2454; 647a) = sabedoria.

Vocabulário grego

Abaixo se encontram os vocábulos gregos. Para quem não conhece a língua grega, colocamos entre colchetes a transliteração das palavras e entre parênteses os números encontrados na *Strong's Exaustive Concordance* [Concordância exaustiva de Strong].

Conhecimento

ἀναγνωρίζομαι [anagno**ri**zomai] (319) = tornar conhecido, reconhecer.

γινώσκω [gi**no**sko] (1097) = tomar conhecimento, vir a saber, familiarizar-se com, perceber.

γνορίζω [gno**ri**zo] (1107) = tornar (algo) conhecido, (na voz passiva:) tornar conhecido, ser reconhecido. (No grego primitivo: obter conhecimento cabal.)

γνῶσις [**gno**sis] (1108) = o ato de conhecer, conhecimento geral, conhecimento especial (aumentado, avançado e maduro).

γνώστις [**gnos**tis] (1109) = o conhecedor, alguém conhecível.

γνωστός [gnos**tos**] (1110) = (bem) conhecido, notável.

διαγνώσκω [dia**gnos**ko] (1231) = conhecer de modo cabal, aprender de maneira acurada, verificar com exatidão, (em sentido legal:) examinar com o propósito de decidir.

διαγνωρίζω [diagno**ri**zo] (1232) = tornar conhecido de modo cabal, percorrer (um território) contando, anunciar.

ἐπιγινώσκω [epigi**no**sko] (1921) = reconhecer (uma marca particular), reconhecer a identidade, tornar-se plenamente familiarizado com, admitir (depois de reconhecer).

ἐπίγνωσις [e**pi**gnosis] (1922) = conhecimento pleno e correto (de algo em particular), reconhecimento, discernimento, admissão (posterior ao reconhecimento).

ἐπίσταμαι [e**pi**stamai] (1987) = colocar (a mente) sobre algo, fixar a atenção em, compreender, tomar conhecimento de (a ponto de reconhecer), saber.

ἐπιστήμων [epis**te**mon] (1990) = possuir o conhecimento de um especialista, experimentado em nível pessoal, inteligente.

ἴσημι [**i**semi] (2467) = saber.

Entendimento

ἀσύνετος [a**si**netos] (801) = sem entendimento, não ignorante mas estúpido, incapaz de raciocinar, sem discernimento.

διάνοια [di**a**noia] (1271) = pensamento profundo, a mente, o uso da mente para compreender, o processo de raciocínio, entendimento.

δυσνόητος [dis**no**etos] (1425) = difícil de entender.

νοιέω [noi**e**o] (3539) = usar a mente, compreender, considerar, ponderar.

νοῦς [n**ou**s] (3563) = a mente, a faculdade de raciocínio, entendimento, significado.

σύνεσις [**si**nesis] (4907) = colocar junto, intelecto, entendimento.

συνετός [sine**tos**] (4908) = ajustado (em sentido mental), prudente, inteligente.

συνίημι [si**ni**emi] (4920) = ajustar (em sentido mental), compreender, entender.

φρήν [fren] (5424) = o diafragma, o coração, os sentimentos (a natureza sensível), a mente, o entendimento.

φρονέω [fro**ne**o] (5424) = usar a mente, ter uma opinião ponderada, estar mentalmente disposto a algo, interessar-se, importar-se.

φρόνησις [**fro**nesis] (5428) = atividade mental, perspicácia, prudência, sabedoria.

φρόνινος [**fro**nimos] (5429) = prudente, cuidadoso para com os interesses alheios, discreto.

φρονίμως [fro**ni**mos] (5430) = de modo prudente, de maneira sábia.

Sabedoria

σοφία [so**fi**a] (4678) = perspicácia ampla, sabedoria prática.

σοφίζω [so**fi**zo] (4679) = tornar sábio, formar sofismas possíveis.

σοφός [so**fos**] (4680) = sábio, hábil.

PASSAGENS EM QUE OS VOCÁBULOS BÁSICOS DO TRIVIUM APARECEM JUNTOS

Abaixo listamos cada passagem com o intervalo de três versículos em que é usada pelo menos um termo hebraico ou grego para designar uma das três categorias: conhecimento, entendimento e sabedoria. Os números de Strong são inseridos entre parênteses após cada termo, seguidos por uma letra para identificá-los como:

C para conhecimento;

E para entendimento;

S para sabedoria.

Ainda que nem todas as passagens encontradas sejam necessariamente instrutivas, tentamos ser exaustivos. Incluímos partes do contexto que podem parecer relevantes. Editamos várias passagens que incluíam o *trivium*, mas sem conexão aparente com os demais versículos. Fizemos pequenos comentários após as passagens selecionadas.

Por favor, note: limitamos nossa busca a passagens com as três categorias juntas. Se fizéssemos buscas com apenas dois dos termos: conhecimento e entendimento, entendimento e sabedoria, ou conhecimento e sabedoria, elas resultariam em muitas mais passagens a serem consideradas.

> Agora, pois, escolha Faraó um homem ajuizado [995, E] e sábio [2450, S] e o ponha sobre a terra do Egito. [...] Depois, disse Faraó a José: Visto que Deus te fez saber [3045, C] tudo isto, ninguém há tão ajuizado [995, E] e sábio [2450, S] como tu. (Gn 41.33,39)

> E o [Bezalel] enchi do Espírito de Deus, de habilidade [2451, S], de inteligência [8394, E] e de conhecimento [1847, C], em todo artifício. (Êx 31.1)

> E o Espírito de Deus o encheu de habilidade [2451, S], inteligência [8394, E] e conhecimento [1847, C] em todo artifício. (Êx 35.31)

> Assim, trabalharam Bezalel, e Aoliabe, e todo homem hábil [2450, S] a quem o SENHOR dera habilidade [2451, S] e inteligência [8394, E] para saberem [3045, C] fazer toda obra para o serviço do santuário, segundo tudo o que o SENHOR havia ordenado. (Êx 36.1)

Comentário: O trabalhador capacitado de forma plena deve contar com sabedoria, entendimento e conhecimento. Compare os textos de 1 Coríntios 12.7,8 e 2 Timóteo 3.16,17.

> Tomai-vos homens sábios [2450, S], inteligentes [995, E] e experimentados [3045, C], segundo as vossas tribos, para que os ponha por vossos cabeças. [...] Tomei, pois, os cabeças de vossas tribos, homens sábios [2450, S] e experimentados [3045, C], e os fiz cabeças sobre vós, chefes de milhares, chefes de cem, chefes de cinquenta, chefes de dez e oficiais, segundo as vossas tribos. (Dt 1.13,15)

Comentário: Os homens devem contar com capacidade intelectual plena para liderar.

> Era este filho de uma mulher viúva, da tribo de Naftali, e fora seu pai um homem de Tiro que trabalhava em bronze; Hirão era cheio de sabedoria [2451, S], e de entendimento [8394, E], e de ciência [1847, C] para fazer toda obra de bronze. Veio ter com o rei Salomão e fez toda a sua obra. (1Rs 7.14)

> Disse mais Hirão: Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel, que fez os céus e a terra; que deu ao rei Davi um filho sábio [2450, S], dotado de [3045, C] discrição [7922, E] e entendimento [998, E], que edifique casa ao SENHOR e para o seu próprio reino. Agora, pois, envio um homem sábio [2450, S] de grande [3045, C] entendimento [998, E], a saber, Hirão-Abi, filho de uma mulher das filhas de Dã e cujo pai foi homem de Tiro; ele sabe [3045, C] lavrar em ouro, em prata, em bronze, em ferro, em pedras e em madeira, em obras de púrpura, de pano azul, e de linho fino e em obras de carmesim; e é hábil para toda obra de entalhe e para elaborar qualquer plano que se lhe proponha, juntamente com os teus peritos [2450, S] e os peritos [2450, S] de Davi, meu senhor, teu pai. (2Cr 2.12-14)

Comentário: Bons trabalhadores contam com a inteligência desenvolvida de forma plena.

> Ou ouviste o secreto conselho de Deus e a ti só limitaste a sabedoria [2451, S]? Que sabes [3045, C] tu, que nós não saibamos [3045, C]? Que entendes [995, E], que não haja em nós? (Jó 15.8,9)
>
> Mas onde se achará a sabedoria [2451, S]? E onde está o lugar do entendimento [998, E]? O homem não conhece [3045, C] o valor dela, nem se acha ela na terra dos viventes. (Jó 28.12,13)
>
> Dizia eu: Falem os dias, e a multidão dos anos ensine [3045, C] a sabedoria [2451, S]. Na verdade, há um espírito no homem, e o sopro do Todo-Poderoso o faz sábio [995, E]. Os de mais idade não é que são os sábios [2449, S], nem os velhos, os que entendem [995, E] o que é reto. (Jó 32.7-9)
>
> Acaso, deve ele recompensar-te segundo tu queres ou não queres? Acaso, deve ele dizer-te: Escolhe tu, e não eu; declara o que sabes [3045, C], fala? Os homens sensatos dir-me-ão, dir-me-á o sábio [2450, S] que me ouve: Jó falou sem conhecimento [1847, C], e nas suas palavras não há sabedoria [7919, E]. (Jó 34.33-35)
>
> Para aprender [3045, C] a sabedoria [2451, S] e o ensino; para entender [995, E] as palavras de inteligência [998, E]; para obter o ensino do bom proceder [7919, E], a justiça, o juízo e a equidade; para dar aos simples prudência e aos jovens, conhecimento [1847, C] e bom siso. Ouça o sábio [2450, S] e cresça em prudência; e o instruído [995, E] adquira habilidade para entender [995, E] provérbios e parábolas, as palavras e enigmas dos sábios [2450, S]. O temor do SENHOR é o princípio do saber [1847, C], mas os loucos desprezam a sabedoria [2451, S] e o ensino. Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe. Porque serão diadema de graça para a tua cabeça e colares, para o teu pescoço. (Pv 1.2-9)

Comentário: Torna-se claro, a partir desses exemplos que o *trivium* está ligado e entrelaçado de modo íntimo e óbvio.

> Filho meu, se aceitares as minhas palavras e esconderes contigo os meus mandamentos, para fazeres atento à sabedoria [2451, S] o teu ouvido e para inclinares o coração ao entendimento [8394, E], e, se clamares por inteligência [998, E], e por entendimento [8394, E] alçares a voz, se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás [995, E] o temor do SENHOR e acharás o conhecimento [1847, C] de Deus. Porque o SENHOR dá a sabedoria [2451, S], e da sua boca vem a inteligência [1847, C] e o entendimento. Ele reserva a

verdadeira sabedoria para os retos; é escudo para os que caminham na sinceridade, guarda as veredas do juízo e conserva o caminho dos seus santos. Então, entenderás [995, E] justiça, juízo e equidade, todas as boas veredas. Porquanto a sabedoria [2451, S] entrará no teu coração, e o conhecimento [1847, C] será agradável à tua alma. O bom siso te guardará, e a inteligência [8394, E] te conservará. (Pv 2.1-11)

Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento [998, E]. Reconhece-o [3045, C] em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas. Não sejas sábio [2450, S] aos teus próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal. (Pv 3.5-7)

O SENHOR com sabedoria [2451, S] fundou a terra, com inteligência [8394, E] estabeleceu os céus. Pelo seu conhecimento [1847, C] os abismos se rompem, e as nuvens destilam orvalho. (Pv 3.19,20)

Os sábios [2450, S] herdarão honra, mas os loucos tomam sobre si a ignomínia. Ouvi, filhos, a instrução do pai e estai atentos para conhecerdes [3045, C] o entendimento [998, E]. (Pv 3.35—4.1)

Filho meu, atende a minha sabedoria [2451, S]; à minha inteligência [8394, E] inclina os ouvidos para que conserves a discrição, e os teus lábios guardem o conhecimento [1847, C]. (Pv 5.1,2)

Não clama, porventura, a Sabedoria [2451, S], e o Entendimento [8394, E] não faz ouvir a sua voz? No cimo das alturas, junto ao caminho, nas encruzilhadas das veredas ela se coloca; junto às portas, à entrada da cidade, à entrada das portas está gritando: A vós outros, ó homens, clamo; e a minha voz se dirige aos filhos dos homens. Entendei [995, E], ó simples, a prudência; e vós, néscios, entendei [995, E] a sabedoria. Ouvi, pois falarei coisas excelentes; os meus lábios proferirão coisas retas. Porque a minha boca proclamará a verdade; os meus lábios abominam a impiedade. São justas todas as palavras da minha boca; não há nelas nenhuma coisa torta, nem perversa. Todas são retas para quem as entende [995, E] e justas, para os que acham o conhecimento [1847, C]. Aceitai o meu ensino, e não a prata, e o conhecimento [1847, C], antes do que o ouro escolhido. Porque melhor é a sabedoria [2451, S] do que joias, e de tudo o que se deseja nada se pode comparar com ela. Eu, a Sabedoria [2451, S], habito com a prudência e disponho de conhecimentos [1847, C] e de conselhos. (Pv 8.1-12)

Comentário: Às vezes, a instrução é associada ao conhecimento e, em outros momentos, ao entendimento. Aqui ela está associada aos dois. No último versículo, cada membro do *trivium* se distingue com clareza.

> Não repreendas o escarnecedor, para que te não aborreça; repreende o sábio [2450, S], e ele te amará. Dá instrução ao sábio [2450, S], e ele se fará mais sábio [2449, S] ainda; ensina [3045, C] ao justo, e ele crescerá em prudência. O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria [2451, S], e o conhecimento [1847, C] do Santo é prudência [998, E]. Porque por mim se multiplicam os teus dias, e anos de vida se te acrescentarão. Se és sábio [2449, S], para ti mesmo o és [2449, S]; se és escarnecedor, tu só o suportarás. (Pv 9.8-12)

> Nos lábios do prudente [995, E], se acha sabedoria [2451, S], mas a vara é para as costas do falto de senso. Os sábios [2450, S] entesouram o conhecimento [1847, C], mas a boca do néscio é uma ruína iminente. (Pv 10.13,14)

Comentário: Observe o entrelaçamento. O entendimento leva à sabedoria no falar. A sabedoria armazena o conhecimento.

> O ensino do sábio [2450, S] é fonte de vida, para que se evitem os laços da morte. A boa inteligência [7922, E] consegue favor, mas o caminho dos pérfidos é intransitável. Todo prudente procede com conhecimento [1847, C], mas o insensato espraia a sua loucura. (Pv 13.14-16)

> O escarnecedor procura a sabedoria [2451, S] e não a encontra, mas para o prudente [995, E] o conhecimento [1847, C] é fácil. Foge da presença do homem insensato, porque nele não divisarás [3045, C] lábios de conhecimento [1847, C]. A sabedoria [2451, S] do prudente é entender [995, E] o seu próprio caminho, mas a estultícia dos insensatos é enganadora. (Pv 14.6-8)

Comentário: O conhecimento é fácil para quem entende. A sabedoria do prudente é entender.

> No coração do prudente [995, E], repousa a sabedoria [2451, S], mas o que há no interior dos insensatos vem a lume [3045, C]. (Pv 14.33)

Comentário: Sendo a sabedoria o objetivo supremo, ela se encontra no cerne do entendimento.

> O escarnecedor não ama àquele que o repreende, nem se chegará para os sábios [2450, S]. [...] O coração sábio [995, E] procura o conhecimento [1847, C], mas a boca dos insensatos se apascenta de estultícia. (Pv 15.12,14)

Comentário: Por ser essencial, o conhecimento também está no cerne do entendimento.

> Quem retém [3045, C] as palavras possui o conhecimento [1847, C], e o sereno de espírito é homem de inteligência [8394, E]. Até o estulto, quando se cala, é tido por sábio [2450, S], e o que cerra os lábios, por sábio [995, E]. (Pv 17.27,28)

Comentário: Quem tem sabedoria sempre conta com a medida plena de entendimento e conhecimento; assim, do ponto de vista hebraico, eles são quase sinônimos.

> O coração do sábio [995, E] adquire o conhecimento [1847, C], e o ouvido dos sábios [2450, S] procura o saber [1847, C]. (Pv 18.15)

> Quando o escarnecedor é castigado, o simples se torna sábio [2449, S]; e, quando o sábio [2450, S] é instruído [7919, E], recebe o conhecimento [1847,C]. O justo considera a casa dos perversos e os arrasta para o mal. (Pv 21.11,12)

> Com a sabedoria [2451, S] edifica-se a casa, e com a inteligência [8394, E] ela se firma; pelo conhecimento [1847, C] se encherão as câmaras de toda sorte de bens, preciosos e deleitáveis. (Pv 24.3,4)

> Se disseres: Não o soubemos [3045, C], não o perceberá aquele que pesa [995, E] os corações? Não o saberá [3045, C] aquele que atenta para a tua alma? E não pagará ele ao homem segundo as suas obras? Filho meu, saboreia o mel, porque é saudável, e o favo, porque é doce ao teu paladar. Então, sabe [3045, C] que assim é a sabedoria [2451, S] para a tua alma; se a achares, haverá bom futuro, e não será frustrada a tua esperança. (Pv 24.12-14)

> Porque sou demasiadamente estúpido para ser homem; não tenho inteligência [998, E] de homem, não aprendi a sabedoria [2451, S], nem tenho [3045, C] o

conhecimento [1847, C] do Santo. Quem subiu ao céu e desceu? Quem encerrou os ventos nos seus punhos? Quem amarrou as águas na sua roupa? Quem estabeleceu todas as extremidades da terra? Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho, se é que o sabes [3045, C]? (Pv 30.2-4)

Comentário: Aprender a ser sábio e obter conhecimento são coisas distintas.

Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento [1847, C], nem sabedoria [2451, S] alguma. Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória, nem tampouco dos sábios [2450, S], o pão, nem ainda dos prudentes [995, E], a riqueza, nem dos inteligentes [3045, C], o favor; porém tudo depende do tempo e do acaso. Pois o homem não sabe [3045, C] a sua hora. Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens no tempo da calamidade, quando cai de repente sobre eles. (Ec 9.10-12)

Comentário: Não há plano [raciocínio-entendimento] nem conhecimento nem sabedoria no túmulo.

E dizem: Apresse-se Deus, leve a cabo a sua obra, para que a vejamos; aproxime-se, manifeste-se o conselho do Santo de Israel, para que o conheçamos [3045, C]. [...] Ai dos que são sábios [2450, S] a seus próprios olhos e prudentes [995, E] em seu próprio conceito! (Is 5.19,21)

Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo. Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria [2451, S] e de entendimento [998, E], o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento [1847, C] e de temor do SENHOR. (Is 11.1,2)

E dá-se o livro ao que não sabe [3045, C] ler, dizendo: Lê isto, peço-te; e ele responde: Não sei [3045, C] ler. O Senhor disse: Visto que este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim, e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, que maquinalmente aprendeu, continuarei a fazer obra maravilhosa no meio deste povo; sim, obra maravilhosa e um portento; de maneira que a sabedoria [2451, S] dos seus sábios [2450, S] perecerá, e a prudência [998, E] dos seus prudentes [995, E] se

esconderá. Ai dos que escondem profundamente o seu propósito do SENHOR, e as suas próprias obras fazem às escuras, e dizem: Quem nos vê? Quem nos conhece [3045, C]? Que perversidade a vossa! Como se o oleiro fosse igual ao barro, e a obra dissesse do seu artífice: Ele não me fez; e a coisa feita dissesse do seu oleiro: Ele nada sabe [995, E]. (Is 29.12-16)

Comentário: No juízo Deus faz os líderes de uma nação perderem toda a inteligência — sabedoria, entendimento e conhecimento.

Deveras, o meu povo está louco, já não me conhece [3045, C]; são filhos néscios e não inteligentes [995, E]; são sábios [2450, S] para o mal e não sabem [3045, C] fazer o bem. (Jr 4.22)

Espalhá-los-ei entre nações que nem eles nem seus pais conheceram [3045, C]; e enviarei a espada após eles, até que eu venha a consumi-los. Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Considerai [995, E] e chamai carpideiras, para que venham; mandai procurar mulheres hábeis [2450, S], para que venham. (Jr 9.16,17)

Assim diz o SENHOR: Não se glorie o sábio [2450, S] na sua sabedoria [2451, S], nem o forte, na sua força, nem o rico, nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer [7919, E] e saber [3045, C] que eu sou o SENHOR e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o SENHOR. (Jr 9.23,24)

Comentário: O sábio entende e conhece.

Jovens sem nenhum defeito, de boa aparência, instruídos [7919, E] em toda a sabedoria [2451, S], doutos [3045, C] em ciência [4093, C], versados [995, E] no conhecimento [1847, C] e que fossem competentes para assistirem no palácio do rei e lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus. (Dn 1.4)

Comentário: Observe o entrelaçamento: entendimento na sabedoria; o que se pode saber no conhecimento e no entendimento.

Ora, a estes quatro jovens Deus deu o conhecimento [4093, C] e a inteligência [7919, E] em toda cultura e sabedoria [2451, S]; mas a Daniel deu inteligência [995, E] de todas as visões e sonhos. (Dn 1.17)

Comentário: O conhecimento se distingue do entendimento e da sabedoria.

> Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria [2452, S] e o poder; é ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria [2452, S] aos sábios [2445, S] e entendimento [4486, C] aos inteligentes [3046, C]. Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz. A ti, ó Deus de meus pais, eu te rendo graças e te louvo, porque me deste sabedoria [2452, S] e poder; e, agora, me fizeste saber [3046, C] o que te pedimos, porque nos fizeste saber [3046, C] este caso do rei. (Dn 2.20-23)

> Há no teu reino um homem que tem o espírito dos deuses santos; nos dias de teu pai, se achou nele luz, e inteligência [7924, E], e sabedoria [2452, S] como a sabedoria [2452, S] dos deuses; teu pai, o rei Nabucodonosor, sim, teu pai, ó rei, o constituiu chefe dos magos, dos encantadores, dos caldeus e dos feiticeiros, porquanto espírito excelente, conhecimento [4486, C] e inteligência [7924, E], interpretação de sonhos, declaração de enigmas e solução de casos difíceis se acharam neste Daniel, a quem o rei pusera o nome de Beltessazar; chame-se, pois, a Daniel, e ele dará a interpretação. Então, Daniel foi introduzido à presença do rei. Falou o rei e disse a Daniel: És tu aquele Daniel, dos cativos de Judá, que o rei, meu pai, trouxe de Judá? Tenho ouvido dizer a teu respeito que o espírito dos deuses está em ti, e que em ti se acham luz, inteligência [7924, E] e excelente sabedoria [2452, S]. Acabam de ser introduzidos à minha presença os sábios [2445, S] e os encantadores, para lerem esta escritura e me fazerem saber [3046, C] a sua interpretação; mas não puderam dar a interpretação destas palavras. Eu, porém, tenho ouvido dizer de ti que podes dar interpretações e solucionar casos difíceis; agora, se puderes ler esta escritura e fazer-me saber [3046, C] a sua interpretação, serás vestido de púrpura, terás cadeia de ouro ao pescoço e serás o terceiro no meu reino. (Dn 5.11-16)

Comentário: A luz representa o conhecimento espiritual. O entendimento é a interpretação. A sabedoria equivale a desfazer os nós.

> Quem é sábio [2450, S], que entenda [995, E] estas coisas; quem é prudente [995, E], que as saiba [3045, C], porque os caminhos do SENHOR são retos, e os justos andarão neles, mas os transgressores neles cairão. (Os 14.9)

Comentário: Observe a gradação: o sábio entenderá; o entendimento saberá.

> Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios [4680, S] e instruídos [4908, E] e as revelaste aos pequeninos. [...] Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece [1921, C] o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece [1921, C] o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. (Mt 11.25,27)

> Naquela hora, exultou Jesus no Espírito Santo e exclamou: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios [4680, S] e instruídos [4908, E] e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe [1097, C] quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar. (Lc 10.21,22)

> Porquanto o que de Deus se pode conhecer [1110, C] é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem [3539, E], desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento [1097, C] de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos [801, E] em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios [4680, S], tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. (Rm 1.19-23)

Comentário: Os pagãos perdem primeiro o conhecimento dos fatos a respeito de Deus, depois seu entendimento sobre a natureza dele e, por fim, transformam sua sabedoria em loucura e adoram a criatura.

> Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria [4678, S] como do conhecimento [1108, C] de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu [1097, C] a mente [3563, E] do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? (Rm 11.33,34)

Comentário: “Tanto da sabedoria como do conhecimento” indica a possibilidade de distinção.

> Pois está escrito: Destruirei a sabedoria [4678, S] dos sábios [4680, S] e aniquilarei a inteligência [4907, E] dos instruídos [4908, E]. Onde está o sábio [4680, S]? Onde, o

escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria [4678, S] do mundo? Visto como, na sabedoria [4678, S] de Deus, o mundo não o conheceu [1097, C] por sua própria sabedoria [4678, S], aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação. (1Co 1.19-21)

Comentário: A sabedoria e o entendimento são distintos com clareza.

Em que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria [4678, S] e prudência [5428, E], desvendando-nos [1107, C] o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo. (Ef 1.8,9)

Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria [4678, S] e de revelação no pleno conhecimento [1922, C] dele, iluminados os olhos do vosso coração [1271, E], para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos. (Ef 1.17,18)

Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento [1922, C] da sua vontade, em toda a sabedoria [4678, S] e entendimento [4907, E] espiritual; a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento [1922, C] de Deus. (Cl 1.9,10)

Comentário: As três faculdades são separadas com nitidez.

Para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor, e eles tenham toda a riqueza da forte convicção do entendimento [4907, E], para compreenderem [1922, C] plenamente o mistério de Deus, Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria [4678, S] e do conhecimento [1108, C] estão ocultos. (Cl 2.2,3)

Comentário: Ser vinculado no *trivium* espiritual traz consolo.

PASSAGENS EM QUE SURGE O CONCEITO DO TRIVIUM

As citações a seguir consistem em passagens em que o trivium é patente. Existem muitas mais em que o trivium é latente. Há diversas outras passagens em que surge o conceito do trivium, mas não os vocábulos precisos. Procurar por elas não é simples. Alistamos várias passagens em que encontramos o conceito de conhecimento, entendimento e sabedoria, ainda que não com os vocábulos precisos. Inserimos A, E, e S entre colchetes imediatamente após o lugar onde encontramos cada um desses conceitos. Fizemos comentários curtos na sequência das passagens selecionadas. Considere os seguintes exemplos:

> Compra a verdade e não a vendas; compra a sabedoria [S], a instrução [C] e o entendimento [E]. (Pv 23.23)

> Quem guiou o Espírito do SENHOR? Ou, como seu conselheiro [S], o ensinou [C]? Com quem tomou ele conselho [S], para que lhe desse compreensão [E]? Quem o instruiu na vereda do juízo [E], e lhe ensinou [C] sabedoria [C], e lhe mostrou [C] o caminho de entendimento [E]? (Is 40.13,14)

Comentário: Compare esse texto com Romanos 11.33, 34 (mais adiante):

> Três dias depois, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os [C] e interrogando-os [E]. E todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas [E]. [...] E crescia Jesus em sabedoria [S], estatura e graça, diante de Deus e dos homens. (Lc 2.26,47,52)

Comentário: Os três níveis de desenvolvimento infantil são aqui mencionados. Jesus estava “ouvindo” os médicos. Isso envolve o nível de conhecimento de coleta de informações. Mas ele também estava “interrogando” — o nível de entendimento —, por sua “inteligência e respostas”. Ao deter conhecimento e entendimento, “crescia Jesus em sabedoria”, razão pela qual fez aplicações práticas que o levaram a encontrar favor “diante de Deus e dos homens”.

> Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos [S], obscurecidos de entendimento [E], alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem [C], pela dureza do seu coração [C], [...] e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça [S] e retidão [C] procedentes da verdade [E]. (Ef 4.17,18,23,24)

> E vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento [C], segundo a imagem daquele que o criou. (Cl 3.10)

Comentário: Os gentios andam em “vaidades”, que consistem na falta de sabedoria, no “entendimento obscurecido”, pois lhes falta entendimento, e “ignorância” com “dureza de seu coração” — falta de conhecimento. Os cristãos devem ter o conhecimento renovado (Colossenses), e renovado à imagem de seu Criador, em verdade, santidade e justiça (Efésios). Sugerimos que isso corresponda ao *trivium*: conhecimento da verdade, entendimento para andar em santidade e sabedoria para praticar a justiça. A verdade é o conhecimento correto para sobrepujar a ignorância. A santidade é o entendimento correto para se separar do mal. A justiça é a sabedoria correta para agir no temor do Senhor.

> Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos [C] e aconselhai-vos [E] mutuamente em toda a sabedoria [S], louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração. (Cl 3.16)

Comentário: A igreja pratica o trivium enquanto serve por meio de cânticos: ensina com conhecimento, admoesta para o entendimento e faz a sabedoria de Cristo habitar nela ricamente.

> E que, desde a infância, sabes [C] as sagradas letras, que podem tornar-te sábio [S] para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada [C] por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça [E], a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra [S]. (2Tm 3.15-17)

Comentário: O treinamento das crianças cristãs consiste em seguir o *trivium*: começa com as Escrituras inspiradas no nível do conhecimento; passa para a doutrina, repreensão, correção e instrução no nível do entendimento; termina com a preparação completa para toda boa obra no nível da sabedoria.

BREVES OBSERVAÇÕES

No Antigo e no Novo Testamento existe a discrição tríplice das faculdades mentais: conhecimento, entendimento e sabedoria. À semelhança das pessoas da Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo — elas estão interligadas de maneira muito próxima entre si e raras vezes aparecem sob o esquema 1, 2, e 3. As definições e os relacionamentos das três faculdades podem ser discernidas.

1. 1. O *conhecimento* é a aquisição ou coleta de informações, o reconhecimento ou a percepção das coisas. O conhecimento é de melhor qualidade quando é verdadeiro, preciso e completo, ao se tornar conhecedor pleno dos fatos.
2. 2. O entendimento ultrapassa a mera coleta de informações. O entendimento se vale do conhecimento para fazer, separar, considerar e ponderar sobre a natureza das coisas, raciocinar e discernir a ordem, resolver, organizar e perceber tudo.
3. 3. A sabedoria vai além da mera distinção. Ela usa o conhecimento e o entendimento para discernir o que é verdadeiro, melhor e mais valioso. A sabedoria é experiente, habilidosa, perspicaz, inteligente em relação ao uso prático das coisas. A sabedoria é uma visão abrangente que fornece conselhos ou opiniões sensatos.

O vocábulo Deus é usado às vezes para se referir apenas a Deus, o Pai, mas também é utilizado como termo genérico para designar as três pessoas da divindade: Pai, Filho e Espírito Santo. A sabedoria é multiforme, multicolorida e variada.

> Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais. (Ef 3.10)

A sabedoria também é aplicada como termo genérico para se referir às três faculdades: conhecimento, entendimento e sabedoria. A sabedoria é a primeira das faculdades, ou mais destacada; o entendimento é a segunda, mas nenhuma delas pode ser obtida sem o conhecimento.

> E, se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a voz, se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus. [...] O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquire o entendimento. (Pv 2.3-5; 4.7)

Sem dúvida, a sabedoria jamais pode ser utilizada sem as outras duas faculdades.

> Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento. (Pv 2.6)

Quando Deus concede sua sabedoria ao homem, ela surge em primeiro lugar como ao conhecimento da sabedoria, depois como conhecimento da sabedoria e por fim com a sabedoria da sabedoria.

> Então, sabe que assim é a sabedoria para a tua alma; se a achares, haverá bom futuro, e não será frustrada a tua esperança. (Pv 24.14)

> O temor do SENHOR é o princípio do saber, mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino. (Pv 1.7)

> O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência. (Pv 9.10)

O filho conta com a sabedoria de sua idade: toda a sua sabedoria procede na verdade do pai na medida exata em que obedece às instruções dele. O homem maduro conta com sabedoria própria, por ter desenvolvido todas as habilidades sapienciais.

Em primeiro lugar, existe o treinamento inicial: nele todos os sistemas do filho são carregados. Existe a capacidade primária para o conhecimento, o entendimento e a sabedoria no filho, mas eles são desenvolvidos em ordem sucessiva. Portanto, o conhecimento inicial é muito linear.

O estágio do conhecimento, o segundo, é mais complexo. O conhecimento do filho se desenvolve inicialmente como decorrência do conhecimento, do entendimento e da sabedoria dos pais. Ele aprende o conhecimento a partir de fatos e regras; o conhecimento é selecionado e ensinado de forma sábia e compreensiva pelos pais. O filho depende da sabedoria e do entendimento dos próprios pais enquanto aprende de forma gradual a confiar no próprio conhecimento acumulado.

Assim, enquanto o conhecimento do filho continua a aumentar, seu entendimento começa a ser desenvolvido de acordo com o entendimento e a sabedoria dos pais. O filho aprende o entendimento — os padrões e as conexões — e o entendimento é selecionado e ensinado de forma sábia e compreensiva pelos pais. O filho depende da sabedoria dos pais enquanto aprende de modo gradual a depender do próprio conhecimento e entendimento acumulados.

Na sequência, enquanto o conhecimento e o entendimento do filho continuam a aumentar, sua sabedoria começa a se desenvolver sob a orientação dos pais.

Por fim, o filho se aproxima agora da fase adulta com as três capacidades desenvolvidas e termina o desenvolvimento pleno ao aplicar a sabedoria à própria vida. Ele se torna maduro na habilidade de tomar decisões responsáveis (pelas quais responderá). Sua consciência foi amadurecida.

Um filho se torna disfuncional quando partes essenciais não foram desenvolvidas do modo correto. Até serem corrigidas — caso sejam — o filho continuará a de desenvolver de maneira inviável.

O homem não pode negar a existência da própria natureza sem se autodestruir. Os modelos grego e romano de educação concordavam, quanto à forma, com a constituição básica das faculdades humanas. Ou eles desenvolveram o *trivium* de formas antigas, sobreviventes ao Dilúvio por meio de Noé, ou então foram forçados pela própria natureza das coisas à conformidade. No entanto, quando preencheram a forma com conteúdos próprios muito corrompidos e pervertidos, tornaram-se cada vez mais perigosos, porque se transformaram em instrumentos mais eficazes na propagação de suas corrupções. Como cristãos, devemos recuperar a forma, limpá-la e preenchê-la com a realidade.

1 Vide *Ensinando o trivium*, volume 1 (Brasília, DF: Monergismo, 2016).

Artigo Três

Educação antiga: hebraica, grega e romana

Grande parte desta seção foi tomada de empréstimo do livro *Educational Ideals in the Ancient World* [Ideias educacionais do mundo antigo], de William Barclay (Grand Rapids: Baker, 1974).

1. EDUCAÇÃO HEBRAICA:
TREINAR PARA SERVIR A DEUS

A educação judaica era totalmente religiosa. No período anterior ao exílio (antes de Esdras e Neemias), as Escrituras eram o único livro-texto, o lar era a única escola e os pais eram os únicos professores. Israel contava com o maior número de pessoas alfabetizadas de toda a História Antiga. No período após o exílio (Esdras, Neemias etc.), as escolas foram anexadas às sinagogas, onde o ensino consistia na recitação e repetição orais. Os textos básicos incluíam o *shemá* (Dt 6.4-9; 11.13-21; Ne 15.37-41), o *halel* (Sl 113-118), o relato da Criação (Gn 1-5) e a leis levíticas. Os professores tinham outra profissão e consideravam ensinar um privilégio.

2. EDUCAÇÃO GREGA:
TREINAR PARA SERVIR À CULTURA

Em Esparta, a individualidade dava lugar ao serviço prestado ao Estado. “Em nenhum país do mundo a educação foi controlada e projetada pelo Estado de forma tão deliberada como em Esparta, até o surgimento do Estado totalitário moderno”. A educação consistia no mínimo de leitura e escrita, música (moral, não estética), dança militar e atletismo. Os objetivos da educação eram o caráter corajoso e modesto e a resistência universal de corpo e mente. Em Atenas, o indivíduo era treinado para servir à cultura. Os meninos gregos seguiam para três professores que ensinavam os três temas básicos:

1) O γραμματιστής [*grammatistēs*: “professor de rudimentos”] ensinava a ler, escrever e aritmética;

2) O κιθαριστής [*kitharistēs*: “tocador de harpa e lira”] ensinava a tocar lira e cantar;

3) O παιδοτρίβης [*paidotribēs*: “treinador infantil”] ensinava a lutar, correr, pular, lançar dardo e disco.

3. EDUCAÇÃO ROMANA: TREINAR PARA SERVIR AO ESTADO

Nos primeiros anos, a educação romana voltava-se para a produção de caráter, para que o homem cumprisse seu dever para com os deuses, o Estado e a família. A educação romana centrava-se em torno do lar; portanto, nunca foi padronizada. Nos primeiros sete anos a criança permanecia sob a influência materna. Depois disso, a associação ocorria com o pai, seu companheiro constante e, muitas vezes, o único professor. A educação dos filhos era a obra da vida do pai. Plutarco escreveu sobre o grande general e estadista Emílio Paulo: "... ele se [...] devotou à educação dos filhos. [...] Com esse propósito ele [...] buscou mestres para lhes ensinar gramática, lógica e retórica [...] e, quando não era impedido por assuntos públicos, ele mesmo estava presente com eles em seus estudos, e os observava na execução de seus exercícios". Na época em que o menino se tornaria cidadão, de modo geral aos 16 anos, o pai, por um ano ou mais, colocaria o filho sob a responsabilidade de um distinto amigo rico em anos, experiência e honra. Quando Roma se tornou um império, o pai passou a ser convocado para servir ao Estado nos exércitos, tornando-se incapaz de controlar a educação do filho. Daí surgiu o sistema escolar. Esse modelo de educação provou ser um fracasso. Minou a moral, tratou mal o corpo dos alunos e ensinou informações inúteis. Por fim, afundou até o ponto em que os jovens recrutas não podiam ser considerados alfabetizados o suficiente para manter registros escritos para as forças armadas. Desenhos passaram a ser usados para comunicar tarefas simples. [O moderno exército dos EUA, por causa do analfabetismo gigantesco, usa histórias em quadrinhos para ensinar o uso de equipamentos militares.] Havia três etapas na educação romana:

1. O *litterator* ensinava os elementos do conhecimento (entre 7 e 12 anos);
2. O *grammaticus* ensinava a gramática grega (não se ensinava latim), lógica e retórica;

a. *Recte loquendi scientia* = o conhecimento para falar com correção incluía a história das letras e das vogais, alterações na inflexão, partes do discurso e dicção correta, clara e elegante;

b. *Enarratio poetarum* = a explicação dos poetas incluía a leitura do texto correto e a audição de uma preleção sobre a passagem;

c. Música;

d. Geometria;

e. Ginástica.

3. 3. Retórica.

Artigo Quatro

A educação medieval: as sete artes liberais

As sete artes liberais consistiam no *trivium* elementar e no *quadrivium* avançado. Estes foram formalmente estabelecidos por Marciano Capela no livro *De nuptiis Philologiae et Mercurii* [Sobre o casamento de Filologia e Mercúrio] (no início do séc. V), e se tornaram amplamente aceitos por volta do século IX.

1. O TRIVIUM

O termo usado hoje, trivium, só surgiu no século IX, mas seu catálogo (gramática, lógica e retórica) pode ser encontrado na antiga educação romana, grega e hebraica. Seu fundamento é o trio natural e bíblico de conhecimento, entendimento e sabedoria. O trivium de Isócrates (séc. IV a.C.) representou uma preparação para o estudo da filosofia. Os cristãos criam que sem o trivium não se poderia estudar a filosofia superior da teologia. Por isso, os cristãos consideravam abranger o trivium a própria filosofia, servindo todas as matérias como “servas da teologia”.

a. A gramática consistia no estudo prático da língua latina e da literatura clássica. Quando o currículo era limitado, esse era o único tema jamais eliminado (daí o termo inglês *grammar school* — “escola de gramática, ou primária”).
b. A lógica (também conhecida por dialética) era a arte da argumentação lógica. Ele consistia em essência no estudo da lógica formal, principalmente de Porfírio e Aristóteles.
c. A retórica era a arte de falar. Incluía o estudo da composição da prosa e da poesia, da escrita de cartas e o estudo das leis.

2. O QUADRIVIUM

O termo quadrivium foi inventado por Boécio em *De institutione arithmetica* [Sobre a instituição da aritmética] (início do séc. VI). O *quadrivium* era a divisão quádrupla da matemática que, para Boécio, representava o caminho pelo qual o estudante de filosofia passava das preocupações materiais para o conhecimento puro. Os quatro integrantes do *quadrivium* são disciplinas matemáticas baseadas no conceito pitagórico de "quantidade".

a. Aritmética é o estudo da "quantidade discreta em número" (números quadrados, perfeitos etc.). Platão a dividiu em logísticos (objetos numerados) e aritméticos (números).
b. Música (isto é, música harmônica grega) é o estudo da "quantidade discreta em proporções numéricas".
c. Geometria (incluindo-se a geografia) é o estudo da "quantidade contínua de linhas fixas". Platão incluiu a estereometria, que mede o volume.
d. Astronomia (ou esférica) é o estudo da "quantidade contínua de formas móveis", a velocidade das estrelas, sua ascensão e queda.

Pensava-se que a manipulação dessas verdades abstratas mediante as quatro disciplinas preparava a mente para contemplar as verdades mais elevadas da filosofia. O desenvolvimento da memória era considerado essencial, pois a posse ou mesmo o acesso a livros era mínimo, na melhor das hipóteses, e inexistente, na pior delas.

Artigo Cinco

Educação do clero

O texto a seguir consiste em textos selecionados do livro *Education of the Clergy* [Educação do clero] (819 d.C.), de Rhanabus Maurus, *scholasticus* (professor de retórica) do monastério de Fulda. Ele alista a retórica antes da lógica, ao passo que preferimos a retórica depois da lógica.

A primeira das artes liberais é a gramática, a segunda a retórica e a terceira é a dialética [lógica]. [...]

A gramática é a fonte e o fundamento das artes liberais. Ela deve ser ensinada em todas as escolas cristãs, pois a arte de escrever e falar corretamente é alcançada por seu intermédio. Como alguém pode aprender e conhecer a articulação do discurso, as vantagens da linguagem figurada, as leis da formação das palavras e a forma correta dos vocábulos sem ter conhecimento mais profundo da arte da gramática?

[...]

Por meio da retórica, prova-se qualquer coisa verdadeira ou falsa. Quem teria a coragem de afirmar que os defensores da verdade deveriam permanecer desarmados na presença de uma falsidade, de forma que quem ousasse apresentar argumentos falsos soubesse como angariar o favor e a simpatia dos ouvintes por meio de seu discurso, e que, por sua vez, os amigos da verdade não fossem capazes de agir assim? Que aqueles saberiam apresentar uma falsidade de forma breve e clara, com a aparência de verdade, e que os outros, ao contrário, deveriam revestir a verdade com tal exposição, que ouvi-la se tornaria um fardo, a apreensão da verdade um cansaço e a fé na verdade uma impossibilidade?

A dialética [lógica] é a ciência do entendimento, que que nos prepara para pesquisas e definições, para explicações e para a distinção entre o verdadeiro e o falso. Ela é a ciência das ciências. Ela ensina a ensinar aos outros; ela ensina a aprender por si mesmo; nela, a razão se marca e manifesta de acordo

com sua natureza, esforços e atividades. Apenas ela é capaz de conhecer; ela não só deseja, como também guiará outras pessoas ao conhecimento; suas conclusões nos conduzem à apreensão de nosso ser e origem; por seu intermédio apreende-se a origem e a atividade do bem, do Criador e da criatura. Ela nos ensina a descobrir a verdade e a desmascarar a falsidade; ensina-nos a extrair conclusões; mostra-nos o que é válido em uma discussão e o que não é; ensina-nos a reconhecer o que é contrário à natureza das coisas. Ela nos ensina a distinguir o que é verdadeiro, provável e totalmente falso na controvérsia. Por meio dessa ciência somos capazes de pesquisar tudo com acuidade mental, a determinar sua natureza com certeza e a debater com circunspecção. Portanto, [os cristãos] devem entender esta arte excelente e refletir sempre a respeito de suas leis a fim de que sejam capazes de transpassar com perspicácia a astúcia dos propagadores de erros e refutar suas falácias fatais.

[...]

Quando, por acaso, os chamados filósofos proferem em suas exposições, ou em seus escritos, alguma verdade concorde com nossa fé, não devemos lidar com isso de forma tímida, e sim, tomá-la de seus possuidores ilegais e aplicá-la ao nosso uso.

Artigo Seis

O metalogicon de João de Salisbury: uma defesa do trivium no século XII

Trata-se de uma obra inglesa completada em 1159. O título, Metalogicon, é um composto elaborado a partir das palavras gregas *meta* (= em nome de) e *logikon* (= raciocínio), aqui tomadas no sentido amplo da ciência das expressões verbais que abrangem as artes do *trivium*: gramática, dialética (ou lógica) e retórica. O trabalho é um resumo e um argumento convincente sobre o método educacional conhecido por *trivium*.

Que é a eloquência, além da faculdade de dizer com aptidão o que a mente deseja expressar? Como tal, traz à luz e, de certa forma, publica o que de outra forma estaria escondido nos recessos da consciência humana. Nem toda a pessoa que fala, nem mesmo quem diz o que quer de alguma forma, é eloquente. Só quem se expressa como pretende dispõe de eloquência pertinente e eficaz. [...] O eloquente é quem pode expressar verbalmente suas percepções mentais com facilidade e adequação. [...] Quanto a mim, de modo geral, não sei como algo poderia ser mais útil em sentido genérico: mais proveitoso na aquisição de riqueza, mais confiável para obter favor, mais adequado para receber fama que a eloquência. Nada, ou pelo menos quase nada, é preferível a esse presente da natureza e da graça. Dizem que as artes liberais se tornaram tão eficazes entre nossos ancestrais, que as estudaram com diligência, a ponto de lhes permitir compreender tudo o que liam, elevavam seu entendimento em relação a todas as coisas e os capacitaram a solucionar todos os problemas possíveis. Aqueles a quem o sistema do *trivium* revelou o significado de todas as palavras, ou as regras do *quadrivium* revelaram os segredos de toda a natureza, não precisam da ajuda de um professor para entender o significado dos livros e encontrar a resposta para perguntas. [...] A gramática é a ciência de falar e escrever corretamente, o ponto de partida de todos os estudos liberais.

A gramática é o berço de toda a filosofia e, por assim dizer, a primeira ama de todo o estudo das letras. [...] Este ramo, que ensina a língua, é a primeira das artes a ajudar quem aspira ao aumento de sua sabedoria. [...] É claro que a gramática não se encontra confinada com rigor a um tema. Em vez disso, a gramática preparar a mente para compreender tudo o que pode ser ensinado por meio de palavras. Como consequência, todos podem apreciar o quanto os outros estudos dependem da gramática. [...] Pois a gramática nos prepara para receber e compartilhar conhecimento. [...] Quem a excluirá do patamar da filosofia, a não ser que pensa que o ato de filosofar não demanda a compreensão do que se disse ou escreveu? Do mesmo modo, quem bane a gramática tenta, de fato, dar a entender que os cegos e curdos são mais aptos para os estudos filosóficos que quem, por um dom natural, recebeu todos os sentidos e ainda os usufrui. [...] Sêneca sempre tem algo a dizer. Assim, ele sente que os estudos liberais não tornam a pessoa boa. Concordo com ele e considero o mesmo raciocínio válidos para todos os outros estudos. “O conhecimento incha; só a caridade torna alguém bom. [...] Os que apenas filosofam não são bons homens. [...] Como Quintiliano observa, esses estudos causam danos, não a quem passa por eles, apenas a quem dica atolado neles.” Os auxílios principais à pesquisa filosófica e à prática da virtude são a leitura, o aprendizado, a contemplação e a aplicação constante [e] [...] a realização de boas obras, a menos que o Senhor se ire e tome o que a pessoas parece possuir.

No sentido mais estrito, a lógica é a ciência do raciocínio argumentativo, que provê o fundamento sólido de toda a atividade da prudência. [...] Exercita-se a lógica na inquirição da verdade. [...] A prudência consiste de forma total na percepção da verdade. [...] A prudência é a raiz de todas as virtudes. Se essa raiz for cortada, então, todas as outras virtudes murcharão ou morrerão de sede. [...] Quem compreende a verdade é sábio, quem a ama é bom, quem ordena sua vida de acordo com ela é feliz [Pv 3.18]. [...] É impossível que alguém procure e receba a verdade com todo o coração e

permaneça pretendente e servo da vaidade. Da mesma forma que a gramática [...] concerne ao modo de dizer as coisas, a dialética [lógica] concerne ao que se diz. Ao passo que a gramática examina de modo principal as palavras que expressam significados, a dialética investiga os significados expressos em palavras. [...] A força de uma palavra consiste em seu significado. Sem ele, ela é vazia, inútil e está, por assim dizer, morta. Da mesma maneira que a alma anima o corpo, assim (de certa forma) o significa dá vida à palavra. As pessoas que pronunciam palavras insensatas “desferem golpes no ar” [1Co 9.26] em vez de falar.

Artigo Sete

Um currículo escolar do século XVI

O que se segue é o currículo típico e formal de uma escola, compilado de várias seleções luteranas e reformadas do século XVI. A lista abaixo compreende o período entre 6 e 8 anos de idade, quando a maioria dos alunos aprende em casa ou em uma escola formal aos 9 anos de idade. (As faculdades mentais mais desenvolvidas de uma criança de 9 anos pode aprender o material com mais rapidez.) Na Idade Média, os ingleses mantiveram escolas de cântico até as escolas primárias formais serem iniciadas aos 12 anos. Nós não recomendamos um programa tão rigoroso. Nosso objetivo aqui é apenas mostrar o que se esperava normalmente dos alunos no passado. Eles começavam a estudar gramática latina aos 9 anos e a gramática grega aos 12. Pode-se acrescer um ano para essas idades. Eles começavam a estudar lógica formal e retórica por volta dos 14 anos. Pode-se subtrair um ano. Eles começavam a estudar aritmética por volta dos 14 anos. Ou era possível começar com 10 anos e prolongar o programa por um período mais longo. A ciência formal era ensinada aos 16 anos. Era possível começar a estudar física, química ou biologia aos 14 anos de idade. O horário escolar costumava compreender 5 horas diárias. A aulas começavam iam 8 da às 10 da manhã. Do meio-dia às 13 horas e das 15 às 17 horas, seis dias por semana, onze meses do ano, com exceção de agosto.

ENTRE 6 E 8 ANOS: alfabeto latino, leitura, pronúncia, escrita e soletração, declinações e conjugações latinas. Memorização do catecismo, a Oração do Senhor, os sete salmos penitenciais.

ENTRE 8 E 9 ANOS: Exercícios orais sobre declinações e conjugações latinas. Vocabulário latino e memorização de expressões latinas.

ENTRE 9 E 10 ANOS: Domínio de todas as declinações e conjugações latinas. Oito partes do discurso. Leitura em latim com referência constante à sintaxe. Ênfase na composição e no estilo em latim.

ENTRE 10 E 11 ANOS: Leitura extensiva em latim com explicações de sintaxe. Memorização do latim para forma, exercícios de estilo por escritos. Tradução do catecismo em latim. Notação musical.

ENTRE 11 E 12 ANOS: (nível fundamental) Término da gramática e sintaxe latinas. Vocabulário latino pleno, regras da poesia latina. Ampla leitura em latim, exercícios escritos de estilo. Início da gramática grega. Marcação musical.

ENTRE 12 E 13 ANOS: (nível fundamental) Ampla leitura em latim, exercícios escritos de estilo e poesia. Composição de uma enciclopédia de vocábulos latinos. Expansão do vocabulário grego e conclusão da maior parte da gramática grega. Leituras simples dos Evangelhos em grego e latim.

ENTRE 13 E 14 ANOS: (nível fundamental) Leitura e escrita extensivas em latim. Composição estilizada em prosa e verso em latim. Conclusão da gramática e da sintaxe gregas. Leitura das epístolas de Paulo em grego. Eloquência e dicção.

ENTRE 14 E 15 ANOS: (nível intermediário) Leitura e memorização amplas em grego e latim. Tradução do grego para o latim e vice-versa. Leitura das epístolas de Paulo em grego. Leituras sobre lógica e retórica. Drama, história romana e aritmética.

ENTRE 15 E 16 ANOS: (nível intermediário) Exercícios diários sobre estilo e composição em prosa e verso. Interpretação da língua grega. Memorização da epístola aos Romanos em grego. Debates sobre gramática, lógica e retórica aplicadas às leituras. Elegância e dicção, drama, história. Matemática (raiz quadrada e cúbica).

ENTRE 16 E 17 ANOS: (nível superior) Lógica e retórica formais aplicadas às leituras. Filosofia natural (ciência). Tradução do latim para o grego e do grego para o latim. Exposição das epístolas de Paulo. Matemática, geometria. Hebraico, teologia.

ENTRE 17 E 18 ANOS: (nível superior) Filosofia prática e moral (ética, política, economia). Grego, hebraico, teologia. Matemática, astronomia. Debates e questionamentos recíprocos.

Artigo Oito

Comparação de alfabetos antigos

O propósito deste apêndice é prover informações súteis para os estudantes das línguas clássicas: latim, grego e hebraico. Não se trata de um substituto para materiais específicos que ensinam cada alfabeto antigo, apenas de um suplemento que reúne informações úteis para comparar o alfabetos. Materiais específicos sobre cada um deles serão mais profundos em relação à fonético do próprio idioma.

OBSERVAÇÕES GERAIS

O hebraico é escrito da direita para esquerda (de trás para frente, de acordo com nossa perspectiva).

O grego era escrito originariamente como bustrofédon, ou seja “como a volta do boi”. O animal era empregado para arar, formando uma fileira da esquerda para a direita, depois se virava e arava a fileira seguinte da direita para a esquerda, depois se virava e arava da esquerda para a direita outra vez. As letras gregas eram viradas para trás e para a frente para apontar a direção em que a linha estava sendo escrita. Às vezes nos perguntamos se a verdadeira razão por trás da dislexia — que confunde *b* e *d*, *p* e *q* — é apenas uma reversão à escrita bidirecional. — ?ahca êcov euq O — Mais tarde, os gregos decidiram escrever da esquerda para a direita e nós ficamos contentes com isso.

Em sua origem, os idiomas hebraico, grego e latim era escritos apenas com letras maiúsculas, sem espaço nem pontuação entre as palavras.

ISSOPODEDIFIVULTARALEITURASENAO
ESTIVERMOSACOSTUMADOSCOMAPRATICA

Bendito seja Deus pelos editores dos textos clássicos.

Nas tabelas alfabéticas a seguir, alistamos os formatos das letras como de acordo com sua utilização nas edições atuais: minúsculas e maiúsculas (a, A), curtas e longas (a, A; ā, Ā) e as formas consonantais das vogais (I-J, U-V).

Algumas letras hebraicas têm formas especiais, chamadas *formas finais*, usadas quando aparecem no fim da palavra. (Isso ajudaria os antigos a dividir as palavras.) O grego também conta com uma forma final. As letras hebraicas e gregas também contam com valor numérico. As letras hebraicas também parecem contar com significado simbólico. Alistamos os significados simbólicos com a proposta de algumas alternativas.

Alistamos e enumeramos as letras de acordo com a ordem alfabética antiga. Algumas letras gregas (Ϝ, ϙ) já haviam se tornado obsoletas nos Período Clássicos; assim elas foram alistadas, mas não incluídas na enumeração. Algumas letras latinas (G, J, V) foram inventadas após o Período Clássico, uma (K) se tornou quase obsoleta, e outras (X, Y, Z) eram usadas apenas para transliterar palavras gregas. No entanto, todas elas foram incluídas na enumeração. Poucas letras do alfabeto foram repetidas — uma vez para mostrar as colocar em ordem alfabética e então para demonstrar sua relação com outra letra.

Originariamente, o hebraico não contava com vogais. Mais tarde, os editores acrescentaram os pontos vocálicos às letras. Além disso, várias vogais gregas e latinas têm mais de um valor.

Os nomes das letras hebraicas e gregas nas respectivas línguas são bem conhecidos. Elas foram transliteradas para o nosso idioma. Os nomes da letras latinas são menos conhecidos.

OS QUATRO ALFABETOS COMPARADOS
LETRA POR LETRA

*	Língua	Símbolo (Nome)	Pronúncia	Valor numérico – imagem = significado

* A ordem numérica segue a forma atual do alfabeto.

1	hebraico	(אָלֶף) א (álef)	(um leve som glotal de respiração)	1 – cabeça de boi = poder/liderança
1	grego	α, A (ἄλφα) (alfa)	a	1
1	latim	a, A ā, Ā	a	
1	português	A, A	a	

2	hebraico	(בֵּית) ב (bete) (בֵּית) ב (vete)	bebê vovô	2 – casa / tenda = família / dentro
2	grego	β, B (βῆτα) (beta)	bebê	2
2	latim	b, B (bē)	bebê	
2	português	b, B (bê)	bebê	

3	hebraico	(גִּימֶל) ג (guímel) (גִּימֶל) ג (guímel)	g (duro) em gagá, guerra, guia, gola, guru	3 – camelo [/pé] = carregar / peso / fardo
3	grego	γ, Γ (γάμμα) (gama)	g (duro) em gagá, guerra, guia, gola, guru	3
3	latim	c, C (cē)	ca, que, qui, co, cu	
3	português	c, C (cê)	casa, cena, cinema, coroa, cuba, dicção	

Originariamente, o C latino soava como G e procedia de uma forma inclinada da letra grega gama, que foi então arredondada para tomar a forma de um C. Mais tarde, o C assumiu também o som de K. No entanto, como a letra C já era pronunciada como G e K, alguém decidiu colocar uma linha através do C para representar o som G — inventando assim o G.

4	hebraico	(דָּלֶת) ד (dálete) (דָּלֶת) ד (dálete)	d (duro) (nordestino ou lusitano) em *di*a	4 – porta da tenda = pender / dentro e fora
4	grego	δ, Δ (δέλτα) (delta)	*di*a	4
4	latim	d, D (dē)	*di*a	
4	português	d, D (dê)	dedo, dia	

5	hebraico	(הֵא) ה (hê)	h (aspirado) *house* (inglês)	5 – janela = Olhe! / Veja!
5	grego	e, E (ἒ ψιλόν) (épsilon)	e (aberto)	5
5	latim	e, E (ef) ē, Ē	e (rei/réu)	
5	português	e, E (é)	e (rei/réu)	

O *hê* hebraico, o *épsilon* e o *eta* gregos e o sinal diacrítico de aspiração (‘) têm relação com as letras latinas/portuguesas E e H. Originariamente, o grego e, E se chamava εἶ (ei). No entanto os gramáticos do século II alteraram o nome da letra para ἒ ψιλόν. Várias gramáticas latinas modernas colocam um macro acima das vogais longas a fim de distingui-las das vogais curtas. Veja a tabela das vogais que se segue a esta tabela alfabética.

6	hebraico	(וָ) ו (vau)	vai	6 – anzol/unha /prego = e/ adicionar / acrescentar
—	grego	Ϝ, F (Ϝαῦ / δίγαμμα) (wau ou bvau/digama)	vai	6 letra obsoleta; funciona apenas como número
6	latim	f, F (ef)	fé	
6	português	f, F (éfe)	fé	

A letra grega *wau/bvau/digama* não se encontra mais entre as letras do alfabeto, mas ainda servia como número de acordo com sua posição antiga. Ela se relaciona com o uso consonantal da legra grega *ípsilon* (que surge mais adiante no alfabeto). O nome *digama* provém do fato de a letra ser muito parecidas com duas letras *gama* maiúsculas sobrepostas.

O *stigma* ϛ também é utilizado para representar o número 6 e a forma final da letra sigma (ς), como se verá adiante.

7	hebraico	(זַיִן) ז (zaine)	zero	7 – arado / arma = colheita/ comida / armadura
6	grego	ζ, Z (ζῆτα) (zeta)	zelo	7
7	latim	g, G (gē)	ga, gue, gui, go, gu	
7	português	g, G (gê)	gala, gelo, giro, gola, guri, guia	

Para o G latino, veja a história do C.

Existe uma relação entre o zeta grego e o G latino.

Há alguma diferença de opinião quanto à pronúncia correta do zeta. Alguns afirmam que a pronúncia correta é Z, outros DZ.

8	hebraico	(חֵית) ח (hete = het)	Muito aspirado como o j no nome espanhol Juan	8 – sebe / tenda parede / barreira = fora / dividido
7	grego	η, H (ἦτα) (eta)	(πνεῦμα δασύ = aspiração grave) (πνεῦμα ψιλόν = aspiração suave)	8
8	latim	h, H (hā)	hodie	
8	português	h, H (agá)	hera, hoje	

A vogal grega eta, a aspiração grave grega (πνεῦμα δασύ) e a aspiração suave (πνεῦμα ψιλόν) stão relacionadas à consoante latina H, mas a história é longa demais para ser contada. [Consulte o *Greek Alphabetarion*, de nossa autoria.] Nem todos os latinos consideravam o H uma letra à parte, talvez mais como uma aspiração grave como o grego J. Além disso, o H era tratado como vogal, não como uma consoante, e sua qualidade estava ligada à consoante *kā*. O nome português da letra procede da designação latina posterior, *ahha* (depois chamado *accha*).

9	hebraico	(טֵית) ט (tete = tet)	tatu	9 – cesta [/ bola / serpente] = conter / cerca de
8	grego	θ, Θ (θῆτα) (teta)	tatu	9
—	latim	th (transliteração)	Beethoven, T explosivo	
—	português	th (transliteração)		

O teta grego era pronunciado em sua origem como um T explosivo. O grego moderno o pronuncia como o equivale suave ao TH inglês, e as gramáticas modernas do grego antigo usam essa pronúncia como uma acomodação ao ouvido do falante da língua inglesa. O inglês antigo continha letras separadas para representar o TH duro, ð, Ð (edth) e o TH suave, þ, Þ (thorn).

10	hebraico	(יוֹד) י (iode)	ioiô	10 – mão / braço= trabalho / fazer
9	grego	ι, I (ἰῶτα) (iota)	ioiô	10
9 10	latim	i, I ī, Ī (ī) j, J (jā)	ia, ioiô	
9 10	português	i, I (i) j, J (jota)	ia, ioiô já, jê	

Originariamente, o latim contava só com a letra I. A literatura latina foi editada para escrever o uso consonantal de I como J. Assim, o J latino é de fato uma emenda posterior — um anacronismo ortográfico. O nome da letra J foi inventado e pronunciado como *jā*, ao se tomar por base a comparação entre os nomes das letras latinas H e K. Por isso colocamos o nome entre colchetes duplos. Desde o século XV, os latinistas se movem de um ponto de vista para o outro em relação a manter o J ou voltar apenas para o I.

O J português tem o mesmo som de G (antes das vogais E e I).

11	hebraico	(כַּף) כ ך (cafe) (כַּף) כ ך (rafe)	cá, quero Muito aspirado como o j no nome espanhol Juan	20 – palma da mão / sola do pé = aberto / curvo / subjugar
10	grego	κ, K (κάππα) (capa)	cá, quero	20
11	latim	k, K (cē)	cá, quero	

11	português	k, K (cá)	cá, quero	

As formas finais hebraicas ךְ e ך são chamadas סוֹפִית [sofit] e aparecem apenas no final das palavras. Como o hebraico é lido da direita para a esquerda, as formas hebraicas finais aparecem sempre do lado esquerdo.

O K latino era basicamente uma carta obsoleta e só aparecia em algumas abreviações.

12	hebraico	ל (לָמֶד) (lâmede)	lá	30 – cajado / haste / aguilhada = andar / confiar / pegar
11	grego	λ, Λ (λάμβδα) (lambda)	lá	30
12	latim	l, L (el)	lá	
12	português	l, L (ele)	lá	

A letra grega lambda era grafada em sua origem λάβδα, sem a letra m (μι).

13	hebraico	מ ם (מֵם) (mem)	má	40 – água / mancha = desconhecido / poderoso / sangue
12	grego	μ, M (μῦ) (mi)	má	40
13	latim	m, M (em)	má	
13	português	m, M (eme)	má	

14	hebraico	נ ן (נוּן) (num)	né	50 – peixe [/ broto] = continuar / vida
13	grego	ν, N (νῦ) (ni)	né	50

14	latim	n, N (en)	né	
14	português	n, N (ene)	né	

15	hebraico	ס (סָמֶךְ) (sâmeque)	só, salsa	60 – mão no cajado = andar / apoiar / sustentar
14	grego	ξ, Ξ (ξῖ) (csi)	táxi, axila	60
—	latim	—	—	
—	português	—	—	

O csi grego era originariamente grafado ξεῖ (csei).

16	hebraico	ע (עַיִן) (aim)	(um leve som glotal de respiração)	70 – olho [/ poço] = ver / perceber / prestar atenção
15	grego	o, O (ὄ μικρόν) (ômicron)	ó	70
15	latim	o, O ō, Ō (ōmega)	avó, avô	
15	português	o, O (ó)	avó, avô	

O nome originário da letra grega ômicron era οὖ. A designação foi alterada para distinguir o O curto (ômicron) do O longo (ômega), que aparece no final do alfabeto grego.

17	hebraico	פ ף (פֵּא) (pê) פ ף (פֵּא) (fê)	pé, pipa fé, foi	80 – boca = falar / abrir / beira
16	grego	π, Π (πῖ) (pi)	pé, pipa	80

16	latim	p, P (pē)	pé, pipa	
16	português	p, P (pê)	pé, pipa	

No início, o *pi* grego era grafado πεῖ (pei).

18	hebraico	צ ץ (צָדֵי) (tsadê)	pizza, tsar	90 – homem ao lado [/ passo / foice] = lado/ caça/ adversidade
—	grego	ϡ (ϡᾶν / σαμπῖ) (tsan/sampi)	pizza, tsar	
—	latim	—	—	
—	português	—	—	

19	hebraico	ק (קוֹף) (cofe)	cá, que	100 – sol no horizonte [/ cabeça de machado / macaco] = círculo / contrato
—	grego	ϙ (ϙόππα/κόππα) (copa)	cá, que	90
17	latim	q, Q (cū)	cá, que	
17	português	q, Q (quê)	cá, que	

20	hebraico	ר (רֵישׁ) (rexe)	r (intervocálico): arara, era	200 – cabeça humana = topo / primeiro / iniciar
17	grego	ρ, R (ῥῶ) (rô)	arara, era	100
18	latim	r, R (er)	arara, era	
18	português	r, R (erre)	rã, era, rei, ara	

A letra rô rega e o R latim provavelmente eram pronunciados como o R intervocálico em português (caRo, queRer, feRida) — como ocorre com o espanhol, o italiano e o inglês falado na Escócia.

21	hebraico	(שִׁין) שׁ (sim) (שִׂין) שׂ (chim)	são, assar, açaí chá, xícara	300 – dente(s) = comer / pressionar / dobro
18	grego	σ ς, Σ (σίγμα) (sigma)	são, assar	200
19	latim	s, S (es)	são, assar	
19	português	s, S (esse)	são, casa	

O sigma final ς só é utilizado como última letra da palavra. Seu valor numérico é 6.

22	hebraico	(תָּו) ת (tau) (תָּו) ת (tau)	tá, tê, ti (pronúncia nordestina)	400 – gravetos cruzados = marcar / assinalar / escrever
19	grego	τ, T (ταῦ) (tau)	tá, tê, ti (pronúncia nordestina)	300
20	latim	t, T (tē)	tá, tê, ti (pronúncia nordestina)	
20	português	t, T (tê)	tá, tê, ti	

—	hebraico	—		—
20	grego	υ, ϒ (ὖ ψιλόν) (ípsilon)	um, rua	400

21 22	latim	u, U (u) v, V (vā)	um, rua	
21 22 23	português	u, U (u) v, V (vê) w, W (dábliu)	um, rua vai, vê Waldemar, Washington	

O ípsilon grego era originariamente chamado ὗ (hu); ele procedia da consonante obsoleta bau/ digama, que soava como o W inglês, mas depois passou a soar o nosso V. Ele também procedeu da letra fenícia/hebraica chamada Vau. A vogal latina U veio de uma forma do ípsilon grego. Na verdade, ele se parecia com um V. Alguém trocou o U pelo V e o tornou uma consoante que soava como o W inglês. Os latinos a chamavam *consonans U* ou *U digammon* Como ocorria com o J latino, inventamos um para ele. Como você pode ver, a história dessa letra é longa.

—	hebraico	—	—	—
21	grego	φ, Φ (φῖ) (fi)	fé, fã	500
—	latim	ph (transliteração)	fé, fã	
—	português	ph (transliteração em português antigo; hoje, f)	fé, fã	

O fi grego era originariamente escrito φεῖ (fei) e pronunciado como um P explosivo. O grego moderno o pronuncia como o F e as gramáticas modernas do grego antigo usam essa pronúncia como uma acomodação para o nosso ouvido.

—	hebraico	—	—	—
22	grego	χ, X (χῖ) (qui)	cá, que	600
—	latim	ch (transliteração)	chromium	

—	português	chromo (português antigo; hoje, cromo)	cá, que	

O qui grego era originariamente escrito χεῖ (quei) e pronunciado como um K explosivo. O grego moderno o pronuncia como dois RR intervocálicos (carro) e as gramáticas modernas do grego antigo usam essa pronúncia como uma acomodação para o nosso ouvido.

—	hebraico	—	—	—
23	grego	ψ, Ψ (ψῖ) (psi)	psique	700
—	latim	ps (transliteração)	psychosis	
—	português	ps (transliteração)	psique	

O psi grego era originariamente escrito ψεῖ (psei)

—	hebraico	—	—	—
24	grego	ω, Ω (ὦ μέγα) (ômega)	o (fechado)	800
—	latim	o	o (fechado)	
—	português	o	o (fechado)	

O ômega grego era chamado ὦ (o). Trata-se de um O duplo, formado a partir da junção de dois ós. Compare o digama, ou o gama duplo Û, que se parece com dois gamas unidos, e a letra dábliu (W) que se parece com duas letras U juntas (originariamente duas letras V).

—	hebraico	צ (tsadê)		—
		ϡ (ϡᾶν / σαμπῖ)		

—	grego	(tsan/sampi)		900
—	latim	—		
—	português	—		

O grego tsan ou sampi se tornou obsoleto muito tempo atrás, mas serviu bem como numeral. Pelo fato de o tsan se parecer com um pi inclinado de um lado, ele passou a ser designado sampi (“como um pi”).

—	hebraico	ס (sâmeque)	são, falso	—
—	grego	ξ (csi)	táxi, axila	4
23	latim	x, X (ex, ix)	cs	
24	português	x, X (xis)	xícara, táxi, exato	

O X latino também era chamado ix (ícs), por conta da analogia com o nome da letra grega ξῖ (csi) — de onde ele procedia.

—	hebraico	—		
20	grego	υ, ϒ (ὖ ψιλόν) (ípsilon)	um, rua	
24	latim	y, Y (hū)	i	
25	português	y, Y	yin, yang	

Para acomodar palavras tomadas de empréstimo do grego, o latim adicionou a letra Y ao alfabeto. Seu nome antigo era provavelmente hū — seu nome grego originário. Ele também foi designado y graeca, isto é, ī graeca.

—	hebraico	ז (zaine)	zero, feroz	
—	grego	ζ (ζετα)	zero, feroz	
25	latim	z, Z (zeta)	zero, feroz	
26	português	z, Z	zero, feroz	

Para acomodar as palavras provenientes da língua grega, os falantes de latim também adicionaram a letra Z ao final do alfabeto e lhe deram o nome

idêntico ao grego. As letras latinas X, Y e Z eram usadas para transliterar palavras gregas.

—	hebraico	—		—
4	grego	δ, Δ (δέλτα) (delta)		4
4	latim			
4	português			

Comentários adicionais sobre o alfabeto

Os nomes das letras hebraicas e grega são todos acrofônicos: isto é, a primeira letra informa o valor fonético. Os nomes das letras latinas e portuguesas começam ou terminam com o valor fonético, com algumas exceções.Com a exceção de três nomes (épsilon, ômicron e ípsilon), os nomes de todas as outras letras terminam em vogal. (Todavia, esses três são, na verdade, nomes compostos.)

A última letra do alfabeto hebraico, T (tau), tem o valor numérico de 400. Mas os números em hebraico não terminam aí. As cinco formas finais de consoantes, ך ם ן ף ץ, ou um pequeno acréscimo feito com algumas outras letras, suprem a deficiência:

500 = ך ou 400 + 100 = תק

600 = ם ou 400 + 200 = תר

700 = ן ou 400 + 300 = תש ou 400 + 200 + 100 = תרק

800 = ף ou 400 + 400 = תת

900 = ץ ou 400 + 400 + 100 = תתק

Letras e sons de vogais clássicas

A pronúncia das vogais nas línguas clássicas é muito regular. Existem cinco vogais clássicas, cada vogal tem um som curto e outro longo, e duas vogais têm uma pronúncia consonantal, chamada semivogal.

O latim clássico originariamente apresentava um símbolo para cada vogal (longa, curta) ou as semivogais. Nas gramáticas latinas modernas e em outros lugares, a escrita latina moderna coloca um Macro (uma linha acima da letra, ¯) sobre a vogal para indicar que é longa (ā, Ā; ē, Ē; ī, Ī; ō, Ō; ū, Ū). Com menos frequência, a escrita latina moderna também adiciona dois símbolos para representar as duas semivogais (j, J para designar o som de “I” e v, V o som de “U”).

O grego antigo contava com um símbolo para cada vogal (longa, curto) e semivogal. O grego clássico posterior adicionou dois símbolos para representar o E (η) e o (ω) longos.

O hebraico originário não possuía nenhum símbolo para representar as vogais. As vogais eram acrescidas às consoantes — uma maneira elegante de dizer que as pessoas adivinhavam o significado da palavra a partir das consoantes.

O acréscimo das vogais sem dúvida confere maior precisão. Assim, no hebraico tardio, as consoantes passaram a receber pontos vocálicos para representar todas as vogais (longas, curtas) e semivogais. Outros pontos de vogal foram acrescidos para representar as vogais A, E e O muito curtas ou de meio-comprimento (hatef), e a vogal E extracurta.

As cinco vogais clássicas

A pontuação vocálica hebraica geralmente aparece abaixo das consoantes. Nos exemplos abaixo, usamos sempre a consoante Aleph (א).Os nomes das vogais hebraicas estão entre parênteses. (Hatef = curto; Hatuf = rápido)

A	Meia	Curta	Longa
Hebraico	אֲ (hatef patah)	אַ (patah)	אָ (qamets gadol)
Grego	—	α, A	α, A
Latim	—	a, A	ā, Ā

Português	—	a, A	a, A

A	Meia	Curta	Longa
Hebraico	אֲ (hatef patah)	אַ (patah)	אָ (qamets gadol)
Grego	—	α, A	α, A
Latim	—	a, A	ā, Ā
Português	—	a, A	a, A

E	Meia	Curta	Longa
Hebraico	אְ (shewa) אֱ (hatef segol)	אֶ (segol)	אֵ (tsere) אֵי (tsere yod)
Grego	—	ε, E	h, H
Latim	—	e, E	ē, Ē
Português	—	e, E	e, E

I	Meia	Curta	semivogal
Hebraico	אִ (hireq qatan)	אִי (hireq yod)	י (yod)
Grego	ι, I	ι, I	ι, I
Latim	i, I	ī, Ī	j, J
Português	i, I	i, I	i, I

O	Meia	Curta	Longa
Hebraico	אֳ (hatef qamets)	אָ (qamets hatuf)	אֹ (holem) וֹ (holem waw)
Grego	—	ο, O	ω, W

Latim	—	o, O	ō, Ō
Português	—	o, O	o, O

U	Meia	Curta	Longa
Hebraico	אֻ	וּ	וּ
Grego	υ, U	υ, U	υ, U
Latim	u, U	ū, Ū	v, V
Português	u, U	u, U	u, U

LIVROS SOBRE A PRONÚNCIA CLÁSSICA

Allen, William Sidney. *Vox Graeca*: A Guide to the Pronunciation of Classical Greek. Cambridge: Cambridge University Press, 3. ed., 1987.

_____. *Vox Latina*: A Guide to the Pronunciation of Classical Latin. Cambridge: Cambridge University Press, 2. ed., 1987.

Blass, Wilhelm Friederich. *Pronunciation of Ancient Greek*. W. J. Purton (trad.). Cambridge: Cambridge University Press, 1890.

Kent, Roland G. *The Sounds of Latin*, Baltimore: Linquistic Society of America, 1940.

Niedermann, Max. *Outlines of Latin Phonetics*. H. A. Strong; H. Stewart (orgs.). London: George Routledge & Sons, Limited, 1910.

Surtevant, Edgar H. *The Pronunciation of Greek and Latin.* Philadelphia: Linquistic Society of America, 2. ed, 1940.

Artigo Nove

A doutrina cristã Agostinho

Grande parte do tratado *A doutrina cristã* de S. Agostinho é uma defesa da instrução cristã em Gramática, Lógica e Retórica. Especialmente o Livro II, parágrafo 23 sobre Gramática, parágrafos 48-53 sobre Lógica, parágrafos 54, 55 e a maior parte do Livro IV sobre Retórica. Eis aqui alguns excertos do Livro II.

A DIALÉTICA

48. A ciência do raciocínio é de muitíssimo valor para penetrar e resolver toda espécie de dificuldades que se apresentam nos Livros santos. Só que se há de evitar o desejo de discussões (*libido rixandi*) e certa ostentação pueril de enganar o adversário.

Agostinho discute o argumento de Paulo presente em 1 Coríntios 15.12-20 de que, se não há ressurreição dos mortos, então Cristo não ressuscitou, então nossa pregação é vã, então somos falsas testemunhas, então a fé deles é em vão, então vocês ainda estão em vossos pecados, então aqueles que dormiram em Cristo pereceram.

RISCO DAS FALSAS CONCLUSÕES

49. Do mesmo modo, há conclusões legitimamente deduzidas de um raciocínio, as quais não são em si falsas, mas provindos de um princípio pronunciado erroneamente pelo interlocutor. Entretanto, um homem bom e douto pode refutar a afirmação errônea do interlocutor, para o fazer envergonhar-se do erro, do qual se seguiram as conclusões falsas e conseguir que ele as rejeite. Porque se ele persiste, fica obrigado a admitir as consequências que condena.

Assim, o Apóstolo não concluía nada de verdadeiro ao afirmar: “Se não há ressurreição dos mortos também Cristo não ressuscitou” (1Co 15.14) e ao acrescentar: “E se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a nossa fé”. Essas asserções e todas as seguintes são absolutamente falsas, porque Cristo ressuscitou, e tampouco são vãs a pregação dos que anunciam essa ressurreição e a fé dos que nela acreditavam. Entretanto, essas conclusões verdadeiramente falsas se deduziam da relação mantida com a afirmação dos que diziam não existir a ressurreição dos mortos. Elas seriam verdadeiras se os motos não ressuscitassem. Mas rejeitadas essas conclusões por serem falsas, a consequência será que os mortos ressuscitam.

Logo, já que há conexões lógicas não somente entre conclusões verdadeiras, mas também entre as falsas, é fácil aprender esse processo, até nas escolas que estão fora da Igreja. Quanto à verdade das sentenças, é preciso procura-las nos santos Livros eclesiásticos.

OS HOMENS APENAS CONSTATAM, NÃO CRIAM AS VERDADES

50. A mesma verdade dos raciocínios (*veritas counexionum*) não foi instituída pelos homens, mas constatada e posta em fórmulas por eles, para poderem aprendê-la ou ensiná-la. A verdade fundamenta-se de modo permanente na razão das coisas e foi estabelecida por Deus.

De fato, o historiador que narra a sucessão cronológica dos acontecimentos não foi quem a estabeleceu. O naturalista que nos faz ver a situação das regiões ou a natureza dos animais, das plantas e das pedras não nos descreve algo feito por ele ou por outros homens. O astrônomo que nos fala sobre os astros e seus movimentos não nos descreve algo criado por ele ou por homem qualquer. Ora, dá-se o mesmo com quem diz: Quando o consequente é falso, é necessário que o antecedente o seja". Diz algo muito verdadeiro, mas não foi ele quem assim estabeleceu. Contenta-se em constatar.

É a essa regra que se relaciona o erro que acabamos de mencionar a propósito do apóstolo Paulo. Pois o antecedentemente é: "Os mortos não ressuscitam", como diziam aqueles cujo erro Paulo queria destruía. O consequente necessariamente era: "Então Cristo, ele também, não ressuscitou". Ora, esse consequente sendo falso, o antecedente: "Os mortos não ressuscitam" será também falso. Eis brevemente todo o raciocínio de Paulo: "se não há ressurreição dos mortos, o próprio Cristo, não ressuscitou. Ora, Cristo ressuscitou, então os mortos ressuscitam". Ao suprimir o consequente, suprime-se o antecedente. E isso os homens não estabeleceram, mas constaram. Estra regra pertence à verdade do raciocínio, não à verdade mesma das sentenças.

Artigo Dez

O uso cristão da lógica

Você não encontrará a palavra “lógica” em sua concordância bíblica. Encontrará, contudo, palavras como “pensar, considerar, raciocinar”. Existe o bom raciocínio, o raciocínio pobre e o raciocínio perverso. O que a Bíblia diz acerca da “lógica”?

Começaremos com um pequeno estudo da palavra. Da palavra grega para raciocínio [διαλέγω: dialego] derivamos a palavra dialética, que é aquele ramo da lógica que ensina as regras e os modos de raciocínio. A palavra é usada treze vezes no Novo Testamento, sempre no sentido de “raciocínio”. Eis aqui alguns exemplos extraídos do livro de Atos:[1]

> Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los [na sinagoga] e, por três sábados, **arrazoou** com eles acerca das Escrituras, **expondo e demonstrando** ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio. Alguns deles foram **persuadidos**… — Atos 17.2-4, ARA
>
> Por essa razão, [Paulo] **discutia** na sinagoga com os judeus e os gregos tementes a Deus, e todos os dias na praça com os que ali se achavam. — Atos 17.17
>
> Ele **debatia** todos os sábados na sinagoga e convencia judeus e gregos. — Atos 18.4
>
> E chegaram a Éfeso, onde Paulo os deixou. E depois de entrar na sinagoga, começou a **discutir** com os judeus. — Atos 18.19
>
> Assim, Paulo entrou na sinagoga e, durante três meses, falava-lhes abertamente, **argumentando** e **convencendo** os judeus acerca do reino de Deus… [Paulo] separou os discípulos, **instruindo-os** [argumentando, arrazoando] diariamente na escola de Tirano. Isso aconteceu durante dois anos; de maneira que todos os que habitavam na Ásia, tanto judeus como gregos, ouviram a palavra do Senhor. — Atos 19.8-10
>
> No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão, Paulo, que devia seguir viagem no dia imediato, **exortava-os** [arrazoava]… prolongado **discurso** [arrazoado] de Paulo. — Atos 20.7,9
>
> [Félix] mandou chamar Paulo e ouviu-o acerca da fé em Cristo Jesus. E, **discorrendo** [arrazoando] ele sobre a justiça, sobre o domínio próprio e sobre o juízo vindouro… — Atos 24.24,25

Desses textos fazemos as seguintes observações:

1. 1. Era costume entre os judeus argumentar/arrazoar a partir das Escrituras em suas sinagogas.
2. 2. Argumentar/arrazoar inclui “demonstrar”, “apresentar” e “convencer”.
3. 3. Paulo argumentava a partir das Escrituras onde quer que fosse: sinagoga judia, mercado gentil, escola gentia, assembleia cristã e mesmo perante governantes gentios.
4. 4. A fé cristã é apresentada mediante argumentação e é disseminada por raciocínio contínuo e diário.

De tudo isso, podemos concluir que a lógica é importantíssima para a fé cristã. Mas quão importante?

— 1 Pedro 1.13; 2.2; 3.15

— Romanos 12.1,2

— 1 Coríntios 14.20

— 2 Coríntios 10.4,5

— Filipenses 1.17

Devemos desejar com afinco a lógica, sempre preparados para apresentar uma defesa lógica àqueles que pedem a razão da nossa fé, e sermos transformados por Deus mediante a renovação da nossa mente para provar a vontade de Deus por meio de um culto lógico. A lógica é central para a fé e prática cristãs. O que devemos fazer com essa lógica?

— Efésios 5.10,17

— Filipenses 1.10

— 1 Tessaloniceneses 5.21

— 1 João 4.1

— Atos 9.22

— 2 Coríntios 5.11

Mas nem todo raciocínio é sólido:

— Mateus 15.19

— Marcos 7.21

— Romanos 1.21; 8.6-8

Devemos ser cuidadosos daqueles que são irracionais e se infiltram na assembleia dos santos:

— 2 Pedro 2.1-3,12; 3.16

Esses homens, porém, difamam tudo que não entendem; **mesmo naquilo que compreendem por experiência natural, eles se corrompem como sereis irracionais**.
— Judas 10

Que estão sempre aprendendo, mas nunca podem chegar ao pleno **conhecimento** da verdade. — 2 Timóteo 3.7

LEIS FUNDAMENTAIS DA LÓGICA

Há três leis fundamentais da lógica e todas as três podem ser encontradas expressas na linguagem da Bíblia.

1. A *lei da identidade* diz que se alguma declaração é verdadeira, então ela é verdadeira — a verdade não muda.

> Eu, o SENHOR, não mudo. — Malaquias 3.6
>
> Em quem [Deus] não há mudança nem sombra de variação. — Tiago 1.17
>
> Mas ele já resolveu! Quem então pode desviá-lo? E ele fará o que quiser. — Jó 23.13
>
> [O homem de ânimo dobre] é inconstante em todos os seus caminhos. — Tiago 1.8

2. A *lei da não contradição* diz que nenhuma declaração pode ser tanto verdadeira quanto falsa ao mesmo tempo e no mesmo sentido.

> A Escritura não pode ser anulada. — João 10.35
>
> Nenhuma mentira procede da verdade. — 1 João 2.21
>
> Deus, que não pode mentir… — Tito 1.2
>
> É impossível que Deus minta… — Hebreus 6.18
>
> [Deus] não pode negar a si mesmo. — 2 Timóteo 2.13

3. A *lei do terceiro excluído* diz que qualquer declaração é verdadeira ou falsa, não existe outra possibilidade.

> Assim, todo aquele dentre vós que não renuncia a tudo quanto possui não pode ser meu discípulo. — Lucas 14.33
>
> Mas, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não seria graça. — Romanos 11.6

> Não podeis beber do cálice do Senhor e do cálice dos demônios. Não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa de demônios. — 1 Coríntios 10.21

Todos os outros princípios e operações da lógica são derivados dessas três leis. Se essas leis são encontradas na linguagem da Bíblia, e se a Bíblia é a verdade absoluta, e fonte das únicas proposições verdadeiras, então a ciência da lógica é uma ciência absoluta — quando realizada apropriadamente.

1 Extraídos da versão bíblica Almeida 21, salvo indicação em contrário. [N. do T.]

Artigo Onze

História e pesquisa do ensino de matemática

ARITMÉTICA FORMAL AOS 10 ANOS, UM PROCESSO ADIANTADO OU ATRASADO?

Provincialismo é o termo usado para descrever a opinião cuja perspectiva é tacanha e autocentrada. Por conta da prática comum da cultura atual de iniciar a instrução formal de aritmética já à idade de 4 ou 5 anos, muitas pessoas questionaram a sugestão de esperar até a criança chegar aos 10 anos para começar a instrução formal de aritmética.

A espera até os 10 anos para a instrução formal de aritmética é muitas vezes designada de maneira equivocada “início tardio” ou “ensino atrasado”. A perspectiva mais ampla examinaria mais que a simples prática prevalente de uma cultura particular em um período específico — em especial se a prática consistir na política imposta em larga escala pelo governo. Não afirmamos ter a última palavra sobre o assunto, mas o examinamos de modo mais amplo, e neste artigo apresentaremos algumas de nossas descobertas. Citaremos apenas uma pequena seleção das autoridades que encontramos, e você poderá formular a própria opinião antes de comentarmos.

O que diziam os antigos

Por mais estranho que pareça no início, torna-se muito claro que a adição, subtração, multiplicação e divisão — operações comparativamente simples, impostas aos nossos filhos enquanto ainda são muito novos — estavam, na antiguidade, muito além do horizonte de qualquer escola primária. O uso disseminado de tabuadas e máquinas de contas [ábacos] demonstra não serem muitas as pessoas capazes de realizar somas — e isso permaneceu verdade até uma data bem mais distante, mesmo nos círculos de pessoas que estudaram.

— *A History of Education in Antiquity* [Uma história da educação na Antiguidade], Henri I. Marrou. Tradução de George Lamb. Sheed & Ward: London, 1956, p. 158.

O que fizeram as pessoas da Idade Média e do período posterior

[p. 204] Antes da Reforma não ocorreu nenhuma realização relativa à educação pública na Inglaterra (ou foram muito poucas). Nos mosteiros os monges davam alguma instrução, mas não se tem evidência de que qualquer ramo da matemática tenha sido ensinado aos jovens (uma ideia do estado do conhecimento aritmético pode ser obtida de um antigo costume em Shrewsbury, onde uma pessoa era considerada idosa quando sabia contar até 12 centavos. Confira a obra *Primitive Culture* [Cultura primitiva], de Tylor [New York, 1889, vol. 1], p. 242). [...] No século XVI, com a supressão dos monastérios, escolas foram fundadas em números consideráveis [...] e, por séculos, serviram para educar principalmente os filhos de nobres e aristocratas. Nessas escolas se estudavam quase de maneira exclusiva os clássicos antigos; desconhecia-se ali o ensino de matemática. Talvez as demandas do cotidiano impusessem aos meninos o conhecimento dos números e das operações mais simples, mas estamos certos de afirmar que,

antes do fim do último século, o menino comum das escolas públicas mais famosas da Inglaterra [p. 205] era incapaz de dividir 2021 por 43, ainda que esses problemas tivessem sido apresentados séculos antes, de acordo com os ensinamentos de Brahmagupta e Bhaskara, por meninos criados nas margens longínquas do Ganges. [...] Todas as informações que se podem encontrar a respeito da educação das classes mais altas apontam para a conclusão de que a aritmética foi negligenciada, e que De Morgan estava certo na declaração de que no final do século XVIII não havia nada parecido com um professor de aritmética nas escolas como Eton. Em 1750, Warren Hastings, [p. 206] que frequentava Westminster, foi colocado em uma escola comercial para poder estudar aritmética e contabilidade antes de partir para Bengala.

Pouco era feito nas universidades em relação à matemática antes da metade do século XVII. [...] No governo da rainha Elisabete foram fornecidos novos estatutos, excluindo de modo total a matemática dos cursos não universitários, presumivelmente porque esse estudo pertencia à vida prática, e poderia, assim, não atrair a atenção para a universidade. [...]

[p. 207] Esse desprezo e ignorância da arte de contar por todas as classes menos comerciais ocorria na Alemanha e na Inglaterra.

Apenas antes do presente século que a aritmética e os outros ramos da matemática foram admitidos nas escolas públicas da Inglaterra. Em Harrow (1829), “foram estudados pela primeira vez as frações comuns, Euclides, geografia e história moderna”. No Merchant Taylors’ School “a matemática, a escrita e a aritmética foram acrescidas em 1829”. Em Eton, a matemática só se tornou compulsória depois de 1851.

Como a arte de cálculo não era mais considerada parte da educação liberal que a arte de fazer sapatos, é natural que o estudo de aritmética seja relegado às escolas comerciais. O pobre menino às vezes a estudava; o menino rico não precisava dela. Ela era desconhecida nas escolas latinas, mas nas escolas para os pobres ela era ensinada às vezes...

[p. 217] Os primeiros textos sobre aritmética usados nas colônias americanas consistiam em obras inglesas. [...] O primeiro texto de aritmética escrito e impresso nos Estados Unidos surgiu anonimamente em Boston no ano de 1729. Embora fosse um trabalho de mérito considerável, parece ter sido muito pouco usado. [...] Em 1788, apareceu em Newburyport *New and Complete System of Arithmetic* [Novo e completo sistema de aritmética] de Nicholas Pike. [...]. Ele se destinava às escolas mais avançadas. [...] [p. 218] A reforma no ensino da aritmética nos Estados Unidos só teve início com a publicação do livro de Warren Colburn, em 1821, [p. 219] *Intellectual Arithmetic* [Aritmética intelectual]. Esse foi o primeiro fruto das ideias de Pestalozzi em solo americano. [...] O sucesso desse pequeno livro foi extraordinário. No entanto, os professores americanos nos dias de Colburn, e muito depois, jamais foram bem-sucedidos em enxertar os princípios de Pestalozzi na aritmética escrita. [...]

— *A History of Elementary Mathematics with Hints on Methods of Teaching* [A história da matemática elementar com sugestões de métodos de ensino], Florian Cajori. London: Macmillan Company, 1917, pages 204-207, 217-219.

... *The American Calculator* [O calculador americano], publicado pela primeira vez em 1828 [...] é típico do Período Colonial. O texto foi usado por alunos mais velhos (a partir dos 11 anos). Ele era completo, não um volume de uma série como os textos que surgiram nos anos posteriores.

— *Readings in the History of Mathematics Education* [Leituras sobre a história da educação matemática], James K. Bidwell; Robert G. Clason, orgs. National Council of Teachers of Mathematics: Washington (D.C.), s. d., p. 2.

... O estudo de [aritmética] costumava ser adiado até um período mais tardio. Os alunos com menos de 12 ou 13 anos de idade não eram considerados capazes de aprendê-la e, de modo geral, não eram capazes. Muitas pessoas eram obrigadas a abandonar a escola antes de terem idade suficiente para iniciar o estudo.

— *Readings in the History of Mathematics Education* [Leituras sobre a história da educação matemática], p. 25, extraída de “Teaching of Arithmetic” [“Ensino de aritmética”], texto de um discurso feito por Warren Colburn no American Institute de Instruction [Instituto Americano de Instrução] em Boston, agosto de 1830, reimpresso de *Elementary School Teacher 12* (June 1912): 463-480.

[No início do século XVII, o currículo do ensino fundamental] estava quase certamente confinado à gramática latina, ao Catecismo e ao estudo bíblico. [...] Os alunos que chegavam a Oxford e Cambridge muitas vezes não tinham nenhum conhecimento dos numerais arábicos, para não dizer nada das operações aritméticas elementares.

— *A History of Mathematics Education in England* [Uma história da educação matemática na Inglaterra], Goeffrey Howson. Cambridge: Cambridge Universidade Press, 1981, p. 30.

Quando a situação mudou

... Pestalozzi. A ele (1803) se deve o maior ímpeto no ensino racional da aritmética para crianças. As características essenciais de sua reforma são as seguintes: 1) Ele ensinava aritmética à crianças assim que elas entravam na escola, baseando seu trabalho na percepção. 2) Insistia no conhecimento dos números e das operações mais simples, usando objetos, antes do ensino das representações gráficas. 3) Lidava com o tema das frações da mesma maneira. 4) Tornou a aritmética o assunto mais destacado na escola, e à sua influência se deve a proeminência atual. 5) Enfatizou a aritmética oral, um movimento que levou ao grande sucesso de Warren Colburn nos Estados Unidos. [...] Tuerk (1816) não desejava a aritmética no que chamamos “primeira série”, nem antes que a criança atingisse a idade de 10 anos, e dessa ideia existe no presente apenas um renascimento temporário como se fosse uma nova descoberta, apesar de seu caráter quase universal antes de Pestalozzi.

— *A Cyclopedia of Education* [Uma enciclopédia de educação], Paul Monroe, org. New York: The Macmillan Co., 1919, vol. 1, artigo em *The History of Teaching Arithmetic* [A história do ensino aritmético], David Eugene Smith. New York: Columbia University, p. 206.

Resumo da evidência histórica

O material que lemos indica que o ensino formal de aritmética às crianças não era praticado pelas pessoas mais antigos, pelas pessoas na Idade Média, nem nos tempos posteriores. Na verdade, era comum a suspensão da instrução formal de aritmética até as pessoas alcançarem 15 ou 18 anos.

Só no século XVI a aritmética começou a ser ensinada às crianças de até 12 anos, ou mesmo 10.

Pestalozzi, no início do século XIX, começou a ensinar aritmética a crianças de 6 ou 7 anos, embora a prática de esperar até os 10 anos tenha persistido até o século XX.

Portanto, esperar até os 10 anos para ensinar aritmética equivale na verdade, sob a perspectiva histórica, advogar o “início precoce”. Só a partir da perspectiva moderna de fato — da perspectiva provincial — esperar até os 10 anos pareceria consistir no “início tardio”. Não descobrimos nenhum material capaz de indicar o contrário.

A pesquisa é citada aqui para demonstrar o ponto em destaque. Reconhecemos que os estudos se encontram abertos a interpretações variadas.

Ineficiente, ponto

> ... a primeira infância pode ser apenas um período ineficiente em que se tenta ensinar habilidades que podem ser aprendidas um pouco mais rápido na adolescência.
>
> — "Prime Time for Education: Early Childhood or Adolescence?" ["O período especial para a educação: a primeira infância ou a adolescência?"], William D. Rohwer Jr., *Harvard Educational Review*, vol. 41, No. 3, August 1971, p. 316 (do resumo).

As crianças não se saem melhor na matemática, mas aprendem a odiar a escola

Em um estudo transnacional de êxito em matemática (Husen, 1967), amostras estratificadas foram retiradas da população total de todos os alunos matriculados na série modal para crianças de 13 anos em 12 nações diferentes: Finlândia, Alemanha, Japão, Suécia, Bélgica, França, Israel, Holanda, Austrália, Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Entre outras observações, foi obtida uma pontuação para cada aluno em uma realização padronizada de teste de matemática e, em uma relação de posicionamentos, em uma escala projetada para refletir o grau de atitude positiva para com a escola. Para cada amostra nacional, também foi obtida a informação sobre a idade média do ingresso na escola. Assim, é possível classificar as amostras em termos de idade no ingresso escolar e obter coeficientes de correlação de classificação entre essa variável e as pontuações médias de testes de matemática classificadas e pontuações médias da atitude em relação à escola. Os resultados revelam a correlação negativa insignificante entre a matrícula na escola e os resultados em matemática realização (rho = -. 06, p>. 05) e a

forte correlação negativa entre a idade da matrícula e a atitude em relação à escola (rho = -. 72, p<. 01). O desempenho médio dos alunos nos testes de matemática não melhorou de forma significativa em função dos anos adicionais de escolaridade, apesar do fato de os pontos extremos das nações participantes da amostragem terem sido separados por quase dois anos de trabalho acadêmico formal. Mais alarmante é a sugestão inerente à alta correlação negativa entre a idade da matrícula e a atitude em relação à escola: quanto mais tempo o aluno esteve matriculado antes de ser testado, mais negativa a atitude em relação à própria escola. Sem dúvida, não há nenhuma indicação nesses resultados de que a revisão da idade obrigatória do ingresso escolar seja capaz de melhorar as chances de sucesso escolar subsequente.

É claro que se pode afirmar que esses resultados não lidam de modo direto com a questão, uma vez que o argumento a favor da matrícula escolar precoce é mais persuasivo para crianças de baixa renda. O relatório Husen (1967), no entanto, lida diretamente com esse ponto. Para todos os alunos testados, foram obtidas informações que permitem a categorização da ocupação do pai. Como consequência, os coeficientes de correlação podem ser calculados em separado para os dois grandes grupos de cada amostra nacional, ou seja, para as ocupações que se enquadram nas categorias de maior nível socioeconômico (clerical até profissional) e para as que incorrem em categorias mais baixas de nível socioeconômico (qualificadas por um manual não qualificado). As correlações entre os resultados entre idade da matrícula e bons resultados nos teste de matemática não são muito diferentes de zero em todos os casos, mas é interessante notar que o coeficiente das categorias de nível socioeconômico mais altas é positivo (rho = +. 19, p>. 05), ao passo que para as categorias de nível socioeconômico mais baixas é negativo (rho = -. 39, p>. 05). Assim, mesmo na versão qualificada, a presunção de que a matrícula precoce na escola promove o êxito em crianças de famílias de baixa renda não encontra apoio nos resultados do estudo de Husen (1967); na verdade, os dados parecem contradizer esse pressuposto.

Nos exemplos, pode-se encontrar apoio para a afirmação de que a legitimação de demandas curriculares em termos de sucesso extraescolar posterior é vulnerável em relação ao momento tipicamente rígido dessas demandas.

— “Prime Time for Education: Early Childhood or Adolescence?” [“O período especial para a educação: a primeira infância ou a adolescência?”] p. 322.

Reserva fracionária

Pesquisas sobre a determinação e o preparo para a série tiveram dois efeitos no currículo de aritmética. Eles são mais conhecidos como o currículo “ampliado” e o currículo “estendido”. O currículo ampliado se deve, em grande parte, ao estudo do Committee of Seven [Comitê dos Sete]. [...] Durante alguns anos, e em centenas de cidades, o comitê buscou determinar o nível de idade mental em que vários tópicos poderiam ser ensinados de forma cabal. De forma emblemática, descobriu-se que a adição de frações equivalentes demandava a idade mental de 10 a 11 anos, e as frações não equivalentes, 14 a 15 anos. A divisão de dois dígitos exigia a idade mental de 12 a 13 anos. Como resultado, muitos tópicos selecionados de cursos e livros didáticos foram alterados para níveis mais altos. Daí o nome currículo “ampliado”. [...]

Benezet, em Manchester (New Hampshire), realizou um estudo e concluiu a partir dele: “Se eu fizesse do meu jeito, omitiria a aritmética das seis primeiras séries. [...] Toda a matéria poderia ser postergada até a sétima série [...] e dominada em dois anos de estudo”. Isso levou muitas pessoas a concluir de forma errada que toda a aritmética poderia ser adiada até a sétima série. No entanto, observações mais detalhadas demonstraram o ensino de vários aspectos da aritmética a primeira à sexta séries. Thiele visitou as escolas de Manchester e disse: “A observação em primeira mão me leva a concluir que Benezet não provou que a aritmética pode ser ensinada de forma secundária. [...] Em vez disso, ele forneceu provas conclusivas de que as

crianças lucram muito com o programa de aritmética organizado para destacar conceitos numéricos, relações e significados. Buswell descobriu que Benezet só havia adiado a aritmética "formal", todos os outros aspectos do currículo desejável de aritmética estavam presentes. Buswell disse sobre a aritmética formal: "Eu gostaria de eliminá-la de modo completo". Sobre o mesmo tópico, "aritmética postergada", diz Brueckner: "Não se deve concluir a partir desses estudos que a aritmética deva ser postergada, [p. 18], e sim que a introdução da aritmética social nos primeiros anos não resulte em nenhuma perda de eficiência quando o aspecto computacional formal da atividade for introduzida mais tarde, digamos, na terceira série".

— *What does Research say about Arithmetic?* [O que diz a pesquisa sobre a aritmética?], Vincent J. Glennon; C.W. Hunnicutt. Washington: National Education Association, 1952, p. 17.

Conduza-os à abstração

Harris destacou que nos primeiros estágios do desenvolvimento da mente, o processo matemático é sem dúvida mais complexo que os outros processos mentais ocorrentes no momento.

"A razão para ele demandar a atividade mais alta que exigida para cogitar sobre a quantidade [número abstrato] e entender a matemática que para perceber a qualidade (ou coisas e ambientes) [objetos físicos] se encontra bem nesse ponto. O pensamento acerca da quantidade é duplo. Primeiro, pensa-se na qualidade [objeto] e depois se nega o pensamento, ou se afasta dele. Em outras palavras, ele a retira da qualidade. Considera em primeiro lugar o objeto e o ambiente (qualidade); a seguir considera os dois da mesma espécie ou como repetições. O objeto se torna uma unidade [número] quando é repetido de modo que esteja no ambiente que duplica a si mesmo [número entre números]".

Várias consequências muito importantes para o ensino prático de matemática podem ser extraídas do fato formulado.

O processo matemático não pode ser introduzido antes de [p. 50] há um estoque considerável de fatos qualitativos na mente da criança com os quais trabalhar — não até os poderes mentais da criança estarem desenvolvidos o suficiente para dar os passos implícitos até mesmo no conceito matemático mais simples. Trata-se da questão de não tender a apresentar as abstrações matemáticas cedo demais. Espera-se que o garoto alemão que entra no ginásio com 9 anos de idade conheça apenas as quatro operações fundamentais sobre números inteiros, e no primeiro ano (correspondente à quarta série [dos EUA]) ele aprenda mais sobre o sistema de pesos e medidas alemães (sistema decimal) e a operação mais simples com decimais; a essa altura, nossos filhos são apresentados às complexidades das frações comuns e decimais, ao nosso sistema de pesos e medidas, muito mais complicado que o sistema internacional (decimal) usado na Alemanha, e às vezes até mesmo à porcentagem e ao de números genéricos (literais). Entretanto, o menino alemão não chega por último na corrida (uma década depois).

[p. 100] Sugeriu-se até mesmo a dispensabilidade total do estudo formal de matemática; entretanto, o ensino da matemática antes do nível superior, pelo menos, poderia ser desenvolvido em caráter incidental a partir do estudo dos fenômenos naturais. Apesar do caráter extremado da proposta, nela se encontram vários pontos positivos; no entanto, é preciso chegar o momento em que a criança perceba que poupará muito trabalho se ela criar uma ferramenta matemática e a praticar o suficiente para desenvolver a certa habilidade no uso dela. A aplicação concreta dá gosto à atividade, mas devem ocorrer ocasiões em que o próprio processo matemático seja uma fonte de interesse.

— *The Teaching of Mathematics in the Elementary and the Secondary School* [O ensino da matemática na escola primária e secundária], J. W. A. Young. New York: Longmans, Green e Co., 1919, p. 49, 50, 100.

A postergação das aulas de matemática

[p. 288] Vários grupos de pesquisa importantes sobre o ensino da aritmética contribuíram com descobertas que levaram as escolas a fazer mudanças na organização do currículo. Um grupo de estudos lidou com o efeito de postergar ou adiar o ensino da aritmética nos primeiros anos. Incluídos no grupo estão os estudos de Ballard, de 1912, Taylor, de 1916, Wilson, de 1930, e Benezet, de 1935-1936. Neles, a instrução de aritmética formal foi omitida em um grupo e administrada como de costume em outro. No final do período experimental, as realizações comparativas dos dois grupos foram medidas. Em cada caso, o experimentador recomendou o adiamento da aritmética "formal": Ballard por 2 anos ou aos 7 anos de idade, Taylor por 1 ano, Wilson por 2 anos e Benezet até a 5.ª série.

Com base nesses e em outros estudos, o plano de eliminar a instrução aritmética formal da primeira e segunda séries, às vezes também da terceira série, foi adotado por um número considerável de sistemas escolares. Em alguns deles, não existe nem sequer um plano aprovado de aritmética informal ou incidental. Esse procedimento não reconhece certos fatos muito importantes sobre os estudos mencionados acima. A leitura cuidadosa dos relatos dos quatro experimentos demonstrou que, apesar de a prática formal em processos de cômputo ter sido adiada nos grupos experimentais, houve um grande uso nessas classes de vários tipos de atividades, jogos, projetos e situações sociais em que a criança foi posta em contato com números e lhe foi dada a oportunidade de usá-los informalmente de formas significativas. É especialmente claro nos estudos de Wilson e Benezet que a aritmética não foi de fato adiada. Torna-se evidente, nesses dois estudos, que a aritmética do cômputo foi substituída pelo que designei antes neste artigo aritmética social. Em cada estudo, o plano era destacar o significado dos números, desenvolver a compreensão de como o número funciona no cotidiano das crianças, dentro e fora da sala de aula, e desenvolver a chamada "prontidão" para o atividade mais formal a seguir.

— *Mathematics Teacher* [Professor de matemática], volume 31, October, 1938, p. 287-292, no artigo “Deferred Arithmetic”, Leo J. Brueckner, de uma apresentação lida no encontro anual do National Council of Teachers of Mathematics em Atlantic City (26 de fevereiro de 1938).

Dois anos antes da matemática

[p. 195] Antes de iniciar qualquer discussão útil do tópico, é sábio esclarecer a questão. Embora a proposta de adiar partes da aritmética tenha sido feita de tempos em tempos por várias décadas, o interesse bastante difundido na atualidade foi, sem dúvida, estimulado de forma bastante direta pela série de três artigos escritos pelo superintendente Benezet e publicados na *Journal of National Education Association* [Revista da Associação Nacional de Educação] em 1935 e 1936. No primeiro desses artigos, o sr. Benezet expressou sua crença da seguinte forma: “Se eu fizesse do meu jeito, omitiria a aritmética das seis primeiras séries. [...] Todo o assunto da aritmética poderia ser adiado até a sétima série escolar e poderia ser dominado em dois anos de estudo por qualquer criança normal”.

— *The Mathematics Teacher* [O professor de matemática], volume 31, number 5, May 1938, no artigo “Deferred Arithmetic” de G. T. Buswell, p. 195-200.

A guerra da coreia[1]

... As ideias exageradas sobre a eficácia da aritmética no cultivo da mente e no excesso de pressão resultante do treinamento prematura são condenadas com força pela higiene [mental]. [...]

... Um médico inglês, dr. Sturgis, estudou a coreia infantil, e em muitos desses casos deviam-se, de acordo com ele, a causas relacionadas à atividade escolar, sendo a aritmética considerada por ele um fator especial na produção do distúrbio. No caso de uma criança nervosa, ele afirma que as atividades de somas podem causar coreia. [p. 643: Coreia é uma contração nervosa

irregular de um músculo ou grupo de músculos, acompanhada de irritabilidade, esquecimento, distúrbios do sono, dificuldades visuais. A maioria dos casos começa entre os 5 e 10 anos e geralmente desaparece depois que a criança é retirada da sala de aula e da execução dos trabalhos escolares por três meses.] No caso de algumas crianças, como foi destacado pelo general Walker, o trabalho da aritmética é uma causa frequente de preocupação e interferência no sono. Quando as crianças realizam somas nos sonhos, esse é um sinal de perigo. [...] Certos hábitos de interferência de associação, certas apreensões, como foram chamadas pelo dr. Triplett, ilustram muito bem os efeitos secundários de certos métodos e processos de aprendizado.

As formas numéricas às vezes ilustram os efeitos secundários da instrução. Os hábitos representam não só o lastro mental, mas também, de modo mais geral, a interferência de associação e, muitas vezes, os germes de neuroses patológicas. Estas são provavelmente muito comuns. É provável que o hábito de contar — ou aritmomania — tenha vários representantes em cada classe, de acordo com as pesquisas de Triplett. Essa é uma desvantagem real, pois preenche a mente com ideias quantitativas para a exclusão de relações causais.

A higiene se preocupa de forma especial com o problema da idade em que deve ser iniciada a atividade com a aritmética. A fim de responder essa questão é necessário considerar com brevidade as operações mentais envolvidas na atividade aritmética. No estudo mais simples dos números e das relações numéricas, na adição, subtração e o resto, o processo de aprendizado consiste principalmente em realizar associações habituais. A higiene exige aqui sua formação natural e que se evite a interferência de associação ou confusão mental.

Mais uma vez: todos os tipos de métodos e dispositivos objetivos foram desenvolvidos no ensino de aritmética para crianças muito pequenas, e eles são considerados necessários para a instrução. Além disso, parece que as

formas numéricas e similares, comuns para os adultos, são desenvolvidas nos primeiros anos de instrução. É provável que se desenvolvam a partir delas hábitos de pensamento artificiais e grotescos, como ilustram as chamadas apreensões do dr. Triplett e algumas das formas numéricas.

O problema da idade apropriada para o início do estudo da aritmética é parecido com isso. Com que idade uma criança pode ser treinada em processos aritméticos sem o auxílio de dispositivos artificiais e afins que provavelmente persistirão como apreensões ou hábitos de interferência de associação? E com que idade o estudo da lógica deve ser iniciado? Com que idade a criança demonstra interesse crescente pela atividade aritmética? Não existem dados adequados hoje para responder a essas perguntas, mas até que mais pesquisas sejam feitas, o veredicto higiênico é que a instrução formal e comum da aritmética seja adiada até pelo menos 8 ou 10 anos. O fisiologista italiano, Mosso, o presidente G. Stanley Hall, o professor Patrick, e outros concordam em condenar a instrução formal sobre a matéria antes dessa idade. “A matemática em todas as formas”, escreve o professor Patrick, “é um assunto bastante inadequado para a mente infantil. Ela mão lida com coisas reais, mas com abstrações. Quando se refere a objetos concretos, não trata dos próprios objetos, mas de suas relações entre si. Envolve comparação, análise e abstração. [...] As formas grotescas dos números que tantas crianças têm, e que se originam nesse período, evidenciam a necessidade sentida pela criança de dar algum tipo de forma corporal a essas abstrações que é obrigada a estudar”.

Os ensinos práticos da higiene da instrução relativa à aritmética podem ser resumidos à luz do conhecimento atual da seguinte forma: a instrução formal nesse tema não deve ser iniciada antes dos 8 ou 10 anos. A atividade aritmética da criança antes disso deve ser espontânea. Ao adiar a aritmética até esta idade, é possível, na maior parte do tempo, eliminar dispositivos e métodos artificiais que possam levar a apreensões ou interferências posteriores de associação. A atividade aritmética deve ser simples, e os

exemplos complexos de lógica e similares devem ser eliminados. No caso de crianças nervosas, cuidados especiais devem ser tomados para evitar a preocupação e o desenvolvimento de neuroses como a coreia. Em geral, deve-se dar atenção especial nesse assunto aos efeitos secundários importantes do ponto de vista da higiene mental.

— *Cyclopedia of Education* [Enciclopédia de educação], p. 208, artigo de William H. Burnham, Ph.D., professor de Pedagogia e Higiene Escolar da Clark University, em Worcester.

Moore diz menos

[p. 10] Em 1972, sob os auspícios da Hewitt Research Foundation [Fundação de Pesquisas Hewitt], realizamos uma ampla investigação de cerca de 3 mil fontes sobre educação infantil e outras literaturas. [...] A investigação da Hewitt [...] traçou a ideia única da prontidão escolar. [...] Nós então verificamos com cuidado a bibliografia de itens relevantes de outras fontes [...] Essas várias fontes renderam mais de 7 mil estudos e artigos. [...] Cerca de mil itens foram analisados de perto e categorizados, dos quais 700 ou mais foram incluídos aqui.

[p. 11] Scott adverte com sabedoria que muitas “pesquisas” sobre a educação não produzem novas informações que possam ser usadas além da própria situação. [...] No entanto, quando os resultados desses estudos, acrescidos aos resultados de muitos outros estudos, todos apontam na mesma direção, as implicações merecem exame.

... É obviamente não acadêmico, antiético e insensato abandonar uma possível verdade porque ela não concorda com o conhecimento aceito hoje ou com a prática convencional. Algumas tendências aqui identificadas na literatura infantil são provocantes nesse respeito.

... Eis um desafio aos acadêmicos defensores da matrícula precoce para o reexame desse dilema que envolve as crianças.

[p. 140] ... [Rohwer] demonstrou que os efeitos [da instrução precoce de matemática] apontados por Austin não foram estatisticamente significativos. O ponto significativo foi a forte correlação negativa entre a idade da matrícula na escola e a atitude em relação à escola. Os anos adicionais na escola não contribuíram de forma significativa para o desempenho médio em matemática; todavia, quanto mais cedo as crianças começam a ingressar na escola, mais negativas foram as atitudes em relação a ela.

[p. 141] ... A prontidão para o desenvolvimento, no entanto, ainda era o fator mais importante para fazer aritmética e entender o significado do parágrafo.

... Certo número de estudos atesta que [...] quanto mais jovem uma criança ao ser matriculada na escola, mais a idade cronológica parece afetar o progresso ao longo da vida escolar. Registros cumulativos do período de seis anos revelaram uma desvantagem contínua, ainda que, como grupo, tivessem um QI ligeiramente maior que quem ingressou na escola 6 a 9 meses depois. As crianças do grupo mais jovem também tinham maior probabilidade de não serem promovidas naquela série.

... Os resultados de Feyberg mostraram que os resultados escolares bem-sucedidos em áreas que exigem o uso de conceitos — como números, classes, relações espaciais e causais — se correlacionavam bastante com a idade mental. Desenvolver estes conceitos foi associado de modo especial ao sucesso em aritmética, resolução de problemas e soletração.

[p. 142] ... Strom observou que o valor excessivo atribuído ao desempenho acadêmico e às pressões para crescer e alcançar bons resultados mais cedo poderiam ser prejudiciais ao desenvolvimento pessoal. [...]

[p. 228] Se, como os neurofisiologistas sugerem, a estrutura e a função cerebral se movimentarem juntas, exigindo que a criança desempenhe tarefas para as quais não está totalmente preparada, corre-se o risco de causar danos ao sistema nervoso central. Isso pode também causar dificuldades potenciais

nos aspectos afetivos e motivacionais do aprendizado devido à frustração, pois as "ferramentas" do aprendizado ainda não estão prontas. *Descobertas recentes* [...] *confirmam isso*. [Grifos nossos.]

... Se esperamos que a leitura e a aritmética se baseiem no entendimento, e não na memorização, a postergação do treinamento formal nessas áreas parece sábio — embora seja desejável a educação informal por meio dos pais. Alguns estudiosos e clínicos concluem que a educação formal deve esperar até os 10 aos 14 anos de idade. Fortes evidências clínicas indicam que a exposição precoce ao chamado estímulo escolar muitas vezes destrói a motivação infantil para aprender. Na terceira ou quarta série, muitas crianças ficam presas em um patamar motivacional e jamais recuperarão o entusiasmo inicial. A maioria dos professores primários concorda com isso.

— *School Can Wait* [A escola pode esperar], Raymond S.; Dorothy N. Moore et. al. Provo: Brigham Young Universidade Press/Berrien Springs: Hewitt Research Foundation, 1982.

O cérebro é plano, destende-se se for pressionado

[p. 66] Os axônios, ou as saídas dos neurônios, desenvolvem de forma gradual um revestimento de substância cerosa chamada mielina, que isola a fiação e facilita a transmissão rápida e clara. Ao nascer, apenas os sistemas mais primitivos, como os necessários para sugar, foram [p. 67] revestidos com mielina. [...] O processo de mielinização do cérebro humano só é completado quando a maioria de nós alcança as duas décadas de existência. Estudos em animais mostraram que a mielina total pode refletir níveis de estímulo; assim, os cientistas acreditam que sua ordem de desenvolvimento é predeterminada principalmente por um programa genético.

Enquanto o sistema, de modo geral, é notavelmente responsivo ao estímulo do ambiente, o cronograma da mielinização parece colocar alguns limites em torno de formas "adequadas" de aprendizagem em qualquer idade. [...] Devemos parar por um momento para discutir alguns riscos potenciais

em tentar “fazer” a inteligência ou o aprendizado acontecer em demasia. Hoje, alguns déficits de habilidades infantis podem ter resultado, na verdade, de demandas acadêmicas erradas — em conteúdo ou em modo de apresentação — por conta do nível de desenvolvimento das crianças.

A mesma mentalidade que tenta organizar o estímulo do cérebro dos bebês também tenta empurrar o aprendizado dos alunos escolares com um método muito parecido com o enchimento de salsichas. Por exemplo, alguns pais agora se perguntam se a escola é boa se não começar a instrução formal de leitura, acompanhada com planilhas, na pré-escola. [...] Antes de as regiões cerebrais serem mielinizadas, elas não operam com eficácia. Por essa razão, tentar “fazer” com que as crianças dominem habilidades acadêmicas para as quais não têm a maturidade necessária pode resultar em padrões misturados de aprendizado. Como vimos, a essência da plasticidade funcional é que qualquer tipo de aprendizado — leitura, matemática, ortografia, caligrafia etc. — pode ser realizado por qualquer um de vários sistemas [cerebrais]. Naturalmente, queremos que as crianças liguem cada peça de aprendizado ao melhor sistema para a função particular. No entanto, se o caminho certo ainda não estiver disponível ou funcionando sem problemas, forçá-lo pode criar uma organização funcional em que os sistemas menos adaptáveis, ou “inferiores”, são treinados para realizar o trabalho.

[p. 68] ... Como exemplo, tomemos o tipo de raciocínio necessário para entender a matemática de nível avançado (são só memorizá-la). Talvez alguns leitores deste livro tenham passado por uma experiência em comum quando tiveram aulas de álgebra: muitos de nós funcionaram adequadamente até chegarmos a Chicago, onde dois aviões insistiam em passar um ao outro todos os dias em que havia aula. Quando não eram aviões, eram trens ou pessoas cavando poços ou outras situações que não pareciam de forma alguma relacionadas a gráficos e [p. 69] equações de X, Y, e Z. Pessoalmente, descobri que quanto mais eu lutava, mais confuso ficava, até que logo eu estava aprendendo mais confusão que álgebra. Além disso,

comecei a acreditar que era muito burro. Estaria eu começando a desenvolver o que Herman Epstein chama “redes neurais negativas” (circuitos resistentes) em relação a esse tema digno?

Tendo fugido dos cursos de matemática na primeira oportunidade disponível, passei a conversar, daí em diante, com outros adultos que confidenciaram ter passado por experiências semelhantes e também evitavam a matemática até serem forçados, anos depois, a fazer um curso obrigatório na pós-graduação. Nesse momento, o cérebro adulto descobriu que de fato gostava desse tipo de raciocínio. [...]

No exemplo pessoal, é bem possível que o equipamento neural necessário para a álgebra — ensinada dessa maneira particular — possa ainda não ter sido disponibilizado no meu cérebro de adolescente precoce. Os pontos que recebem a última dose de mielina são as áreas de associação responsáveis por manipular conceitos muito abstratos — como símbolos (X, Y, Z; gráficos) que representam outros símbolos (relações numéricas) que representam algo real (aviões, trens, poços). Esse aprendizado depende muito da experiência; portanto, existem muitas rotas neurais potenciais pelas quais ele pode ocorrer. Tentar aprofundar o aprendizado de alto nível em cérebros imaturos pode forçá-los a atuar com sistemas de nível inferior e, assim, prejudicar a habilidade em questão. Eu diria que grande parte do insucesso escolar hoje resulta de expectativas acadêmicas para as quais o cérebro dos alunos não estava preparado — mesmo assim, eles foram coagidos na direção delas. [...]

O cérebro cresce melhor quando é desafiado, por isso os padrões elevados são importantes para o ensino das crianças. No entanto, o currículo precisa ser considerado nos termos do desafio apropriado para o cérebro. Reorganizar as sinapses é muito mais difícil que ter paciência para ajudá-las a se organizar adequadamente na primeira vez!

[p. 289] Extrair regras de sistemas gramaticais e usos deve ser ensinado quando a maioria dos alunos se encontra no ensino médio. Então, se preparados de antemão, eles podem até aproveitar os desafios desse tipo de

raciocínio abstrato e lógico. Contudo, apenas no caso de os circuitos já não estarem muito confusos pelo ensino das regras.

Uma aluna da nona série que me procurou no ano passado pedindo ajuda com a gramática estava desesperadamente confusa sobre as partes mais simples do discurso. Embora ela fosse inteligente e pudesse, com sua idade, aprender a matéria em uma semana, ela tinha sido vítima de exercícios de "gramática" sem sentido desde a segunda série. Enquanto eu e Michelle lutávamos com a simples diferença entre adjetivos e advérbios, eu desejei ser capaz de pegar um aspirador neurológico e sugar todas as sinapses confusas, interpostas em nosso caminho. Foram necessários seis meses. [...] Contudo, por fim, um dia a luz raiou: "É fácil!", ela exclamou. Quando o cérebro está preparado para o aprendizado, o aluno tem uma razão para usá-lo com modelos literários reais.

[p. 290] A imersão infantil em boa linguagem a partir de livros e áudios, padrões de modelagem para seu discurso e escrita, e o desfrute de sua proficiência no uso de palavras para lidar com ideias são formas válidas de inserir a "gramática" no cérebro em crescimento. [...] Nenhuma quantidade de planilhas ou de aprendizado de regras compensará os déficits resultantes da falta de experiência com a estrutura de frases reais e significativas.

É loucura ignorar a importância da narrativa e da história oral e do discurso público no mundo que se comunicará cada vez mais sem a mediação da imprensa. Essas habilidades se baseiam na competência linguística relativa à gramática, memorização, atenção e visualização, entre muitas outras habilidades.

Eu acredito que [...] ajudar os alunos de todas as séries a memorizar alguns exemplos de boa escrita — narrativa, expositiva e poética — com regularidade renderia boas práticas de linguagem, audição e atenção. Não me refiro a voltar ao currículo baseado em repetição, apenas dedicar um pouco de tempo semanal para celebrar os sons do pensamento mais culto. [...]

Ao mesmo tempo, as escolas devem participar do processo de ensinar as crianças a ouvir de forma eficaz, porque ninguém mais parece fazê-lo.

— *Endangered Minds, Why Children Don't Think and What We Can Do About It* [Mentes em perigo: por que as crianças não pensam e o que podemos fazer a respeito?], Jane M. Healy. New York: Simon and Schuster, 1990.

O QUE FAREMOS ENTÃO?

Ao longo da história, a idade para a instrução de aritmética e matemática parece ter mudado lentamente de 15 anos, ou mais tarde, para até 10 anos. Então, cerca de um século atrás, isso foi alterado de novo para cerca de 6 ou 7 anos de idade. Em tempos bem mais recentes, a idade inicial voltou a diminuir: aos 4 ou 5 anos. Todavia, o registro histórico não é o lugar certo para encontrar apoio substantivo à prática de iniciar a instrução formal em aritmética em nenhuma idade: aos 5, 10 ou 15 anos.

Há mais material didático sobre aritmética e matemática hoje que o material estudado pelos antigos. Alguns podem argumentar que o início precoce concede mais tempo para o aprendizado de mais matéria. Parece-lhes óbvio que, se uma criança aprender a multiplicar e dividir quando conta 10 anos, então ela se encontra cinco anos mais adiantada que quem aprende a multiplicar e dividir aos 15 anos. Certo? Talvez. Então, se ensinarmos a criança a multiplicar e dividir aos 5 anos, ele estará dez anos mais adiantada. Ao nascer, 15 anos à frente. Entende a ideia? Isso é mais que uma simples questão de tempo. Trata-se de desenvolvimento.

Quanta matemática há para aprender, e quão precocemente as crianças podem ter sido forçadas a “aprender” alguns pontos da matemática — essas considerações não nos fornecem dados para definir o momento de maior eficácia e eficiência para o início do ensino de matemática e aritmética. Sem dúvida, existe um momento em que é cedo demais. Os defensores da aritmética formal aos 5 anos parecem ignorar a questão do desenvolvimento; quando os resultados não são como desejam, eles remendam métodos experimentais em sala de aula que tentam imitar experiências informais de aritmética — um testemunho tácito da instrução informal antes dos 10 anos.

Em nossa cultura, percebemos de forma errada que a única maneira de qualquer pessoa, em todo lugar e momento, aprender aritmética é a partir da instrução formal inicial — de modo geral, na sala de aula de uma escola. No

entanto, as crianças aprendem os conceitos básicos sobre os números em todas as culturas, sem nenhum tipo de instrução formal. Jogos, medições e atividade comercial são os principais instrutores infantis. Eles ainda são os melhores instrutores das crianças menores. Postergar a instrução formal até os 10 anos de idade não evitará nenhum tipo de falha. O sucesso da crianças pode depender de como as atividades aritméticas são realizadas.

Nossas sugestões:

1. A instrução formal de aritmética por meio de um livro-texto ou caderno de exercícios formal pode ser iniciada aos 10 anos de idade. É por volta dessa idade que a criança se torna muito capaz em sentido mental e físico. (Claro que não é uma regra absoluta. Com algumas crianças, isso ocorre por volta dos 8 anos. Nós as chamamos crianças “brilhantes” porque se desenvolvem mais cedo.) Esperar até que a criança esteja preparada para lidar com os conceitos facilita o ensino de aritmética, pois a criança aprende com muita rapidez.
2. Não existe a necessidade do ensino formal de aritmética antes dos 10 anos. Tão logo os aspectos desenvolvidos se manifestem, a maior parte das crianças é capaz de aprender — em poucas semanas — tudo que ela poderia ter passado seis anos aprendendo (desde o jardim de infância até a quinta série), isto é, se eles ainda não aprenderam por meio de perguntas, experiências e do aprendizado por conta própria — algo que ocorre muitas vezes.
3. A depender da criança, do método e do assunto, existe o potencial de dano ao desenvolvimento decorrente do ensino formal de aritmética antes da idade de 10 anos. As crianças menores são incapazes de entender os conceitos aritméticos. Podemos ensinar a elas a realizar o processo, mas não lhes podemos fazer entender os conceitos. A criança “aprende” a odiar a “aprendizado”. O entendimento da criança se desenvolve ao longo das linhas erradas. Ela pode desenvolver de fato

"bloqueios" mentais à matéria — bloqueios fisiológicos reais no cérebro. (O que pode dar um novo significado à expressão "cabeça dura".)

4. Não ensinar formalmente a aritmética antes dos 10 anos libera muito tempo para outras atividades que moldarão o vocabulário da criança. O vocabulário é o elemento número um da inteligência. O desenvolvimento vocabular era um dos focos deliberados da educação antiga. Desperdiça-se tempo valioso para o desenvolvimento de habilidades relativas ao vocabulário e à linguagem verbal se, em vez deles, passarmos essas horas ensinando a criança de 5 anos a contar de 5 a 5. (De qualquer maneira, sem nunca ser ensinada, ela saberá fazê-lo de forma intuitiva até os 10 anos.) Em vez disso, devemos passar essas horas lendo para ela. Dispomos apenas desse tempo durante o dia. Queremos despendê-lo ao tentar forçar as habilidades de matemática em uma criança ainda despreparada, ou gastá-lo ao fazer o que é natural para a criança — aprender novas palavras e associá-las a ideias e experiências novas. Amplie o vocabulário da criança nos anos de formação, e quando ela estiver preparada para fazer um raciocinar de maneira mais aprofundada, terá a mente preparada para assumir a tarefa, sendo capaz de decolar como um foguete.

Por favor, repare: não estamos dizendo que nenhuma criança deve pronunciar o nome de um número antes dos 10 anos. De modo nenhum. Por volta dos 4 anos, a maioria das crianças descobre o dinheiro, e não há números escondidos delas depois disso. Elas encontram números todo o tempo. Se incentivarmos o aprendizado, elas farão muitas perguntas e teremos todas as oportunidades para ensinar os números e os sistemas de medida. Todavia, não estimulamos o uso de um manual formal antes dos 10 anos, a menos que a criança tenha o desejo genuíno de fazê-lo e se mostre competente para lidar com a tarefa, sem tirar o tempo de outras atividades

valiosas. Não faremos mal à criança se esperarmos até os 10 anos para começarmos o ensino formal de aritmética.

1 De acordo com o *Dicionário Houaiss*, o termo *coreia* designa a “síndrome aguda ou crônica caracterizada por movimentos involuntários típicos, breves, rápidos, irregulares, especialmente na base dos membros, como no ombro e no quadril”. [N. do T.]

Artigo Doze

Educação baseada no resultado versus educação baseada no trivium

ANTIGA PERSEGUIÇÃO AO TRIVIUM

Em 11 de dezembro de 361, Juliano se tornou imperador de Roma. Ele reinstaurou de imediato o culto aos deuses antigos. Em 4 de fevereiro de 362, ele proclamou a "tolerância" religiosa e deu início à reabertura dos templos pagãos. O imperador aprendeu que o ataque direto ao cristianismo apenas faria aumentar o número de seus seguidores. Assim, ele anunciou em público que não desejava fazer nenhum mal aos cristãos. Em vez disso, Juliano organizou uma perseguição administrativa para humilhar os cristãos sem os atacar de maneira direta. De forma efetiva, ele fechou a corte aos cristãos ao exigir que todos queimassem incenso antes de falar na corte. Quem se recusasse a queimar incenso era declarado "ateu" e destituído da cidadania. Ele ordenou que os cristãos, daí em diante, fossem mencionados apenas como "galileus". O ataque final contra o cristianismo ocorreu em três estágios:

1. Em 12 de maio de 362, ele confirmou aos professores escolares todos os privilégios especiais antes concedidos aos cristãos — o direito de viajar pelo posto público, isenção de serviços municipais etc.
2. Em 17 de junho do mesmo ano, ele decretou que todos os professores do império deveriam ser examinados, endossados e sancionados pelo imperador. Seu objetivo era usar o sistema educacional como arma de propaganda para a formação da opinião pública.
3. Logo após, ele declarou os cristãos insanos e dementes por causa de seus pontos de vista e práticas religiosas contraditórios; recusou-se a permitir que eles se tornassem professores. Seu objetivo era transformar todas as escolas em centros da religião pagã. O efeito foi "proibir a instrução dos cristãos por mestres de retórica e gramática". Juliano "considerava esses

> estudos conducentes à aquisição de poder argumentativo e persuasivo". Agostinho escreveu: "Ele [Juliano] não foi o perseguidor que proibiu aos cristãos o aprendizado das artes liberais [gramática, lógica e retórica]?" (Cidade de Deus 18:52)

Juliano morreu em 26 de junho de 363. Seu sucessor, Valentiniano, rescindiu os éditos dele.

Julianus Redivivus

Os paralelos entre as ações de Juliano e a educação moderna e socializada são surpreendentes. O ensino de práticas pagãs como a sexualidade pervertida e aborticídio são protegidos em escolas socializadas sob o manto da "tolerância". As escolas socializadas exigem que os professores sejam certificados pelo Estado, fechando de fato as portas das escolas para os cristãos que não podem "queimar incenso" aos métodos, princípios, valores e objetivos requeridos para a certificação. Os cristãos são mencionados agora de modo depreciativo como "fundamentalistas fanáticos de direita". Eles têm sido submetidos a uma perseguição administrativa humilhante há muitos anos — ainda que nunca tenham sido atacados de maneira aberta.

Podemos estar entrando agora no ataque final. Em essência, a legislação federal exige que todos os professores das escolas socializadas sejam examinados, endossados e sancionados pelo Federal Department of Education [Departamento Federal de Educação]. A manutenção de absolutos morais é considerada por alguns uma prática insana e demente; além disso, não se podem ensinar conceitos absolutos. As escolas socializadas são assim efetivamente transformadas em centros da religião pagã amoral. Torna-se assim obrigatória alguma forma da educação baseada no resultado (EBR) em todas as escolas socializadas. A legislação federal foi formulada para proibir o ensino do *trivium*, declarando-o uma "teoria desacreditada".

> O Congresso declara a política oficial dos Estados Unidos [...] isto se baseia no que já se aprendeu: [...] A teoria desacreditada de que as crianças devem aprender primeiro as habilidades básicas [gramática e lógica] antes de se engajar em tarefas mais complexas [retórica] continua a dominar as estratégias para o ensino em sala de aula, resultando na ênfase sobre os exercícios repetitivos e a prática. [...] O programa para a escola toda deve incluir os seguintes componentes: [...] ajudar a fornecer um currículo enriquecido e acelerado [apenas a retórica, ou baseado no resultado] em vez de exercícios e práticas com correção [baseados na gramática e lógica].”

Coisas como o aprendizado da fonética e dos fatos da matemática seriam proibidas pelo governo federal. O *trivium*, que funcionou durante milênios, é agora considerado uma “teoria desacreditada”, ao passo que a educação baseada no resultado, que jamais funcionou em nenhum lugar onde foi tentada, é agora o método sancionado oficialmente.

A educação baseada no resultado significa “habilidades baseadas no resultado”. Ela ensina habilidades do nível da “retórica” sem ensinar a habilidades do nível da “gramática” fundamental e da “lógica”. (Uma ilustração disso é mencionado no Capítulo 4.)

agora declararam a matemática um esporte de grupo. Os alunos resolvem os problemas de matemática em grupo. Chamamos isso “matemática conversacional”. Caso os problemas de matemática sejam solucionados em grupo, fomenta-se a dependência alheia em detrimento do aprendizado pessoal da matéria. A matemática é um esporte individual.

O governo federal decidiu que sabe mais sobre nós que nosso Criador. Seremos recriados agora à imagem inventada por resultados politicamente corretos promovidos pelos educadores socialistas do governo.

Sob a educação baseada no resultado, os níveis acadêmicos da educação pública se deteriorarão com rapidez. A educação moderna é falha em vários aspectos, mas gora ela parece estar à beira do colapso total — junto com o colapso de nossa cultura — porque as habilidades fundamentais da linguagem não são mais dominadas. O fracasso no domínio das habilidades

linguísticas fundamentais incapacitará o aluno em qualquer outro tema de estudo. Valentiniano, onde você está quando sua falta é sentida?

A educação baseada no resultado não é uma revolução educacional. Trata-se da grande batalha final e do confronto na revolução que vem acontecendo há décadas. Surgiram ondas seguidas de experimentos educacionais nas escolas do governo, seguidas de declínio acadêmico. Contudo, em vez disso, ao voltar ao trivium — o método tradicional de educação clássica — em funcionamento há seis milênios, o governo apresenta um experimento novo e ousado para resolver os problemas criados por seus experimentos anteriores sem nunca a autoria deles. Todavia, os resultados de cada nova cura sempre se revelam piores que os resultados da cura anterior.

UM CONTRASTE DE OPOSTOS

Opposita juxta se posita magis elucescunt. [Os opostos colocados lado a lado são mais aparentes.]

Não tentaremos reproduzir a literatura excelente que expões a educação baseada no resultado. Em vez disso, desejamos apresentar uma análise da educação baseada no resultado em contraste com o *trivium*, mediante o exame de seus princípios fundamentais, seguidos de seus valores e, por último, de seus objetivos.

Princípios

O princípio é a causa, fonte ou origem de qualquer coisa, ou o fundamento ou a base que sustenta algo. Se alguma coisa é construída sobre a base sólida, ou procede de uma fonte confiável, então se pode esperar sua permanência. Do contrário, ela cairá.

O princípio sobre o qual se baseia a educação baseada no *trivium* consiste na progressão simples: primeiro surge o conhecimento, aí vem o entendimento e, por último, a sabedoria. As Escrituras ensinam essa progressão, e a natureza, claro, concorda. De fato, o princípio está tão entretecido na trama das coisas que o padrão de três passos surge de forma contínua. Os antigos ensinavam a academia formal de: 1) gramática, 2) lógica, e 3) retórica. A música é composta por: 1) notas, 2) arranjo, e 3) execução. O computador conta com: 1) alimentação de dados, 2) processamento, e 3) saída de dados. O estudo de um objeto tem início com: 1) fatos, 2) teoria, e 3) aplicação e uso prático. Nossa prole se desenvolve em três estágios: 1) infância (gasta na absorção de fatos e regras), 2) pré-adolescência e adolescência (utilizadas na pesquisa das razões das coisas), e 3) fim da adolescência e idade adulta (dedicadas à expressão e aplicação do que já se aprendeu e ainda se aprende).

O princípio condutor da educação baseada no resultado é o “resultado”. Quem planeja a educação baseada no resultado alinhava o processo para determinar o produto (predestinação psicossocial). Em sentido técnico, isso não deveria excluir de forma necessária o uso do *trivium*. Só quando você percebe que os desfechos baseados no resultado são em grande parte não acadêmicos, e que eles não querem que a população conheça verdadeiramente os fatos, analise com honestidade a teoria e aplique os resultados com eficácia — só então você perceber essas coisas entenderá que o trivium é, de fato, um anátema para os defensores da educação baseada no resultado. Eles falam da “teoria desacreditada de que as crianças devem primeiro aprender habilidades básicas antes de se engajarem em tarefas mais complexas”. Eles estão, de fato, corretos — de acordo com a perspectiva deles. As pessoas podem aprender a tocar a *Sonata ao luar*, de Beethoven, sem aprender a ler partituras musicais ou tocar as teclas do piano da forma certa. Existem umas poucas pessoas capazes de descobrir por conta própria a notação musical e o dedilhado depois de aprenderem a tocar a *Sonata ao luar*. Nossa sociedade tem se dado bem por quase um século de manipulação de unidades contábeis e chamando-as dólares sem compreender nem mesmo os primeiros princípios da mecânica monetária moderna. Durante décadas, as crianças aprenderam a ler pela “memorização e reconhecimento de palavras” em vez da fonética. Os defensores da educação baseada no resultado estão certos: as crianças não precisam primeiro aprender habilidades básicas antes de se envolverem em tarefas mais complexas. Mas as crianças deveriam! A população desconhecedora do básico, sem a habilidade de raciocinar de verdade, sabe executar apenas tarefas práticas — essas pessoas são manipuladas com mais facilidade. Elas se tornam escravas de quem as treina por não terem as ferramentas básicas para libertarem a si mesmas.

De acordo com os defensores da educação baseada no resultado, há ênfase demais nas habilidades acadêmicas tradicionais. Eles querem reduzir a quantidade de tempo gasto em coisas como leitura, escrita e aritmética em

40% a 50%. O fato triste é o seguinte: eles poderiam ser capazes de ensinar aos alunos essas habilidades em menos tempo, se adotassem métodos de ensino eficazes. Infelizmente, pretendem seguir na direção oposta, passando da “memorização e reconhecimento de palavras” para o próximo nível de incompetência: a “língua toda”.

Valores

Um valor é o que você considera de digno, importante ou significativo de forma positiva. A educação não pode ser neutra. O que educador considera digno de ensino, ele passa adiante como algo detentor de valor. O que ele desconsidera, ensina como desprovido de valor. Negar a agenda de valores na educação equivale a negar o fato de que se educa.

A educação baseada no *trivium* dá valor ao conhecimento, ao entendimento e à sabedoria. Ela valoriza o ensino das habilidades necessárias aos alunos para que eles mesmos aprendam. É importante tornar as pessoas independentes em sentido intelectual e autodependentes.

A educação baseada no resultado desconsidera o ensino de habilidades básicas, como fonética e matemática. Entretanto, a educação baseada no resultado ensina o que ela designa “habilidades de pensamento crítico”. Isso não deve ser confundido com o “pensamento crítico” ou a “lógica” legítimos. O programa da educação baseada no resultado ensina as crianças a fazer escolhas subjetivas dentre as opções apresentadas pelo programa. O programa omite de forma sistemática as escolhas cristãs. A criança é programada em uma forma imoral de pensar — uma linha de pensamento que não reconhece padrões absolutos. A criança determina por si mesma o certo e o errado. (A educação baseada no resultado elabora uma árvore do conhecimento do bem e do mal, e convida as crianças à escolha de seus frutos.) O que eles designam “habilidades do pensamento crítico” consiste na verdade em “perfis de mentalidade definida”. A educação baseada no

resultado não considera valioso tornar as pessoas intelectualmente independentes e autoconfiantes.

Aqui está uma questão verdadeira de avaliação em uso:

> Existe um clube secreto na escola chamado Artistas da Meia-Noite. Eles asem tarde da noite e pintam frases e imagens engraçadas em imóveis. Pede-se a um aluno que ingresse no clube. Nessa situação, eu deveria ingressar no clube mesmo sabendo que:
>
> a) meu melhor amigo me pediu para participar dele;
>
> b) os alunos mais populares estavam no clube;
>
> c) meus pais me deixariam de castigo se descobrissem meu ingresso.

O aluno deve concordar com as respostas “certas”, que são *a* e *b*, e discordar da resposta “incorreta”, que é a *c*. Ou seja, o estudante deve ceder às pressões dos amigos e da popularidade, não deve considerar os valores de seus pais importantes e considerar apenas a punição. Deve haver a quarta resposta: d) “Eu jamais ingressaria no clube, porque os grafites destroem a propriedade alheia, o que equivale a roubar — algo contrário à lei de Deus, que deve ser refletida na consciência de todos os homens”. E a quinta resposta: e) “Informarei às autoridades competentes o nome dos vândalos”. A avaliação não dá ao aluno a escolha de não ingressar no clube.

A educação baseada no resultado não se concentra no desempenho acadêmico. Em vez disso, ela se focaliza no aprendizado “afetivo”. Dos 415 itens do programa comum da educação baseada no resultado, apenas 30 são acadêmicos. Apenas 7%. O restante consiste em coisas semelhantes a “*locus* de controle”, “limiares de comportamento” e “escala de ajuste”. Seu “*locus* de controle” mede a facilidade com que você concorda com seus colegas e acompanha o fluxo. “Limiares de comportamento” mede o necessário para evitar ser castigado e siga com o grupo. “Escala de ajuste” mede a rapidez com que você pode se ajustar à mudança sem protestar. A educação baseada no resultado não objetiva apenas alcançar e corrigir as habilidades

acadêmicas em uma microescala. O objetivo é a “atitude positiva mínima” concorde com a definição dos resultados.

A educação baseada no resultado esmaga a personalidade individual. Seu programa se torna o pai, o modelo do caráter, e todas as crianças são (tanto quanto possível) formadas de acordo com a imagem da educação baseada no resultado. O programa não cria apenas um “salto no aprendizado” para garantir que os alunos atinjam metas; ele apresenta técnicas de “modificação comportamental” que reduzem o aluno a um animal manipulado.

A educação baseada no resultado desestimula a excelência acadêmica. Permite-se ao estudante que é um grande realizador seguir adiante; em seguida, ele é mantido ocupado ou empregado como agente de mudança em grupos com interesses idênticos para levá-los a seu nível. Os realizadores logo aprendem a não concretizar suas realizações com rapidez.

Em resumo, a educação baseada no resultado á a entender que seu fundamento consiste em uma reforma educacional para incentivar conquistas educacionais. Na verdade, ela se fundamenta em métodos psicossociológicos projetados para fomentar a mentalidade coletivista em todos os alunos. Ela também valoriza personalidades facilmente manipuláveis e dependentes do governo.

Objetivos

O objetivo é o ponto ou a marca almejado, o alvo final ou o fim que se busca alcançar ou realizar.

O objetivo da educação baseada no *trivium* consiste em criar pessoas intelectualmente independentes e autoconfiantes — pessoas que possam pensar e agir por si mesmas.

Qual é o objetivo da educação baseada no resultado? Todas as versões do programa da educação baseada no resultado, sem exceção, promovem uma agenda política, não acadêmica. A agenda política da educação baseada no

resultado é sempre a mentalidade amoral, coletivista e promotora do mundo unificado. Seguem alguns exemplos (das diretrizes estaduais de Oklahoma e Pennsylvania):

> Resultado da primeira série:
>
> "O aluno identificará diferentes tipos de estruturas familiares, de modo que nenhum tipo seja considerado o único possível."
>
> Resultado da nona até a décima segunda séries:
>
> "O aluno desenvolverá habilidades de comunicação, incluindo a possibilidade de conversar com um parceiro real ou potencial sobre comportamento sexual."
>
> Todas as séries:
>
> "Todos os alunos entendem e apreciam o próprio valor como indivíduos únicos e capazes, e demonstram ter autoestima."

A ênfase recai sobre as atitudes. A criança deve ter atitudes positivas "corretas" em relação a temas variados — como multiculturalismo, não sexismo, extremismo ambiental, cidadania global, coletivismo e, é claro, controle governamental de todas as áreas da vida.

Cria-se uma fachada para que os comitês cooperativos de pais e professores determinem os resultados de cada estado. Por meio de uma cuidadosa seleção de membros do comitê, reuniões públicas e revisões secretas, os engenheiros do consenso produzem resultados quase idênticos — iguais às vezes palavra por palavra — de um estado para outro. (Podem os pais de alunos de 38 estados diferentes chegar por coincidência, de modo independente, a mais de 400 resultados idênticos? Todavia, os graduados pela educação governamental são capazes de calcular a probabilidade dessa ocorrência?)

Os indivíduos podem optar por sair da educação baseada no resultado por meio da educação particular? Hoje o governo está organizando a sociedade para exigir a educação baseada no resultado. Caso você não a tenha cursado, não poderá participar da sociedade — manter o emprego, obter assistência médica, possuir propriedades, comprar e vender. Mesmo se possa participar,

ainda deverá lidar com uma sociedade com valores uniformes baseados na educação baseada no resultado.

A despeito de todo o discurso favorável à “diversidade multicultural” e “tolerância”, a educação baseada no resultado impõe uma filosofia monolítica e intolerante à sociedade. As crianças incentivadas a alterar o reconhecimento de Deus e dos pais como autoridades para as autoridades coletivas — a opinião pública (determinada pelo governo), os grupos de incentivo ao estudo (determinados pelo governo) e o próprio governo (coletivista). A escola é chamada “nova família” e “família verdadeira” na literatura da educação baseada no resultado.

Se não há absolutos, o governo deve se tornar o criador dos absolutos, determinar os limites, não com base na lei divina, mas de acordo com a própria agenda. O governo que se arroga a divindade se tornará totalitário, e todos os indivíduos serão seus escravos. Tudo é restrito pelo governo, exceto o próprio governo. Quando se remove o conceito de prestação de contas para com Deus, remove-se toda a restrição externa, e o Estado deifica a si mesmo. O Estado não presta contas a ninguém, pois é “deus”. Ser incapaz de reconhecer o poder todo-poderoso do Estado equivale ao ateísmo.

CONCLUSÃO

O modelo de educação baseado no *trivium* se conforma à realidade da natureza humana, dá valor ao desenvolvimento das habilidades necessárias ao autodidatismo, e se esforça para alcançar o objetivo de tornar o indivíduo independente em sentido intelectual e autoconfiante.

O modelo de educação baseada no resultado tenta dar um novo molde à natureza humana ao tentar instilar nas pessoas a mentalidade de súdito/escravo, e seu objetivo consiste em criar a sociedade coletivista ideal.

Comparação da educação baseada no resultado e da educação baseada no *trivium*.

Educação baseada no trivium	**Educação baseada no resultado**
Testa o desempenho acadêmico	Testa o sistema de valores
Ensina absolutos morais	Ensina o relativismo moral
Ensina a dedução lógica de valores a partir de absolutos	Ensina a autoexplicação de valores a partir da apresentação limitada de opções politicamente corretas
Ensina as habilidades acadêmicas enquanto busca as conquistas individuais mais altas.	Ensina habilidades “sociais” enquanto reduz as habilidades acadêmicas ao mínimo denominador comum
Educa para o próprio indivíduo e para a família.	Educa para o Estado.

Tenha cuidado. Quando a educação promovida pelo governo entrar em colapso, preste atenção ao que será proposto em seu lugar.

> *Contra negantem principia non est disputandum*. [Não se deve discutir com quem nega princípios.]

Artigo Treze

Competições no seu currículo

As competições são experiências educacionais especialmente adequadas para quem estuda em casa. Elas permitem que o aluno reúna e aplique as habilidades aprendidas em casa na rotina diária. O que as competições podem fazer por nossos filhos em sentido acadêmico? Considere:

AS COMPETIÇÕES SÃO GRANDES FONTES DE MOTIVAÇÃO

Imagine uma tarefa típica do ensino doméstico: a mãe pede a Henry que faça uma composição sobre “O que o dia dos namorados significa para mim”. Henry não está particularmente interessado na data e sabe que sua composição não ultrapassará os olhos da mãe e depois o fichário de três argolas na estante. Por causa disso, seu nível de motivação e seu esforço são medíocres. Suponha, no entanto, que a mãe diga a Henry para ele desenhar uma cena do espaço intergaláctico e escrever uma narrativa científica a respeito da cena. Henry, o especialista local em exploração espacial, fica muito feliz com a ideia. Quando ela lhe diz que eles vão inscrever seu desenho e sua narrativa na Competição de Arte Intergaláctica (parte do Programa de Envolvimento do Estudante de Ciência Espacial), e ele pode ganhar uma viagem com todas as despesas pagas para o Simpósio Nacional de Ciência Espacial em Washington, o entusiasmo se acende e cuidado, mundo, porque Henry tem muito a dizer sobre o assunto. Ocorreu a combinação de um bom tema, de uma boa competição e da recompensa que faz a diferença.

PARTICIPAR DE COMPETIÇÕES DESENVOLVE A CAPACIDADE DE PESQUISA

Escrever uma narrativa científica sobre a exploração espacial exigirá mais do que a nossa *Enciclopédia Britânica* de 1952; portanto, precisamos ir à biblioteca. Eis a oportunidade perfeita para ensinar o rapaz a fazer pesquisas. Com a biblioteca local, desejaremos utilizar a boa biblioteca de uma faculdade ou universidade. Organize entrevistas pessoais. Não se esqueça de acessar a Internet. O *Great Online Research Challenge* [O grande desafio de pesquisa online] é uma competição nova e interessante para alunos do ensino superior. Os alunos recebem um limite de tempo para resolver problemas por meio da pesquisa em um banco de dados (LexisNexis) que inclui bibliotecas gigantescas de textos completos. O ponto atraente na competição é o prêmio: dois anos de acesso ao programa para a família. Isso é o que chamo de prêmio. Participem, crianças, participem!

AS COMPETIÇÕES PODEM UNI-LOS

A competição pode reunir em um final emocionante todas as técnicas ensinadas a nossos filhos. Para escrever o artigo sobre a exploração do espaço, diversos temas serão abordados: gramática, ortografia, pontuação, ciência, caligrafia (ou a habilidade de digitar), lógica (construção de argumentos) e retórica (expressão um ponto de modo eloquente). A competição de redação não é apenas “outra composição”, mas, em si mesma, toda uma unidade de estudo, cujo produto final traz, como diz Jessica Hulsey, o “encerramento”.

AS COMPETIÇÕES DESENVOLVEM QUALIDADES DE CARÁTER

Muitas dessas competições levam muito tempo para serem concluídas. Um projeto de ciências da Feira de Ciências e Engenharia pode consumir a totalidade de um ano letivo. Projetos de longo prazo desenvolvem perseverança e diligência. As competições podem parecer assustadoras e difíceis — se o conjunto for observado de uma só vez —, mas o processo de planejamento e organização pode ser dividido em partes menores. O aluno se esforça para alcançar seu objetivo ao realizar melhor trabalho e, no final, pode obter “a satisfação e o orgulho de um trabalho bem feito” (como diria Ranger Bill). Algumas competições demandam trabalho em equipe. A competição “The National Written & Illustrated By [...] Awards Contest” proporcionou uma oportunidade para Johannah, nossa filha mais velha, ensinar técnicas de aquarela para Helena, a irmã mais nova.

VANTAGENS DE TEMPO

Em termos de tempo, os alunos do ensino doméstico estão em vantagem na participação nessas competições. A primeira competição em que já participamos foi uma feira de ciências local. Tomei conhecimento dela apenas duas semanas antes de sua realização, assim dedicamos essas duas semanas em tempo integral à competição. Que experiência emocionante! Isso ocorreu em 1989, mas todas as crianças se lembram da diversão desses dias. Duas semanas de ciência pura, sem distrações com as declinações latinas.

A ESCOLHA DA COMPETIÇÃO

Nossos filhos devem participar de quais competições? Se seu filho for muito bom em matemática, então qualquer uma das numerosas competições de matemática aumentará as habilidades dele. Existem muitas competições de arte para os artistas. Para integrar as competições no currículo, sugerimos este plano: no primeiro ano, escolha uma das competições divertidas que acompanham o interesse da criança (Make It Yourself With Wool Contest [Competição “faça você mesmo” com lã]; campeonatos de xadrez; Scripps Howard National Spelling Bee [Capeonato Infantil de Soletração Scripps Howard]; Rocky Mountain Philatelic Exhibition [Exibição Filatélica das Montanhas Rochosas]; competições da National Association of Rocketry contests [Associação Nacional de Foguetes]; competições da American Morgan Horse Association [Associação do Cavalo Morgan Americano]). Confira o prazo final da competição e elabore uma agenda intensa para o aprimoramento. Reduza o processo a fragmentos menores para um aproveitamento melhor. Exemplo: até o primeiro mês — decisão do tópico do projeto; segundo mês — finalização dos esboços; terceiro mês — rascunho final.

No ano seguinte, peça ao aluno para participar de uma das competições do projeto (feiras de ciências ou projetos de invenção). No terceiro ano, já seremos considerados um competidor profissional. Podemos tornar as competições parte importante do currículo. A cada ano, com um currículo bem elaborado, o aluno pode participar de uma competição de redação, outra de discurso e outra com a apresentação de um projeto. Também é possível usar as competições para ajudar nossos alunos a trabalhar as áreas de maior dificuldade.

ALGUNS AVISOS

Aqui estão alguns avisos sobre competições: Evite competições politicamente corretas. Se o formulário de inscrição exigir que marquemos a raça, então é possível que os vencedores sejam escolhidos com base na raça, não no mérito. Algumas competições demandam viagens longas ou grandes somas de dinheiro. Uma competição de matemática muito popular (MathCounts), recentemente começou a cobrar 40 dólares por escola. Evite competições que só querem vender ou promover um produto ou criar uma lista de discussão (algumas competições de poesia fazem isso). Outras “competições” da internet são apenas “apostas”, não competições.

Artigo Quatorze

Estudo bíblico familiar pelo trivium

Poderiam os cristãos do século I manter estudos bíblicos em família? Eles podem não ter tido cópias individuais das Escrituras no lar, mas memorizavam as Escrituras, e as liam e cantavam em voz alta quando se reuniram para o culto. Às vezes achamos que eles se saíam melhor sem cópias da Bíblia que com múltiplas traduções bíblicas. Podemos citar um versículo de uma versão, e eles eram capazes de citar todo o contexto dele no idioma originário. Entretanto, eles não contavam com as horas de lazer que temos.

ESCOLHA DE UMA TRADUÇÃO BÍBLICA

Todos na família devem usar a mesma tradução da Bíblia no estudo em família. A leitura de várias versões pode ser algo confuso e anula o mecanismo de memorização. A escolha de uma tradução bíblica é muito importante. Não existe uma edição perfeita da Bíblia, mas algumas são claramente melhores que outras. Seguem aqui três pontos a considerar:

1) O texto grego em que se baseia a tradução (Nível do conhecimento: os fatos, os dados simples.)

O moderno texto grego crítico é em grande parte uma colcha de retalhos construída a partir de um punhado de porções e fragmentos de manuscritos muitas vezes contraditórios e descobertos mais recentemente, datados do tempo das controvérsias teológicas dos séculos III e IV. Em contrapartida, o texto grego tradicional representa uma imensa tradição textual que equivale a um tecido completo, talvez com algumas pontas esfarrapadas, mas que podem ser traçadas em um fluxo contínuo até os séculos I e II. O texto tradicional tem muitas leituras não encontradas nos supostos "manuscritos mais antigos", mas que aparecem nas citações dos dois primeiros séculos. As traduções baseadas no texto tradicional incluem a popularíssima *King James Version* (KJV), a *New King James Version* (NKJV), a menos conhecida *Young's Literal Translation* (YLT) e a *Modern King James Version* (MKJV). (Para mais informações sobre este assunto, consulte os nossos arquivos do Trivium Loop, www.triviumpursuit.com.)[1]

2) O método de tradução (Nível do entendimento: a teoria por trás das palavras.)

As traduções palavra por palavra se baseiam na teoria de que a unidade primária de significado se encontra nas palavras e entre elas (vocabulário e sintaxe). Essas traduções tendem a ser muito literais e deixam a maior parte das interpretações para as notas e os comentários. As traduções de unidades de pensamento se baseiam na teoria de que a unidade primária de significado

se encontra nas frases e entre elas. Essas traduções tendem a introduzir uma grande quantidade de interpretações na tradução — com a adição de coisas que não foram ditas de fato, e a omissão de elementos que foram ditos. A *King James Version* (KJV), a *New King James Version* (NKJV), a *Young's Literal Translation* (YLT), a *Modern King James Version* (MKJV) e a *New American Standard Version* (NASV) se encontram em maior ou menor grau nos grupos das traduções feitas palavra por palavra. A *New International Version* (NIV), a *Today's English Version* (TEV) e quase todas as outras traduções modernas estão mais próximas da versão pensamento por pensamento.[2]

3) A qualidade literária (Nível da sabedoria: a eficácia da expressão).

Os programas de leitura baseados na decoração de palavras em nossas instituições de educação socializada (escolas públicas) criaram a necessidade de um novo tipo de literatura com vocabulário e gramática bem mais simples. Os leitores alfabetizados pelo método de decoração são incapazes de ler a *King James Version*. Todavia, a *King James Version* já se mostrou a versão mais memorizável. Isso ocorre por se tratar de uma obra-prima literária – ela não foi escrita na língua moderna do dia a dia. Ela nem sequer foi escrita em inglês elisabetano. Quanto maior a qualidade literária, mais memorizável é a tradução. Quanto mais "cotidiana" a linguagem, menos memorizável. A *New International Version*, a *Today's English Version* e todas as paráfrases modernas, como a *Living Bible*, não são bons exemplos de qualidade literária.

Não há tradução perfeita. Embora a King James tenha uma boa base textual e um excelente estilo literário, falta a ela alguma precisão e coerência no vocabulário e são muitos os arcaísmos. Embora a New King James tenha uma boa base textual e um grau razoável de precisão, ela sofre de um vocabulário idiotizado e seu nível gramatical é inferior. A *New American Standard Version* tem uma base textual pobre. A *New International Version* é falha em muitos aspectos: base textual, método de tradução e estilo literário. Mas ela conta com muita companhia, pois quase todas as outras traduções

modernas erram nos mesmos pontos. A menos que você tenha uma razão convincente para usar outra tradução, recomendamos a *King James Version*, a *New King James Version*, a *Modern King James* Version ou a *Twenty-First Century King James* Version. Além disso, nós o incentivamos a evitar a *New International Version* e outras traduções desse tipo.

LEITURA BÍBLICA

Escolha um horário regular para o estudo da Bíblia, como às 7 horas da manhã, todos os dias. Todos na família devem saber o horário e estarem prontos no momento. (Não se deve fazer nenhum anúncio de que é hora do estudo da Bíblia, a menos que as circunstâncias determinem que o tempo precisa ser alterado.) Leia um livro das Escrituras por vez. Como escolher o livro? O pai deve determinar o que a família precisa estudar. Seções históricas como Gênesis e Êxodo, Josué a Ester ou os Evangelhos e Atos são bons estudos. Normalmente se lê um capítulo do Antigo Testamento por vez, mas é possível diminuir a velocidade no caso Novo Testamento até se chegar a um parágrafo por vez. As seções judicial e cerimonial (Êxodo 21 a Deuteronômio) são importantes, mas algumas partes podem ser difíceis de lidar no estudo em família, em especial quando os filhos são muito pequenos. Pode-se optar por ignorar algumas repetições e redundâncias, como as genealogias, e evitar algumas seções inadequadas para os ouvidos mais jovens. As seções poética e profética (Jó a Malaquias), por sua natureza, requerem mais preparo do pai. As seções doutrinária e prática das epístolas do Novo Testamento podem exigir a diminuição da velocidade para alguns versículos por dia, ou mesmo a releitura dos mesmos versículos por mais de um dia.

Todos desempenham sua parte no estudo da Bíblia. É costume começar com uma oração, que inclui o pedido para que Deus lance luz sobre sua palavra. A leitura pode ser feita apenas pelo pai, ou ele pode permitir que uma pessoa diferente leia todos os dias, no sistema de rotação, ou os versículos podem ser divididos para que todos possam ler uma porção deles a cada dia. Vaso exista uma criança em processo de alfabetização, dê-lhe uma Bíblia. Faça com que ela identifique algumas letras ou soletre algumas palavras selecionadas. Assim, todos praticam a leitura das Escrituras em voz alta.

APLICAÇÃO DO TRIVIUM

Quando as crianças são bem pequenas, o pai pode ficar satisfeito com a leitura da Bíblia, a formulação de algumas perguntas e a realização de alguns comentários. No momento em que adolescentes se fizerem presente, pode-se aplicar o trivium completo ao estudo.

O primeiro nível é do conhecimento. Teste os fatos por si mesmo. Você pode pedir a alguém para narrar em voz alta os fatos da passagem. Isso pode ser feito com muitos detalhes, ou pode ser solicitado por meio de perguntas do pai. Nas passagens históricas, é possível designar uma criança para relatar o ocorrido com as próprias palavras. (Faça a atribuição antes da leitura para avisá-la do que ocorrerá para que ela preste mais atenção. Em seguida, outra pessoa, ou não.) Depois da narração, os outros podem preencher os detalhes omitidos. A mãe e o pai às vezes também podem participar da narração para provar quão pobre a sua memória está se tornando.

Na sequência, o estudo passa para o nível do entendimento. Peça aos adolescentes e aos de mais idade (incluindo os pais) a formulação de uma pergunta para explorar o significado ou as implicações da passagem. Não deixe que eles se saiam com um “não consigo pensar em nada”. Se eles tentarem isso com muita frequência, faça uso de perguntas sobre todos os versículos a fim de lhes mostrar que não é impossível formular perguntas — eles apenas não estão aplicando a mente ao exercício. Debata a pergunta. Incentive todos à participação de todas as respostas possíveis. Permita que algumas das especialidades dos adolescentes ocorram — uma observação ridícula ou cômica —, mas mantenha o controle sobre elas. Em seguida, tente diminuir as possibilidades por meio da lógica. Mantenha alguns recursos da bíblia de estudo à mão para procurá-los quando necessário.

Por último, alcançamos o nível da sabedoria. Às vezes, as aplicações fluem diretamente do debate do nível do entendimento. Em outras ocasiões, formule a cada um uma pergunta que atraia uma aplicação específica. Tente

uma pergunta hipotética do tipo: “e se”. Como se pode obedecer ao que é ensinado na passagem? Como ela deve determinar nosso comportamento ou o comportamento dos outros? Como os ensinamentos ou exemplos do texto nos ajudam em nossas decisões, ações, discernimentos etc. Procure princípios, valores e objetivos. Mais uma vez, não permita que eles respondam: “Não sei”. Sem dúvida, quanto maior a idade, mais propensa será à aplicação, mas não ignore as crianças mais novas aqui. Às vezes eles apresentam boas aplicações.

BÍBLIAS DE ESTUDO

O mercado está agora saturado de bíblias de estudo. Não deixe que elas o dominem. Pense por si mesmo. Use-as como ajuda, não como o instrutor principal. Se, no estudo em família, você precisar pesquisar um assunto um pouco mais profundo, use as referências cruzadas, os mapas ou a concordância, antes de recorrer aos comentários dessas bíblias. Se você usar as notas com muita frequência, poderá se tornar escravo delas. Ah, sim, e seus filhos logo descobrirão que podem usá-los como “colas” para não terem de pensar.

DEPOIS DO ESTUDO

Em algum momento, o pai conclui o estudo. Um bom tempo para a duração do estuco compreende 20 a 30 minutos. Todavia, às vezes, será preciso avançar um pouco mais. O pai pode pedir comentários sobre o que orar e, então, encerrar a atividade com a oração.

Caso você siga este método, a família crescerá em conhecimento, entendimento e sabedoria.

> Antes, crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno. (2Pedro 3.18)

(para mais informações sobre o culto em família, e outras formas de implementar o estudo da Bíblia, consulte nosso livreto *On Family Worship* [Sobre o culto em família].)

1 Em português, as versões produzidas a partir do texto tradicional são a *Almeida Corrigida Fiel* (ACF) e a *Bíblia Literal do Texto Tradicional* (LTT). [N. do T.]

2 As representantes dessa escola no Brasil são a *Nova Versão Internacional* (NVI), a *Nova Versão Transformadora* (NVT), a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (NTLH).

Artigo Quinze

Iniciar um clube de discursos e debates para alunos do ensino em casa

OBJETIVOS

I. Ensinar os alunos a falar em público

II. Aprender a mecânica da fala

A. Qualidade da voz

B. Articulação

C. Volume

D. Expressividade

E. Técnicas de respiração

III. Dar aos alunos experiência prática em uma variedade de formas de discurso.

A. Leitura Interpretativa (o aluno lê material não original)

1. Prosa

2. Poesia

3. Dueto

4. Oratória não original

B. Discurso (original)

1. Informativo

2. Extemporâneo

3. Oratória (discurso persuasivo)

4. Humorístico

C. Debate.

1. Lincoln-Douglas.

2. Política de exame cuidadoso

IV. Expor os alunos a vários tipos de prosa e poesia

V. Desenvolver técnicas eficazes para falar em público mediante a participação em concursos e programas especiais

VI. Aprender a maneira correta de escrever um discurso original e proferi-lo

VII. Aprender a debater.

VIII. Formar uma equipe de discurso e debate e competir com outras equipes de discurso e debate do ensino domiciliar

SUGESTÕES PARA LÍDERES

1. Realize reuniões duas vezes por mês, cada reunião com a duração de duas ou três horas.

2. Cobre uma taxa dos estudantes que desejam participar. Caso a taxa seja cobrada, as pessoas participarão com mais regularidade, serão mais sérias na conclusão de tarefas e os pais serão diligentes em levar os filhos às reuniões na hora certa. O dinheiro arrecadado pode ajudar com o custo de copiar folhetos.

3. Cada aluno deve manter uma pasta para guardar todos os folhetos, as anotações, leituras, os discursos e as tarefas.

4. Para que os pais possam inserir a agenda de reuniões em seus calendários, distribua o programa de reuniões.

5. Os estudantes devem ter 13 anos ou mais para participar das reuniões. Se os alunos mais jovens desejarem participar, forme um grupo separado para eles.

6. Os líderes devem manter um arquivo (e fazer adições constantes a ele) de leituras (prosa, poesia, dueto e oratória não original) para serem escolhidas pelos alunos.

7. Comece o ano com os alunos fazendo apenas leituras interpretativas para acomodar os alunos mais nervosos. As leituras interpretativas são fáceis de realizar e isso dará aos alunos tempo para o ajuste à situação. Passe para o discurso e debate no final do ano.

8. Peça aos alunos que estudem a lógica antes da participação nos debates.

9. Combine o clube de discurso e debate com o clube de interpretação.

10. Incentive os alunos a participar de competições.

11. Planeje a atividade final. Convide os parentes para esse programa.

12. Organize competições de discursos e debates com outros clubes.

13. Deve-se permitir que todos os alunos gravem as reuniões. Todas as leituras, os discursos e debates serão gravados para análise posterior em grupo ou individual.

SUGESTÃO DE PROGRAMA PARA AS REUNIÕES

1. Os alunos fazem leituras ou discursos (alunos nervosos gostam de acabar logo com isso);
2. Analise e critique cada leitura ou discurso (incentive os alunos à participação, talvez por meio de perguntas dirigidas);
3. Dê uma tarefa para a reunião seguinte;
4. Como grupo, façam exercícios de articulação ou inflexão.

Artigo Dezesseis

Marcadores para falar em público

TOME CUIDADO COM CINCO PONTOS QUANDO
APRESENTAR UMA LEITURA INTERPRETATIVA
OU UM DISCURSO

1. A qualidade de sua voz (não ofegante, estridente, áspera, anasalada, gutural ou rouca é a voz agradável): As passagens de sua garganta e boca devem estar abertas, relaxadas e livres de tensão desnecessária. Seus lábios, mandíbula e língua devem ser ágeis e flexíveis. O tom deve ser projetado pela parte da frente da boca.
2. Articulação (sem resmungar; entende-se a voz com facilidade).
3. Altura (volume, projeção, intensidade; a voz é clara, distinta e precisa).
4. Expressividade (é a voz animada, expressiva, variada e bem imposta).
5. 5. Adequação (são os sons da fala e a pronúncia geralmente aceita e natural; uma boa voz não atrai a atenção indevida a si mesma).

RESPIRAÇÃO E RELAXAMENTO APROPRIADOS AO FALAR E DEBATER

Professores experientes de discurso e debate concordam ser aconselhável respirar a partir do diafragma para a produção da boa voz. Você deve alcançar o aumento necessário da cavidade torácica principalmente pela ação diafragmática (acompanhada da expansão na linha da cintura e do leve levantamento das costelas inferiores) e da ação mínima na parte superior do tórax.

Eis como respirar a partir do diafragma: enquanto você inala o ar, apenas permita que o estômago e as costelas inferiores se estendam (não permita que seus ombros ou parte superior do tórax se movam).

Sempre que você se postar diante de um grupo para fazer leituras interpretativas, proferir discursos ou debater, você deve respirar pelo diafragma. Há menos esforço envolvido na respiração diafragmática que na torácica. A respiração do diafragma ajudará a projetar a voz e produzir os tons. Dará firmeza à voz, corpo, variedade e poder de duração. A respiração a partir do diafragma também ajudará a evitar a tensão na área da garganta e boca.

O orador iniciante pode desenvolver o diafragma respirando apenas por experimentação consciente e persistente e exercício. Quando praticar seu texto em casa (pelo menos uma vez por dia), lembre-se de:

1. Relaxar a boca, o pescoço e a área da garganta.
2. Respire do diafragma.

Pratique até se tornar natural. Continue a praticar suas leituras e discursos com o gravador; ouça-se na gravação e avalie a si mesmo.

ENUNCIAÇÃO E DICÇÃO

(O que se segue foi extraído da publicação *McGuffey's New Sixth Eclectic Reader*, 1867.)

As falhas mais comuns são as seguintes:

Inflexões

A inflexão é a flexão ou o deslocamento da voz para cima ou para baixo.

O deslocamento para cima (inflexão ascendente) é marcado pela barra (/): nesse caso a voz é deslocada para cima.

Exemplo: Você chamou?/ Ele está doente?/

O deslocamento para baixo (inflexão descendente) é marcado pela barra inversa (\) e indica que a voz deve ser deslocada para baixo.

Exemplo: onde é Londres?\ Onde vocês esteve?\

Às vezes, as inflexões ascendentes e descendentes aplicadas ao mesmo som. Os sons são designados pelo circunflexo (\/) or (/\ ).

O primeiro é chamado circunflexo ascendente; o último, circunflexo descendente. Quando várias sílabas sucessivas são proferidas sem o deslocamento para cima ou para baixo, diz-se que elas são ditas em tom único, marcado assim (—).

Exemplos:

1) Ele lê do jeito certo/ ou errado?\

A ler a frase, a voz deve se deslocar um pouco, como representa o diagrama a seguir:

Ele lê do jeito/ certo ou \errado?

2) Quê!/ Ele disse não?/

Deve ser lido assim:

Qu/ê! Ele disse n/ão?

3) Sim:\ ele disse não\

Deve ser lido assim:

S\im: ele disse n\ão

4) Ele fez isso de forma voluntária/ ou involuntária?\

Deve ser lido assim:

Ele fez isso de forma vol/untária ou in\voluntária?

Exercícios:

1. Eles estão em casa/ ou no fora?\

2. Ele está disposto/ ou indisposto?\

3. Você deve andar,\ não montar.\

4. Meu pai:/ devo ficar?/

5. Oh! Ele pa/\rou na beirada.

6. Ele é rico/ ou pobre?\

7. Isso será difícil para mim, mas eu usa/\rei a arma.

8. Onde estão os seus insultos\ agora? Seus saltos?\ Suas canções?\ Seus rompantes de alegria, com os quais se costumava colocar a mesa em polvorosa?\

REGRAS DAS INFLEXÕES

Regra 1: Frases e expressões com sentido completo demandam a inflexão descendente.

Asseguramos a felicidade por meio da virtude.\

Um ato vergonhoso é sucedido por anos de penitência.\

Contudo, essa proposta foi rejeitada,\ não só rejeitada, mas rejeitada com insultos.\

Regra 2: De modo geral, a ênfase demanda a inflexão descendente.

Eu insisto\ nesse ponto:\ Eu o exorto\ a isso; pressiono\ por isso, eu o exijo.\

Às armas!\ Eles estão vindo!\ Os gregos!\ Os gregos!\

Regra 3: Frases interrogativas e partes das frases que não podem ser respondidas com “sim” ou “não” demandam, de forma geral, a inflexão descendente.

Quantos livros ele adquiriu?\

Por que cogitais o mal no vosso coração?\

De onde procede esta esperança agradável,\ este desejo amável,\ este anseio pela imortalidade?\

Regra 4: É comum valer-se da inflexão ascendente na parte introdutória da frase, onde o nexo é dependente ou incompleto.

Como passa a tempestade,/ assim desaparece o perverso.

Vós, montanhas/ e picos,/ estou convosco mais uma vez.

Irmão,/ dá-me tua mão; gentil Warwick,/ deixa-me abraçar-te com meus braços cansados.

Regra 5: As frases negativas e suas partes comumente demandam a inflexão ascendente.

Meu Senhor, não poderíamos ter concebido tais projetos./

Eles não estão brigando:/ não os incomode/.

Regra 6: Quando uma frase chega ao fim com a inflexão descendente, muitas vezes, por uma questão de harmonia, deve ser precedida pela inflexão ascendente.

Ele lutou contra o cita em sua caverna,/ e o árabe invicto fugiu diante\ dele.

Sejam perfeitos,\ consolem bem,\ tenham a mesma mente,/ vivam em paz.\

Regra 7: Sentenças interrogativas e partes das frases que podem ser respondida com “sim” ou “não” demandam, de modo geral, a inflexão ascendente.

O que queremos dizer com submissão?/

Frotas e exércitos são necessários à tarefa de amar e de se reconciliar?/

Caso se admita que a integridade estrita não é o caminho mais curto para o sucesso, não será ela a mais certa,/ a mais feliz,/ a melhor?/

Regra 8: As exclamações de caráter interrogativo e palavras repetidas como um tipo de eco do pensamento demandam a inflexão ascendente.

Quê!/ Poderia Roma ter sido tomada?/ Roma tomada enquanto eu era o cônsul?/

E esse homem é chamado de estadista. Estadista?/ Por quê? Ele jamais inventou um embuste decente.

Esse sujeito se diz pintor. Pintor!/ Ele não está apto a pintar a placa de uma cervejaria insignificante.

Regra 9: Palavras e partes da frase que expressam antítese ou contraste demandam inflexões opostas.

O que se semeia em corrupção;/ cresce em incorrupção.\

O que eles conhecem por meio da leitura,/ eu conheço por experiência.\

Avançaremos/ ou recuaremos?\

Regra 10: Todos os elementos da série inicial demandam comumente a inflexão descendente, com exceção do último, que recebe a inflexão ascendente.

Guerra,\ fome,\ pestilência,\ tempestade\ e fogo/ sitiam a humanidade. O conhecimento,\ o poder,\ a sabedoria\ e a bondade/ de Deus devem ser ilimitados.

Regra 11: Todos os membros de uma série conclusiva exigem, de modo geral, a inflexão decrescente, exceto a última, que recebe a inflexão crescente.

É nosso dever sentir compaixão,\ apoiar,\ defender/ e aliviar\ os oprimidos.

Eu protesto contra essa medida por ser algo cruel\, opressora,\ tirânica/ e vingativa\.

Regra 12: Uma frase incluída entre parênteses deve ser lida com mais rapidez e com o tom mais baixo que o restante da sentença e deve ser finalizada com a mesma inflexão que a precede. Se, no entanto, ela for complicada, enfatizada ou desconectada do assunto principal, as inflexões devem ser regidas pelas mesmas regras dos outros casos.

Porque Deus, / a quem sirvo em meu espírito, no evangelho de seu Filho, / é minha testemunha de como incessantemente faço menção de vós em todas as minhas orações, / suplicando que, nalgum tempo, pela vontade de Deus, / se me ofereça boa ocasião de visitar-vos.

Regra 13: A circunflexão é usada para expressar ironia, sarcasmo, hipóteses ou contraste.

Regra 14: O uso do mesmo tom se restringe principalmente a assuntos graves e solenes. Quando empregado de forma cuidadosa e adequada, concede grande dignidade à comunicação.

O incrédulo! Aquele que pode contem--plar o so--l e a lu--a e as estr— elas, e sobre o céu pe--rene e impe--recível, espalhados com tanta magnificência so--bre si mesmo, di--z: “Tudo isto é o--bra do aca--so!”.

Apêndice Dois

Lista de recursos



Lista de recursos

INTRODUÇÃO

Isto não é um guia curricular e uma lista de recursos exaustivos. Não queremos substituir outras listas possíveis. Não limitamos nossa lista a livros e currículos impressos. Se o fizéssemos, seria uma lista bastante limitada. Portanto, muitos livros e alguns currículos aqui presentes são encontrados em grandes bibliotecas, por meio de empréstimos, ou mesmo numa livraria de livros usados.

Incluímos muitos materiais que nós mesmos usamos, mas há alguns que não conhecemos de forma cabal, e não somos especialistas para avaliar todos os currículos possíveis. Não confunda omissão com desaprovação. Omitimos muitas coisas que incluiríamos se escrevêssemos um livro inteiro, não apenas um apêndice. Além disso, existem alguns materiais que talvez não conheçamos, ou talvez ignoremos de outra forma. Recomendamos a busca de outras opiniões e, se possível, que uma dessas opiniões seja de quem de fato usou o material sugerido.

Um aviso claro

Este é o nosso aviso geral que permeia todos os livros. Se usados adequadamente, cremos que os materiais mencionados nesta *Lista de recursos* devem ser satisfatórios para os cristãos educadores domésticos mais confiantes. O fato de mencionarmos um livro específico não significa endosso absoluto. Em sentido técnico, poderíamos suscitar alguma objeção a quase todos os livros. Mas seu desejo não deve ser ouvir nossas objeções críticas, assim mantivemos nossos comentários poucos e curtos.

Como usar o guia

Procure a categoria que deseja examinar no *índice geral* logo abaixo, depois siga os números e procure-o na *lista de recursos* que se segue. O que

for do seu desejo pode aparecer em mais de um lugar.

Cada divisão do guia é direcionada de volta a algum capítulo do livro, constituindo-se um índice aproximado.

Às vezes, adicionamos notas com informações sobre os materiais, como por exemplo, como obtê-los.

ÍNDICE GERAL

1. Educação clássica
2. Ensino doméstico, de forma geral
A. Preparação geral
B. Disciplina
C. Estudos unitários
D. Abordagem por princípios
3. Artes da linguagem e inglês
A. Fonética
B. Leitores
C. Exercícios de copiar
D. Soletração
E. Gramática inglesa
F. Diagramação de sentenças
G. Esboço
H. Composição
I. Pesquisa
J. Narração oral
4. Retórica
A. Livros didáticos
B. Composição
C. Manuais de inglês e manuais de estilo
D. Interpretação oral
E. Discurso
F. Debate
5. Literatura
A. Leitura em voz alta
B. Lista de livros
C. Clássicos
D. Livros gravados em áudio

6. História

A. Livros didáticos de história

B. Reimpressões de livros de história antiga

C. Catálogos

D. Fontes primárias

E. Materiais para a linha do tempo

F. Geografia

G. Assuntos diversos

7. Governo, direito e economia

8. Idiomas

A. Currículos para estudar vocabulário

B. Bibliografia selecionada de latim

C. Bibliografia selecionada de grego

D. Bibliografia selecionada de hebraico

E. Outros recursos

F. Textos interlineares, interpáginas e intercolunares

G. Textos selecionados em latim

H. Textos selecionados em grego

9. Matemática

10. Lógica

A. Currículo de pré-lógica — nível do conhecimento

b. Currículo de lógica — níveis de compreensão e sabedoria

C. Outros recursos

11. Bíblia e teologia

A. Ajuda para estudos bíblicos

B. Culto familiar

C. Teologia

D. Devocional

E. Confissões e catecismos

F. Catálogos

G. Versões da Bíblia

12. Filosofia

13. Ciência

A. Livros didáticos

B. Microscópios e outros equipamentos científicos

C. Estudo da natureza

D. Ciência criacional

14. Arte e música

A. Arte

B. Apreciação da arte

C. Currículo de arte

D. Apreciação da música

E. Teoria da música

15. Recursos diversos

(Capítulo 4)

ABELSON, Paul. *The Seven Liberal Arts: A Study in Medieval Culture* (New York: Colombia University, 1906).

ADLER, Mortimer J. *The Paideia Proposal* (New York: Macmillan, 1982). Uma filosofia socialista e perturbadora da educação, mas fonte de algumas observações interessantes que podem ajudar o modelo de ensino pelo *trivium*.

BARCLAY, William. *Education Ideals in the Ancient World* (Grand Rapids: Baker Book House, 1974). Uma excelente fonte de observações históricas acerca da educação.

BERQUIST, Laura M. *Designing Your Own Classical Curriculum: A Guide to Catholic Home Education* (Warsaw: Bethlehem Books, 1994).

BLAKE, William N. "A Christian Philosophy of Method in Education: An Application of The Lost Tools of Learning". *The Teaching Home* (August/Sept, 1985), Box 20219, Portland, 97294. Disponível em: www.teachinghome.com.

BLUEDORN, Harvey. *Teaching The Trivium Seminar Tapes*. Disponível em: www.triviumpursuit.com. Fitas sobre educação clássica para seminários.

Covenant Home Curriculum. Disponível em: www.covernanthome.com. É uma abordagem completa e clássica, com um currículo K-12 para educadores domésticos com uma cosmovisão cristã reformada.

Escondido Tutorial Service. Disponível em: www.gbt.org. Great Books Online tutorial.

FARRIS, Michael P. *The Future of Homeschooling* (Hamilton: Michael Farris, 1997).

HICKS, David V. *Norms & Nobility* (New York: Praeger, 1981). Uma abordagem idealista e comprometida com uma educação humanista

clássica, aplicada à escola regular.

MARROU, H. I. *A History of Education in Antiquity*. Tradução de George Lamb (New York: Skeed and Ward, 1965).

_____. *The Metalogicon of John of Salisbury*. O texto em latim foi completado em 1159. Tradução de Daniel D. McGarry. University of California at Berkley.

MEYER, Adolph E. *An Educational History of the Ancient World* (New York: McGraw Hill, 1972). "The Principles of Classical Education". *The Teaching Home* (Sept/Oct, 1997), Box 20219, Portland, 97294.

QUINE, David. *Worldviews of the Western World*. Cornerstone Curriculum, 2006 Flat Creek Place, Richardson, 75080.

SAYERS, Dorothy. "The Lost Tools of Learning". *Teaching the Trivium: Christian Homeschooling in a Classical Style* (Muscatine: Trivium Pursuit, s.d.).

Trivium Pursuit's Homeschooling with the Trivium Email Discussion Loop. Entre em contato com trivium@muscanet.com para mais informações.

VEITH, Gene Edward. *Philanthropy, Culture and Society*. "Pursuing the Trivium: The Assoc. of Classical and Christian Schools". *Capital Research Institute* (Apr., 1995.)

_____; KERN, Andrew. *Classical Education: Towards the Revival of American Schooling* (Washington: Capital Research Center, 1997).

Veritas, 1250 Belle Meade Dr., Lancaster, 17601. Este é um catálogo com uma grande seleção de recursos úteis para educadores domésticos que se valem de uma abordagem clássica.

WAGNER, David L. *The Seven Liberal Arts in the Middle Ages* (Bloomington: Indiana University Press, 1983).

WILSON, Douglas. *Recovering the Lost Tools of Learning* (Wheaton: Crossway Books, 1991). Uma filosofia cristã para um estilo clássico de

educação, aplicada ao modelo da escola regular.

_____, org. *Repairing the Ruins* (Moscow: Canon, 1996). Filosofia cristã para um estilo clássico de educação, aplicada ao modelo da escola regular.

_____. *The Paideia of God* (Moscow: Canon, 1999). Filosofia cristã para um estilo clássico de educação, aplicada ao modelo da *escola* regular.

_____; CALLIHAN, Wesley; JONES, Douglas. *Classical Education and The Homeschool* (Moscow: Canon, 1995). O estilo clássico de educação aplicado ao ensino doméstico.[1]

WISE, Jessie; BAUER, Susan Wise. *The Well Trained Mind* (New York: W. W. Norton & Company, 1999). O estilo clássico de educação aplicado ao ensino doméstico. De forma geral, é um bom material, bastante prático e com muitas listas de recursos confiáveis.

2A. Preparação geral (Capítulos 2, 11)

The Always Incomplete Catalog, 3900 Chalet Suzanne Drive, Lake Wales, 33853. Um catálogo repleto de grandes artigos sobre ensino doméstico e livros e currículos para este.

BEECHICK, Ruth. *You Can Teach Your Child Successfully: Grades 4-8* (Golden: Arrow, 1999). Esta é a melhor introdução extensiva sobre ensino doméstico já publicada.

_____. *The Three R's*: K-3 (Golden: Arrow, 2000). Todos os pais educadores domésticos deveriam ler estes três livretos sobre o ensino e leitura sobre a matemática: *A Strong Start in Language*; *A Home Start in Reading*; *An Easy Start in Arithmetic*.

BLUEDORN, Harvey. *Seven Undeniable Truths of Homeschooling*, fitas de áudio para seminários. Disponível em: www.triviumpursuit.com.

BLUMENFELD, Samuel L. *How to Tutor* (New Rochelle: Arlington House, 1973).

_____. *The New Illiterates* (New Rochelle: Arlington House, 1973).

_____. *NEA-Trojan Horse in American Education* (Boise: Paradigm Co., 1984).

_____. *Is Public Education Necessary*? (Old Greenwich: Devin-Adair, 1981).

BLOOM, Allan. *The Closing of the American Mind* (New York: Simon and Schuster, 1987).

BOYER, Rick. *The Socialization Trap* (Rustburg: The Learning Parent, 1994).

_____. *Home Education with Confidence*. (Rustburg: The Learning Parent, 1995).

CANNON, Ron and Inge. Education PLUS, Taylors. Disponível em: www.edplus.com. Muitos materiais excelentes para educadores domésticos novatos e veteranos.

CLARKSON, Clay. *Whole Hearted Child: Home Education Handbook* (Walnut Springs: Whole Heart Ministries, 1994).

COLFAX, David and Micki. *Homeschooling for Excellence* (New York: Warner Books, 1998).

DUFFY, Cathy. *Christian Home Educators Curriculum Manual: Elementary Grades and Christian Home Educators Curriculum Manual: Jr/Sr High*. Disponível em: www.grovepublishing.com

_____. *Government Nannies: From the Cradle to the Grave* (Gresham: Noble, 1995).

The Elijah Company catalog, 1053 Eldridge Loop, Crossville, 38558. Artigos valiosos sobre ensino doméstico e sobre livros e currículos para ele.

GATTO, John. *Dumbing Us Down* (Philadelphia: New Society, 1992).

GRANGER, Lori and Bill. *The Magic Feather-The Truth About Special Education* (New York: E. P. Dutton, 1986).

GREEN, Robert, ed. *Quit You Like Men Magazine: A Call to True Christian Manliness*, 152 Maple Lane, Hariman, 37748. Esta revista "é para homens que querem vidas simples, piedosas, próximas de suas casas, perto de suas esposas e filhos, perto de Deus".

GROVER, Alan. Ohio's *Trojan Horse-A Warning to Christian Schools Everywhere* (Greenville: BJU, 1977).

HEALY, Jane. *Endangered Minds: Why Our Children Don't Think and What We Can Do About It* (New York: Touchstone, 1990).

_____. *Failure to Connect: How Computers Affect Our Children's Minds for Better and Worse* (New York: Simon and Schuster, 1998).

Home School Digest. Disponível em: www.homeschooldigest.com.

Home School Researcher. Disponível em: www.nheri.org. Este jornal trimestral e acadêmico apresenta pesquisas básicas sobre ensino doméstico e familiar em áreas como socialização, desempenho acadêmico, história e direito. Este periódico único mantém educadores domésticos, pesquisadores e outros a par dos mais recentes dados de pesquisa factual e teórica disponíveis acerca do ensino doméstico.

Homeschooling Today. Disponível em: www.homeschooltoday.com.

Home Education Network Radio. Disponível em: www.homeschoolingusa.com.

Home School Legal Defense Association. Disponível em: www.hslda.org

KLICKA, Christopher J. *Home Schooling in the United States: A Legal Analysis* (Paeonian Springs: HSLDA, 1995).

_____. *The Right Choice* (Gresham: Nobel, 1992).

HOWSHALL, Marilyn. *Wisdom's Way of Learning*. Eatonville: Howshall Home.

MACCAULEY, Susan Schaefer. *For the Children's Sake* (Westchester: Crossway Books, 1984).

MANDER, Jerry. *Four Arguments for the Elimination of Television* (New York: Quill, 1978).

MONTGOMERY, Zach. *Poison Drops in the Federal Senate* (Washington: Gibson Brothers, 1886).

MOORE, Raymond and Dorothy. *Better Late Than Early* (Readers Digest, 1975).

_____. *Home Grown Kids* (Dallas: Word, 1981).

_____. *School Can Wait* (Provo: BYU, 1982).

_____. *The Successful Homeschool Family Handbook* (Nashville: Tomas Nelson., 1994).

_____. *Minding Your Own Business* (Brentwood: Wolgemuth Hyatt, 1990).

Moore Report International Magazine, Box 1, Camas, 98607 (360-835-2736).

MORRIS, Barbara M. *Change Agents in the Schools* (Upland: The Barbara M. Morris Report, 1979).

NATHHAN News. Disponível em: www.nathhan.com. National Challenged Homeschoolers Associated Network. NATHHAN é uma organização cristã, sem fins lucrativos, dedicada a apoiar famílias com crianças com necessidades especiais em seu ensino doméstico. Esta é uma das minhas revistas favoritas.

The Nebraska Civic Digest. Disponível em: www.familiesthatflourish.com. Um jornal pró-família cristão e mensal. Não é restrito a moradores de Nebraska.

PATRICK, James, org. *America 2000/Goals 2000: Research Manual* (Moline: Citizens for Academic Excellence, 1994). East Moline Christian School, 900 46th Avenue, East Moline, 61244.

Practical Homeschooling Magazine. Disponível em: www.homerschool.com.

PRIDE, Mary. *The Big Books of Home Learning* (Home Life, 1999), 3 vols.

RAY, Brian D. *Home Schooling on the Threshold: A Survey of Research at the Dawn of the New Millennium*. Disponível em: www.nheri.org. Esta é a revisão mais recente de pesquisas acerca de vários tópicos relacionados com o ensino doméstico.

_____. *Strengths of Their Own: Home Schoolers Across America: Academic Achievement, Family Characteristics, and Longitudinal Trait*. Disponível em: www.nheri.org. Este livro único é um relatório compreensivo e abrangente, sobre o maior estudo nacional e longitudinal do dr. Ray, que inclui estatísticas, análises e uma avaliação dos benefícios do ensino doméstico para crianças, famílias e sociedade. O livro apresenta um resumo dos estudos do pesquisador sobre ensino doméstico, explica os métodos utilizados, apresenta muitas páginas e gráficos de dados e

estatísticas, resume as descobertas e conclui com um capítulo final sobre os pontos fortes do ensino doméstico.

REED, Karl. *The Bible, Homeschooling and the Law* (Christian Home Ministries, 1991).

SACKS, Peter. *Standardized Minds, The High Price of America's Testing Culture and What We Can Do to Change It* (Cambridge: Perseus Books, 1999).

STOUT, Maureen. *The Feel-Good Curriculum, The Dumbing-Down of America's Kids in the Name of Self-Esteem* (Cambridge: Perseus Books, 2000).

The Teaching Home Magazine. Disponível em: www.teachinghome.com.

VITZ, Paul C. *Censorship — Evidence of Bias in Our Children's Textbooks* (Ann Arbor: Servant Books, 1986).

WHITEHEAD, John W. *Home Education and Constitutional Liberties* (Westchester: Crossway, 1986).

WINN, Marie. *The Plug-In Drug*: Television, Children and the Family (New York: Penguin Books, 1985).

2B. Disciplina (Capítulo 11)

ABBOTT, John S. C. *The Mother At Home* (GAM, 1998). Disponível em: www.graceandtruthbooks.com.

BARTH, Jeff and Marge. *Child Training and the Home School* (Charlotte: Parable, 1991).

DAVIS, S. M. *Changing the Heart of a Rebel* (livreto e video). Park Meadows Baptist Church. 800 Memorial Park Road, Lincoln, 62656.

WITHERSPOON, John. *Letters on the Education of Children* (East Moline: MacArthur Institute, 2001).

2C. Estudos unitários (Capítulo 10)

Beautiful Feet Books. Disponível em: www.bfbooks.com. “History Through Literature Series”.

BENDT, Valerie. *How to Create Your Own Unit Study* (Tampa: Common Sense /Bendt Family Ministries, 1994).

HULSEY, Jessica Konos. Disponível em: www.konos.com.

LAMBERT, Jane Claire and Becky Jane. *Five in a Row*. Disponível em: www.fiveinnarow.com.

STOUT, Kathryn. *Guides to History Plus*. Disponível em: www.designastudy.com. História, geografia, governo e economia são incorporados num guia fácil de se usar para o estudo de qualquer período ou cultura no programa K-12.

2D. Abordagem por princípios (Capítulo 10)

Foundation for American Christian Education. Disponível em: www.face.net.

JANES, Rose. *A Guide to American Christian Education for Home & School: Principle Approach* (Palo Cedro: American Christian History Institute, s.d.).

SLATER, Rosalie. *Teaching and Learning America’s Christian History: The Principle Approach* (Chesapeake: Foundation for American Christian Education, s.d.). Disponível em:

3. ARTES DA LINGUAGEM E DO INGLÊS

3A. Fonética (Capítulo 11)

BLUMENFELD, Samuel. *Alpha-Phonics: A Primer for Beginning Readers* (Boise: Small Ventures, 1993). Disponível em: www.howtotutor. Um currículo excelente, barato e intensivo sobre fonética.

DETTMER, Bonnie. *Phonics for Reading and Spelling*. Ensina fonética de forma intensiva, no mesmo estilo de *The Writing Road to Reading*. Para crianças com idades entre 4 e 13 anos.

DIEHL, Kathryn. *Johnny Still Can't Read But You Can Teach Him at Home* (New York: Cal Industries, 1976).

FLESCH, Rudolf, *Why Johnny Can't Read* (New York: Harper and Row, 1966).

PhonicsTutor, 4:20 Communications. Disponível em: wwwphonicstutor.com. Currículo de fonética, leitura e soletração para computadores que se valem de Alpha-Phonics.

ROGERS, Frank. The Great Saltmine and Hifwip Direct Phonics Reading Program. Disponível em: www.tatrasaverticalphonics.com. Um currículo de leitura barato e baseado em fonogramas. Eu usaria este com meus filhos se estivesse começando.

SPALDING, Romalda Bishop; SPALDING, Walter T. *The Writing Road to Reading: A modern method of phonics for teaching children to read* (New York: Quill, 1969).

3B. Readers (Capítulos 11, 12)

Christian Liberty. Disponível em: www.homeschools.org. Reimpressões de Readers antigos sobre estudos da natureza, literatura e história.

McGuffey's Readers (Fairfax: Christian School Edition, 1974).

3C. Exercícios de copiar (Capítulo 11)

BEECHICK, Ruth. *The Three R's: K-3* (Golden: Arrow, 2000). Três livretos, incluindo *A Strong Start in Language*.

RUSHTON, Cindy. *Language Arts: The Easy Way*. Disponível em: www.utmost-way/bookfair/bftime4tea.htm.

3D. Soletração (Capítulo 12)

ADAMS-GORDON, Beverly L. *Spelling Power*. Disponível em: www.castlemoyle.com.

BLUEDORN, Harvey. *Handy English Encoder and Decoder* (Muscatine: Trivium Pursuit, s.d.). Aqui estão todas as regras para soletração e fonética.

Christian Technologies. Disponível em: www.chrisriantech.com. O dicionário de Webster, o de 1828, em CD ROM.

Noah Webster's 1828 Dictionary (San Francisco: Foundation for American Christian Education, 1980). Reimpressão do dicionário de Webster.

Reader's Digest Family Word Finder: A New Thesaurus of Synonyms and Antonyms in Dictionary Form (Pleasantville: The Reader's Digest Association, 1986).

STOUT, Kathryn. *Natural Speller*. Disponível em: wwwdesignastudy.com

WEBSTER, Noah. *The Elementary Spellingbook*. Disponível em: www.triviumpursuit.com.

3E. Gramática inglesa (Capítulo 12)

PHILLPS, Wanda C. *Easy Grammar*. Disponível em: www.easygrammar.com. Este é um currículo bom e completo de gramática.

3F. Diagramação de sentenças (Capítulo 12)

DARLY, Mary. *The Complete Book of Diagrams*. Disponível em: www.riggsinst.org.

HAJEK, Ellen. *Diagramming: The Key to Understanding Grammar*. Disponível em: www.bbhomeschoolcatalog.com.

3G. Esboço (Capítulos 12, 13, 14)

BRADRICK, Susan, *Understanding Writing* (Montesano: Bradrick Family Enterprises, s.d.). Esboço de textos.

3H. Composição (Capítulos 12, 13, 14)

BRADRICK, Susan. *Understanding Writing* (Montesano: Bradrick Family Enterprises, s.d.). Um currículo completo de redação centrado em Cristo. Abrange todos os aspectos da redação. Indicado para todas as idades.

FLESCH, Rudolf; LASS, Abraham H. *The Classic Guide to Better Writing* (New York: Harper Perennial, 1996). Cada capítulo tem cerca de dez páginas, incluindo um breve resumo e muitos exercícios no final. Não é extenso, mas fornece informações essenciais. A segunda metade do livro é uma revisão da gramática inglesa focada em erros comuns. Este é um bom livro para acolher estudantes que saem do sistema escolar do governo, inclusive adultos. Indicado para crianças de 13 anos ou mais.

THAXTON, Carole. *Learn to Write the Novel Way*. Disponível em: www.Konos.org. Currículo de redação para produzir seu próprio romance, para os níveis 5-12.

WIENER, Harvey S. *Any Child Can Write: How to Improve Your Child's Writing Skills from Preschool to High School* (New York: Bantam Books, 1990). Livro inspirador para os pais lerem com o fim de ajudar os filhos a escrever. Leia este livro enquanto seu filho ainda for jovem.

The Writing In Narrative Series (Crossville: The Elijah Company, s.d.). Para todas as idades.

ZINSSER, William. *On Writing Well: An informal guide to writing nonfiction* (New York: Harper and Row, 1980). Para alunos de retórica melhorarem suas habilidades de redação.

3I. Pesquisa (Capítulos 13, 14)

BARZUN, Jacques; GRAFF, Henry F. *The Modern Researcher* (Orlando: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1985). Este livro destina-se a qualquer pessoa que esteja envolvida em pesquisa e redação de relatórios, independentemente do seu interesse no campo estudado. Ele inclui o ensino do uso de fontes para a pesquisa (índices, bibliografias, dicionários etc.), verificar e organizar os dados; fontes de avaliação; escrever claramente; tomar notas; e muito mais.

BLUEDORN, Nathaniel. *How to Use the Internet to Do Research*. Fita de áudio do seminário. Disponível em: www.triviumpursuit.com.

LAMM, Kathryn. *10,000 Ideas for Term Papers, Projects, Reports, and Speeches* (New York: MacMillan, 1998). Cheio de tópicos interessantes adequados para quase qualquer trabalho de pesquisa. Indicado para crianças de 10 anos ou mais.

ROTH, Audrey J. *The Research Paper: Process, Form, and Content*. 6. ed. (Belmont: Wadsworth, 1989). Melhor livro que encontramos sobre a redação de artigos de pesquisa.

3J. Narração oral (Capítulos 11, 12, 13)

ANDREOLA, Karen. *A Charlotte Mason Companion* (Charlotte Mason Research and Supply, 1998).

MACAULAY, Susan Schaeffer. *For the Children's Sake* (Westchester: Crossway Books, 1984).

4. RETÓRICA

4A. Livros didáticos (Capítulos 7, 14)

ADLER, Mortimer J.; VAN DOREN, Charles. *How to Read a Book* (New York: Simon and Schuster, 1972).[2]

ARISTOTLE [Aristóteles]. *Rhetoric*. Tradução de Rhys Roberts.

CORBETT, Edward P. J. *Classical Rhetoric for the Modern Student*. 4. ed. (Oxford: Oxford University Press, 1988). Uma tentativa de trazer a retórica para a sala de aula. É o livro didático padrão para o estudo da retórica. Grande bibliografia de textos primários e secundários.

DABNEY, Robert L. *Lectures in Sacred Rhetoric*.

DIXON, Peter. *Rhetoric* (London: Methuen and Company, 1971). A história, regras e uma grande bibliografia acerca da retórica.

HORNER, Winifred. *Rhetoric in the Classical Tradition*.

HOWERS, Raymond F., org. *Historical Studies of Rhetoric and Rhetoricians* (Ithaca: Cornell University Press, 1961).

MURPHY, James J. "The Origins and Early Development of Rhetoric". *A Synoptic History of Rhetoric* (Davis: Hermagoras, 1983).

NEWBORN, Maryalice B. *Study Guide for How to Read a Book*.

QUINTLIAN, *Institutio Oratoria*. Tradução de H. E. Butler.

VICKERS, Brian. *In Defense of Rhetoric* (Oxford: Clarendon, 1988). Contém uma grande bibliografia retórica e definições de figuras e jargões retóricos.

4B. Composição (Capítulo 14)

FLESH, Rudolf; LASS, Abraham H. *The Classic Guide to Better Writing* (New York: Harper Perennial, 1996). Cada capítulo tem cerca de dez páginas, incluindo um breve resumo e muitos exercícios no final. Não é extenso e fornece informações essenciais. A segunda metade do livro é uma revisão

da gramática inglesa focada em erros comuns. Este é um bom livro para acolher estudantes que saem do sistema escolar do governo, inclusive adultos. Indicado para crianças de 13 anos ou mais.

ZINSER, William. *On Writing Well: An informal guide to writing nonfiction* (New York: Harper and Row, 1980). Para alunos de retórica melhorarem suas habilidades de redação.

4C. Manuais de inglês e manuais de estilo (Capítulo 14)

The Chicago Manual of Style: For authors, editors, and copywriters (Chicago: The University of Chicago Press, 1982).

COLLINS, Grace C. *English Handbook for Christian Schools* (Greenville: Bob Jones University, s.d.).

FOWLER, H. W. *The King's English*. Numerosos editores e edições. O guia padrão para gramática e dicção. Um século e meio depois, ainda é reproduzido. Não é sujeito às corrupções que surgem nos tratamentos modernos da gramática. Seu alcance é grande e interessante: vocabulário, sintaxe, graça (sutilezas da expressão), pontuação e muito mais. Poderia ser usado no estudo da gramática no nível de sabedoria, com um foco nos erros facilmente cometidos e nas sutilezas de expressão.

LUNSFORD, Andrea; CONNERS, Robert. *The St. Martin's Handbook* (New York: St. Martens, 1995).

SKILLIN, Marjorie E. and Robert M. *Gay Words into Type* (Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1974).

STRUNK, William Jr.; WHITE, E. B. *The Elements of Style* (New York: MacMillan, 1979).

4D. Intepretação oral (Capítulos 7, 11, 12, 13, 14)

BAHN, Eugene; BAHN, Margaret L. *A History of Oral Interpretation* (Minneapolis: Burgess, 1970). Do período grego clássico ao século XX.

DEPLITCH, Edith Martha. *Poems of Fun and Fancy for the Little Folks — Arranged for Group Speaking* (Boston: Expression Company, 1942).

FAIRBANKS, Grant. *Voice and Articulation Drillbook* (New York: Harper and Brothers, 1940). Inclui articulação, soletração, respiração, tempo, afinação, intensidade e qualidade de voz com muitos exercícios.

FARMA, William J., org. *Prose, Poetry and Drama f or Oral Interpretation* (New York: Harper and Brothers, 1936).

GRANGER, Edith, org. *An Index to Poetry and Recitations: Being a Practical Reference Manual for the Librarian, Teacher, Bookseller, Elocutionist, etc.* (Chicago: A. C. McClurg and Co., 1904, 1918, 1929, 1940). Estes livros organizam os conteúdos de centenas de volumes, compreendendo coleções populares e comuns de poesia, recitações (tanto prosa e verso), orações, exercícios, diálogos, seleções de dramas etc., tudo impresso no momento da compilação.

GRAY, Margie, org. *Anne's Anthology: Following the Footnote Trail, Poetry Popular in the Victorian Era* (Silver City: Cadron Creek Christian Curriculum, 2000).

HANSCHKE, Roy. *Voice Personality: Dress Your Voice with Personality*. Disponível em: www.voicepersonality.com. Treinamento de voz com livretos e fitas.

HENDRY, Jim and Shelley. *Helps for interpretive reading, drama and speech* (fitas de vídeo e áudio). E-mail: hisimag@kerrlake.com

JOHNSON, Gertrude E. *Dialects for Oral Interpretation: Selections and Discussion* (New York: The Century Company, 1926). Um texto utilizável e fonte de materiais para o estudo dos dialetos.

KIDD, Robert. *Voice Culture and Elocution* (Wilson, Hinkle and Company, 1857). Com numerosos exercícios de leitura e recitação.

LEE, Charlotte I. *Oral Interpretation* (Boston: Houghton Mifflin, 1959). Índice inclui: princípios básicos de interpretação oral; a interpretação da

prosa; a interpretação do drama; a interpretação da poesia; uma breve história das teorias da interpretação; material sugerido para interpretação oral.

McGuffey's Readers (Fairfax: Christian School Edition, 1974).

MCHALE, Frank. *Pieces That Have Won Prizes* (Freeport, New York: Books for Libraries, 1972).

OLLIVANT, Alfred. *Bob, Son of Battle* (New York: Grosset & Dunlap, 1898), ou outros livros de ficção escritos em algum idioma estrangeiro.

PARRISH, Wayland Maxfield. *Reading Aloud* (New York: The Ronald Press, 1932). Inclui objetivos no estudo da leitura oral, método no estudo da leitura, interpretação da atitude, vivacidade da expressão, leitura do verso, melhoria da voz, soletração, qualidade emocional na poesia, qualidade imaginativa na poesia, representação e arte de interpretação.

PROCTER, Leslie C.; STROOP, Gladys Trueblood, orgs. *Selections for Public Speaking* (NewYork: Charles Scribner's Sons, 1930).

REEVES, James; CULPAN, Norman. *Dialogue and Drama* (Boston: Plays, 1950). Um livro de passagens para serem lidas em alta voz.

SHOEMAKER, Charles C., org. *Choice Dialect and Other Characterizations: Containing Readings and Recitations in Irish, German, Scotch, French, Negro, and other Dialects* (Philadelphia: The Penn, 1924).

SHOEMAKER, J. W, org. *Shoemaker's Best Selections for Readings and Recitations Series* (Philadelphia: The Penn, 1911).

WOODS, Ralph L., org. *A Treasury of the Familiar Series* (NewYork: MacMillan Company, 1942). Uma coleção de leituras para recitação.

4E. DISCURSO (Capítulos 7, 12, 13, 14)

ASLETT, Don. *Is There a Speech Inside You?* (Cincinnati: Writer's Digest Books, 1989). Muito engraçado.

BUYS, William E., org. *Creative Speaking* (Lincolnwood: National Textbook, 1981). Fornece uma orientação abrangente para estudantes que se preparam para competições de discursos (oratória, interpretação oral de prosa e poesia, discurso expontâneo, interpretação dramática séria, dramaticidade humorística, interpretação etc.).

BUEHLER, E. C.; JOHANNESEN, Richard L. *Building the Contest Oration* (NewYork: The H. W. Wilson Company, 1965). Para estudantes de ensino médio.

CICERO, Marcus Tullius. *The Making of an Orator*. Tradução de E. W. Sutton (Cambridge: Harvard University Press, 1942).

DUERR, Edwin. *Radio and Television Acting*: Criticism, Theory and Practice (NewYork: Rinehart and Company, 1959).

EWBANK, Henry L.; LAWTON, Sherman P. *Projects for Radio Speech: A Manual for the Student* (New York: Harper and Brothers).

FARIS, Jerri. Fitas de áudio sobre como iniciar um clube de discursos e debates para grupos de estudo domiciliar.

GOLDIN, William R.; MAMMEN, Edward W. *The Art of Speaking Made Simple: A Comprehensive Course for Self-Study and Review* (Garden City: Doubleday and Co., 1981).

HOLM, James Noble. *How to Judge Speech Contests* (Portland: Platform News, 1938).

JEUB, Chris. *Jeub's Complete Guide to speech and Debate* (Monument: Training Minds Ministry, s.d.).

LITFIN, Duane. *Public Speaking: A Handbook for Christians* (Grand Rapids: Baker, 1992). Livro didático para discursos em público.

MONROE, Alan H.; EHNINGER, Douglas. *Principles and Types of Speech* (Glenview: Scott, Foresman and Company, 1967). Livro didático para discursos.

MOON, Teresa M. *Beginning Public Speaking* (Monument: Training Minds Ministry, s.d.). Um programa simples, fácil de usar, que não requer experiência anterior e fácil de se acompanhar, focado na introdução e desenvolvimento de habilidades para se falar em público, direcionadas ao aluno (e professor) cristão.

MULGRAVE, Dorothy I.; MARLOR, Clark S.; BAKER, Elmer E. Jr. *Bibliography of Speech and Allied Areas — 1950-1960* (New York: Chilton Company, 1962). Bibliografia de dissertações de doutorado e livros relacionados ao discurso e áreas interligadas a ele.

OLIVER, Robert T. *Effective Speech* (New York: Holt, Rinehart and Winston, 1939). Livro didático de discurso.

PLATZ, Mabel. *The History of Public Speaking*: A Comparative Study of World Oratory (New York: Noble and Noble, 1935). Da Grécia antiga até a Guerra Mundial.

RAUBICHECK, Letitia. *How to Teach Good Speech in the Elementary Schools* (New York: Noble and Noble,1937). Técnicas e procedimentos no ensino das artes do discurso. Inclui uma bibliografia de materiais de uso oral.

The Teaching Home Magazine, Box 20219, Portland, 97220. "Communication Skills" Feb/March 1993 issue. "Debate" Oct/Nov 1985 issue.

THONSSEN, Lester; FATHERSON, Elizabeth; THONSSEN, Dorthea. *Bitiography of Speech Education* (New York: The H. W. Wilson Company, 1939). Um índice bibliográfico de literatura sobre ensino do discurso. Inclui retórica, interpretação e dramatização.

THONSSEN, Lester; ROBB, Mary Margaret; THONSSEN, Dorthea. *Bibliography of Speech Education-Supplement*: 1939-1948 (New York: The H. W. Wilson Company, 1950).

Toastmasters (verifique com sua biblioteca para encontrar um endereço).

Trivium Pursuit's List of National Contests Open to Homeschoolers (Muscatine: Trivium Pursuit, s.d.).

Você encontrará livros didáticos sobre discurso a partir de PN4000 (usando o Sistema da Biblioteca do Congresso) em sua biblioteca.

4F. Debate (Capítulos 7, 13, 14)

BLUEDORN, Laurie. *The Bare Bones Basics of Debate*. Fita de áudio do seminário. (Muscatine: Trivium Pursuit, s.d.). Disponível em: www.triviumpursuit.com

CHANDLER, Robert A. "Selected Bibliography on Argumentation and Debate". In: *Advanced Debate: Readings in Theory, Practice and Teaching*. 3. ed. THOMAS, David A.; HART, Jack, orgs. (Lincolnwood: National Textbook, 1987).

COLBURN, Frank E. "The Art of Debate" (Old Greenwich: Listening Library). Mensagem gravada por um treinador do debate.

COURTNEY, Luther W.; CAPP, Glenn R. *Practical Debating* (Chicago: J. B. Lippincott Company, 1949). Livro didático de debate da faculdade. Contém um exemplo de um debate formal e um debate de rádio.

CROCKER, Lionel. *Argumentation and Debate* (New York: American Book Company, 1944). Livro didático de debate. Bibliografia de coleções de discursos, lista de discursos argumentativos, resoluções para debate, tópicos para discursos argumentativos, um breve exemplo de um debate e vários discursos famosos são analisados aqui.

FARRIS, Christy. *An Introduction to Argumentation and Debate* (Purcellville: HSLDA, 1997). Um livro didático de debate básico e fácil de se entender, escrito a partir de uma perspectiva voltada para o ensino doméstico cristão. Se você nunca estudou para debater, aqui é onde deve começar. Este livro de 83 páginas abrange todos os fundamentos do debate formal,

incluindo lógica, pesquisa, questões de conhecimento, construção de casos afirmativos, estratégias negativas, evidências e muito mais.

FOSTER, William Trufant. *Argumentation and Debating* (Boston: Houghton Mifflin Company, 1908). Capítulos sobre: frasear a proposição, analisar a proposição, proferir a proposição, refutar argumentos opostos, construir um resumo, desenvolver o argumento do resumo, despertar as emoções e debater. Também contém exercícios em cada capítulo, exemplos de resumos, exemplos forenses, exemplos de debates, instruções para juízes e uma lista de proposições.

FRYAR, Maridell; THOMAS, David A. *Basic Debate* (Skokie: National Textbook Company, 1979). Um livro didático básico para estudantes iniciantes de debate.

HENSLEY, Dan; PRENTICE, Diana. *Mastering Competitive Debate* (Caldwell: Clark, 1982).

HOLZER, Harold, org. *The Lincoln-Douglas Debates: The First Complete Text*.

Home School Heartbeat, transmissões via rádio com Michael P Farris. Debate Week, Shows 1546-1550. HSLDA, Box 3000, Purcellville, 20134.

An Introduction to Argumentation and Debate Video Tape Set With Deborah Haffey, Cedarville College Debate Team Coach. HSLDA, Box 3000, Purcellville, 20134. O primeiro deste conjunto de dois vídeos apresenta uma leitura de 45 minutos sobre os princípios da teoria do debate; a segunda fita apresenta um debate real com comentários entre palestrantes.

JEUB, Chris. *Jeub's Complete Guide to Speech and Debate*. Training Minds Ministry, 16315

Rickenbacker Avenue, Monument, 80132 (719-487-7621). Um guia educacional que mostra como treinar crianças e adolescentes nas habilidades de falar e debater em público. Planejado especificamente para famílias que se valem do ensino doméstico.

KAY, Jack; ULRICH, Walter. *Bibliography on Debate Theory and Individual Events* (Kansas City: National Fed. of State High School Associations, 1990).

KRUGER, Arthur N. *Modern Debate — Its Logic and Strategy* (New York: McGraw-Hill Book Company, 1960). Livro didático com exercícios e amostras de debates.

LAHMAN, Carroll Pollock. *Debate Coaching: A Handbook for Teachers and Coaches* (New York: The H. W. Wilson, 1930). Julgando o debate, bibliografia para discursos e debates, temas de debate.

MILLER, Marion Mills, org. *Great Debates in American History* (New York: Current Literature, 1913).

MOULTON, Eugene R. *The Dynamics of Debate* (New York: Harcourt, Brace & World, 1966). Livro didático com exercícios e perguntas.

MUSGRAVE, George McCoy. *Competitive Debate: Rules and Techniques* (New York: The H. W. Wilson Company, 1957).

National Christian Forensics and Communications Association (NCFCA), Box 500208, San Diego, 92150 (858) 774-2291. Disponível em: www.ncfca.org. Organização que oferece recursos para debates e discursos e patrocinadores do discurso nacional de ensino doméstico e debate.

NICHOLS, Egbert Ray. *Intercollegiate Debate-The Year Book of College Debating — Affirmative and Negative* (New York: Noble and Noble). Estes anuários foram publicados em torno de 1920 até a Segunda Guerra Mundial. Dezenas de debates sobre inúmeros tópicos.

O'NEILL, James Milton; LAYCOCK, Craven; SCALES, Robert Leighton. *Argumentation and Debate* (New York: The Macmillan Company, 1917). Lista de regras para se escrever um resumo.

PATTEE, George K. *Practical Argumentation* (New York: The Century Company, 1909). "Argumentação é a arte de apresentar a verdade para

que outros a aceitem e atuem de acordo com ela. O debate é uma forma especial de argumentação: é uma argumentação oral realizada por lados opostos."

PHELPS, Edith M., org. *Debaters' Manual* (NewYork: The H. W. Wilson Company, 1924). Como preparar um debate, como formar e gerenciar uma sociedade de debate, e uma grande bibliografia sobre discursos, argumentação e debates em público.

_____. *University Debaters Annual-Constructive and Rebuttal Speeches Delivered in Debates of American Colleges and Universities* (New York: The H. W. Wilson Company). Estes anuários foram publicados em torno de 1920 até a Segunda Guerra Mundial. Dezenas de debates sobre inúmeros tópicos.

SANDFORD, William Phillips; YEAGER, William Hayes. *Problems for Debate Practice* (New York: T. Nelson and Sons, 1933).

SUMMERS, Harrison Boyd. *How to Debate: A Textbook for Beginners* (New York: The H. W. Wilson Company, 1963).

Training Minds Ministry, 16315 Rickenbacker Avenue, Monument, 80132. O treinador de discurso e debate, Chris Jeub, distribui recursos de alta qualidade para estudantes e famílias que desejam iniciar debates acadêmicos e eventos de discurso individuais. O sr. Jeub também escreve livros anuais que discutem o tema do debate e fornecem pesquisas básicas para iniciar os novatos no assunto. Immigration Reform: Debating the 2000-2001 Home School Resolution, um guia de estudo para o debate deste ano; e-mail loop e-mailingjeub@earthlink.net; amostra gratuita da revista The Christian Debater.

Trivium Pursuit Web Page. Disponível em: www.triviumpursuit.com. Informação sobre ensino doméstico voltado para discursos e debates.

WIESE, Jeffrey. *Lincoln-Douglas Debate: Values in Conflict* (Topeka: Clark, 1996).

WINKLER, Carol; NEWNAM, William; BIRDSELL, David. *Lines of Argument for Policy Debate* (Madison: Brown and Benchmark, 1993). Livro de nível universitário.

WOOD, Roy V.; GOODNIGHT, Lynn. *Strategic Debate* (Lincolnwood: National Textbook Company, 1968), p. 58. Um livro projetado especificamente para o debate acadêmico. Fácil de entender.

Usando o Sistema da Biblioteca do Congresso, os livros de debate são encontrados a partir do PN4180 em sua biblioteca.

5. LITERATURA

5A. Leitura em voz alta (Capítulos 11, 12, 13, 14)

Bethlehem Books, 15605 County Road Fifteen, Mento, 58261. Reimpressões de literatura infantil clássica. Excelente ficção histórica.

Grace and Truth Books. Disponível em: www:graceandtruthbooks.com. Este catálogo traz inúmeras reimpressões da literatura antiga, em especial a infantil. Altamente recomendado.

McGuffey's Readers (Fairfax: Christian School Edition, 1974).

Preston Speed. Disponível em: www.prestonspeed.com. Editores da série de G. A. Henty. Capa dura e capa mole.

Robinson Books G. A. Henty Collection, 99 livros (a obra completa) e 53 histórias curtas de G. A. Henty com 216 histórias curtas adicionais de Henty em 6 CD-ROMs (Cave Junction: Oregon Institute of Science and Medicine, s.d.).

Vision Forum. Disponível em: www.visionforum.com. Catálogo que oferece livros valiosos para a família ler em voz alta.

5B. Lista de livros (Capítulos 11, 12, 13, 14)

BLUEDORN, Nathaniel. *Hand That Rocks the Cradle: A List of Good Books to Read Aloud to Children* (Muscatine: Trivium Pursuit, s.d.). Lista de clássicos que nossa família leu.

BLUEDORN, Ava. *Lives in Print: Biographies and Autobiographies* (Muscatine: Trivium Pursuit, s.d.). Lista de biografias e autobiografias.

HATCHER, Carolyn. *Let the Authors Speak* (Joelton: Old Pinnacle, 1992). Um guia para livros conceituados com base na configuração histórica.

MAGILL, Frank N., org., *Masterplots: Stories and Essay-Reviews from the World's Fine Literature* (New York: Salem, 1964). Outras edições também são boas. Masterplots é um conjunto de livros que podem ser

encontrados na maioria das seções de referência de qualquer biblioteca. Este conjunto é muito útil se quiser descobrir sobre o que é um certo livro — seu enredo e personagens. Há uma descrição de uma página só da maioria dos clássicos de todos os períodos.

MCFARLANE, Patricia Anne. *Authors: A Chronological Annotates Bibliography of Authors and Literary* Works of Western Literature from Ancient Times Through 1798 (Friendswood: A Word in Season, s.d.).

MILLER, Christine. *All Through the Ages: A Guide to Experiencing History Through Literature*. Nothing New, 1015-M South Taft Hill Road #263, Fort Collins, 80521. Extensa compilação de livros organizados de forma cronológica e geográfica. Para todas as idades.

Who Should We Then Read? Disponível em: www.abebooks.com. Este guia de referência de 250 páginas contém 140 biografias de autores de ótimos livros para crianças e adultos jovens e listas alfabéticas de séries de qualidade.

5C. Clássicos (Capítulos 8, 9, 13, 14)

ONDE ENCONTRAR AS TRADUÇÕES PARA O INGLÊS DA LITERATURA CLÁSSICA GREGA E LATINA:

1. Grandes bibliotecas públicas e bibliotecas universitárias possuem traduções para o inglês de clássicos gregos e latinos.

A Loeb Classical Library, fundada por James Loeb, com vários editores. Cambridge: Harvard University Press, numerous dates. Este é um enorme conjunto de clássicos gregos e latinos que possui o texto em grego ou latim de um lado da página e o em inglês do outro. Volumes em grego, Biblioteca do Congresso: PA3622-5340. Volumes em latim, Biblioteca do Congresso: PA6121-6801.

2. Encontre as traduções para o inglês nestes catálogos:

Greenleaf. Disponível em: www.greenleafpress.com. Este catálogo contém vários clássicos gregos e latinos.

Veritas, 1250 Belle Meade Dr., Lancaster, 17601. Este catálogo contém vários clássicos gregos e latinos.

3. Existem centenas de fontes on-line para as traduções em inglês. Listamos abaixo os nossos favoritos:

The Internet Classics Archive, por Daniel C. Stevens — Uma seleção de 441 obras da literatura clássica por 59 autores diferentes. Principalmente obras greco-romanas (algumas chinesas e persas), tudo em tradução inglesa. Disponível em: http://classics.mit.edu

The MacTutor History of Mathematics Archive — uma coleção de mais de 1000 biografias e artigos históricos de natureza matemática. Disponível em: www.historv.mcs.st-and.ac.uk/history

The Internet History Sourcebooks Project, por Paul Halsall — coleções de textos históricos de domínio público e abertos para serem copiados com um uso educacional em vista. Inclui história antiga, medieval e moderna. Disponível em: www.fordham.edu/halsall

The Perseus Digital Library. Disponível em: www.perseus.tufts.edu

The Internet Public Library — vários textos online. Disponível em: www.ipl.org

The On-Line books Page — visite suas mais de 12 mil listas. Disponível em: www.digital.library.upenn.edu/books

Eserver.org — aqui são publicados trabalhos de qualidade (30.180 deles) nas áreas de artes e humanidades. Disponível em: www.eserver.org

History Central Catalog. Disponível em: www.ukans.edu/history/VL

Livros clássicos cristãos em formato eletrônico. Disponível em: www.ccel.org

Boa literatura republicada digitalmente. Disponível em: www.gutenberg.net

Athena: mais de 10.000 links para livros de todos os assuntos possíveis. Disponível em: http://un2sg4.unige.ch/athena/html/athome.html

CLÁSSICOS EM GREGO E LATIM MENCIONADOS NOS CAPÍTULOS 8 E 9

AESCHYLUS. *The Persian*.

ANTÍFONES. *First and Second Tetralogies and selected speeches*.

Obras seletas, de Aristóteles

ARISTÓTELES. *The Constitution of Athens*.

ARRIAN. *Anabasis of Alexander*.

CICERO. *A república*.

DARIO. *The Behistan Inscription*.

DEMÓSTENES. *First Philippic*.

_____ [Demóstenes]. *On the Crown*.

_____. *Third Philippic*.

DIODORUS SICULUS. *Historical Library*.

DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*.

DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *The Roman Antiquities*.

EPICURUS. *Letter to Herodotus and Letter to Menoeceus*.

ESTRABÃO. *Geografia*.

Fábulas de Esopo

HERÓDOTO. *Histórias*.

HIPÓCRATES. Obras seletas. *Da doença sagrada*.

_____. *Da medicina antiga*.

_____. *On Airs, Waters, and Places*.

_____. *The Oath*.

ISÓCRATES. *On the Areopagiticus*.

_____. *The Panegyricus*.

_____. *To Philip*.

JOSEFO, Flávio. *Antiguidades judaicas*.

LÍVIO. *The Early History of Rome*.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*.

_____. *A República*.

_____. *Crito*.

_____. *Leis*.

_____. *Phaedo*.

PLINIO, o Velho. *História natural*.

PLUTARCO., *Vidas* paralelas.

POLÍBIO. *Histórias*.

SÓLON. *Select Fragments of poetry*.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*.

XENÓFANES. *Helenica*.

_____. *The Anabasis*.

_____. *The Education of Cyrus the Great*.

5D. Livros gravados em áudio (Capítulo 11)

Audio Book Club. Disponível em: www.audiobookclub.com

Audio Bookshelf. Disponível em: www.audiobookshelf.com.

Blackstone Audio Books. Disponível em: www.blackstoneaudio.com.

Books in Motion. Disponível em: www.booksinmotion.com.

Books on Tape. Disponível em: www.booksontape.com.

Cargo Company. Disponível em: www.classicsontape.com

Children's Classics Library, Newport, 912 E. Union St., Pasadena, 91106.

Jim Hodges Productions, 20601 S.E. 74th Street, Newalla, 74857. Livros de Henty em áudio.

Knowledge Products, The Audio Classics Series. Disponível em: www.knowledgeproducts.net

Listening Library. Disponível em: www.listeninglib.com/audio

Orion’s Gate. Disponível em: www.orionsgate.org

Recorded Books. Disponível em: www.recordedbooks.com.

Spoken Word Audio Books. Disponível em: www.spoken-word.com.

Vision Forum Audio Disponível em: wvw.visionforum.com.

6. HISTÓRIA

6A. Livros didáticos de História (Capítulos 11, 12, 13, 14)

CARSON, Clarence B. *A Basic History of the U.S.* (Alexander City: Committee, s.d.), 5 vols.

D'AUBIGNE, J. H. Merle. *The History of the Reformation in Europe in the Time of Calvin*.

_____. *History of the Reformation in the Sixteenth Century*.

SCHAFF, Philip. *The History of the Christian Church*.

STANATON, Mary; HYMA, Albert. *Streams of Civilization*, 2 vol. (Arlington Heights: Christian Liberty, 1992).

6B. Reimpressões de livros de história antiga (Capítulos 11, 12, 13, 14)

Christian Liberty, 1992. Christian Liberty, 502 West Euclid Avenue, Arlington Heights, 60004. Reimpressões de *readers* de história antiga para crianças.

Mantle Ministries. Disponível em: www.mantlemin.com. Catálogo de reimpressões de livros, fitas de vídeo e fitas-cassete focados no tema da herança histórica americana, todos antigos.

Vision Forum. Disponível em: www.visionforum.com.

6C. Catálogos(Capítulos 11, 12, 13, 14)

Bluestocking, Box 2030, Shingle Springs, 95682. Catálogo contendo todos os livros sobre história americana que alguém possa querer.

Dover, 31 East 2nd Street, Mineola, 11501. Um imenso catálogo, incluindo muitos livros de história difíceis de achar.

The Elijah Company, 1053 Eldridge Loop, Crossville, 38558. Tudo que alguém pode querer ao estudar história, desde a antiga até a moderna, incluindo muita ficção histórica.

Greenleaf. Disponível em: www.greenleafpress.com. Um catálogo de materiais históricos, da antiga para a moderna.

Mayflower Institute. Disponível em: www.mayflowerinstitute.org. Livros, filmes e seminários em áudio sobre a história americana.

Mount Vernon. Um catálogo de recursos que tornarão George Washington e a história primeva da América algo excitante e significativo.

WallBuilders. Disponível em: www.wallbuilders.com. Livros e vídeos com visões sem censura sobre a história cristã da América.

6D. Fontes primárias (Capítulos 12, 13, 14)

BAILYN, Bernard, org. *The Debate on the Constitution: Federalist and Antifederalist Speeches, Articles, and Letters During the Struggle Over Ratification*, 2 vols. (New York: The Library of America, s.d.). Fontes primárias.

BLUEDORN, Hans, org. *That For Which Our Fathers Fought* (Muscatine: Trivium Pursuit 1994). Fontes primárias de história americana.

_____, org. *That of Which Our Fathers Spoke* (Muscatine: Trivium Pursuit 1994). Fontes primárias de história americana.

COMMAGER, Henry Steele, org. *Documents of American History* (New York: Appleton-Century- Crofts, 1948).

_____; MORRIS, Richard B., orgs. *The Spirit of' Seventy-Six: The Story of the American Revolution as told by Participants* (New York: Da Capo, 1958). Este é um grande volume de 1352 páginas, composto quase todo de fontes primárias sobre a Revolução Americana. Existem inúmeras ilustrações e mapas que acompanham os textos.

HART, Albert Bushnell. *The Source-Readers in American History*. Narrações de primeira mão, registros de diários, cartas pessoais e canções e poemas patriotas. Originalmente publicado na virada do século e agora reimpresso. Para crianças entre 10 anos e a fase adulta. Fácil de usar com qualquer

currículo de história americana, pois as narrações aparecem em ordem cronológica e são divididas por temas.

HYNEMAN, Charles S.; LUTZ, Donald S., orgs. *American Political Writing during the Founding Era 1760-1805*, 2 vols. (Indianapolis: Liberty Fund, s.d.). Fontes primárias.

O'REILLY, Kenin. *Critical Thinking in U.S. History Series* (Muscatine: Trivium Pursuit, s.d.). Ensina aos alunos a como avaliar fontes primárias.

SANDOZ, Ellis, org. *Political Sermons of the American Founding Era 1730-1805* (Indianapolis: Liberty Fund, s.d.). "O professor Sandoz forneceu uma excelente coleção de sermões sobre a política da era da Revolução Americana e da República. Ele escolheu esses sermões cuidadosamente e evitou, em sua maioria, sermões disponíveis em edições modernas de outras coleções. Ele também forneceu apresentações curtas e claras para cada sermão e informações biográficas importantes sobre seus autores" (Robert Middlekauff, *The Huntington Library*).

6E. Materiais para a linha do tempo (Capítulos 9, 11, 12, 14)

GRUN, Bernard. *The Timetables of History: A Horizontal Linkage of People and Events* (New York: Touchstone, 1946). O trabalho mundialmente famoso que nos revela quem realizou o quê desde 4500 a.C. até o presente, agora atualizado até 2015. Basedo em *Kulturfahrplan*, de Werner Stein. Este é um livro que todos deveriam ter em sua biblioteca. Ele lista o que aconteceu em todos os anos na política, literatura, teatro, religião, filosofia, educação, artes visuais, música, ciência, tecnologia, amadurecimento e vida diária. É especialmente útil se deseja usar fontes primárias em seu estudo de história ou ciência. Você encontrará listados os títulos de obras escritas por todos cientistas, historiadores e escritores de ficção e não-ficção mais conhecidos (e os menos conhecidos também).

Hedgerow House Ltd., 36 Tennis Crescent, Toronto, M4K 1J3. A história do mundo numa linha do tempo num mapa.

HULL, Edward. *The Wall Chart of World History* (London: Dorset, 1988). Essa é minha linha do tempo favorita.

REESE, Edward. *The Reese Chronological Bible* (Minneapolis: Bethany Fellowship, 1980).

WALTON, John H. *Chronological and Background Charts of the Old Testament* (Grand Rapids: Zondervan, 1994). Um livro de mapas que reúne uma grande quantidade de material do Antigo Testamento.

6F. Geografia (Capítulos 11, 12, 13, 14)

GUY, Arnold. *Physical Geography* (Palo Cedro: American Christian History Institute, 1988). Uma reimpressão da edição de 1873, para os níveis 7-12.

6G. Assuntos diversos

FOXE, John. *The Book of Martyrs*.

Trioview Ltd., Heritage Toy and Game Company. The Famous Monarchs of England Card Game, ages 7+. Heritage Games, Box 17, Eastwood, Nottingham, NG16 2XU, UK. Uma forma colorida e divertida de descobrir, cronologicamente, os monarcas da Inglaterra.

WILKINS, Steve. “America, The First 350 Years” (Monroe: Covenant, s.d.). Um curso em áudio da história americana.

7. GOVERNO, DIREITO E ECONOMIA

(Capítulo 14)

BIZZOCO, Dennis, org. *The Exhaustive Concordance to the United States Constitution with Topical Index and Rapid Reference Constitution* (Chattanooga: Firm Foundation, s.d.). Disponível em: www.firmfoundation.com.

Black's Law Dictionary contém definições dos termos e frases da jurisprudência americana e inglesa, antiga e moderna e inclui os principais termos do direito internacional, constitucional, eclesiástico e comercial e jurisprudência médica, com uma coleção de máximas legais, numerosos títulos selecionados da lei romana, moderna, civil, escocesa, francesa, espanhola e mexicana, e outros sistemas externos, e uma tabela de abreviaturas, de Henry Campbell Black, primeiro publicado 1891. Várias edições disponíveis.

Bluestocking, Box 2030, Shingle Springs, 95682. Catálogo que contém todos os livros sobre história e governo americano.

CARSON, Clarence B. *Basic American Government*. American Textbook Committee (Alexander City: Mayfair Lane, s.d.).

_____. *Basic Economics*. American Textbook Committee (Alexander City: Mayfair Lane, s.d.).

CUSHMAN, Robert Eugene. *Leading Constitutional Decisions* (New York: F. S. Crofts, 1946).

Equipping a Generation of Christian Statesmen, American Heritage Party. Contato: ahp@americanheritageparty/org. Um extenso currículo de biblioteca de vídeos destinado a capacitar indivíduos e famílias nos princípios e na prática do estadista cristão. Os professores são R. C. Sproul Jr., Herb Titus, Daniel Eby, Gary DeMar, James Rose, dr. Chalres Hull

Wolfe, Stephen McDowell. Princípios bíblicos atuais, como soberania, autoridade, administração, providência, responsabilidade.

HAAR, Charles M., org. *The Golden Age of American Law* (New York: George Braziller,1965).

HAZLITT, Henry. *Economics in One Lesson* (New York: The Three Rivers, 1988).[3]

Ideas on Liberty. *The Foundation for Economic Education*. Disponível em: www.fee.org. Um jornal de estudo mensal de mercado livre, propriedade privada, ideias e ideais de um governo limitado.

JEHLE, Paul. *An Overview of Constitutional Law* tape series. Plymouth Rock Foundation. Disponível em: www.plymrock.org.

_____. *American Civics and Constitutional Law Course*. Disponível em: www.plymrock.org

KLOTTER, John C.; KANOVITZ, Jacqueline R. *Constitutional Law* (Cincinnati: Anderson, 1991).

Legal Research. Nolo. Disponível em: www.nolo.com.

Liberty Tree, 100 Swan Way, Oakland, 94621. Catálogo de livros, jogos, fitas de áudio, fitas de vídeo, colecionáveis relativos à liberdade americana.

MAYBURY, Richard. *Uncle Eric's Model of How the World Works series* (Shingle Springs: Bluestocking, s.d.).

Nolo's Encyclopedia of Everyday Law. Disponível em: www.nolo.com.

Oak Brook College of Law and Government Policy. Disponível em: www.obcl.edu. Escola de Direito por correspondência.

PARSONS, Geoffrey. *The Land of Fair Play*: A Text-Book of American Civics (Arlington Heights: Christian Liberty, s.d.). Para crianças de 10 anos ou mais.

PATRICK, James R., org., *Foundations of Liberty* (East Moline: East Moline Christian School, s.d.). Esses livretos, que cobrem inúmeros tópicos sobre história americana e questões de liberdade, são enviados seis vezes por ano aos assinantes.

Plymouth Rock Foundation. Disponível em: www.plymrock.org. Periódicos, relatórios especiais, cursos de estudo, livros, áudios e vídeos dedicados a uma cosmovisão cristã e à reconstrução da República Americana.

RUTHERFORD, Samuel. *Lex, Rex, or the Law and the Prince* (Harrisonburg: Sprinkle, 1982). Disponível em: www.sprinklepub.com.

SKOUSEN, Cleon. *The Making of America*. Disponível em: www.plymrock.org.

SMITH, R. J., org. *The Factual Guide to the Constitution for the United States of America* (Cincinnati: The Eureka Group, s.d.). Conteúdo: Citações, esboço da Constituição, esboço dos artigos de emendas, Constituição, artigos de emendas, delegados à Convenção de 1787, quadros de Ratificação, emendas falsas, Declaração de Independência, dados presidenciais, hino nacional, promessa de lealdade, anatomia da bandeira, mapas, glossário.

Sprinkle Publications. Disponível em: www.sprinklepub.com. Catálogo valioso para fontes históricas. Reimpressões de livros de história antiga.

STANSBURY, Arthur J. *Elementary, Catechism on the Constitution of the United States* (Westminster: Huff, 1993). Disponível em: www.lexrex.com.

The Story of the Consitution (Arlington Heights: Christian Liberty, s.d.). Para crianças de 10 anos ou mais.

STORY, Joseph. *A Familiar Exposition of the Constitution of the United States* (Lake Bluff: Regnery Gateway, 1986).

TITUS, Herbert W. *God, Man, and Law: The Biblical Principles* (Oak Brook: Institute for Basic Life Principles, 1994). Curso introdutório em Direito.

Para crianças de 16 anos ou mais.

UPSHUR, Abel P.; BURR, C. Chauncey, orgs. *The Federal Government: Its True Nature and Character: Being a Review of Judge Story's Commentaries on the Constitution of the United State* (Houston: St. Thomas, 1977).

8. IDIOMAS

8A. Currículos para estudar vocabulário (Capítulo 5)

American Classical League, Miami University, Oxford, 45056. Fonte de numerosos estudos de vocabulário latino-gregos.

BLUEDORN, Harvey. *Vocabulary Bridges From English to Latin and Greek* (Muscatine: Trivium Pursuit, s.d.). Para crianças de 10 anos ou mais.

FIFER, Norma; FLOWERS, Nancy. *Vocabulary From Classical Roots*, 3 vols (Cambridge: Educators Publishing Service, s.d.).

KRILL, Richard M. *Greek and Latin in English Today* (Wauconda: Bolchazy-Carducci Pub., s.d.).

LAURITA, Raymond E. *Spelling Keys to 1001 Words From 10 Latin/Greek Roots* (Camden: Leonardo, s.d.).

LUNDQUIST, Joejil. *English From the Roots Up* (Medina: Literacy Unlimited, s.d.). Disponível em: www.literacyunlimited.com. Níveis 3-12.

Rummy Roots (Latin/Greek card game) (Colville: Eternal Hearts, s.d.).

8B. Bibliografia selecionada de latim (Capítulos 5, 11, 12, 13, 14)

BEERS, Barbara. *The Latin Road to English Grammar* (Redding: Schola, s.d.). Disponível em: www. thelatinroad.com. Soletração eclesiástica. Dedutivo.

JENNEY, Charles Jr. *First Year Latin* (Columbus: Prentice Hall, s.d.). Consiste em textos do aluno, no livro de recursos do professor com cassetes e no livro didático. Também está disponível 2º, 3º, 4º ano de latim. Soletração Clássica. Dedutivo.

LAWALL, Gilbert; TAFE, David. *Ecce Romani* (New York: Longman, 1990). Livros didáticos, livros de atividades estudantis, manuais do professor, cassetes. Indutivo.

LOWE, Cheryl. *Latina Christiana I and II* (Louisville: Memoria, s.d.). Disponível em: www.memoriapress.com. Soletração eclesiástica.

Dedutivo.

MOHS, Karen. *Latin's Not So Tough* (Moline: Greek n' Stuff, s.d.). Disponível em: www.greeknstuff.com. Soletração clássica. Dedutivo.

SWEET, Waldo. *Artes Latinae* (Muscatine: Bolchazy-Carducci, s.d.). Consiste em textos do aluno, manual do professor, fitas-cassete, *Readers*, testes; também disponível em CD ROM. Soletração clássica. Programa interativo. Este é o currículo de latim que recomendamos.

WILSON, Douglas. *Latin Grammar Book 1*. Disponível em: www.canonpress.org.

WILSON, Martha. *Latin Primer, Books 1, 2, and 3*. Disponível em: www.canonpress.org. Livros de exercícios, mais o manual do professor. Soletração clássica. Dedutivo.

WHEELOCK, Frederic M. *Wheelock's Latin* (New York: Harper Collins, s.d.). Usa V e macrons, mas não J. Projetado para ser usado em salas de aula com um professor experiente. Na parte de trás do livro, inclui exercícios para autoensino, com respostas principais. Dedutivo.

8C. Bibliografia selecionada de grego (Capítulos 5, 11, 12, 13, 14)

BLUEDORN, Johannah. *The Alphabet for Biblical Greek*. Ilustrado por Johannah Bluedorn (Muscatine: Trivium Pursuit, s.d.). Disponível em: www.triviumpursuit.com. Alfabeto grego primário e elementar; para crianças pequenas.

BLUEDORN, Harvey. *Greek Alphabetarion*. Disponível em: www.triviumpursuit.com. Caderno de exercícios, fita de áudio, disco de computador, cartões instantâneos, banner. Ensina alfabeto e soletração gregos; para todas as idades. Dedutivo.

_____. *Homeschool Greek*. Disponível em: www.triviumpursuit.com. Ensina gramática grega; para crianças de 13 anos ou mais. Dedutivo e programa interativo.

FARSTAD, Arthur L.; MOOR, Rudolph. *Greek I*. Disponível em: www.christianlighttbookstore.com.

FOUND, Jim. *Basic Greek in 30 minutes a Day*. Disponível em: wvvw.bethanyhouse.com. Vocabulário grego com cognatos ingleses, usa citações da Escritura com lacunas para os termos em grego. Não se aprofunda na gramática. Dedutivo, caderno de exercícios.

HARRISON, R. K.. *Teach Yourself New Testament Greek* (Westminster: Random House, s.d.). Breve, mas bom, econômico. Dedutivo.

HART, John F. *It's Greek to Me!* (Chesterton: Hart & Home, s.d.). Similar a Found, mas não tão extensivo.

HEWETT, James Allen. *New Testament Greek: A Beginning and Intermediate Grammar* (Peabody: Hendrickson, 1986). Fácil, dedutivo.

MOHS, Karen. *Hey, Andrew, Teach Me Some Greek*. Disponível em: www.greeknstuff.com.

New Testament Greek: Key to Exercises (Paper, 1987), 25 p. Gramática excelente e completa.

SCHODER, Raymond V.; HORRIGAN, Vincent C. *A reading Course in Homeric Greek, Book I & II* (Chicago: Loyola University Press, 1985). Manual do professor e chave disponíveis. Excelente gramática homérica. Bem ilustrado, citações interessantes, estudos de palavras. Alimenta a mente. Dedutivo.

SMITH, F. Kinchin; MELLUISH, T. W. *Teach Yourself (Classical) Greek*. Dedutivo.

SUMMERS, Ray. *Essentials of New Testament Greek* (Nashville: Broadman, 1950). Boa gramática introdutória. Usa sistema de 8 casos. Dedutivo.

WERNER, John R. *Greek: A Programed Primer* (Presbyterian & Reformed Pub. Co. Binder, s.d.). Ensina o grego clássico e o bíblico. Programa interativo.

8D. Bibliografia selecionada de hebraico

Behrrman House. Disponível em: www.behrmanhouse.com. Materiais hebraicos fáceis de usar, programas interativos. Estes são os materiais que recomendamos usar em primeiro lugar.

BLUEDORN, Johannah. *The Alphabet for Biblical Hebrew*. Ilustrado por Johannah Bluedorn (Muscatine: Trivium Pursuit, s.d.). Alfabeto hebraico elementar e primário para crianças pequenas.

Classical Hebrew Learning Materials. Disponível em: www.ekspublishing.com. Materiais simplificados, pronunciação hebraica moderna. Publicou vários materiais em hebraico.

HARRISON, R. K. *Teach Yourself Biblical Hebrew* (Westrninster: Random House, 1955). Boa gramática introdutória. Condensada, econômica. Dedutiva.

LASOR, William Sanford. *Handbook of Biblical Hebrew* (Grand Rapids: Wm B. Eerdman's, 1978). Técnico, com 80 lições em duas páginas. Gramática extensiva de referência. Indutivo.

MANSOOR, Menahem. *Biblical Hebrew Step by Step* (Grand Rapids: Baker Book House, 1978). Simplificado. Fitas e respostas-chave disponíveis. Dedutivo.

The Learnables. International Linquistics Corporation, 3505 East Red Bridge, Kansas City, 64137 (800-237-1830). Hebraico Nível I (Livro I & 5 fitas). Nível II (Livro II & 6 fitas) Estruturas básicas (livro & 5 fitas). Conversacional hebraico moderno usando imagens e fitas. Indutivo.

VASHOLZ, Robert I. *Hebrew Exercises: A Programmed Approach* (Grand Rapids: Baker Book House, 1981). Paper, 277 p. Bom suplemento a qualquer gramática.

WEINGREEN J. *A Practical Grammar for Classical Hebrew* (Oxford University Press, 1939). Cloth, 316 p. Considerado um padrão acadêmico. Dedutivo.

8E. Outros recursos

American Bible Society, 1865 Broadway, 10023 (800-32-bible). Publica um catálogo de “Recursos Acadêmicos” que inclui grego, hebraico e latim, Antigo e Novo Testamentos.

Audio Forum, 96 Broad Street, Guildford, 06437 (800-243-1234). Disponível em: www.audioforum.com. Oferece fitas de ensino de hebraico e grego modernos. Fitas de soletração de grego e latim antigos.

Home Schooler’s Latin Network. Bolchazy-Carducci, 1000 Brown Street, Unit 101, Wauconda, 60084. Homeschool Latin Newsletter.

Moody Bible Institute, 820 North La Salle Drive, Chicago, 60610 (800-DL-MOODY). Disponível em: www.moody.edu. Oferece cursos de correspondência em hebraico e grego.

Trinitarian Bible Society, TBS Canada, 39 Caldwell Cres., Brampton, Ontario L6W 1A2 (905-454-4688). Disponível em: www.trinitarian.com. Publica o texto do Novo Testamento grego que está subjacente à versão King James.

Vis-Ed, 581 W. Leffel Ln, Springfield, 45501 (800-243-7070). Disponível em: www.vis-ed.com. Oferece 1 1/2 x 3 1/2 cartas de vocabulário para latino clássico e grego e grego bíblico e hebraico.

YAHUDA, Joseph. *Hebrew is Greek* (Oxford: Becket, 1982). Um livro interessante que mostra a relação entre as línguas hebraica e grega.

8F. Textos interlineares, interpáginas e intercolunares (Capítulo 5)

BERRY, George Ricker. *The Interlinear Literal Translation of the Hebrew Old Testament: Genesis and Exodus* (Grand Rapids: Kregel, 1970).

GREEN, Jay P., org. *Interlinear Greek-English New Testament* (Lafayette: Sovereign Grace, 1996).

The Loeb Classical Library, fundada por James Loeb, com vários editores (Cambridge: Harvard University Press, numerous dates) (20th century).

Edições anteriores: London: William Heinemann; New York: B. P Putnam's Sons. Greek Volumes, Library of Congress: PA3622-5340. Latin Volumes: Library of Congress: PA6121-6801.

JPS Hebrew-English Tanakh (Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2000). Este é um texto intercolunar usando a Biblia Hebraica Stuttgartensia e a tradução judaica mais recente para o inglês.

The Septuagint Version, Greek and English (Grand Rapids: Zondervan, s.d.). Esta é uma versão grega do Antigo Testamento, com uma tradução inglesa acompanhante.

8G. Textos selecionados em latim

BÍBLIAS EM LATIM:

Biblia Sacra (Londini: Sumptibus Samuelis Bagster et ss., n.d.).

Novum Testamentum Latine (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1984).

VERSÕES EM LATIM DAS CONFISSÕES PROTESTANTES:

Muitos destes podem ser encontrados nos credos da cristandade de Philip Schaff. Outros estão disponíveis na Internet. Para encontrar alguns, será preciso procurar em grandes bibliotecas ou fazer empréstimos entre bibliotecas.

Luteranas

1. *Confessio Augustana*, A Confissão de Augsburgo, 1530.

2. *Formula Concordiae*, A Fórmula de Concórdia, 1584, Original em alemão, 1576.

Reformadas

1. *Articuli Sive Conclusiones LXVII*, Huldrici Zwinglii, *The Sixty-seven Articles or Conclusions of Ulrich Zwingli*, 1523, Original em alemão, sem data.

2. *Theses Bernenses, The Ten Conclusions of Berne*, 1528.

3. *Confessio Helvetica Prior, The First Helvetic (Swiss) Confession*, 1535.

4. *Confessio Helvetica Posterior, The Second Helvetic (Swiss) Confession*, 1566

5. *Confessio Belgica, The Belgic Confession, Latin edition revised by the Synod of Dordt*, 1619, French original, 1561.

6. *Confessio Fidei Scoticana I, The First Scotch Confession, 1572, English original 1560, & Confessio Fidei Scoticana II, The Second Scotch Confession, no date, English Original*, 1580.

7. *Articuli XXXIX. Ecclesiae Anglicanae, The Thirty-nine Articles of Religion of the Church of England*, 1563, English edition, 1571, *& Articuli Lambethani, The Lambeth Articles*, 1595.

8. *Canones Synodi Dordrechtanae, The Canons of the Synod of Dordt*, 1618/1619.

9. *Confessio Fidei Westmonasteriensis, The Westminster Confession of Faith, unofficial Latin version* 1656, English original 1647, *& Catechismus Westmonasteriensis Major/Minor, The Westminster Larger/Shorter Catechism, unofficial Latin version* 1656, Original em inglês, 1647.

10. *Confessio super edita Independentium seu Congregationalium in Anglia*. Uma Declaração da Fé e Ordem possuída e praticada nas Igrejas Congregacionais na Inglaterra, versão latina não oficial 1662, original em inglês, 1658.

Alguns poucos textos em latim estão disponíveis na Internet.

8H. Textos selecionados em grego

LIGHTFOOT, J. B.; HARMER, J. R., orgs. *The Apostolic Fathers* (Grand Rapids: Baker, 1987). Os textos gregos e as traduções inglesas de escritos selecionados dos pais apostólicos.

9. MATEMÁTICA (CAPÍTULOS 12, 13, 14)

JACOBS, Harold R. *Geometry* (New York: W. H. Freeman and Company, 1987). Vem com respostas-chave e testes. O melhor livro de geometria. Autoensino.

Saxon. Disponível em: wwwsaxonpub.com. Livros de matemática. Cálculo para todos os níveis. Autodidatismo.

10. LÓGICA

10A. Currículo de pré-lógica — Nível do conhecimento (Capítulo 12)

PARKS, Sandra; BLACK, Howard. *Building Thinking Skills* (Pacific Grove: Critical Thinking Books and Software, 2000).

10B. Currículo de lógica — Níveis de entendimento e sabedoria (Capítulos 13, 14)

ANTHONY, Weston. *A Rulebook for Arguments* (Indianapolis: Hacker, s.d.).

ENGEL, Morris S. *With Good Reason* (NewYork: St. Martins, s.d.).

HARNADEK, Anita. *Critical Thinking, Books 1 and 2* (Pacific Grove: Critical Thinking Books and Software, 1998).

KELLEY, David. *The art of Reasoning*. WW Norton & Company, 500 5th Avenue, New York, 10110. Muitos exercícios, manual do professor disponível.

O'REILLY, Kevin. *Critical Thinking in U.S. History* (Pacific Grove: Critical Thinking Books and Software, 1991), vol. 1-4.

SPROUL, R. C. *Introductory Logic* (Fitas de áudio de 6 a 60 minutos) (Orlando: Ligonier Ministries, s.d.).

WILSON, Douglas; NANCE, James. *Introductory Logic*, uma série em vídeo.

10C. Outros recursos (Capítulo 6)

BLUEDORN, Nathaniel. *Learning Logic at Home* (Muscatine: Trivium Pursuit, s.d.). Razões para estudar lógica, livros de lógica de audidatismo recomendados, curso de estudo sugerido, sugestões para crianças e adultos, perguntas frequentes.

CLARK, Gordon H. *Logic* (Unicoi: The Trinity Foundation, s.d.).

COPI, Leonard. *Introduction to Logic*. (Upper Saddle River: Prentice Hall, s.d.).

GEISLER, Norman; BROOKS, Ronald. *Come Let Us Reason* (Grand Rapids: Baker Books, s.d.).

NANCE, James. *Intermediate Logic*. Canon, Box 8729, Moscow, 83843.

ROBBINS, John W. *Introduction to Logic* (9 audio tape course). Unicoi: The Trinity Foundation.

Tradicional Logig Books 1 and 2, de Martin Cothran (Louisville: Memoria, s.d.).

WATTS, Isaac. *Logic: The Right Use of Reason* (Morgan: Soli Deo Gloria, s.d.).

WFF in PROOF Games for Thinkers, 1490 South Boulevard, Ann Arbor, 48104.

11. BÍBLIA E TEOLOGIA

11A. Ajuda para estudos bíblicos (Capítulo 14)

Guideposts Family Topical Concordance to the Bible (New York: Thomas Nelson, 1982).

HENDRICKSEN, William. *A Survey of the Bible*.

Nelson's Illustrated Bible Dictionary. Organização de Herbert Lockyer (New York: Thomas Nelson, 1986). Um trabalho autoritativo de referências, de um volume só, na Bíblia, com ilustrações coloridas.

SMITH, Jerome H., org. *Treasury of Scripture Knowledge* (Nashville: Thomas Nelson, 1992). Use este livro para encontrar uma referência cruzada para qualquer verso na Bíblia.

Strong's Concordance. Uma concordância é uma lista alfabética de palavras que aparecem na Bíblia juntamente com a citação para cada aparição e informações sobre os originais grego e hebraico.

Wycliffe Bible Encyclopedia (2 vols).

Young's Concordance

Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible (5 volumes).

11B. Culto familiar (Capítulos 11, 12, 13, 14)

BLUEDORN, Harvey, *On Family Worship*, um panfleto e fitas de áudio. Disponível em: www.triviumpursuit.com.

GUNDERSEN, Dennis. *Your Child's Profession of Faith*. Disponível em: www.graceandtruthbooks.com. Catálogo com várias fitas e livros sobre crianças e família.

PTACEK, Kerry. *Family Worship*.

WAKEFIELD, Norm. Elijah Ministries, 30063 U.S. Hwy 281 N., PMB 801, Bulverde, 78163. Fitas de áudio em todos os aspectos do casamento e da vida familiar.

11C. Teologia (Capítulo 14)

ARCHER, Gleason. *Encyclopedia of Bible Difficulties*.

BLUEDORN, Harvey. *Observations on the Order of the Assembly*. Disponível em: www.triviumpursuit.com.

_____. *The Biblical Evidence for House Assemblies*. Disponível em: www.triviumpursuit.com.

_____. *The Covenantal Allegory*. Disponível em: www.triviumpursuit.com.

Pursuit, PMB 168, 139 Colorado Street, Muscatine, 52761 (309-537-3641). Disponível em: www.triviumpursuit.com.

BONAR, Horatius. *The Everlasting Righteousness*.

BRIDGES, Jerry. *The Pursuit of Holiness*.[4]

BRUNER, Frederick Dale. *A Theology of the Holy Spirit*.[5]

BUCHANAN, James. *The Doctrine of Justification*.

CALVIN, John. *The Institutes of the Christian Religion*. Uma teologia sistemática.[6]

_____. *Calvin's Calvinism*.

_____. *Calvin's Commentaries*.

CHARNOCK, Steven. *The Existence and Attributes of God*.

CLARK, Gordon H. *Faith and Saving Faith* (The Trinity Foundation: Unicoi, s.d.).

_____. *God's Hammer: The Bible and Its Critics* (The Trinity Foundation: Unicoi, s.d.).

_____. *Logical Criticisms of Textual Criticism* (The Trinity Foundation: Unicoi, s.d.).

_____. *Predestination* (The Trinity Foundation: Unicoi, s.d.).

_____. *Sanctification* (The Trinity Foundation: Unicoi, s.d.).

_____. *The Atonement* (The Trinity Foundation: Unicoi, s.d.).

_____. *The Biblical Doctrine of Man* (The Trinity Foundation: Unicoi, s.d.).

_____. *The Incarnation* (The Trinity Foundation: Unicoi, s.d.).

CUNNINGHAM, William. *Historical Theology,* 2 vols.

_____. *The Reformers and the Theology of the Reformation*.

DABNEY, Robert L. *Discussions* (Harrisonburg: Sprinkle, s.d.).

_____. *Lectures in Systematic Theology*.

GILL, John. *Exposition of the Old Testament and New Testament* (Streamwood: Primitive Baptist Library 1976).

_____. *The Cause of God and Truth*.

GAUSSEN, Louis. *The Divine Inspiration of Scripture*.

HALLEY, John. *Alleged Discrepancies of the Bible*.

HARRIS, R. Laird; GLEASON, L. Archer; WALTKE, Bruce K, orgs. *Theological Wordbook of the Old Testament* (Chicago: Moody, 1981), vol. 1.

LUTHER, Martim. *The Bondage of the Will*.

PICKERING, Wilbur. *The Identity of the New Testament Text*.

PINK, Arthur W. *Profiting From the Word* (London: The Banner of Truth, 1970).

_____. *The Sovereignty of God* (Grand Rapids: Baker Book House, 1973). Essa edição é muito melhor que a da Banner of Truth.

SEEBERG, Reinhold. *Textbook of the History of Doctrines* (Grand Rapids: Baker Book House, 1952).

SMEATON, George. *The Doctrine of the Atonement According to Christ*.

_____. *The Doctrine of the Atonement According to the Apostles*.

TERRY, Milton S. *Biblical Hermeneutics:* A Treatise on the Interpretation of Old and New Testaments.

VAN BRUGGEN, Jakob. *The Future of the Bible*.

WALLACE, Eric. *Uniting Church and Home*: A Blueprint for Rebuilding Church Community (Lorton: Solutions for Integrating Church and Home, 1999).

WARFIELD, Benjamin. *Counterfeit Miracles*.

_____. *The Inspiration and Authority of the Bible*.

_____. *The Person and Work of Christ*.

11D. Devocional (Capítulo 14)

HENRY, Matthew. *The Secret of Communion with God* (London: Marshall, Morgan and Scott, 1964).

PHILPOT, John C. *Ears From Harvested Sheaves; or, Daily Portions* (England: Gospel Standard Trust, 1990). Nosso favorito.

_____. *Through Baca's Vale; or, Daily Words for Zion'sWayfarers* (England: Gospel Standard Trust, 1992). Nosso favorito.

STEELE, Richard. *The Religious Tradesman* (Harrisonburg: Sprinkle, 1989)

11E. Confissões e catecismos

The Westminster Confession of Faith (Presbiterina). The Trinity Foundation, Box 68, Unicoi, 37692 (423-743-0199).

The Westminster Larger and Shorter Catechisms (Free Presbyterian, 1983).

The Savoy Declaration of Faith (Independente). The First Congregational Church, 19 Bridge Street, Millers Falls, 01349.

The First London Confession (Batista). Backus Book, Box 8274, Rochester, 14617.

The Second London Confession (Batista)

The Baptist Catechism

The Belgic Confession (Reformada)

The Heidelberg Catechism

BEEKE, Joel B.; FERGUSON, Sinclair B. *Reformed Confessions Harmonized With an Annotated Bibliography of Reformed Doctrinal Works* (Grand Rapids: Baker Books, 1999).[7]

LEITH, John H., org. *Creeds of the Churches: A Reader in Christian Doctrine From the Bible to the Present* (Garden City: Anchor Books, 1963).

LUMPKIN, William L. *Baptist Confessions of Faith* (Valley Forge: Judson, 1974).

SPURGEON, C. H. *A Catechism with Proofs* (Pasadena: Pilgrim).

The Tract Primer (North Little Rock: Christian Communicators Worldwide).

11F. Catálogos

Christian Literature World, Box 4998, Lafayette, 47903.

Gospel Mission, Box 318, Choteau, 59422. Catálogo com livros de J. C. Philpot, John Bunyan, John Gill, John Owen e muitos outros.

The Trinity Foundation, Box 68, Unicoi, 37692 (423-743-0199).

11G. Versões da Bíblia

King James

New King James

GREEN, Jay P., ed. *Literal Translation* (Lafayette: Christian Literature World.

Young’s Literal Translation

CLARK, Gordon H. *A Christian Philosophy of Education*. Unicoi: The Trinity Foundation.

_____. *A Christian View of Men and Things*. Unicoi: The Trinity Foundation.[8]

_____. *Ancient Philosophy*. Unicoi: The Trinity Foundation.

_____. *An Introduction to Christian Philosophy*. Unicoi: The Trinity Foundation.[9]

_____. *Essays on Ethics and Politics*. Unicoi: The Trinity Foundation.[10]

_____. *Religion, Reason and Revelation*. Unicoi: The Trinity Foundation.

_____. *Thales to Dewey: A History of Philosophy*. Unicoi: The Trinity Foundation.[11]

_____. *The Philosophy of Science and Belief in God*. Unicoi: The Trinity Foundation.

_____. *Three Types of Religious Philosophy*. Unicoi: The Trinity Foundation.[12]

_____. *William James and John Dewey*. Unicoi: The Trinity Foundation.[13]

Gospel Films, Box 455, Muskegon, 49443 (231-773-3361). “How Should We Then Live?”, série de três vídeos; “Whatever Happened to the Human Race”, série de três vídeos.

MACHEN, J. Gresham. *Education, Christianity, and the State*. Unicoi: The Trinity Foundation, s.d.

NOEBEL, David A. *Understanding the Times*. Disponível em: www.summit.org.

RUSHDOONY, Rousas John. *Intellectual Schizophrenia* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1973).[14]

_____. *The Philosophy of the Christian Curriculum*. Valecito: Ross House Books, 1981.[15]

_____. *The Messianic Character of American Education*: Studies in the Philosophy of Education (Nutley: The Craig, 1972).

13. CIÊNCIA

13A. Livros didáticos (Capítulos 13,14)

GRAY, Henry. *Gray's Anatomy*. Há muitas edições desse livro.

WILE, Jay. *Exploring Creation series*. Disponível em: www.highschoolscience.com. Melhores cursos em ciência física, biológica, química, corporal e avançada.

13B. Microscópios e outros equipamentos de ciência

Carolina Catalog of Science and Math. Disponível em: www.carolina.com. Este é um catálogo enorme (1356p.) que possui todo o equipamento que será precisá para ensinar ciência. Comprei vários de seus espécimes vivos de algas e protozoários e fiquei muito feliz com o serviço e o produto.

Home Training Tools. Disponível em: www.hometraining-tools.com.

13C. Estudo da Natureza (Capítulos 11,12,13)

Christian Liberty, 502 West Euclid Avenue, Arlington Heights, 60004. Reimpressões de *readers* antigos da ciência e da natureza.

COMSTOCK, Anna Botsford. *Handbook of Nature Study* (Ithaca: Comstock).

The Elijah Company Catalog. Disponível em: wwwelijahco.com. Artigos valiosos sobre o estudo da ciência e da natureza.

HOLDEN, Edith. *The Country Diary of An Edwardian Lady* (New York: Holt Rinehart and Winston, 1977).

PETERSON, Roger Tory, org. *The Peterson Field Guide Series* (Boston: Houghton Mifflin Company). Guias de campo sobre todos os assuntos da natureza.

Reader's Digest North American Wildlife (Pleasantville: Reader's Digest Association, 1982).

13D. Ciência criacionista (Capítulos 11, 12, 13, 14)

Answers in Genesis, Box 6330, Florence, 41022 (800-778-3390). Disponível em: www.answersingenesis.org. Numerosos recursos científicos criacionistas, incluindo a revista Creation.

Ken Hovind. Disponível em: www.drdino.com. Melhores vídeos de ciência criacionista que já vimos.

Institute for Creation Research, 10946 Woodside Ave. North, Santee, 92071 (800-628-7640). Disponível em: www.icr.org. Vários recursos científicos e criacionistas.

Midwest Creation Fellowship Library-By-Mail, Box 479, Gurnee, 60031. Fontes bibliotecárias de centenas de vídeos científicos.

PETERSEN, Dennis. *Unlocking the Mysteries of Creation*. Disponível em: www.awesomeworks.com. Excelente livro de ciência criacionista. Vídeos também disponíveis.

14. Arte e música

14A. Arte (Capítulos 11, 12 13, 14)

Dover, 31 East 2nd Street, Mineola, 11501. Um imenso catálogo incluindo vários livros de história difíceis de se encontrar.

CURRÍCULO DE ARTE

HATTER, Jim, org. *Animals*: 1,419 Copyright-Free Illustrations of Mammals, Birds, Fish, Insects, etc., A Pictorial Archive from Nineteenth-Century Sources. Dover, 31 East 2nd Street, Mineola, 11501.

14B. Apreciação de arte (Capítulos 11, 12, 13, 14)

CASEY, William C. *Masterpieces in Art*. Disponível em: www.homeschools.org. Apreciação de arte por crianças, escrita com uma perspectiva cristã.

CHUTTER, Frances Elizabeth. *The Art-Literature Readers (Books 1-3)*. Disponível em: www.olvs.org. Leitores de literatura artística para crianças

de fase gramatical.

Gallery: An Art Card Game

LETTER, Katherine Morris. *Great Pictures and Their Stories* (New York: Mentzer Bush and Company, 1930), 9 vols. Leitores antigos de literatura artística para todas as idades. Bonita.

QUINE, David. *Adventures in Art.* Disponível em: www.cornerstonecurriculum.com. Art appreciation curriculum for all ages. Disponível em: www.universityprints.net. The University Prints é um arquivo visual de cerca de 7.500 textos históricos de arte. Editado e revisado por vários estudiosos, esta coleção examina praticamente todas as áreas da história da arte ocidental e não-ocidental, as artes e a arquitetura que abrangem os tempos pré-históricos até o presente. Crie seu próprio livro didático visual em seu catálogo de 300 cores e 7.200 ilustrações em preto e branco, e barato, ou escolha entre centenas de conjuntos acadêmicos premiados que iluminam tópicos estéticos e históricos.

14C. Currículo de arte (Capítulos 11, 12, 13, 14)

"How Great Thou Art". Disponível em: www.howgreatthouart.com. Uma ampla variedade de currículos de arte.

"Visual Manna". Disponível em: www.rollanet.org/arthis. Rich e Sharon Jeffus produziram inúmeros materiais de arte valiosos, incluindo Manna's Complete Art Curriculum.

14D. Apreciação musical (Capítulos 11, 12, 13, 14)

KINSCELLA, Hazel Gertrude. *Kinscella Music Appreciation Readers* (New York: The University Publishing Company, 1928). Leitores de música antigos para estudantes de fase gramatical. Ilustrado.

14E. Teoria musical (Capítulos 13, 14)

CLOUGH, John; CONLEY, Joyce. *Basic Harmonic Progressions: A Self-Instruction Program* (New York: W. W. Norton, 1984). Neste texto, projetado para ensinar escalas, intervalos, chaves, tríades, ritmo e medidores pelos mesmos autores, os procedimentos de instrução programada são utilizados para promover o domínio do aluno de fundamentos de escrita parcial e compreensão dos conceitos básicos de progressão harmônica. Para jovens de 15 anos ou mais.

_____. *Scales, Intervals, Keys, Triads, Rhythm, and Meter: A Self-Instruction Program* (New York: W. W. Norton, 1983). Neste texto, os procedimentos de instrução profissional são aplicados a todo o espectro de elementos da teoria básica para que o iniciante possa se preparar para um trabalho mais avançado e o aluno avançado possa rever os fundamentos da teoria da música. Para jovens de 14 anos ou mais. Altamente recomendado.

(Capítulo 15)

ADAMS, Jay E. *Competent to Counsel*.

_____. *Christian Living in the Home*.

Amazon Drygoods and Pickling Works (800-798-7979). Este catálogo possui padrões autênticos do passado.

BARTH, Jeff and Marge. *Old-Fashioned Courtship and How it Works Today* (Middleburg: Parable, 1998).

BEAR, John. *Bear's Guide to Earning Degrees by Distance Learning*. Disponível em: www.degree.net.

College Board CLEF. Disponível em: www.collegeboard.org/clep.

JEHLE, Paul. *Dating Vs. Courtship* (Plymouth: The Plymouth Rock Foundation, 1997).

Lazarus Ministries, VIP, Box 463, Owensville, 45160. Esta empresa editora é especializada em reimprimir livros e Bíblias que foram perdidos para a geração moderna. O editor vê o valor que há na manutenção de versões corretas da história americana e fornece réplicas exatas de Bíblias de mais de 400 anos.

MILLER, Natali. *The Pattern of Courtship* (Moscow: Canon, 1996).

"The Moneychanger, Franklin Sanders". Disponível em: www.the-moneychanger.com

PHILLIPS, Doug. "Making Wise Decisions About College and Life After Homeschool audio tape series" Disponível em: www.visionforum.com.

"The Phyllis Schlqfly Report". Disponível em: www.eagleforum.org.

"PsychoHeresy Awareness Newsletter". Disponível em: www.psychoheresy-aware.org.

SCHLECT, Christopher. *Critique of Modern Youth Ministry* (Moscow: Canon, 1995).

1 Edição brasileira: *Educação clássica e educação domiciliar* (Brasília, DF: Monergismo, 2017).
2 Edição brasileira: *Como ler um livro* (São Paulo: É Realizações, 2010).
3 Edição brasileira: *Economia em uma única lição* (São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010).
4 Edição brasileira: *A busca da santidade* (Brasília, DF: Monergismo, 2013).
5 Edição brasileira: *Teologia do Espírito Santo* (São Paulo: Cultura Cristã, 2012).
6 Edição brasileira: *A instituição da religão cristã*, tomo 1 (São Paulo: Editora Unesp, 2008) e *A instituição da religão cristã*, tomo 2 (São Paulo: Editora Unesp, 2009).
7 Edição brasileira: *Harmonia das confissões reformadas* (São Paulo: Cultura Cristã, 2006).
8 Edição brasileira: *Uma visão cristã dos homens e do mundo* (Brasília, DF: Monergismo, 2013).
9 Edição brasileira: *Uma introdução à filosofia cristã* (Brasília, DF: Monergismo, 2013).
10 Edição brasileira: *Ensaios sobre ética e política* (Brasília, DF: Monergismo, 2018).
11 Edição brasileira: *De Tales a Dewey: uma história da filosofia* (São Paulo: Cultura Cristã, 2012).
12 Edição brasileira: *Três tipos de filosofia religiosa* (Brasília, DF: Monergismo, 2013).
13 Edição brasileira: *William James e John Dewey* (Brasília, DF: Monergismo, 2016).
14 Edição brasileira: *Esquizofrenia intelectual* (Brasília: Monergismo, 2016).
15 Edição brasileira: *A filosofia do currículo cristão* (Brasília: Monergismo, 2018).